Repositório Institucional da UFPI

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL - RI/UFPI

1. Identificação do material bibliográfico:

[X]Tese [ ]Dissertação [ ]Monografia [ ]TCC Artigo [ ]Livro

[ ]Capítulo de Livro [ ]Material Cartográfico ou Visual [ ]Música

[ ]Obra de Arte [ ]Partitura [ ]Peça de Teatro [ ]Relatório de pesquisa

[ ]Comunicação e Conferência [ ]Artigo de periódico [ ]Publicação seriada

[ ]Publicação de Anais de Evento

2. Identificação do Trabalho Científico:

Curso de Graduação: Licenciatura em História (UESPI)

Programa de pós-graduação: Programa em pós-graduação em história do Brasil

Outro: _____

Autor(a): Daniel Souza Braga

E-mail: danielsouza.historia@gmail.com

Orientador (a) Francisco Alcides do Nascimento

Instituição: UFPI

Membro da banca: Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Instituição: UFPI

Membro da banca: Francisco de Assis de Sousa Nascimento

Instituição: UFPI

Membro da banca: Alcebiades Costa Filho

Instituição: UESPI

Membro da banca: Cristina Costa da Rocha

Instituição: UESPI

Membro da banca: _____

Instituição: _____

Titulação obtida: Doutorado em História do Brasil

Data da defesa: 22/12 /2023

Título do trabalho: **COTIDIANO, TRABALHO E MEMÓRIA: histórias de vida de trabalhadoras(es) ribeirinhas(os) dos povoados da Ilha Grande (1960 - 1990)**

Agência de fomento (em caso de aluno bolsista): _____

3. Informações de acesso ao documento no formato eletrônico:

Liberação para publicação:

Total: [x]

Parcial: [ ]. Em caso de publicação parcial especifique a(s) parte(s) ou o(s) capítulos(s) a serem publicados: _____

.....

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

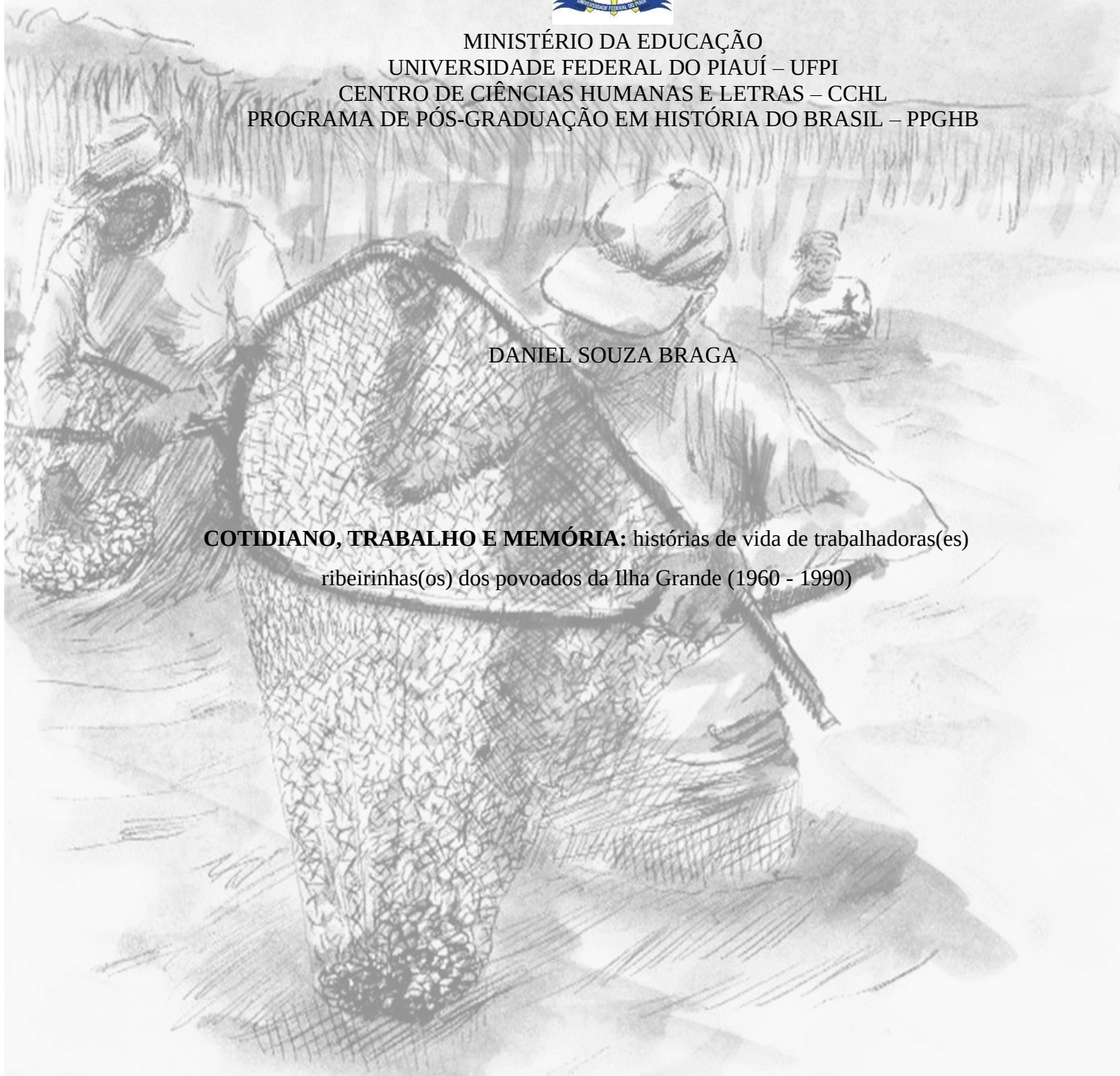
Em atendimento ao Artigo 6º da Resolução CEPEX nº 264/2016 de 05 de dezembro de 2016, autorizo a Universidade Federal do Piauí - UFPI, a disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, no Repositório Institucional (RI/UFPI), no formato especificado* para fins de leitura, impressão e/ou *download* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

Local: Ilha Grande/P Data: 28/02/ 2023

Assinatura do(a) autor(a): Daniel Souza Braga

* **Texto** (PDF); **imagem** (JPGP ou GIF); **som** (WAV, MPEG, MP3); **Vídeo** (AVI, QT).

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL – PPGHB



DANIEL SOUZA BRAGA

COTIDIANO, TRABALHO E MEMÓRIA: histórias de vida de trabalhadoras(es) ribeirinhas(os) dos povoados da Ilha Grande (1960 - 1990)

TERESINA – PI
2023

DANIEL SOUZA BRAGA

COTIDIANO, TRABALHO E MEMÓRIA: histórias de vida de trabalhadoras(es) ribeirinhas(os) dos povoados da Ilha Grande (1960-1990)

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutorado em História do Brasil.

Orientador: Francisco Alcides do Nascimento.

TERESINA- PI
2023

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processamento Técnico

B813c Braga, Daniel Souza.
Cotidiano, trabalho e memória: histórias de vida de trabalhadoras(es) ribeirinhas(os) dos povoados da Ilha Grande (1960-1990) / Daniel Souza Braga. -- 2023.
264 f. : il.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Pós-Graduação em História do Brasil, Teresina, 2023.
"Orientador: Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento".

1. História - Piauí. 2. Vida ribeirinha. 3. Trabalho. 4. Memória. 5. Cotidiano. I. Braga, Daniel Souza. II. Título.

CDD 981.22

Bibliotecária: Amanda Maria Coelho Vieira Albuquerque – CRB3/1353

AGRADECIMENTOS

Agradeço antes de tudo a todos os colabores que fizeram parte da pesquisa, compartilhando suas histórias de vida.

Agradeço, com um carinho e estima, ao Programa de Pós-graduação em História do Brasil da UFPI, pela oportunidade, pelo acolhimento, estendo o agradecimento a todos os professores que foram tão imprescindíveis nesse processo de formação.

Agradecimento especial para o professor dr. Francisco Alcides Nascimento por ter acreditado no projeto e pelas dicas e orientações.

Não posso esquecer o Professor Francisco Nascimento pela parceria no processo de pesquisa da dissertação.

Ao mesmo tempo, agradeço todos os colegas da primeira turma do doutorado em História do Brasil, pelo companheirismo e solidariedade.

Em especial, ao amigo Sergio Luiz, pela generosidade e ser um apoio nessa cidade tão intrigante ao mesmo tempo enigmática.

Agradecimento especial a Juliana Dantas, pela parceria, pelo apoio durante esses anos de pesquisa.

Agradeço a minha família por ser uma rede de apoio nos momentos mais delicados.

RESUMO

Essa pesquisa dialoga com memórias de velhas(os) trabalhadoras(es) ribeirinhas(os) de uma parte do litoral do Piauí, em uma época em que a Ilha Grande de Santa Isabel era constituída por uma rede de povoados que pertenciam à cidade de Parnaíba. Através das fontes orais e da metodologia da história oral, explorou-se as singularidades, as trajetórias e sobretudo experiências estruturadas em narrativas que visam compor a vida, detendo-se em uma rede de sentidos que vai desde a infância, vida adulta, labor, imaginário, delírios e silêncios – embora saiba que o narrar seja o esforço de se ordenar memórias difusas. O fio que une os "poemas/vida" é a ideia da sobrevivência, pois o labor enquanto sentido da existência das classes populares, torna-se o centro das preocupações, representado pela ideia de "ganhar o pão de cada dia". A vida insular é marcada por modos de existir à margem da cidade circunscrita, ou seja, um modo de morar, trabalhar e se curar nas fimbrias do sistema, obrigando, os sujeitos a viverem o cotidiano "jogando com a ocasião", ou seja, criando e recriando uma série de táticas para vencer as duras condições do dia a dia, improvisando modos de morar, parir, curar, amar, festejar, trabalhar. A tese reflete, também, sobre a forma como as lembranças são evocadas, privilegiando uma memória/afeto, entendendo-as como evocações espontâneas visando a reconstrução de imagens e fragmentos do vivido que marcaram a vida do narrador através de fluxos que oscilam em tempos e espaços diversos, enveredando por subjetividades ímpares que se dobram e se desdobram entre os rios, matas e lama. As entrevistas de histórias de vida são nervos do trabalho, mas, além destas, utilizamos outras fontes que permitiram penetrar no tempo estudado, como obras memorialísticas, crônicas, reportagens dos jornais Inovação, Diário do Povo, Jornal do Piauí, Folha do Litoral. Para alargar nossa compressão dos problemas, questões e temáticas que surgiam ao longo da pesquisa, servimo-nos dos ensinamentos dos autores como Halbwachs (2003), Pierre Nora (1993), Verena Alberti (2004), Ecléa Bosi (2009), Portelli (2007), José Carlos Sebe Meihy (2005), Michel de Certeau (2003) e outros.

Palavras-chave: História; Trabalho; Memória; Cotidiano; Natureza

ABSTRACT

This research dialogues with the memories of old riverside workers on the coast of Piauí, at a time when Ilha Grande was made up of a network of villages that belonged to the city of Parnaíba. Through life history, that is, the methodology of oral history that aims to explore singularities, trajectories and above all experiences, structured in narratives that aim to compose a life, exploring childhood, adulthood, work, the imaginary, delusions and silences, even knowing that when narrating and with the effort to order, memories are diffuse. The thread that unites the "poems/life" is the idea of survival, since work, as the meaning of existence for the working classes, becomes the center of concern, given the urgency of earning one's daily bread. Insular life is marked by ways of existing on the margins of the circumscribed city, in other words, a way of living, working and healing in the shadows of the system, forcing people to live their daily lives "playing with the occasion", in other words, creating and recreating a series of tactics to overcome the harsh conditions of everyday life, improvising ways of living, giving birth, healing, loving, celebrating and working. Furthermore, there is an effort to reflect on how memories are evoked, understanding memory as a way of composing life, a reconstruction, capable of jumping and exploring different times, embarking on unique subjectivities that fold and unfold in space and time surrounded by rivers, forests and mud. Oral sources are the heart of the work, but we used other sources that allowed us to better penetrate the time studied, such as memoirs, chronicles and reports from the newspapers Inovação, Diário do Povo, Jornal do Piauí and Folha do Litoral. To broaden our understanding of the problems, issues and themes that arose during the research, we drew on the teachings of authors such as como Halbwachs (2003), Pierre Nora (1993), Verena Alberti (2004), Ecléa Bosi (2009), Portelli (2007), José Carlos Sebe Meihy (2005), Michel de Certeau (2003) and others.

Keywords: History; Work; Memory; Everyday Life; Nature

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...

Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.

Fernando Pessoa

LISTA DE SIGLAS

AH - História Oral

AMIH - Associação das Marisqueiras de Ilha Grande - PI

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

BEMFAM – Sociedade Bem-Estar da Família

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da Ilha Grande do Piauí e Ilha Grande de Santa Isabel
Figura 2 - Imagem explicativa: Os sujeitos da pesquisa, suas redes e colônias
Figura 3 - Paredes como um museu familiar: casa de um colaborador
Figura 4 - As paredes da sala são depósitos de uma memória familiar
Figura 5 - Trabalhadores na roça: homens, mulheres e crianças
Figura 6 - Cotidiano das famílias nas portas de casa em noites de luas
Figura 7 – Família ribeirinha do delta do Parnaíba
Figura 8 - Modelos de casas da periferia de Parnaíba
Figura 9 - Casas típicas das zonas pobres e periféricas de Parnaíba
Figura 10 - Casa do Senhor Julinho na década de 1980
Figura 11 - Desenho representando os banheiros das casas de palha
Figura 12 - Interior de um banheiro de palha
Figura 13 - Desenho representando o interior da casa, os moveis simples e o pote de barro
Figura 14 - Representação elaborada com base nos relatos sobre a água nas cacimbas
Figura 15 - Representação da praça repleta de pessoas para ver a TV pública
Figura 16 - Imagem da mãe piauiense no dia 14 de maio, Dia das Mães
Figura 17 – Parto em casa nas mãos das parteiras
Figura 18 – Representação da forma como as grávidas e doentes eram levadas para o centro
Figura 19 – Morte das crianças pequenas
Figura 20 – Inácia e suas memórias sobre os irmãos mortos
Figura 21 – Representação do mito da criação do povoado
Figura 22 – Trabalho invisível
Figura 23 –Pescador do delta do Parnaíba e seus apetrechos
Marisqueiras no dia a dia do trabalho
Figura 24 – Homens e crianças trabalhando no mangue
Figura 25 – Mulheres tirando marisco nas croas do Delta
Figura 26 – Trabalhadores dentro da canoa remando em direção aos igarapés
Figura 27 – Marisqueiras no dia a dia do trabablho
Figura 28 – Marisqueiras extraindo marisco com suas roupas características e o landuá nas mãos

Figura 29 – Rio Parnaíba e seu curso rumo ao atlântico, espalhando-se por diversas ilhas igarapés. nas suas margens, a comunidade dos Tatus-PI
Figura 30 – Local em que fora construída a cerca nas margens do Porto dos Tatus
Figura 31 – Obras financiadas pelo BB para beneficiar os pescadores do Cal - Tatus
Figura 32 – Engenho localizado no Canto do Igarapé, 1955
Figura 33 – Balaeiras caminhando com produtos na sua cabeça em plena madrugada em dir ao mercado
Figura 34 – Representação da chegada dos trabalhadores no porto.
Figura 35 – Construção da Ponte Simplício Dias
Figura 36 - Ponte Simplício Dias ligando o centro da cidade a Ilha Grande de Santa Isabel
Figura 37 - Morro das correntes e seu encantado.
Figura 38- Visão do Morro Gemedor
Figura 39 - Desenho baseado na narrativa fantasmagórica de Pureza sobre o tio que brigou com o lobisomem.
Figura 40- Representação da mulher das trouxas.
Figura 41 - O homem amaldiçoado com o defunto nas costas
Figura 42 – O cavalo endiabrado puxando a criança pelas ruas do povoado.

SUMÁRIO

Introdução: ou a história de um projeto 12
CAPÍTULO I: TRABALHO, MEMÓRIA E INFÂNCIA: o *negócio era só roça, roça* ... 34
1.1 Infância e trabalho: *a gente criava os dentes dentro da roça* 34
1.2 O brincar: *Era uma vida livre* 46
1.3 Memórias e esquecimentos da escola: *nossa ganância era só pra trabalhaiá* 52
CAPÍTULO II: MEMÓRIA, FAMÍLIA E COSTUMES 66
2.1 Migrações: as origens familiares: *Morros da Mariana, a terra prometida* 66
2.2 A memória da família: *os pais eram carrasco nesses tempo* 71
2.3 Casas de palhas: *A nossa casa, meu Deus do céu, dava era pena* 83
2.4 A água das cacimbas e a luz de lamparina 95
CAPÍTULO III: MEMÓRIAS, AFETOS E PRÁTICAS DO CORPO: quando começou a morrer menino parecia uma praga 102
3.1 Namoros e casamentos: *fui logo casando, pegada feito cachorro* 102
3.2 Porque era um no bucho e outro na bainha do vestido 109
3.3 Os partos em casa: *Deus que nos dê força e saúde pra aparar mais criança* 114
3.4 S*e fazia o máximo que podia com remédio do mato* 125
3.5 O parto, as doenças e as mortes de mulheres: lá dentro da cacimba de barriga 131
3.6 Concepção, doenças e morte: *você ver que doía muito perder um filho* 138
CAPÍTULO IV: AS MEMÓRIAS DO TRABALHO E A RELAÇÃO ILHAS E CIDADE: pescar, coletar, extrair, roçar, levar e vender 154
4.1 A memória encontra práticas e sujeitos plurais: "*eu fiz de tudo pra sobreviver!"* 154
4.2 A gente aprende fazendo e perder a maré e perder a pesca 164
4.3 As memórias do trabalho feminino: *o doméstico, o tecer, a renda de bilro* 174
4.4 As memórias do trabalho: *os mangues, a lama e a extração* 177
4.5 A natureza pode ser mãe e madrasta 191
4.6 Conflitos e as resistência na pesca*: aquilo era da comunidade* 194
CAPÍTULO V: A ILHA E A CIDADE / OS RIOS, ROÇAS E O MERCADO: a gente precisava chegar cedo para pegar um bom lugar 200
5.1 Enfrentando a terra e lama 200
5.2 Os donos do rio Igaraçu e as escrituras nas vias da cidade 209
5.3 O velho pardieiro municipal 211
5.4 Estrada e pontes são dádivas as gentes laboriosas do Delta 216

CAPÍTULO VI: MEMÓRIAS E MITOS: Os encantados, morros e matas e o rio 227
6.1 O tempo da dispersão e da mitologia: *O terreno dos encantados* 228
6.2 As matas e os montes encantados: *Morro visagento* 232
6.3 Os seres monstruosos: *a coisa mais feia do mundo* 239
6.4 Os seres encantados que moram dentro do rio 248
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 254
REFERÊNCIAS..... 264
ANEXOS..... 275

INTRODUÇÃO: ou a história de um projeto

Prólogo

Quando criança, meus pais visitavam meus avós maternos quase todo fim de semana. Eles moravam numa ilha do Delta chamada de Muntuz, cuidando de gados, plantações e gerindo uma pequena fábrica de pilar arroz. Tamanha a surpresa, na época, ao descobrir que não eram donos da ilha, apenas cuidavam e administravam-na, recebendo uma porcentagem do lucro e direito à moradia. A casa ampla e assobradada, de calçada alta que a envolvia de lado a lado, pertencia ao Jaime Vilar, o proprietário. Ali encontrava-se tudo que apetece uma criança: árvores frutíferas e frondosas, campos a serem explorados, rio na frente de casa, animais para admirar, como os cavalos e vacas leiteiras.

A vovó Marizô era a responsável pela limpeza e cozinhava, pois, além dos familiares, vários trabalhadores que rondavam o Muntuz, como vaqueiros, lavradores, faziam suas refeições conosco. No tempo vagos, costurava. Lembro de sua máquina grande, de ferragens enferrujadas, em que se debruçava, pedalando e girando aquelas engrenagens velhas, sempre compenetrada, aparentemente frágil e franzina, com óculos fundo de garrafa sobre os olhos míopes. No fundo do quintal, ela criava capotes, galinhas, porcos, e lembro que ela tinha um carinho especial por quatro cachorros de cores e personalidades muito distintas que protegiam a casa.

O vovô, além de ser o responsável por fiscalizar e gerir toda produção da fábrica, também pescava e cultivava roças que ficavam na outra margem do rio, num lugar chamado Guirindó. Sempre que podíamos e quando estava de bom humor, vovô Chicó nos levava à roça, o que era uma delícia, mas motivo de aborrecimento, pois a verdade, é que nós, os netos, mais atrapalhávamos que ajudávamos. Lembro dessa área vasta, verde, cultivada nas beiras dos igarapés, de chão enlameado, cercado por árvores robustas, grandes, frondosas e espinhentas.

Entrávamos na canoa junto aos trabalhadores, jovens e velhos, de nomes e apelidos esquisitos, todos vestidos de calças e camisas de mangas longas puídas e encardidas de lama, chapéus de palhas avelhantados na cabeça. Eu sentia um cheiro forte de suor e outras substâncias que se gastavam em meio ao sol e a umidade, assim como sentia nos pés as marcas pegajosas de limo que impregnavam toda madeira. Esses homens, embora raquíticos, tinham força e destreza impressionantes, sobretudo quando estavam com o remo em punho, instrumento roliço e pesado, do qual enfiavam na água com violência, puxando-o de forma brusca, como se quisessem arrancar os segredos do fundo.

Essa força desferida nas remadas era exercida através de um movimento sincronizado, levando a canoa deslizar sobre à água, dando pequenos pinotes; olhando de longe, as embarcações pareciam plumas flutuantes, tamanha a fluidez. Isso se fosse a favor da maré, é bom que se diga, porque se fosse contra, era uma verdadeira luta contra águas. Os movimentos das remadas geravam uma espécie de sinfonia que muito agradava os ouvidos, pois, além dos roncos do remo na água, o cabo batia nos beiços da canoa gerando um som que muito se assemelhava um mantra, hipnotizando todos na embarcação. O meu maior desejo era ter um remo em minhas mãos e, através desse movimento mágico, fazer a canoa flutuar feito esses homens, explorando todo o rio imenso. Aprender a governar a canoa, aliás, era um rito de passagem.

Ao pisar no terreno da roça, parecia que mergulhávamos em outro universo. Todo trabalho, seja capinar, carregar, roçar, plantar, colher, era uma espécie de mais profundo divertimento. Os dias passavam rápido! As refeições, que em casa rejeitávamos, ganhavam um sabor especial. Tudo era motivo para brincadeiras, e todos os elementos (as arvores, os galhos, arbustos, lama, rio) se revestiam de uma atmosfera lúdica.

Depois das brincadeiras – pular no paiol, polícia e ladrão, esconde-esconde, guerra de lama, mergulhos incessantes -, já no fim da tarde, meu primo, nove anos, desaparece de forma repentina. Tratamos de procurá-lo por todos os cantos, gritando seu nome que se repetia em eco por toda roça. Os trabalhadores revistavam o interior dos arbustos, com um semblante pesado. Os minutos passavam lento e sufocantes, e nada do menino. O vovô com os olhos vermelhos cheio d'água, achando, talvez, que o neto estivesse afogado, perdido na mata, agonizando depois de uma picada de cobra venenosa, riscos que os lavradores estavam sujeitos.

Escutei uma conversa que muito me assustou: "Os caiporas pegaram ele", diziam os ajudantes de vovô, referindo-se, hoje sei, a homenzinhos minúsculos que se escondiam no meio da mata. Aquilo abriu uma fissura no meu entendimento para outros mundos possíveis e imagináveis. O que eles queriam dizer com "Os caiporas pegaram ele", me perguntava. Já por volta das dezessete e meia da tarde, graças a Deus, o menino aparece do nada, com a "cara mais limpa do mundo".

Essa história serve para mostrar que cresci e me criei entre os rios, em meio a homens e mulheres que retiram da natureza o pão de cada dia. Além disso, ela meio que sintetiza todos os aspectos que a pesquisa se debruçou, como as histórias de vida, o trabalho, as relações familiares, a divisão das tarefas, a cultura e "a cor" local, os sonhos e imaginários. Portanto, fica evidente que minha voz é parte integrada desse lugar em que homens e mulheres trafegam, seja por terra ou pelo rio, explorando e extraindo do seio da natureza o sustento, criando,

recriando e transmitindo práticas e saberes, compreendendo, através de um esforço diário, as leis que regem as matas e os fluxos das águas; lendo com o corpo inteiro os indícios de um o patrimônio natural tão importante para sobrevivência das populações ribeirinhas do Delta do Parnaíba.

O espaço e seus sujeitos[1]

Na primeira metade do século XX deu-se início ao processo de modernização de Parnaíba, tendo como pano de fundo comércio extrativista e seu porto fluvial (Porto das Barcas). Dessa maneira, a "princesa do Igaraçu" viveu um período de efervescência urbana e social, materializado pelas praças, jardins, prédios imponentes etc. Parte desse progresso, no entanto, restringia-se ao centro, usufruído por uma elite emergente e enriquecida. As famílias pobres oriundas das classes populares, por outro lado, habitavam as "beiras", sobrevivendo longe dos serviços públicos essenciais de higienização e urbanização oferecida pelo centro da cidade, resistindo "(...) numa espécie de modernidade às avessas"[2], como diz Antonio Torres Montenegro.

Ao lado de um centro imponente de ruas calçadas, palacetes, igrejas altas e bonitas "estendiam-se os bairros proletários, uma enorme cinta de palhoça e casebres, onde as ruas não eram calçadas e os fios elétricos não chegavam"[3], diz Renato Castelo Branco. Portanto, às margens da cidade se encontravam os bairros-operários como Tucuns, Coroa, Catanduvas e Ilha Grande, compostos por pescadores, vareiros, vendedores de água, artesãos, brincantes de bois, marisqueiras e rendeiras etc.

No interior de Ilha Grande de Santa Isabel, "bairro-beira", parte insular de Parnaíba, encontrava-se inúmeros povoados, dentre eles Morros da Mariana e Pedra do Sal, Canto do Igarapé, Tatus etc. O que une a vida desses sujeitos da ilha em uma "comunidade de destino"[4]

---

[1] Sujeitos no sentido daquele que sofre as ações das histórias, que se sujeita a estruturas, processos e situações. Sujeito como aquele que também faz história, que se movimenta pelos labirintos sociais procurando suas saídas. Por isso, uso essa palavra ao longo do texto para nos referir as pessoas que vão compor esse trabalho.

[2] MONTENEGRO, Antonio Torres. *História Oral e memória: a cultura popular revisitada.* São Paulo: Contexto, 2013, p. 36. Segundo Montenegro, as populações pobres e periféricas, também constroem representações e imaginários com bases em suas vivências e condições sociais. São essas representações e saberes que permitem elas sobreviverem mesmo em situações adversas.

[3] CASTELO Branco, Renato. *Tomei um ita no Norte (memórias*). São Paulo: LR editores, 1981, p. 20.

[4] Sujeitos que pertencem a uma mesma classe, cultura, estabelecendo relações comuns dentro de espaço delimitado, gerando desse ato representações e modos de vida, convivências e angústias comuns. O pesquisador, segundo Ecléia Bose, deve não só observar essas peculiaridades, mas sofrer e viver esses elementos de maneira irreversível, compartilhando vivenciando o destino dos sujeitos observados. Ver BOSI, Ecléia. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p. 152. Para José Carlos Meihy, comunidade de destino é o resultado de uma experiência que qualifica o grupo, dando-lhe princípios que orientam

é a intensa relação com a natureza. Cercados por dunas, mangues, lagos, rio, oceano, forjaram aos longos dos anos modos de sobreviver muito específicos. Para conhecer como o cotidiano era vivenciado é necessário compreender a luta diária contra a natureza e a pobreza, a invenção e reinvenção de práticas, técnicas, ferramentas, representações e imaginários e todo um arsenal de experiências e saberes que lhes possibilitaram viver ao avesso do progresso oferecido pelo centro de Parnaíba.

Portanto, a cidade que procuramos não se encontra no centro urbano embelezado, nas praças, jardins, cinema e seu praticantes "civilizados" por hábitos cultivados nesses espaços aburguesados. Queremos vislumbrar uma cidade nas suas beiras, rincões, arrabaldes, ou seja, nas suas partes pudendas, as menos vistas, que não são cantadas e descritas nos documentos oficiais. Queremos, por fim, encontrar novos sujeitos, trabalhadores(as), idosos(as), que, ao constituírem-se por meio da narrativa, terminam por delinear novas poéticas do tempo e espaço e novos substratos sociais.

Figura 1 - Mapa da Ilha Grande do Piauí e Ilha Grande de Santa Isabel



Fonte: Elaborado pelo autor, dezembro de 2020

suas atitudes de maneira a configurar uma coletividade com base identitária. Ver MEIHY, José Carlos. *Manual de História Oral*. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 72.

No mapa, embora seja um recorte da Ilha de hoje, dividida entre a Ilha Grande de Santa Isabel (bairro de Parnaíba) e a cidade de Ilha Grande (povoados que fizeram parte da Ilha grande de Santa Isabel até 1992), pode-se ter uma ideia de como a ela se posicionava no mundo, ficando ao norte do Estado, na parte litorânea, cercada pelo oceano, o rio Parnaíba e o afluente Igaraçu, composto por uma natureza benevolente. Entre os anos estudados, mantinha-se próximos e ao mesmo tempo distante da "cidade", por causa do acesso, ficando à margem de alguns serviços essenciais. A territorialidade insular, constituída de matas, dunas, terrenos alagados, igarapés, empurra-os ao trabalho da pesca, extração e cultivo.

Durante muito tempo os povoados foram representados como vila de pescadores que viviam em palhoças de um modo rústico com poucos traços de civilização[5]. Segundo textos memorialísticos, esse lugarejo, por volta de 1860, foi invadido por famílias cearenses que fugiam da seca que assolavam esta província. O povoamento dos "Morros da Mariana" foi o destino dos saudosos Lucianos, que, segundo João da Cruz, são os verdadeiros desbravadores do lugar, pois antes, como deixa claro o escritor: "só havia nos Morros da Mariana meia dúzia de taperas"[6]. E, os indígenas e caboclos que já moravam viviam por lá? Nada ou pouco se sabe.

A referência aos Morros da Mariana como vila de pescadores e lugar da pobreza é mais que recorrente, por lá vivem e viveram pescadores, caranguejeiros, marisqueiras, rendeiras, artesãos, homens e mulheres que estabeleceram intensos contatos com os rios e mangues, adquirindo uma gama de saberes que foram transmitidos de geração para geração, criando e recriando suas próprias representações do espaço, o que, às vezes, confrontavam-se ou confirmam a dos cronistas e jornalistas, pois nota-se uma certa simplicidade e ao mesmo tempo uma felicidade em viver por meio do trabalho e do desfrute da natureza, existindo, em um dado uma momento, uma despreocupação com o mercado e ciclos de fartura, e, por outro lado, uma dependência do comércio e privações de todas as ordens. Diante desse quadro, opero um fazer histórico com base no diálogo com vozes plurais que se apropriaram e se apropriam desse espaço por meio do morar e trabalhar.

Em uma reportagem do *Jornal do Piauí*, de 1974: "o povoado é considerado um celeiro do Norte do Estado, devido à cultura de vários produtos agrícolas e ser um imenso campo de criação de gado[7]". No entanto, contrastando com essa fartura de pescados e produtos agrícolas, os moradores relembram o isolamento, a falta de eletricidade e água potável, postos de saúde,

[5] CAMPOS, Humberto de. *Memórias.* São Paulo: Opus, 1983, p. 223-224.
[6] COSTA, João da Cruz. *Lucianos: uma descendência de dois séculos disseminada por 16 estados, com origem no Piauí.* Brasília: Valci Editora, 1996, p.28
[7] *Ilha Grande devastadas pelas chuvas*. Jornal do Piauí, ano XXIII, Teresina, 5 abril. 1974, p. 13.

escolas etc. Deve-se ressaltar, que todos os esforços de crescimento econômico protagonizado pelo Estado, nos anos de 1970 e 1980, se esbarravam no agravamento das desigualdades, sobretudo nos rincões do país e nas zonas periféricas constituídas por populações do campo, caiçara, quilombolas, ribeirinhas.

A labuta desses sujeitos se estendia até o centro da cidade, confundida com a própria Parnaíba, através de penosas caminhadas enfrentando a "(...) lama e água para levar seus produtos até o mercado da cidade de Parnaíba"[8]. Os vareiros[9], donos das travessias do rio Igaraçu, o porto movimentado durante a madrugada, a feira em ebulição, são imagens que povoam à memória, tendo em vista que o comércio era algo vital para famílias. Por isso mesmo, um dos grandes acontecimentos que revolucionou a vida das ilhas do litoral do Piauí e intensificou a relação "beiras" e o centro da cidade Parnaíba, foi a construção da Ponte Simplício Dias, sobre o rio Igaraçu, que "veio satisfazer o anseio da laboriosa gente das ilhas do fértil delta do Rio dos Tapuias. Facilitou tudo"[10]; facilitou as travessias, o acesso a Pedra do Sal e ao Delta e, também, ao mercado e serviços oferecidos pela cidade. Esse marco justifica o recorte do trabalho que se movimenta entre os anos de 1960 até os anos 2000 – período antes e depois da construção da ponte –, até o ano que Morros da Mariana é elevada à condição de cidade[11].

Os colaboradores[12] da pesquisa são homens e mulheres na faixa de 60 e 90 anos, trabalhadores e trabalhadoras, a grande maioria de negros e negras, mestiços e mestiças, analfabeto(a)s, pescadores(as), marisqueiras, costureiras, lavradores(as), artesãos e artesãs, moradores das "beiras", que sobreviveram vencendo as adversidades impostas pela natureza, (re)inventando maneiras de viver e exercitando a arte de narrar através do trabalho da memória. Esses sujeitos, até poucas décadas, passaram de um tempo calmo regido pela natureza, como se observa ao longo dos capítulos, e foram lançadas em um mundo de transformações, como a

---

[8] *Uma Estrada para o Morros da Mariana*. Jornal do Piauí. Teresina, 29 de fev. 1972, p. 20.

[9] Os vareiros eram sujeitos responsáveis pela travessia de produtos e pessoas, utilizando a força física e embarcações largas para cortar águas profundas do Rio Igaraçu, fazendo-se figuras registradas até segunda metade do século XX.

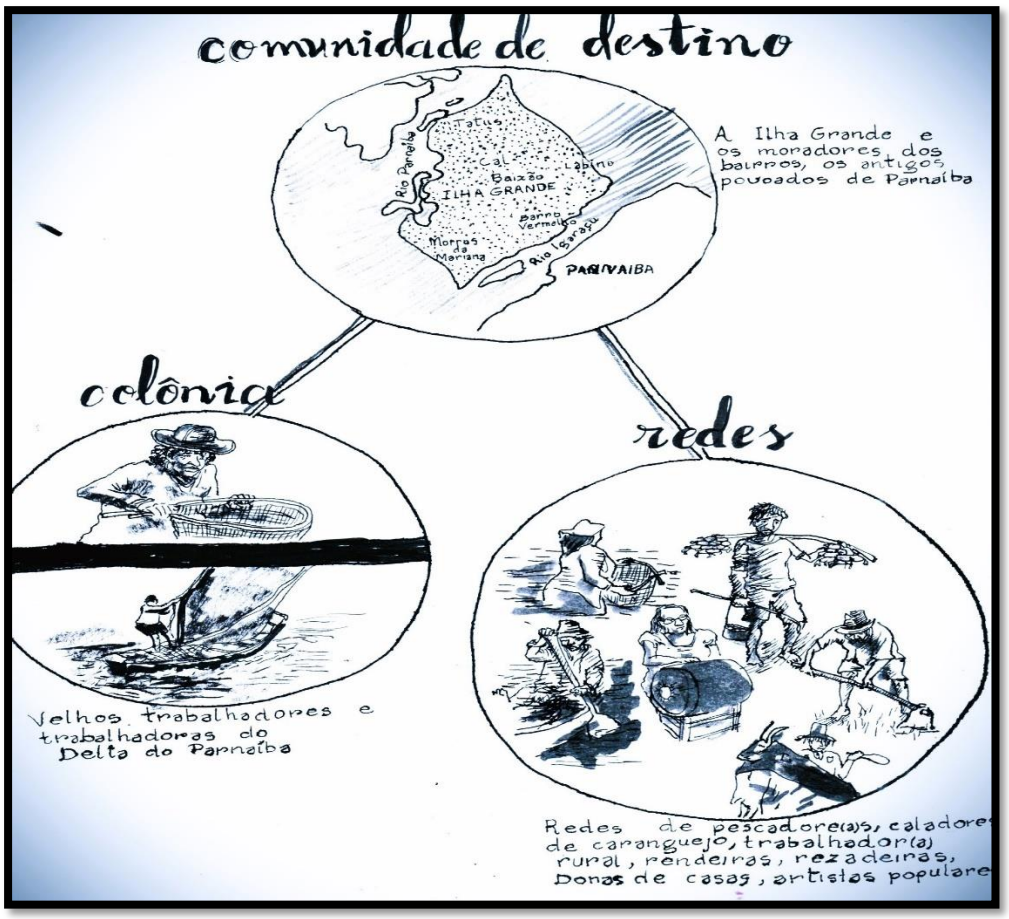
[10] PENHA, Maria da. *Parnaíba, minha terra: crônicas.* Parnaíba-PI (edição do autor), 1987, p. 29.

[11] Ilha Grande é um município brasileiro do estado do Piauí. Sua população estimada em 2009 era de 8.734 habitantes. Possui uma área de cerca de 134,32 km². Possui um PIB per capita de 2.210,00 reais. É um dos quatro municípios litorâneos do Piauí e o mais setentrional do Estado. Ilha Grande é a cidade portal para o delta do Parnaíba. Possui um Santuário em homenagem à Nossa Senhora Mãe dos Pobres e Senhora do Piauí.

[12] Inicialmente, quero deixar claro que não trato o narrador como "depoente", "ator social" "ou informante", "objeto de pesquisa", mas compartilho com José Carlos Meihy e Leandro Seawrigth a noção de colaboração, que significa respeito pelo outro e, sobretudo, por suas experiências, vendo o projeto com um sentido ético, pois "remete à mediação, à participação conjunta e comprometida das partes, e por relações efetuadas por presenças que marcam a diferença". Dito isso, os colaboradores são mulheres das beiras, que habitam o litoral do Piauí, mais precisamente Ilha Grande; trabalhadoras que sobreviveram e sobrevivem do trabalho nos rios e nos mangues, ou seja, pescadoras, marisqueiras, rezadeiras, artesãs, etc.

internet, o consumo desenfreado e os empreendimentos urbanísticos. Essa dialética entre os tempos é um movimento que atravessa o trabalho.

Figura 1 - Imagem explicativa: Os sujeitos da pesquisa, suas redes e colônias



Fonte: Caderno de campo do autor, elaborado março de 2020.

As questões que motivam a pesquisa reverberam no presente. Além de ter uma forte ligação afetiva com o lugar, observo que as ilhas que compõem o Delta do Parnaíba[13], local de morada e trabalho, passam por grandes transformações. Conhecido como um local paradisíaco de beleza naturais, vem sendo apropriado por um turismo agressivo. Um mar de dunas engole

[13] O Delta do Parnaíba ou Delta das Américas corresponde à foz do rio Parnaíba e está situado entre os estados brasileiros do Maranhão e do Piauí. O rio Parnaíba percorre 1450 km até desembocar no Oceano Atlântico. O rio abre-se em cinco braços, envolvendo 73 ilhas fluviais, e sua paisagem exuberante, cheia de dunas, mangues e ilhas fluviais, garante o cenário paradisíaco dessa região do Maranhão e Piauí. O Delta do Parnaíba começa na cidade de Parnaíba, onde se encontra a primeira e maior ilha do Arquipélago: a Ilha Grande de Santa Isabel. A Ilha das Canárias, segunda maior ilha do Delta do Parnaíba, está no município de Araioses - MA. Nessa região, foi criada a Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba, que abrange 10 municípios, além da Reserva Extrativista Marinha do Delta do Parnaíba. em 1996, o Delta do Parnaíba é transformado em Área de Proteção Ambiental, cujo objetivo era é proteger a biodiversidade, incentivar o turismo ecológico e conscientizar a população sobre o uso sustentável dos recursos. Ver: DIEGUES, Antônio Carlos. *Povos e águas: inventário das áreas úmidas.* 2ª ed. São Paulo: NAPPHAUB, USP, 2022, p. 326.

ruas, casas – é, claro, memórias –. assoreando áreas antes navegáveis. Se não bastasse, é cobiçada por vários grupos econômicos que visam se apropriar dos recursos naturais, desrespeitando modos de vida, práticas sociais de trabalho e as interações desses homens e mulheres com esse lugar. Vive-se o presente das lanchas rápidas, das torres eólicas que mudam a paisagem e a reconfiguração espacial e simbólica. Bem ou mal, esse progresso desestabiliza antigas formas de viver e trabalhar. Ao narrar a vida, esses homens e mulheres vão dando sentindo ao vivido levando em conta o passado e o presente das mudanças, vislumbrando um misto de medo e otimismo em relação ao futuro.

História oral e memória

Essas angústias transformam-se em preocupação acadêmica desde a graduação quando opto por fazer entrevistas de trabalhadores, surpreso, na época, com as possíveis possibilidades históricas e teóricas, ainda imaturo ao dar os primeiros passos no entendimento da História Oral. A insistência se estende ao mestrado, em que investiguei as memórias dos trabalhadores dos rios e mangues e as diversas formas de representação e compreensão do passado, voltando-se para as técnicas corporais e de trabalho, as subjetividades através das dores, ferimentos, marcas, preocupado não só em encontrar um corpo produtivo, mas que também festeja, ama e dança. No doutorado, a ânsia se entende ao universo das (dos) trabalhadoras (es), alargando minhas inquietações para outros grupos, redes, gêneros, preocupado com as representações e compreensão de um tempo vivido, assim como os modos de ser, fazer, trabalhar e viver, concentrando-me nas dimensões da memória, suas potencialidades e limites, assim como os fazeres, as práticas cotidianas e as táticas – essa ação calculada dentro do campo inimigo[14] – capazes de forjar sobrevivências.

Eu tinha algumas entrevistas na gaveta, mas, ao lê-las, soavam instrumentais, sem vida, e não correspondiam, em sua integridade, aquilo que acreditava no momento ser uma boa entrevista. Por isso, fiz novas redes, levando em conta novas vozes, grupos, gêneros, visões, experiências diferentes, porque, dessa vez, as mulheres/trabalhadoras deveriam contribuir com suas visões e representações sobre a própria vida em coexistência com os tempos e espaços múltiplos. No entanto, é bom que se diga, todas as fontes foram aproveitadas, assim como não exclui as entrevistas com os homens; pelo contrário, acredito que a diversidade só enriqueceu ainda mais a pesquisa.

[14] CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano I: as artes do* fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 94.

Depois de todos esses anos, acreditava que sabia algo relacionando com a vida ribeirinha, graças à proximidade já antes citada. Mas essa proximidade pode, por vezes, atrapalhar. O que um bom pesquisador deve fazer é olhar o familiar com estranhamento, o que é muito difícil. As pessoas quando narram sempre buscam dar importância histórica ao lugar de origem, enaltecendo aspectos da vida, omitindo situações, calando ou inventando outras, até mesmo pregando peça no pesquisador.

Recordo do filme *Narradores de Javé* [15], em que todas essas armadilhas se lançaram sobre Antônio Biá, o carteiro expulso da comunidade, que retorna com a condição de escrever a grandeza histórica do povoado, salvando Javé das águas. Quando começam as entrevistas, Biá, que também tinha seus interesses e defeitos, se depara com disputas de memórias locais de pessoas que davam diferentes versões sobre o fundador do povoado, suas origens, gerando um conflito de narrativas, o que torna a escrita um fracasso. O fato de ser um "local\nativo", sujeito conhecido por ser trapaceiro e mentiroso gera um clima de desconfiança. As relações de proximidade e intimidade entre o pesquisador e comunidade, ao invés de ajudar, terminou por atrapalhá-lo. Talvez um pesquisador de fora, que não conhecesse a fundo os personagens e as situações íntimas de Javé, tivesse mais sucesso. No caso de algumas entrevistas, a proximidade por ser um grande recurso e, em outros, um risco. Corri esse risco.

Acreditava que, também, sabia fazer entrevistas. Ledo engano. Cada uma delas é um universo de novas possibilidades; são movimentos múltiplos de coordenações históricas e geográficas, fluxos de afetos e representações, que a leitura de todos os manuais não dá conta de abarcar, pois nos deparamos com imprevistos, surpresas, infortúnios, descobertas, rispidez e ternura inimagináveis. Nessa fase, como disse, resolvi inovar, lendo novos autores nada ortodoxos[16], que pensavam um novo "fazer HO[17]", levando em conta um grupo reduzido e representativo de pessoas, explorando entrevistas longas, aprofundando, aos poucos, determinados temas que emergissem de forma mais espontânea, respeitando os limites e o inclinações do narrador. O que não quer dizer, porém, descartar o projeto ou roteiro, mas que poderia ser refeito com base nas questões propostas pelos próprios entrevistados, relação em

[15] OS NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Caffé. Produção: Vania Catani, Caio Gullano, Fabiano Gullane. Brasil: Bananeira filmes, Gullane filmes, Laterit Produc-tions, riofilme, 2003. Arquivo digital. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?-v=Trm-CyihYs8. Acesso em: 24 mar. 2022.

[16] Ver: HOLANDA, Fabíola: *Construção de narrativas em história oral: em busca de narradores plenos. Oralidades*: Nucleo de História oral-usp, jul-dez/2009. CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade, texto e história: para ler a história oral*. São Paulo: Loyola, 1999. BARBOSA, Fabíola Holanda. *Experiência e memória: a palavra contada e a palavra cantada de um nordestino na Amazônia.* São Paulo: USP, 2006. (tese de doutorado). CALDAS, Alberto Lins. *Seis ensaios de história oral.* Caderno de Criação, UFRO/Centro de Hermenêutica do Presente, nº15, ano V, p. 37/57, Porto Velho, junho, 1998. MEIHY, José Carlos Sebe. *Augusto e Léa: um caso de (des)amor em tempos modernos*. São Paulo: Contexto, 2006.

[17] Sigla de História Oral.

que também diziam o que era relevante em suas vidas, e não apenas minhas questões, hipóteses e aspirações acadêmicas. Na verdade, temia em torná-lo(a)s simples informantes, tratando-os(as) como dados frios ou depósito de informações pronto a atender meus interesses de pesquisa. Houve, portanto, um respeito por suas opiniões e falas que foram construídas e autorizadas num nível da mediação e colaboração, concretizando-se em fases que exponho à frente.

Assim, como todo doutorando, sentia-me potente. De repente, o mundo virou de ponta cabeça com o advento da COVID-19. Todas a engrenagens e estruturas sociais e psíquicas, que se interligam, foram ruindo aos poucos. Embora em choque, tinha impressão – ingênua - de que a crise sanitária passaria bem rápido. As restrições contra o contato social, no entanto, só aumentavam, o que me deixava aflito pois, mais do que ninguém, necessitava das pessoas – os velhos(as), o grupo de risco – para concluir o trabalho[18]. O final da história todos sabem, juntou-se negligência e desprezo pela ciência e o Brasil tornou-se o epicentro do vírus.

Assim, sonhos, projetos, desejos perdiam o sentido, pois havia coisas mais importantes a fazer, como, por exemplo, sobreviver. Lembro de uma fase drástica, quando os primeiros quadros graves e mortes foram se aproximando. A pequena cidade ficou em estado de histeria frente aos infectados e estigmatizados com o vírus, gerando uma série de trapalhadas por parte da Secretaria de Saúde e seus agentes, lembrando muito as concepções, estigmas e superstições na época da Revolta da Vacina, em 1904. Pessoas que entrevistei adoeceram nessa época, inclusive, chegando a falecer, além de outras perdas de pessoas queridas. Foi trágico tudo isso!

A normalidade foi retomada aos poucos, o que não posso dizer a mesma coisa em relação ao meu entusiasmo de antes. Dou continuidade ao que estava parado: leio, registro, mas as entrevistas não fluíam. Parecia que eu tinha perdido a confiança e minhas habilidades sociais. Não conseguia estabelecer contatos e até mesmo entabular conversas, temendo que idosos adoecessem e, Deus me livre, vindo ao óbito, responsabilizando-me de transmitir o vírus – eram essas loucuras que passava em minha cabeça. Mas não podia perder mais tempo. Por isso, fiz uma espécie de panfleto com os objetivos e a importância da pesquisa com o intuito de sensibilizar a comunidade a aderir ao projeto. Deu certo. Um líder comunitário me levou a uma pessoa, e essa pessoa me levava a outra, e assim retomamos nossa "rede", priorizando aquelas que narravam melhor, ou seja, que conseguiam "intercambiar experiências"[19], como diz Walter Beijamin.

[18] Eu sendo extremamente egoísta, só pensando no meu trabalho.
[19] BENJAMIN, Walter. *O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.* São Paulo: brasiliense, 3.ed. 1987.

Dessa maneira, conseguimos algumas aderências e muitas manifestações de negação e medo em participar. Pela primeira vez contatava pessoas que diziam que não queriam ser entrevistadas e não participariam do projeto; outros "que não davam mais entrevistas", e até aquelas que exigiram remuneração[20]. "As coisas estão mudando", pensava. Outros (as), por outro lado, começavam o projeto, e, sem explicação nenhuma, interrompiam, aconselhados – talvez – por familiares que temiam um novo surto da doença. Mas, aos trancos e barrancos, as entrevistas retomaram, mesmo com álcool e máscaras junto ao gravador, papel e caneta. Aprendi, nesse processo, que os melhores narradores não são que aqueles que guardam mais coisas na cabeça, mas sim aqueles que estão mais dispostos a contar, em uma espécie de "narração feliz".

Além das entrevistas que já estavam na gaveta, todas as outras, sobretudo as de mulheres, foram feitas em um período pós-pandemia, época que o medo ainda imperava, sendo constante nesses encontros uma atmosfera de temor, morte, luto e receio, contexto enunciativo que se refletem diretamente nas falas, nas angústias dos entrevistados(as), característica que afetou "o tom" de todas as narrativas. Até chegar no ápice das entrevistas, eram horas de conversa sobre o que estávamos vivendo, o futuro, o vírus, a mudança de rotina, o medo do contágio, do retorno ao trabalho, escola, as sequelas da doença, pois, até então, não tínhamos informações sobre as mutações do vírus e como a sociedade se comportaria daqui para frente.

Além de todas as dificuldades citadas, era muito fácil encontrar homens dispostos a falar, o que não acontecia em relação as mulheres. Muitas se negaram dizendo que "não sabiam de nada importante"; as casadas, ficavam nas costas dos maridos dizendo "ele fala melhor". E, além do mais, tem a questão da diferença de gênero e geração, em que um pesquisador homem/jovem, fazia perguntas as mulheres/idosas, o que, às vezes, causava um desconforto e inibição. Sei que a história oral é arte da celebração da diferença, inclusive entre pesquisador e colaboradores, mas, em algum momento da pesquisa, senti a necessidade de acionar uma "assistente" que me auxiliasse na entrevista com mulheres, e Juliana Dantas[21] – que desde já agradeço – foi muito útil e hábil nessa tarefa. Assim, conseguimos explorar mais dimensões e camadas da memória, usando-se de sua empatia e sensibilidade. O curioso é que alguns

[20] **No caderno de campo:** Algumas comunidades já não aguentam mais visitas de pesquisadores que surgem para recolher dados e, satisfeitos, não mais aparecem, deixando uma sensação de que a comunidade é usada pelos interesses pessoais e acadêmicos. Além disso, existe muitas pessoas que comumente dão entrevistas, tornando sua narrativa viciada, pois sabem como vai começar e terminar a narrativa. O desafio é encontrar pessoas dispostas e com visões diversas sobre os fatos vividos. Além desses problemas, existe a situação recente de pós-pandemia que deixou as pessoas temerosas e neuróticas em relação a interação social, ficando mudas, sobretudo nesse estágio de volta a rotina, a história oral.

[21] Juliana Machado Dantas, pedagoga, professora da educação básica e esteve, durante alguns anos, a frente do CRAS (Centro de Referência a Assistente social).

momentos elas se dirigiam e falavam diretamente a ela, como se fosse uma “conversa de comadres”.

Notamos que as mulheres ocupavam posições importantes dentro da engrenagem do trabalho, mas que existia hierarquias e uma espécie de desprezo pelo “fazer” feminino das “beiras”. Mergulhavam fundo em questões familiares e cotidianas: criação dos filhos e o trabalho pequeno e fatigante de lavar, limpar, cuidar, carregar, colher etc. Na verdade, por não terem sido estimuladas a expor seus pensamentos na frente de desconhecidos e dividirem suas angústias de uma forma aberta, achavam-se indignas de narrar, alegando que suas vidas não tinham importância histórica; a própria educação familiar também as fez subservientes e passivas, pois sempre foram tuteladas e representadas pelos homens da casa. No entanto, demonstravam grande protagonismo, pois, assim como os homens, lutavam pela subsistência da família, às vezes com duplas e triplas jornadas de trabalho, em atividades que começavam fora e terminavam dentro da casa. Ao longo das entrevistas, era comum algo que denominei “retórica do silêncio”, que se refletia no calar relacionado determinados assuntos, escancarando nas entrelinhas o sistema de dominação e opressão por trás daquele silêncio eloquente.

Grande parte das entrevistas foram realizadas no aconchego das residências dos entrevistados(as): varanda, sombra de uma mangueira, terraço, o que favoreceu um clima de intimidade e confiança que foi fortalecendo-se ao longo dos contatos. No entanto, uma senhora, Maria da Rocha, marcava a entrevista e, no dia e hora marcada, nunca se encontrava em casa. Em uma tarde de sol a pino ela bate minha porta, suada, dizendo que queria participar do projeto. A entrevista ocorreu na cozinha. Quando terminou, já mais calma, disse que suas filhas não queriam que participasse, “pois suas desgraças iam aparecer pra todo mundo”, o que consideravam abominável. Fiquei pensando nessa advertência por dias, na exposição, no medo de contar sua vida, nos meus interesses de pesquisa e no conflito com os interesses dessas pessoas. Tentei mostrar o que realmente pretendia pesquisar, evidenciando o protagonismo de uma vida laboriosa. Ela fez questão de participar de outras sessões, e foi se mostrando uma “narradora feliz”, depois de algumas resistências.

Realizei entrevistas longas, com perguntas abertas, com mais de um encontro (sessões) por entrevistado, dependendo do potencial narrativo do colaborador(a), visando explorar questões mais subjetivas e afetivas, acessando temas da vida privada, sonhos, segredos e silêncios. Não pretendi chegar a uma verdade cartesiana e inquestionável sobre os fatos, mas sim refletir, prioritariamente, sobre as representações e os tempos sugeridos pela memória. Objetivo, portanto, era aprofundar certos temas e explorar todos os aspectos da vida, levando em conta sempre a noção de cotidiano e trabalho, de forma mais livre, o que não quer dizer que

renunciei aos roteiros. Pelo contrário, todas as entrevistas foram intermediadas por estudos com base no projeto. É bem verdade que muitos assuntos foram sugeridos pelos próprios entrevistados, ou seja, por aquilo que achavam significativos frente as suas vivências.

Os problemas giravam em torno da memória e suas frentes, explorando as táticas de sobrevivência e a ausência de serviços públicos, detendo-se nas diferentes formas em que as memórias eram evocadas, que aspectos se evidenciava ou encobria. Essas evocações de lembranças vividas as denominei de "memórias fluviais[22]", pois serpenteavam por inúmeros canais, assoreado em alguns lugares, é verdade, mas profundo em outros, ramificando-se, às vezes, em vários igarapés de lembranças, estruturando-se e desestruturando-se em diversos momentos, lugares, situações, para, por fim, desaguar num mar de múltiplas formas de viver, sobreviver, resistir...

O Projeto se desenrolou por etapas:

1 - *A pré- entrevista* ou contato inicial, momento em que, depois da exploração em busca de narradores, estabelecemos o primeiro contato de maneira informal. Para início do projeto, usei um folder explicativo, para sensibilizar os colaboradores, resumindo os objetivos e justificativas do projeto. A cada nova busca, muitas vezes me deparei com pessoas relutantes em conversar, outras tagarelas. Ao retornar a casa do colaborador, agora com o gravador ligado e a formalidade que isso carrega, perdiam a desenvoltura. Então, fui aprendendo a contornar essas situações para que o momento se tornasse uma celebração a conversa, parecida com aquelas de antigamente, em que se reuniam nas calçadas e proseavam sobre causos de assombração, fofocavam etc. O objetivo era criar um clima que sugerisse, sempre, confiança e estimulasse as rememorações.

2- Entrevista propriamente dita, a etapa central do projeto, momento em que as fontes vão sendo construídas, através desse processo de registro da experiência vivida, em que "mais do que recolher memórias e performances verbais, deve provocá-las e, literalmente, contribuir com sua criação"[23]. Privilegiei a *história de vida*, gênero dentro da história oral em que o narrador se conta, levando em consideração aspectos da sua experiência, trajetória, memória, passando por todas a "fases da vida"[24], acessando, dessa maneira, territórios de difícil acesso, como a

[22] Memórias umedecidas pelos rios.
[23] PORTELLI, Alessandro. *Ensaios de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p. 20.
[24] As idades da vida, para Philippe Airès, são as fases biológicas e as formas como são celebradas e vivenciadas em cada momento histórico. Se um determinado momento as pessoas, as crianças, sobretudo, não sabiam a sua idade, pois não se dava importância, na Idade Média, as "idades da vida" ocupam um lugar especial nos tratados pseudocientíficos. Seus autores, por exemplo, "já usavam essa terminologia que nos parece puramente verbal: infância e puerilidade, juventude e adolescência, velhice e senilidade — cada uma dessas palavras designando um período diferente da vida. Desde então, adotamos algumas dessas palavras para designar noções abstratas como

vida privada, os afetos, as dores, visões subjetivas, sonhos, aspirações, desejos, medos e um conjunto particular de visões de mundo e opiniões sobre os fatos vividos[25]. Esse contar, é bom que se diga, não é linear, como se a vida fosse um filme com início, meio e fim. É uma ilusão retórica tratar a vida como um acontecimento coerente. "O real da vida narrada é descontínuo, aleatório e imprevisto (...). Os acontecimentos biográficos se definem com as alterações e descolamentos no espaço social"[26] . O narrador, quase sempre, ressalta seus interesses e obsessões, editando na cabeça a sua história, pois sabem exatamente o que podem e não podem falar; o que deve calar e omitir.

As entrevistas aconteceram de forma tranquila, sem grandes imprevistos, afora as questões e as rotinas que envolvem a vida familiar do entrevistado: a curiosidade dos netos, a interferência dos integrantes da casa, o barulho na rua, uma doença ou mesmo – como aconteceu - o mal humor do entrevistado que não queria receber ninguém no dia. Elas foram desenvolvidas com mais de um encontro para cada entrevistado(a), de acordo com o surgimento de novas questões e nuanças. Privilegiou-se a "conversa", a intimidade, a segurança. Outro dado importante, é que mesmo com um roteiro em mãos, os entrevistados ficaram livres para dissertar sobre questões do seu interesse. De minha parte, foram feitas poucas intervenções, usando-se na maioria das vezes de estímulos e uma recepção mais aberta.

3 - A transcrição. Terminando a etapa das entrevistas era hora da transcrição, que segundo José Carlos Meihy e Leandro Seawright, "equivale a passagem dos enunciados orais para o código escrito o mais próximo possível de como foram emitidos"[27], uma parte do trabalho que, particularmente, gosto de desenvolver. Sempre faço questão de transcrever a entrevista, o que me ajuda a entender melhor o "tom vital"[28] de cada uma delas, assim como organizar as ideias e estruturas de um possível texto que vai se compondo por um processo de junção dos fluxos e intensidades que as entrevistas vão cartografando. É uma fase que temos que fazer algumas escolhas, como respeitar a linguagem de cada uma delas, o ritmo da fala, mas também de organizar frase, cortar palavras repetidas, sempre respeitando e entendendo que esse texto é um

---

puerilidade ou senilidade, mas estes sentidos não estavam contidos nas primeiras acepções". ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2 ed. Rio de Janeiro, LTC. 1981, p. 43.

[25] MEIHY, José Carlos Sebe B., SEAWRIGTH, Leandro. *Memórias e Narrativas: a história oral aplicada*. São Paulo: Contexto, 2020, p. 62-65.

[26] BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 190.

[27] MEIHY, José Carlos Sebe B., SEAWRIGTH, Leandro, op. cit., p. 131.

[28] Segundo José Carlos Sebe B. Meihy, Tom vital: É a frase escolhida para ser colocada na introdução da história de vida. Ela serve como guia para a leitura da entrevista, posto que representa uma síntese da moral da narrativa, ou seja, são pontos em que é possível sentir a temperatura da entrevista, as chaves de interpretações. Ver: Meihy, José Carlos Sebe B. Augusto & Lea: um caso de (des)amor em tempos modernos (Locais do Kindle 1703-1705). Contexto. Edição do Kindle.

artefato verbal oriundo de um processo oral, e essas peculiaridades, claro, deve ser levado em consideração.

4. Conferência - Lembrar que a colaboração significa que o trabalho é feito em conjunto, por isso a conferência é tão importante no processo. Nessa fase, a entrevista é impressa de forma integral, lida para o colaborador para que aprecie, faça as devidas considerações, correções e ressalvas. Nesse momento o entrevistado é livre para retirar algumas frases, acrescentar ou remover nomes. Essa etapa é também muito importante para o narrador, pois ao ver sua história de vida materializada no papel, sendo lida por outra pessoa, é o ápice do encontro, da entre/vista, "essa troca de olhares"[29], como lembra Portelli. A(o)s narradoras(o)s ficam atentas a cada passagem, balançam a cabeça afirmativamente, sorriem, se emocionam, choram até... A conferência de Rosa Maria, por exemplo, ocorreu na sua casa nos Morros da Mariana, no quintal, na sombra de um pé de cajá. Na areia, diversas cascas brancas de mariscos, cascas que são indícios de vários tempos do trabalho. Eu fiquei de ler sua entrevista inteira, e ela ali, na minha frente, atenta a cada palavra. Quando levantava os olhos, notava sua expressão de satisfação, orgulho, "era minha vida sendo escrita e lida, como a dos homens importantes" talvez pensasse. A cada fragmento, balançava a cabeça afirmativamente e dizia, apenas: "é isso mesmo!".

Em um dado momento da leitura, vi seus olhos cor de chocolate cheios de água. Ela não conseguiu conter a emoção: "Queria que essa história pudesse ser lida pelo mundo inteiro", dizia. Chegou ao ponto de levar sua entrevista para um locutor que gravou e interpretou toda entrevista, na sua voz, e ela quando me encontrou certa vez disse que escutava as suas "memórias/vida" quase diariamente. O que eu quero dizer com tudo isso, é que a conferência é uma etapa fundamental, pois, geralmente, os narradores vão comentando e acrescentando com mais vida os assuntos e questões. Além disso, é momento de averiguar nomes, autorias, rever fragmentos, corrigir equívocos e negociar a autorização. Todas as entrevistas, aliás, foram cedidas pelos colaboradores através da leitura e assinatura (assinatura de homens e mulheres mais acostumados com o facão do que com a caneta) da carta de cessão. Aqueles não conseguiram escrever o nome, os parentes, devidamente esclarecidos sobre o projeto, assinaram-na, dando permissão.

6- Análise das entrevistas - Uma das fases mais difíceis do projeto é a análise das entrevistas, que não pode ser feita simplesmente repetindo aquilo que os entrevistados já falaram. Como sugere Alberto Lins Caldas, no livro *Oralidade: texto e História:* "interpretar é

[29] PORTELLI, Alessandro. *Ensaios de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p. 20.

refletir nas sombras dos textos"[30], ou seja, interpretar é um diálogo com a memória e os sentidos e significados do texto que desabrocham além das palavras através de imagens, emoções, planos, sonhos e desejos. Acredito que o momento que se tem as fontes em mãos corre-se o risco de não ultrapassar aquilo que já é dito, pois, muitas vezes, o entrevistado falou melhor do que você (pesquisador) sobre determinado assunto. No entanto, as entrevistas só fazem sentido quando começam a dialogar. E só é possível esse diálogo a partir de uma leitura exaustivas das fontes. Em seguida, a leitura de textos teóricos vai te oferecer chaves de interpretações variadas. Tudo isso exige muita calma e trabalho.

A escrita, em alguns momentos, parecia dispersa, pois corre-se o risco de percorrer sobre fases e temas, que são inúmeros. A unidade das entrevistas é costurada sobre o desdobrar-se da sobrevivência, do labor e de todos os aspectos relacionados a ele. A verdade é que, quando me deparava com as entrevistas transcritas, conferidas, elevadas a status de fontes, tinha dificuldade de analisá-las. Algumas vezes minha fala era um eco das falas alheias, e não conseguia ir além do óbvio. Em um único fragmento deparava-me com tantas questões que me perguntava se conseguiria investigar todas essas temáticas com profundidade. Ao mesmo tempo, essas entrevistas poderiam ser lidas de tantas maneiras. Perdido, questionava o meu fazer histórico e domínio sobre as ferramentas do historiador.

Depois de muito tempo, entendi que no interior de cada entrevista existiam erupções, ou seja, algo que despontava insistentemente, e ali, no nervo da entrevista, escancaravam-se chaves de leituras capazes de abarcar as profusões de temas que compõem uma vida. Sabia, por outro lado, que minha proximidade, admiração por essas pessoas, poderia obscurecer meu olhar, vendo-as como dóceis, coerentes, "santas" até. O que se sabe é que, ao narrar, omitimos dados, criamos versões, e negamos todo e qualquer tipo de histórias que desabonem o nosso "EU", ou imagem que temos dele. Por isso mesmo, era necessária uma leitura nas entrelinhas das fontes orais, buscando encontrar essas contradições, omissões, dissimulações e silêncios.

Minha intenção nunca foi destrinchar todos os temas abordados ao longo dos capítulos a exaustão, como se fossem discussões apartadas da vida e do trabalho. O grande objetivo era mostrar como a memória era constituída como um sistema de coesão dos grupos, servindo para dialogar com o tempo, seja passado, presente ou futuro, através de aspectos privilegiados pela lembrança e o esquecimento, entendendo a memória com uma das formas de acessar o passado. Deixando claro que elas sempre vazam e transbordam, pululam de tempo em tempo, voltando, insistentemente, as situações e conjunturas, pois o narrador, também, tem suas obsessões. "A

[30] CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade texto e história oral*. Ed. Loyola, São Paulo, 1999, p. 112.

memória rema contra a maré", sempre. Elas flutuam sobre aspectos da vida que são relevantes ao narrador. Logo, privilegiei as que se debruçam sobre práticas, táticas, representações e estratégias de sobrevivências, ou seja, questões que giram sobre a dimensão do trabalho.

Assim, separei fragmentos, reuni pedaços, cortei falas e colei com outras. O trabalho na atual configuração foi fruto de escolhas. Busco lançar luz sobre alguns aspectos da vida desses homens e mulheres sabendo, ao mesmo tempo, que obscureci outros, em nome de uma inteligibilidade textual. Alguns assuntos ganharam destaques, outros foram silenciados, por falta de espaço ou mesmo de traquejo operacional. Essas memórias não estão relacionadas as grandes questões históricas, mas as grandes questões humanas, a fatos da intimidade que vão se conectando aos grandes dramas que homens e mulheres simples vivenciam ao longo da existência. As estruturas, a política, as questões macro atravessam essas narrativas miúdas relacionando-se ao trabalho, a vida familiar, pois o corpo sente a reage a todas as decisões de cunho político que afetam de maneira direta e indireta a vida. Caso queira entender as entrevistas como um todo, vão se fazer presente no final do texto, servindo de consulta.

Um dos recursos que muito ajudou no desenrolar do trabalho de reflexão e interpretação das entrevistas, foi o caderno de campo, que, segundo Meyhy, uma das funções é possibilitar um diálogo frequente e constante em relação ao projeto inicial. "Certamente, o caderno de campo se torna um referencial obrigatório nas finalizações dos trabalhos"[31]. Esse caderno me ajudou a contextualizar as falas, registrar emoções, performances e os percalços do projeto. Além disso, serviu como registro das angústias de pesquisador, expressando minhas dificuldades técnicas e teóricas, as limitações da pesquisa, assim como as impressões, sucessos, intenções e frustrações. Serviu, também, como materialização de ideias, espaços e imagens que narrativas sugeriam. Grande parte dessas imagens foram transformadas em desenhos, rabiscos, pois acredito que desenhar seja uma forma de pensar.

Sobre os desenhos, eles foram uteis e serviram para catalisar estímulos, recriando cenas, cenários, paisagens e situações sugeridas pelas entrevistas. Além disso, grande parte deles foram inseridos no corpo do trabalho, contribuindo no entendimento da visualidade evocada. Também foram usados para sensibilizar e estimular as memórias dos entrevistados, servindo como uma espécie de catalizador de experiencias, acessando novas camadas de memória. A ainda sobre as imagens, quando surgia a oportunidade, pedia para ver alguns objetos biográficos: fotografias, imagens, santos, instrumentos de trabalho, almofadas de renda e bibelôs da sala. Segundo a historiadora Julinele Rabelo de Almeida, esses "objetos biográficos"

[31] MEIHY, José Carlos Sebe, *Bom Manual de História Oral*. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005, p. 131.

são ancoradores de memórias e representações de ações coletivas. Em suma, são projeções das histórias de vida dos narradores, ajudando no processo de catalização de memórias outras[32].

Esses arquivos familiares, como os álbuns de fotografias, são um acesso a vida familiar e a intimidade. Lembro que o Senhor Sessenta pegou os álbuns de fotografias e fez questão de mostrar as fotos dos filhos e familiares, detendo-se no filho mais velho, que saiu de casa para trabalhar em Brasília e nunca mais tinha voltado. Foi um momento de muita emoção, porque naquele jeito vigoroso dele, deixou claro o quanto sua memória florescia no terreno da saudade. Da mesma forma, Dona Firmina agiu quando questionamos as fotografias e retratos na parede da sala, destacando-se uma fotografia grande e esmaecida de uma jovem que muito lembrava o aspecto de físico de Firmina. Ela se levanta com dificuldade, pega a foto e diz que se trata de uma filha querida que faleceu jovem depois de anos sofrendo com uma doença. A partir daí a entrevista, incontrolavelmente, gira em torno dessa morte, e, frente a essa profusão de emoções, não tinha como interromper e dizer "Firmina, vamos para o roteiro". A entrevista, portanto, ganhou outros rumos, terrenos, centrando-se nas geografias dos afetos.

A maioria das entrevistas aconteceram na própria casa da colaboradora, como já foi falado, explorando a atmosfera de aconchego e intimidade. Logo percebi que as paredes da sala de estar era um suporte de memória, um arquivo íntimo e familiar, repleto de imagens como do casamento, a foto do filho com fardamento escolar, as imagens do santo de devoção, o terço revestindo e protegendo a fotografia de um velório, todos esses elementos falavam da cultura do lugar, as crenças e os "laços que ligam esse núcleo a um número enorme de sociedades sensíveis e invisíveis"[33].

---

[32] ALMEIDA, Juniele Rabelo. *Práticas de história pública: o movimento social e o trabalho de história oral*. MAUAD, Ana Maria. ALMEIDA, Juniele. SANTIAGO, Ricardo (Org.). A História Pública no Brasil: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 48.

[33] HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003, p. 158.

Figura 3 - Paredes como um museu familiar: casa de um colaborador

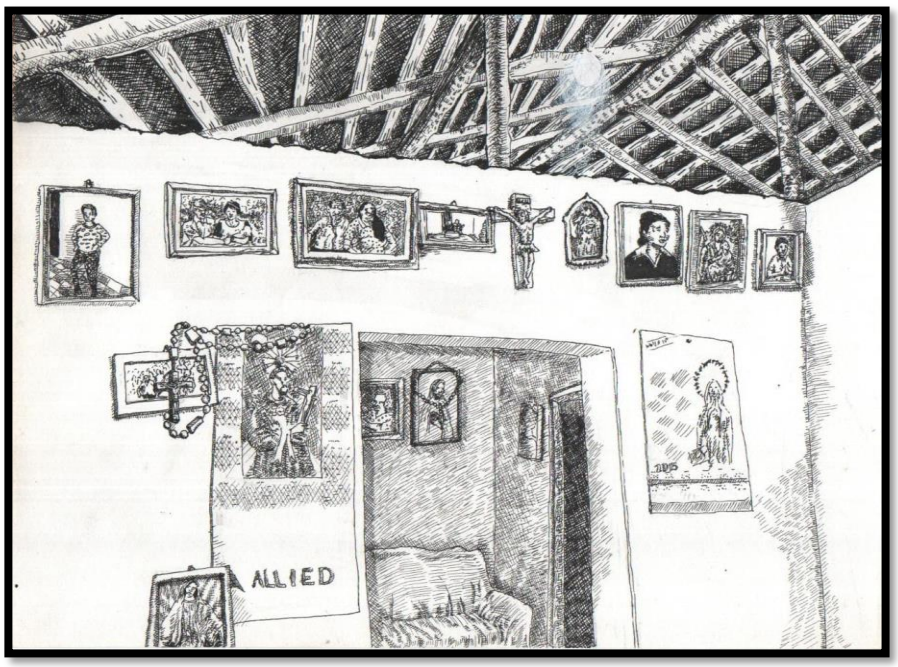


Fonte: Desenho elaborado pelo autor, caderno de campo, novembro de 2020.

Criamos ao nosso redor espaços acolhedores, expressivos, familiares, repletos de afetos. Essa valorização da sala como um lugar de memória familiar é um processo genuíno de busca de intimidade, segurança, frente a face estranha e hostil que a cidade apresenta a cada mudança. As fotografias, o terço, as imagens religiosas, o calendário com marcações de aniversários, lembretes, a foto do filho que migrou, são gestos de afeto e acolhimento, que tornam as paredes das casas uma espécie de museu familiar, isolado do mundo alienado e perverso. Eles têm uma posição tácita, mas ao mesmo tempo eloquente. Mais que uma busca estética ou de utilidade, eles dão vazão aos afetos da família, identidade, posições diante do mundo, sendo uma espécie de acalanto e um léxico íntimo. Nos falam direto à alma e nos une a um elo familiar[34].

[34] BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 25-26.

Figura 4 - As paredes da sala são depósito de uma memória familiar



Fonte: Desenho elaborado pelo autor, caderno de campo, novembro de 2020.

Junto as fontes orais, também realizei pesquisa bibliográfica e visitei algumas instituições de pesquisa, como o Arquivo Público do Estado do Piauí, a Biblioteca do Sesc Caixeral, o Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba e a Fundação D. R. Raul Furtado Bacellar, locais que me deparei com o seguintes jornais: Jornal Inovação, Diário do Povo, Folha do Litoral, além de obras de cunho memorialístico, livros produzidos por cronistas que pensaram e descreveram a cidade, seus personagens, assim como o Almanaque, edições importantes para o entendimento do tempo histórico em estudo, fazendo ver conflitos, personagens e o cotidiano da cidade, junto com literatos como Assis Brasil que abordou narrativas ficcionais que muito representam seguimentos sociais excluídos e esquecidos da cidade. Todas essas fontes foram costuradas junto as fontes orais, que, como já disse, é a principal nervura do texto.

Esse trabalho reflete sobre como esses homens e mulheres sobreviveram cercados pela natureza, sem infraestrutura, às vezes em condições precárias, compreendendo como inventavam o cotidiano em meio a adversidade, criando e recriando práticas de trabalho, estratégias de sobrevivência, representações do mundo, acessando dimensões do passado e do presente através de uma memória que se desdobra ao longo do texto. Ao mesmo tempo, busco refletir sobre a memória e suas relações com a história, entendo-a como uma forma de acesso ao tempo, marcado por rupturas, como vamos ver, mas, também, por permanências. Mesmo diante de uma evocação do passado sinuosa e plural, o que as entrevistas vão evidenciar é a

vida se materializando, resumindo-se e gastando-se em trabalho, pois, como lembra Antônio Torres Montenegro, "o mundo das classes populares é reduzido a esse universo, e a própria linguagem dos entrevistados aponta para esse fato"[35].

O primeiro capítulo, *Infância, trabalho e memória*, se volta para o trabalho da infância, aprendizagem do ofício (o roçar, pescar). Nota-se que essas memórias são vivas, pois o trabalho foi a própria vida desses trabalhadores(as). As histórias de vida debruçam-se sobre labor, o ponto nevrálgico das experiências, o ponto de partida para uma série de outras memórias relacionadas a infância, a aprendizagem, as brincadeiras etc. No entanto, o trabalho, como se vê, atropelou as "fases da vida". As memórias se voltam para as relações familiares, as representações relacionadas ao ser criança, as memórias da escola, o lúdico e a dureza da vida da criança trabalhadora.

No segundo capítulo, *Memória, família e costumes*, vamos conhecer as origens familiares, as lembranças sobre o cotidiano dentro da casa, as relações estabelecidas, as regras e costumes que rondavam essa instituição responsável pelas primeiras aprendizagens das técnicas de trabalho e do domínio sobre a natureza.

No terceiro capítulo, *Namoro, casamentos e parteiras*, o leitor encontrará o amadurecimento do corpo infantil forjado no trabalho, mas que desabrocha para as relações amorosas, o casamento, em todas as suas dificuldades e detalhes, como parto, a relação das mulheres com as parteiras, o misticismo que rondava os partos caseiros, os cuidados do corpo, o resguardo, as diversas formas de curar, os remédios caseiros, toda sorte de chás e gororobas inventadas, para, assim, tentar vencer as doenças, os abortos, "as perdas", além dos modos de crer, morar e velar os mortos.

No quarto capítulo, *as memórias do trabalho*, questiono como sujeitos encenavam e teatralizavam o trabalho e suas múltiplas performances no palco circunscrito da cidade. Essas questões são fundamentais para se entender as relações que esses sujeitos estabeleciam com o espaço e o tempo, que se mesclavam a dimensão do trabalho, entendido como esforço físico ou intelectual que visa transformar algo em subsistência. Aliás, o tema trabalho perpassa todas as dimensões da vida, atravessando todas as falas, narrativas, entendimento de si, explicação e visão de mundo, indicando que o labor é a espinha dorsal que se estrutura toda existência, seja no sentido material ou simbólico. É quase imperceptível uma separação nítida entre trabalho e lazer, infância e vida adulta, vida privada e vida pública, cotidiano e labor, sociabilidade e dor, festividade e sobrevivência, saúde e doença. Narraram com voz e corpo "o fazer", as

[35] MONTENEGRO, Antonio Torres, op. cit., p. 22.

desventuras do trabalho, os diferentes ofícios: mariscar, pescar, roçar, a arte de fazer renda. Além disso, refletem sobre suas condições de vida, o descaso do estado, ausência de políticas públicas, as carências materiais etc.

No quinto capítulo, *A ilha e cidade*, vamos perceber que a luta contra a lama, as marés, as ondas nervosas, o mangue bruto, as esporadas, cortes, lesões não eram nada comparadas a luta contra a cidade, esse monstro estranho que os trabalhadores tinham que enfrentar diariamente. Digo isso, porque, era no mercado que esses homens e mulheres vendiam seus produtos, daí a necessidade desse movimento entre a vida na água, nas roças, até o centro da cidade. Vamos adentrar nesse tópico em um novo espaço e tempo, marcado por horários rígidos, disciplinas, leis e regras no coração da cidade, observando como as narrativas dos ilhéus representam esse centro comercial, a sua importância, associando essas falas com as matérias jornalísticas.

No sexto capítulo, *Memórias e mitos*, narra-se sobre ucronia, ou seja, sobre tempo da criação, do mágico, das narrativas místicas que fundam o espaço a partir da dimensão do sagrado; memória das lendas, das estórias de assombração. É o tempo dos bravos desbravadores do espaço. É também o tempo das assombrações que rondavam o povoado. Essas narrativas lendárias da comunidade são soluções imaginárias para tensões, conflitos e contradições que não encontram meios de serem resolvidos no nível da realidade. Entender que essas "estórias" faziam sentido em uma época específica: nos tempos que não existia luz elétrica, e as famílias, vizinhos e conhecidos se reuniam na frente das casas, sentavam-se nas calçadas para ouvir e contar histórias. Todas essas histórias falam sobre a relação desse tempo mítico com o mundo do trabalho e suas interferências no universo laboral.

Boa leitura!

CAPÍTULO I: INFÂNCIA, TRABALHO E MEMÓRIA: *Nesse tempo era só roça, roça...*

> *O meu pai vendo essa situação dizia: 'eh, mias fia, só resta trabaiá, quem sabe um dia Deus não olha pra gente, por isso vamos levantar nossa cabeça. Um dia a gente há de melhorar, com fé em Deus!' (Maria da Rocha).*

Nesse capítulo, a memória evoca a infância, visitando terrenos, terreiros, roças, casas, afetos e dor. Sim, dor. Na maioria das vezes, as lembranças da meninice não são tão coloridas e felizes como dita as representações mais otimistas. O objetivo nesse percurso era descobrir como as memórias evocavam e representavam a criança que foram; o papel desses meninos(as) no seio familiar e no trabalho; quais as brincadeiras e os brinquedos são recordados por esses homens e mulheres; quais imagens povoam suas memórias sobre essa fase da vida; o papel que exerciam na sociedade. Diante dessas questões, percebe-se uma vida marcada pela dimensão do trabalho que suplanta toda existência. Assim, compreenderemos a lida nas roças e pesca, a introdução das crianças nesse universo, sem esquecer a leveza, as distrações e brincadeiras.

1.1 Infância e trabalho: *Naqueles tempos a gente criava os dentes na roça*

"Contar a minha vida é falar do meu sofrimento. Eu me entendo por gente trabalhando, sabe. Naqueles tempos a gente criava os dentes na roça". É com essa frase que Maria dos Santos Rocha[36], pescadora de 76 anos, inicia a sua história de vida marcada pelo signo das privações, dificuldades financeiras e muita labuta. A primeira imagem que lhe vem à mente é, com dez anos, acompanhando os pais na roça, desempenhando inúmeras tarefas como capinar, roçar e limpar, manejando, mesmo tão pequena, instrumentos de cortes como foice, faca e facão. Sua memória passeia pelo espaço cercado de arbusto, terra enegrecida, enlameada, úmida; os troncos queimados, a vegetação nativa, os cantos dos pássaros, os aratus. Narra:

> "[...]que a gente acordava cedo, e aí nós trabalhava capinando, arrancando os matos, cavando os buracos, enterrando os matos. Quando não, era de faca, era na enxada, sabe? Quando não era cortando arroz, pois quando ele crescia a

[36] Maria é moradora do bairro Cal, Ilha Grande/PI, e se considera dona de casa e pescadora. Mora sozinha. Marcamos uma entrevista no dia 27 de maio de 2020, mas ela não apareceu no lugar combinado. Notei que, mesmo aceitando ser entrevistada, relutava em me receber na sua casa. Fiquei frustrado, sem entender o porquê. Dias depois, de surpresa, ela me fez uma visita dizendo que queria participar do projeto. Estava eufórica, suada, com um vestido verde e seu boné característico na cabeça, a fala nervosa e muito rápida, expressão sofredora no semblante. Maria tem a pele negra, os cabelos embranquecidos, os olhos vivos, o rosto repleto de expressões e rugas que adquiriu ao longo da vida dedicada ao trabalho, como ela mesmo diz. Fomos para cozinha e, depois de uma longa conversa inicial, conseguimos acessar aspectos da sua vida.

> gente era obrigado a capinar, pois era muito mato na roça, viu. Depois de capinado, quando o arroz crescia, o arroz já maduro, nós ia cortar na faca. Era assim, a gente pegava o pé aqui, metia a faca por baixo, e cortava o cacho, pra depois fazer aqueles montes. Em seguida, colocava no paiol, né, pra poder bater arroz. Depois lascava aqueles cachos no jirau, pra mode ele se desfazer dos cachos… ah, era muito engraçado, senhor. Depois, ensacava, colocava dentro das canoas e levava pra pilar nas fábricas… e era muito bom, pois uma parte era pra vender e outra para comer[37].

Percebe-se o detalhamento das fases do trabalho, lançando-nos dentro das roças, esmiuçando os processos e rotinas. Mesmo centrando-se em suas próprias experiências, nota-se o uso do pronome "a gente", indicando que, ao narrar, Maria fala a partir da perspectiva do grupo social que faz parte, e que mesmo radicado na subjetividade, "a memória só ganha consciência de si em comunicação com outros"[38]. Além do mais, a memória que prevalece em grande parte da narrativa é uma *memória-hábito*, que, como afirma Joel Candau, é uma espécie de memória incorporada, marcada na carne, relacionada às técnicas do corpo[39]. A sobrevivência no espaço se dava com a incorporação e repetição de uma série de gestuais como o capinar, roçar, arrancar, cavar, e a aprendizagem de tais saberes se incorporava junto às práticas.

A memória privilegia o trabalho como a principal nervura que atravessa corpo. Narrar a vida pelo "trabalho', como assevera Ecléa Bose, "indica que o trabalho é o sentido e a justificação de toda uma biografia"[40]. A memória se implanta essencialmente em um tempo privado, íntimo, com menções biográficas[41]. Desse modo, Maria observa as fases da vida, as mudanças fisiológicas gastando-se no interior das roças, através da expressão "crescer os dentes dentro das roças", compreendendo-se enquanto menina, mulher e mãe na labuta. Continua: "Até mesmo menstruada eu trabalhava, pois era o jeito, e quando chegava em casa era com dor de cabeça...". O "menstruar nas roças" é um desrespeito às lógicas do corpo, aos seus fluxos e fluidos em prol da produção. O sangue que cai no terreno da roça deveria ser enterrado, escondido, desprezado, maculava a terra e o trabalho; diferente do sangue dos homens, os guerreiros, que irrigam a terra de glória, destemor e valentia[42].

Ela cria demarcadores temporais, como as expressões "naqueles tempos" indicando um tempo seu", tempo do trabalho; tempo em que as meninas "criava os dentes dentro da roça", "menstruava nas roças". Essa gramática dos tempos, conforme Paul Ricoeur, são expressões

---

[37] ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.
[38] CATROGA, Fernando. *Memoria, História e Historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015, p. 11.
[39] CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo. Editora: Contexto, 2014, p. 22.
[40] BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 15 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 481.
[41] CANDAU, 2014, p. 22.
[42] PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Contexto, 2007, p. 44.

que visam encapsular o tempo vivido no interior da narrativa, usando de expressões de extrema sutilizas como essas de Maria, buscando orientar-se em meio ao caráter durável e público do tempo da preocupação[43]. Maria, ao longo de sua fala, esquece de vários episódios de sua vida, até mesmo o ano do nascimento, mas ao falar do trabalho, sua memória floresce, pois o trabalho fora sua vida. As maneiras de trabalhar, as práticas, adentravam pelos seus poros, materializando-se no corpo; um corpo que lavra, capina, arranca, cava, enterra, colhe, carrega, vende e come. São esses aprendizados silenciosos que se manifestam no cotidiano, como nos ensina Michael de Certeau, saberes que não precisam ser ditos, ensinados, mas praticados, que se desenvolvem no fazer, longe das enunciações escriturísticas[44].

Tinha-se o costume de inserir as crianças no trabalho desde muito pequenas. É sobre esse costume que fala Maria Pureza[45], 70 anos, moradora do bairro Tatus, que se casou muito jovem, vindo acompanhar o marido no serviço das roças. Ao lembrar dos modos de vida da comunidade, algo marca sua memória: a forma como sua sogra cuidava dos filhos menores. "Naqueles tempos", conta ela, "os pais levavam os meninos pequenininho. Amarrava a rede debaixo de pau grande, sabe, fazia um rancho, como eles diziam, e os maiorzinhos cuidavam dos menores"[46]. Continua em seguida lembrando das astúcias da sogra que improvisava "mil maneiras" de nutrir os filhos usando o que tinha a disposição: "A minha sogra era assim (...), quando na hora de fazer a mamadeira, ela ia nas roças, tirava cana, batia bem batidim, cabá trucia e fazia um mingau no caldo da cana, depois peneirava goma e cozinhava junto"[47]. Esses alimentos "engrossados' tinham o intuito de fortificar os pequenos e não os perder para as doenças, além de fazer com que abandonassem o peito o mais rápido possível, ganhando robustez e, assim, ajudarem os pais nos trabalhos da pesca e roça. A memória, como podemos ver, retrata um tempo que as roças eram grandes sistemas de produção, em que famílias inteiras

[43] RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa: a intriga e narrativa histórica*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 110.
[44] CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*: Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990, p. 22.
[45] Maria Pureza Monteiro Nascimento, nasceu em 25 de junho de 1951, em uma comunidade chamada Cana Brava. Moradora do bairro Tatus, Ilha Grande do Piauí. Aposentada, diz que hoje só faz os serviços de dona de casa, mas que trabalhou durante muito tempo nas roças. A entrevista aconteceu na sua residência, uma casa de paredes rosas e com um grande terraço. Quando chegamos, ela já nos esperava, banhada, penteada e perfumada, com três cadeiras já à postos. Na sala, sofá, cadeira, uma estante com uma pequena TV. Na parede, algumas fotografias: Pureza jovem; Pureza com mais duas pessoa no pé de uma imagem enorme de um santo; e um filho. Pureza é uma mulher vaidosa, que na época da entrevista vestia uma blusa cinza com detalhes vermelhos e uma saia preta com estampas floridas. Sua fala era calma, doce e maternal.
[46] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.
[47] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.

se debruçavam sobre essa atividade, e cada membro desempenhava papéis específicos dentro dessa engrenagem, inclusive as crianças.

É a sombra das sociedades do adulto que se projeta a infância, afirma Halbawachs no livro a *Memória Coletiva*. A criança, segundo o sociólogo, pode ser impelida a tomar parte nos encargos e responsabilidades do mundo dos adultos, recaindo, nos ombros frágeis, um peso descomunal. "É por isso que dizemos que determinadas pessoas não tiveram infância", diz o sociólogo. A necessidade do "ganhar o pão" se impôs muito cedo, fazendo com que as crianças lutem pela sobrevivência, levando-as, assim, a conhecerem um tipo de sofrimento normalmente reservado aos adultos[48]. É essa sombra do mundo adulto e suas exigências que Rosa Maria[49] descreve, ao dizer: "Eu com dez anos de idade, comecei a plantar arroz, capinando o arroz depois de nascido, por isso mesmo me considero uma trabalhadora rural, por causa dessa minha luta desde pequena"[50]. Mesmo considerando-se trabalhadora rural, a sua vida, assim como de muitas narradoras, é marcada pela multiplicidade, no sentido de que sua história de vida, como vamos constatar, é marcada por inúmeras tarefas como mariscar, pescar, lavrar, evidenciando uma identidade diversa, "pois se multiplica dependendo dos quadros das relações e interações socioculturais que estabelece"[51].

Ela diz que sempre foi disposta a trabalhar, e desde pequena acompanhava o pai na venda toras de paus para fazer cerca de porta em porta. A venda dessas estacas não era suficiente para manter a família, obrigando-o a investir todas as forças nas roças, meio de vida muito comum na região do Delta do Parnaíba, região de terreno úmido, banhado naturalmente pela água doce, propicias ao cultivo do arroz, feijão, mandioca. Por volta dos anos 1960, seu pai, Francisco Freitas Galeno, inicia o plantio de arroz na Ilha das Batatas. Rosa Maria, com dez anos, acompanha o pai na roça e aprende as artes da lavra: "Primeiro ele brocava o terreno, limpava,

[48] HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003, p. 48.
[49] Rosa Maria Silva Lopes, nasceu em 1952. Moradora do Baixão, Ilha Grande/PI. Se considera trabalhadora rural. Mesmo aposentada, até hoje pesca, apanha castanha, e diz não conseguir ficar quieta. A entrevista ocorreu na casa de sua falecida mães, no terraço. Nesse dia, estava com uma camisa branca muito simples, uma bermuda jeans. É uma mulher negra, de cabelos encaracolados, embranquecidos, de mãos grossas. Detalhe para seu colar de miçangas, feito de barbante que sempre carrega no pescoço. Sua fala é firme, como se professasse a verdade máxima. Um detalhe de sua entrevista, ela sempre me provoca dizendo que não havia perguntado a ela sobre isso e aquilo, e, em seguida, tratava de responder, conduzindo a entrevista, a partir dos temas de seu interesse. Demonstrou-se muito lisonjeada de ser escolhida para participar do projeto. Dizia: "só assim as pessoas vão conhecer um pedaço da minha história. Só um pedaço, pois tem coisas que vou levar pro túmulo". Ela fez questão de que a entregasse o áudio, em um *pen drive*, para que que pudesse escutar sua voz e sua história de vez em quando.
[50] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.
[51] CANDAU, op. cit., p. 27.

plantava, plantava para depois colher. Mas, o terreno não era dele. Ele trabalhava na terra desse homem, e pagava essa terra com renda de arroz, feijão (...), tudo era pago com renda"[52].

De acordo com o relato, o trabalho nas roças exigia paciência, cuidado e dedicação. É pelo trabalho que Rosa Maria entra no mundo dos adultos, acompanhando o pai no serviço das roças, observando seus movimentos, copiando os gestuais, atenta as condições do solo e as temporadas de plantar e colher. A memória, nessas evocações da infância, mergulha nos "quadros sociais" da família, uma vez que a narradora se apoia na imagem do pai para explicar sua trajetória nas roças. Dessa maneira, encontra-se imagens, pensamentos e lembranças ligadas as pessoas que a rodeavam. Nessa imagem, usada para sensibilizar os colaboradores, elaborada com base nas descrições e relatos sobre o trabalho coletivo nas roças, representei a roça de arroz em que famílias se debruçavam, sobretudo no momento da colheita, época que mulheres, homens e crianças se empenhavam no trabalho.

Figura 5 - Trabalhadores na roça: homens, mulheres e crianças



Fonte: Desenho elaborado pelo autor, janeiro de 2021.

Sobre a condição do trabalhador (a) da roça, no caso específico do pai de Rosa Maria, ele usava as terras de terceiros e pagava com o chamado arrendamento, ou seja, com um/quarto da

[52] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.

produção pertencia ao proprietário. Mas, como ela mesma diz, "o que fez a vida inteira foi trabalhar", e completa, "eu acompanhava o meu pai não era porque minha mãe obrigasse. Eu ia porque gostava!"[53]. Na faixa dos doze a quatorze anos, Rosa Maria já oferecia seus serviços para lavradores que necessitavam de braços, sobretudo, no "corte do arroz" (a colheita), pois era comum, entre os anos de 1960 e 1970, as roças serem invadidas por mulheres com sacas na cintura que ajudavam na safra. No final, recebia um percentual do arroz cortado, prática que denominada de "trabalho de metade". "Com esse pagamento", diz ela, "eu vendia um tanto e ficava com outro. Se ganhasse cinco latas de arroz, por exemplo, eu ficava com três latas, e o resto eu vendia, e com aquele dinheiro eu comprava um vestido, uma coisinha, era assim"[54].

Na mesma linha, Maria Luísa[55] pinta o quadro da sua infância com muita leveza, afirmando que "sempre foi espevitada, e que gostava de acompanhar os pais na roça". "Ficar em casa, era uma tortura", diz, pois adorava sair com os irmãos para caçar passarinho, pescar nas lagoas, escalar os morros, subir em árvores, banhar nos rios até cansar. Maria Luísa é marisqueira, moradora dos Tatus, presidente da associação das Marisqueiras – na época da entrevista. Seu discurso, ora e outra, se volta para questões relacionadas a luta dessas mulheres trabalhadoras por melhores condições de vida e trabalho. Fala de um tempo em que suas memórias se entrelaçam com as memórias de seu grupo de convívio, no caso, os irmãos, pois, conforme Halbawachs, quando rememoramos dados da infância, não conseguimos ir além dos grupos que convivemos intensamente, como é o caso dos familiares e amigos[56]. Nessa fase, o contato com outros grupos é muito restrito, e, por isso mesmo, é tão viva, quando se lembra da infância, a memória familiar. Ao narrar sobre o trabalho, Maria Luísa fala de um tempo específico, das relações com os irmãos e das condições materiais da família:

> "Naquele tempo nos ia pros cajus, pras lenhas, buscar manga, pra toda parte... no tempo dos cajus, era tanta castanha, que eu mais meus irmãos, a gente enchia um quarto que tinha lá em casa desocupado. E quando era mês de dezembro a gente vendia, né, que era pra gente comprar as roupas do festejo. Agora imagine criar 12 meninos, nas condições só de apanhar arroz... minha, filha, era pesado, não tinha condição. Naquela época, se dava graças a Deus

[53] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.
[54] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.
[55] Maria Luísa de Sousa Santos, nasceu em 19 de junho de 1960. Moradora do bairro Tatus, Ilha Grande/PI. Na época da entrevista, exercia o cargo de presidente da associação das marisqueiras. Sobre a profissão, considera-se marisqueira e pescadora. A entrevista ocorreu em sua casa, no terraço cercado por instrumentos variados de trabalho, além de duas gaiolas com pássaros penduradas na coluna. Num primeiro momento, Luísa centrou-se em narrar aspectos da sua luta como marisqueira e representante de uma instituição. Somente em seguida, com o estabelecimento da confiança, acessou outras áreas da sua vida. Luísa é mulher de pele negra, cabelos crespos, olhos castanhos, fala firme e habilidosa.
[56] HALBAWACHS, op. cit., p. 48.

> comer todo dia. Porque eu lembro que a gente ficava esperando o meu pai chegar da roça, o arroz já feito, e nós tudim dormindo, e lembro que a mamãe acordava nós para comer assim "minha filha, o teu pai chegou, rumbora comer...", isso já umas oito horas da noite. Minha filha, naquele tempo era assim...[57].

Ela vai se firmando como menina ativa, laboriosa, que desempenhava inúmeras atividades e práticas de trabalho, como extrair frutas, buscar lenha, explorando os quatro cantos da ilha, embrenhando-se sub-repticiamente pelas matas, apanhando castanhas ao lado dos irmãos, num trabalho coletivo, que tinha como fim a venda, e, com o apurado, compravam-se roupas para os festejos de fim de ano. Essas práticas desempenhadas pelas crianças, são procedimentos multiformes, pequenas resistências, astucias e teimosias que visavam vencer as carências, a fome, por meio de atividades imediatas. Como ela deixa claro, a família era muito numerosa, com doze filhos, sobrevivendo dos frutos da lavoura. Alguns dias do ano, essas crianças dormiam com a barriga vazia, surpreendidos por gritos e empurrões da mãe, acordando-os para jantar, já que o pai acabara de chegar com o alimento do dia, saciando a fome dos pequenos, pois, como diz a canção: "barriga seca não dá sono"[58].

Por outro lado, a infância é descrita com risos nos lábios ao lembrar das brincadeiras com onze irmãos na roça, da forma como improvisavam o cotidiano, criando brinquedos de barro, casinhas de talas de carnaúba, as brincadeiras de pega-esconde nas matas, os banhos e disputa na água. Seria ingênuo imaginar essa criançada dentro das roças e acreditar que apenas trabalhavam incansavelmente. As roças aguçavam a criatividade e a inclinação desbravadora das crianças. Por tudo isso, Luísa olha firme nos meus olhos e diz que "trabalhava porque gostava", afirma. Em seguida, o semblante fica mais rígido, como uma troca de humor súbita, sua fala se altera, dizendo "que hoje as pessoas chamam isso de trabalho escravo, mas não era trabalho escravo... era outro tempo!"[59].

O tempo que Luísa se reporta é aquele em que as famílias emaranhavam-se diretamente aos rios, a natureza, as marés, as estações; tempo em que o trabalho na roça e pesca se misturavam ao cotidiano, a privacidade, e as crianças eram lançadas, naturalmente, nesse universo. Noto, além disso, uma censura inconsciente a não culpabilizar os pais pelo trabalho,

---

[57] SANTOS, Maria Luísa de Sousa. *Eu pulava na canoa e me escondia, pra não pagar.* Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 29 de outubro ade 2020.

[58] Verso da canção Filho do Dono, interpretado por Flávio José, que fala sobre a desigualdade, pobreza, refletida na desolação da seca, em que os bois e as crianças sofrem com a fome e a desigualdade, e, diante desse cenário, muitos fingem não ver. Por isso diz que todos temos que ver esses problemas e assumir suas responsabilidades, pois, se não somos filho do mundo, somos filho do dono.

[59] SANTOS, Maria Luísa de Sousa. *Eu pulava na canoa e me escondia, pra não pagar.* Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 29 de outubro ade 2020.

pois lembra a infância que viveram contrapondo-a com a ideia de infância hoje, resguardadas por órgãos e legislação específica.

Sobre o assunto, a antropóloga Clarice Cohn, no livro A *antropologia da infância*, texto que analisa as diversas formas de ser criança no seio de comunidades por ela estudada, chega à conclusão de que, nas sociedades tradicionais e do campo as crianças comumente desempenham algum trabalho. Por isso, ela usa o conceito de "criança atuante" para nomear aquelas que têm um papel ativo na constituição e nas relações sociais, não sendo, portanto, passiva na incorporação de papéis e comportamentos sociais, inclusive no de desenvolver funções[60]. Da sua maneira, Luísa defende a tese da criança atuante, que, numa comunidade voltada ao trabalho, é coagida a assumir funções.

Dona Maria Veras Santos[61], 79 anos, moradora do Baixão, diz que nasceu no Labino e sempre acompanhou os pais nas roças. Adota esse modo de educar, pois também levava os filhos pequenos para trabalhar. Lembra que uma vez, o sol ainda tímido, caminhava rumo ao igarapé com a tropa de guris e se deparara com um conhecido: "e ele me chamou e disse assim: 'Não leve esses meninos desse tamanho pra trabalhar não'. Eu olhei pra ele e disse assim: 'Ora mais, é melhor eu levar eles pra roça do que deixar esses meninos andando na rua ou atentando nas casas dos outros, seu Benedito'[62]. Nota-se que ao ser questionada sobre a forma como educava os filhos foi encarada como uma afronta, pois os genitores das camadas populares e ribeirinhas educavam as crianças priorizando o trabalho em detrimento da escola ou lazer, concebendo a infância como fase primordial para forjar o "sujeito trabalhador", oposto do vadio. Esse costume de levá-las a roça desde cedo diz muito sobre o modo de ser ribeirinho, as relações familiares e, mais do que isso, o ideal de homem e mulher que a comunidade buscava forjar: trabalhadores (as) capazes de usar a força do corpo para sustentar a família. Dessa maneira, as crianças cresciam a sombra dos pais, acompanhando-os nas tarefas do dia a dia.

Voltando as memórias de Rosa Maria, ela nos apresenta novas sutilezas desse trabalho da criança no seio familiar, restrito as filhas mais velhas do casal ribeirinho. Se por um lado, o primogênito estava destinado a acompanhar os pais nas roças, as meninas, por outro, cuidavam dos irmãos menores e da vida doméstica. Isso porque, tanto pai quanto a mãe, necessitavam

---

[60] COHN, Clarice. *Antropologia da Criança*. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2000, p. 20-23.

[61] Maria Costa Santos Veras, 79 anos, moradora do Baixão, trabalhou durante muitos anos na roça. Hoje se encontra adoentada, mas ainda se atreve a fazer algumas atividades doméstica. A entrevista ocorreu nos fundos da sua casa. No primeiro momento estava distante, tímida, mas, chamada pelo marido, terminou falando um pouco sobre sua vida de mulher trabalhadora. Maria é uma mulher magra, de aspecto frágil. Tem a pele morena, os cabelos crespos. Caminha com muita dificuldade.

[62] SANTOS, Antônio Veras do; SANTOS, Maria Costa dos. *Olhe, quando chegava da roça, que eu ia jantar, eu comia minha janta com areia*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 23 de agosto de 2020.

trabalhar fora para garantir a sobrevivência da família, deixando os filhos menores sob responsabilidade da filha mais velha[63], responsável em substituir a mãe na ocasião. Rosa Maria, lembra que acompanhava os pais nas roças, contrapondo sua posição a da irmã: "Diferente da minha irmã mais velha que não podia acompanhar o papai na roça porque era ela que cuidava de todos os irmãos" diz. E, conclui: "Eu considero ela como minha segunda mãe. Ela passava mais tempo com a gente, pois a mamãe também tinha que trabalhar"[64].

Inácia Maria Silva Paz[65], 61 anos, moradora da Rua da Glória, Morros da Mariana, começa sua narrativa afirmando "(...) eu lembro... coisa deu criança eu lembro tudo, agora as de hoje eu esqueço tudo". Essa frase de Inácia nos leva a reflexão de Candau que diz que: "cada um de nós tem uma memória e é capaz de discorrer sobre ela, para destacar suas particularidades, interesses, profundidade e lacunas"[66]. A memória, por esse ponto de vista, é trabalho, ou seja, é um incessante enveredar pelo tempo vivido. E as memórias da infância estão calcificadas porque a comunidade familiar da qual fez parte exerce uma função de apoio para suas experiências. O conjunto de suas lembranças, conforme Ecléia Bose: é uma construção social do grupo em que ela vive e viveu[67]. É no grupo familiar que ela se apoia quando lembra dos treze irmãos, e sobretudo das irmãs que "morreram grandinhas".

A forma amorosa como lembra dos irmãos se justifica por ser a primogênita, responsável por assumir a criação dos menores, cuidando e castigando quando necessário, já que seu pai vivia na roça, e sua mãe "saia pra trabalhar, pro marisco, pra roça, naquele tempo ela saia pra apanhar arroz, ia pra feira, saia pras lenhas (...), e eu mais velha, pequenininha, culuminha, com oito nove anos, ficava cuidando deles tudim"[68]. Inácia, portanto, não só cuidava de todos os irmãos - banhando, alimentando-os, disciplinando-os -, como também desempenhava

[63] Algumas situações o filho mais velho. Mesmo sendo raro, isso acontecia.
[64] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.
[65] Maria Inácia Silva Paz, conhecida como Tia Moça, nasceu em 1979, moradora da Rua da Glória, Morros da Mariana, Ilha Grande/PI. Diz que trabalhou por muito tempo na roça. Atualmente, está à frente de um empreendimento, um restaurante, na própria casa, em que oferece alguns pratos típicos da região. É muito famosa por causa do seu tempero. Considera-se uma grande cozinheira, mesmo sendo modesta. Sua família é do Ceará. Escolheram os Morros da Mariana para estabelecer morada, em busca de novas oportunidades de vida. Embora seja de uma inteligência viva e de uma memória invejável, estudou muito pouco. Demonstrou-se muito simpática, espirituosa, engraçada e com grande facilidade para narrar histórias, sobretudo as mais pitorescas, contada sempre com muita graça. Inácia é baixa, morena clara, forte, cabelos castanhos lisos. A entrevista ocorreu na sua casa, no terração, em volta de uma grande mesa, e durou algumas tardes.
[66] CANDAU, op. cit., p. 24.
[67] BOSE, op. cit., p. 54.
[68] DA PAZ, Inácia Maria Silva. *A gente é criança mas a gente tem vergonha*. Entrevista concedida a Juliana Dantas e Daniel Braga. Ilha Grande/PI. Em 24 de setembro de 2020.

atividades domésticas "como varrer, lavar, cozinhar", em uma época que não havia distribuição de água, exigindo esforços dobrados na realização de tais tarefas.

"Eu sou de 25 de setembro de 1945, eu nasci no último dia da guerra mundial", diz Dona Firmina[69], lembrando da data do seu nascimento com base em um marco histórico, a Segunda Grande Guerra, e no dia de São Firmino, santo que originou seu nome. Esses marcos da história oficial servem como referência para sua vida privada, apoiando o seu nascimento a um tempo cronológico monumental. Com 2 anos, continua, a mãe adoece e, em decorrência, termina falecendo no ano de 1957, fato que muda o curso da sua vida. O pai casa-se novamente, e a avó, vendo a neta crescer sem perspectiva no interior, termina levando-a para morar na casa de desconhecidos na esperança de melhores oportunidades. Depois desse dia, começa a trabalhar em casa de família:

> "Eu com idade de oito anos comecei a ir para casa das tias, ajudar a criar menino. Aí de oito até dezesseis anos, minha vida foi essa. [...] Com meus dezesseis anos, como diz a história, eu fui embora. Eu sempre digo, eu não tive juventude, eu não soube o que foi ser criança, porque minha vida foi sempre, trabalhando, trabalhando, trabalhando..."[70].

A vida de Dona Firmina muito se parece com a de várias meninas oriundas de famílias interioranas e pobres do Piauí, meninas, que, em tese, são mais afeitas ao serviço doméstico e ao ato de cuidar. Por isso, acabam sendo doadas a famílias mais abastardas. No entanto, muitas delas terminam na condição de empregadas domésticas, babás, em uma jornada de trabalho exaustiva, sem remuneração ou remuneração baixíssima. Segundo a historiadora Michelle Perrot, as criadas, empregas domésticas, são oriundas de famílias numerosas, que não podem sustentá-las, nem, empregá-las, pertencentes da camada mais pobre e mais exposta do mundo rural[71]. Essa exploração do trabalho de meninas é velada por uma relação de apadrinhamento

---

[69] Firmina Araújo Amaral nasceu em 1945, "no derradeiro dia da Segunda Guerra Mundial", como ela diz. Oriunda de um pequeno povoado do Ceará, que foi obrigada a abandonar depois da morte da mãe, quando tinha apenas dois anos de idade. É enviada para casa de parentes para trabalhar como babá. Nessa época, peregrinou por várias casas de família trabalhando com empregada doméstica e babá. Ainda muito jovem, casa-se com um pescador dos Morros da Mariana, vindo a morar nesse povoado por volta dos anos 70. Firmina exerceu várias profissões: empregada doméstica, merendeira, destacando-se, sobretudo, na costura. Porém, durante muitos anos ajudou o marido nas roças e pescarias para, assim, poder criar os filhos. Além do mais, teve uma atuação política à frente da associação dos idosos, como líder comunitária etc. Na época da entrevista, que ocorreu na sua residência, na sala, cercada por seus objetos, fotos, imagens de santos, sentada na sua cadeira de balanço, encontrava-se debilitada. Andava com dificuldade e não conseguia fazer algumas atividades domésticas, fato que a deixava frustrada. Firmina diz que analfabeta de caneta, mas não de cabeça. É de uma inteligência invejável, tamanha a lucidez e memória. Pode ser considerada uma narradora plena, tamanha sua habilidade de contar sobre os fatos da vida, além das crônicas sobre a comunidade. Ela tem cabelos brancos, pele clara, olhos castanhos míopes, tem uma fala musical, firme e eloquente.

[70] AMARAL, Firmina Araújo. *E como eu disse, eu sou analfabeta de caneta, mas de cabeça eu sou nada*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em, 09 de outubro de 2020.

[71] PERROT, op. cit., p. 112.

enraizado na cultura brasileira a partir da ideia de "pegar meninas para criar", eufemismo que legitima o trabalho infantil de meninas que, na verdade, são aliciadas para o trabalho doméstico.

As lembranças dessa época são intensas, narradas com pesar, como se Firmina revivesse os constrangimentos, os afazeres e a indiferença dos donos da casa que vivia de favor. Essas lembranças são memórias da alma, como diz Sandra Jatahy Pesavento, rememorações sensíveis que, pela evocação ou pelo rememorar de uma sensação, reproduz a experiência do vivido, reconfigurado pela presença do sentimento[72]. Firmina lembra que não era tratada como integrante da casa, e "proibiam eu pegar numa fruta, numa coisa, e brigavam comigo quando eu quebrava um prato, uma xicara", e suas atividades iam desde o engomar, varrer, até cuidar das crianças. Diz Firmina:

> Minha filha, de primeiro, os pais tinham uma mania de botar as meninas na casa de fulano de tal. Só para sofrer. Feliz daquele que cuidava dessas crianças, né, porque a maioria era menina, os pais, nessa época, davam as meninas. Mas no final das contas, a gente ia era pra trabalhar mesmo. Era pra ser escrava! A maioria ia pra ser escrava. Eu sempre digo. Nunca tive direito de... eu mesmo estava dizendo...[73].

Confirma, nesse fragmento, que a prática de "dar as meninas" era hábito das famílias, e que a maioria delas não eram vistas como parentes, e sim como empregadas, que deveriam trabalhar lastimosamente, às vezes, sem ganhar nada, só por comida e dormida. Ela compara esse serviço com o serviço de escrava, ressaltado essa palavra com muita energia. No final, sua fala é marcada por um silêncio cortante, um silêncio eloquente, silêncio de quem acha que já falou o bastante; silêncio de quem não quer se expor, nem expor ninguém e muitos menos rememorar algo que ainda lateja na memória, demonstrando que a memória é marcada por silêncios, lapsos. Segundo Philippe Joutard, existe uma espécie de esquecimento que vai muito além da perda natural da memória que ele intitula de "esquecimento voluntário", "aquele do qual não se quer ter lembranças, porque perturba a imagem que se tem de si"[74].

Ao lembrar, meio que vamos reconstituindo a imagem de nós mesmos, e essa imagem é criada pelo nosso aparelho psíquico que visa restringir as memórias que estão desalinhadas com o "eu". Situações que nos desabonam, por exemplo, ou nos inferiorizam, abrindo feridas, são rebaixadas ou colocas na condição de esquecimento. E esse rebaixamento de memórias

---

[72] PESAVENTO, Sandra Jatay; LANGUE, Frédérique. (Orgs.). *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 13.
[73] AMARAL, Firmina Araújo. *E como eu disse, eu sou analfabeta de caneta, mas de cabeça eu sou nada*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em, 09 de outubro de 2020.
[74] JOUTARD, Philippe. *Desafios à história Oral do século XXI*. (In.) FERREIA, Marieta Morais, FERNANDES, Tania Maria, ALBERTI, Verena. História Oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/ CPDOC, 2000, p. 222.

dolorosas e constrangedoras tem uma função de proteger nossa saúde psíquica, pois, como diz Jô Gondar: o homem e a mulher, ao lembrar, nunca colocam em xeque o seu "EU", e, ao mesmo tempo, a memória só pode favorecer a criação e ação ao combinar-se com o esquecimento[75].

A infância é um lugar que a memória revisita com frequência. E essa infância, comumente, é confundida com brincadeiras, risos, "a aurora da vida", tempo que "o mar é um lago sereno, o mundo, um sonho risonho, a vida, um hino de amor", como nos diz Casemiro de Abreu, no seu celebre poema *Meus Oitos Anos*[76]. No entanto, longe das representações risonhas e coloridas da infância, como a do poema, percebe-se que essa fase não é homogênea para todos os grupos e lugares, existindo uma enorme distância entre as imagens positivas da infância e o cotidiano que muitas crianças estão imersas. Como nos diz Mary Del Priori, na introdução do livro *a História da criança no Brasil*, o mundo que a criança deveria "ser" ou "ter" é diferente daquele onde ela vive, ou no mais das vezes, sobrevive[77].

A separação dolorosa da casa da avó, da perda da mãe, dos dias de trabalho incessante como empregada doméstica, das noites que chorava amargurada em virtude dos constrangimentos que enfrentava, são lembranças que atravessam e emergem de forma involuntária, sempre carregada de afetividade[78]. Fala olhando firme nos meus olhos, gesticulando muito. Depois de uma longa conversa sobre sua atuação política – era líder comunitária -, vai contando aos poucos aspectos de sua vida privada, e a infância é um gatilho, mesmo negando-a: "olhe, meus filhos, eu não soube o que é ser criança, eu não tive juventude", diz, insistindo em lembrar dos pequenos e martirizantes sofrimento que viveu nas inúmeras casas que passou, restando-lhe no final o choro e o apego a figura da mãe que a morte levou sem ao menos deixar-lhe imagens de seu rosto, cabelos, cheiro: "E eu chorava, eu chorava, e eu chamava ela, a minha mãe, parece que dava aquele conforto, né, pois era o nome dela que vinha na cabeça e coração, mesmo sem eu me lembrar de nada"[79].

Cristina Scheibe Wolff vem nos dizer eu os afetos fazem parte da condição humana, mas emergem dentro de uma cultura e grupos específicos. As emoções e afetos agem e interferem e, também, são interferidos por nossas experiencias, portanto tem um lugar no tempo, sujeitos

---

[75] GONDAR, Jô. *Lembrar e esquecer: desejo de memória*. In. COSTA, Icléia Thiesen Magalhães; GONDAR, Jô. Memória e Espaço. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000, p. 41.
[76] CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José A. *Presença da Literatura Brasileira do Romantismo ao Simbolismo*. VII ed. Rio de Janeiro: DIFEL 1978, p. 7.
[77] PRIORE, Mary Del. História da Criança no Brasil. São Paulo: Contexto, 1999, p. 8.
[78] ALVES, Jacy. *Percurso da memória em terras da história.* In: BRESCIANE,Stella. Memória e res(sentimento). Indagações sobra uma questão do sensível. SP: Campinas, 2004, p. 47.
[79] AMARAL, Firmina Araújo. *E como eu disse, eu sou analfabeta de caneta, mas de cabeça eu sou nada*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em, 09 de outubro de 2020.

a historicidade[80]. O sensível, portanto, é aquilo que sentimos através dos sentidos, ou aquilo que expressamos através das reações corporais. Observe que Firmina narra um misto de emoções que vai desde a solidão, o desprezo, angústia, medo, apegando-se mãe falecida, rogando para que a protegesse e intercedesse por ela. Narra-se como criança que se sentia sufocada por demandas e cobranças muito maiores que ela, restando-lhe o choro e os esboços de imagens da mãe falecida que sua memória insistia, mesmo sem substância, refazer.

Como se ver, a menina Firmina é orientada desde cedo para o trabalho - o adestramento físico e moral -, sobrando-lhe pouco tempo para cultivar a imagem que normalmente a criança está associada: a do riso e brincadeira. Essa fase da infância é marcada por uma grande perda: a morte da mãe, memória tão recorrente na medida que surge o tema da infância: "e a memória, nesse momento, mistura-se com o esquecido que sempre vem com o rosto retocado, bater à porta do andar de cima onde mora o ato de recordar"[81]. A memória de Firmina percorre sobre a ponte da saudade, pois é uma memória que deseja tornar presente o que se sabe ausente, preenchendo algo tão caro e valioso com sensações, afetos e consideração. É um rememorar centrado na alma, um olhar interior que vasculha os escombros do tempo vivido, expressando sentimentos e sensibilidades[82].

Ela termina suas memórias sobre o ser criança dizendo que não podia brincar e nem mesmo tocar nos brinquedos das crianças que ela – também criança - cuidava: "Eu lembro que nunca na minha vida tive direito de pegar uma boneca, pra dizer assim 'menina, tá aqui!", ressaltando, em seguida, sua paixão por bonecas depois de adulta, sendo uma forma de compensar a infância sem brinquedos: "depois tenho trabalhado tanto com bonecas. Gosto! Porque desde criança eu tenho trabalhado com costura", diz ela, "e eu gosto de ajeitar boneca, *né*. Eu pego uma boneca e ajeito ela todinha, eu tenho muita facilidade de consertar boneca. Aí eu banho, faço roupa, arrumo direitinho"[83]. Firmina fala de um tempo sensível que "não se pode compreender em linha reta, não está posto numa cronologia, pois se desdobra em outros tempos, no tempo que só pode ser construído pela narrativa"[84].

1.2 O brincar: *era uma vida livre*

[80] WOLFF, Cristina Sheib. *Gênero, emoções e afetos na política*. WOLFF, Cristina Sheib (Org.) *Políticas das emoções e do gênero no Cone Sul.* Curitiba: Brasil Publishing, 2021, p. 237.
[81] CATOGRA. Op. cit., p. 20.
[82] PESAVENTO, op. cit., p. 10.
[83] AMARAL, Firmina Araújo. *E como eu disse, eu sou analfabeta de caneta, mas de cabeça eu sou nada*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em, 09 de outubro de 2020.
[84] SANTOS, Marcio Pereira. *O sensível acesso ao passado: memórias e esquecimento*. AHPUH-XXV. Simpósio Nacional de História. Fortaleza (CE), 2009.

O cronista Humberto de Campos, na obra *Memórias Inacabadas,* lembra da infância e, especificamente, dos Morros da Mariana como "lugares íntimos da memória". Cercado de coqueiros farfalhantes, montes de areia fina, centenas de casas de palha e o braço de rio que recua e avança, o povoado é denominado como o "arraial" em que sua família esconde a pobreza. É nesse lugar que a memória do cronista passeia, falando da infância livre, "alheia ao livro, chefiando um grupo de caboclinhos, peraltas da mesma idade, que passavam o dia todo em correrias pelo arraial, esperando a hora da maré e dos tumultuosos mergulhos no rio"[85], lembrando dos morros de areia fina que mais parece "seio de mulher turgido, branco e imaculado", e conta que seu divertimento era "subir, de quatro pés, o alto desse morro, e, deitados, rolar para baixo, enrolados na areia quente, até cairmos no rio; e essa proeza fazíamo-la nós, vinte, trinta vezes, sob o sol ardente"[86].

Assim, como Humberto de Campos, a infância é representada de forma livre, não tão mágica, como vimos, por causa do trabalho e a carência material familiar. Mesmo assim, é possível notar essa infância desprendida, cujo quintal era o mundo. Como lembra Maria Luísa, "eu queria era andar solta, subindo morro, atrepada, brincando, hahaha ... eu era muito atentada". As lembranças do quintal, dos morros, das árvores são evocadas com grande carga simbólica.

Portanto, achar que a infância dessas(es) mulheres/homens era apenas trabalho, é ser ingênuo. Sempre existia linhas de fugas e evasões daquele mundo adulto que recaia nas costas dessas meninas(os), que poderia ser na própria roça, cercada de árvores, bichos, peixes, os banhos nos rios, as pescarias nos lagos da região etc. Observa-se que os meninos e meninas viviam em grupos, sejam de irmãos, primos, amigos, e desbravavam a natureza livremente, num tempo que faltava brinquedo e sobrava imaginação. É possível pensar em diversas formas de transformar aquele mundo duro em brincadeiras, improvisando divertimentos diversos. O tempo do brincar era arrancado do cotidiano, e tudo ao redor propiciava aventuras, desafios e fantasia. "Mesmo com essa vida de trabalho a gente brincava muito", diz dona Luísa, e completa:

> Era vida livre. Tinha um cercado lá perto de casa do mestre Benedito, e lá tinha um jumento, eu montava nele, caia pro lado, e as outras gritavam, pega o jumento, e gente saia na carreira... era muita molecagem. Então nossas brincadeiras eram essas, correndo, trepando em árvores, jogando bola. De

[85] CAMPOS, Humberto de. *Memórias*. São Paulo: Opus, 1983, p 40.
[86] Ibid., p. 140.

> noite brincava de roda, brincava de esconde-esconde, de rodinha, isso de noite, no luar. Naquele tempo era livre[87].

Os episódios são evocados com chiste, graça e muita cor, demonstrando que essas imagens são guardadas com ternuras e saudade. Esses lugares que a memória revisita, como os morros, as árvores, os campos, são uma espécie de lugares de memórias íntimos, aqueles desbravados por Marcel Proust na série *Em busca do tempo perdido*; esses lugares são cheiros, locais da infância, os primeiros beijos e abraços, a paz dos descansos debaixo dos arbustos. Os lugares de memória, portanto, são simples, ambíguos, naturais e artificiais, abertos à experiência mais sensível, e, ao mesmo tempo, fruto de uma elaboração mais abstrata[88].

O Senhor Sessenta[89], feito um cronista do cotidiano, narra que a infância no seu tempo: "era uma vida muito boa". Lembra com nostalgia as noites de lua em que os familiares se reuniam na frente de casa para conversar enquanto as crianças brincavam no terreiro, corriam até cansar. Lembra dos jogos de futebol com os amigos no fim da tarde, nas várzeas que circundavam o povoado. Essas lembranças do Senhor Sessenta são muito pessoais, como se vê, mas se apoiam nas relações que estabelece com meio social e cultural que está inserido. As memórias da infância, por certo, são misturadas às imagens, pensamentos, histórias que nos prendem aos homens e aos grupos que nos rodeiam[90].Veja o que diz senhor Sessenta sobre a infância:

> Rapaz, era uma vida muito boa, porque naqueles tempos não tinha luz, né, quando chegava assim o tempo dum luau aí nós ia brincar, e brincava da mancha, se juntavam aquelas famílias dum lado e outro, né, aí a gente brincava de correr até quando chegava no sono. Aí quando dava umas nove ou dez horas da noite, nós já tinha matado aquela vontade de brincar, né, aí ia tomar banho e dormir. Quando eu cheguei na época de jogar bola eu ia pra roça, e, quando eu chegava, por volta das quatro e cinco horas da tarde, aí minha mãe dizia assim "Meu filho, ande jantar", aí eu dizia assim "Mamãe eu não quero jantar agora não. Vou jogar primeiro". Aí eu ouvia tocar o apito. Ave Maria. Quando chegava jogava o remo no chão e corria pra bola[91].

---

[87] SANTOS, Maria Luísa de Sousa. *Eu pulava na canoa e me escondia, pra não pagar.* Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 29 de outubro ade 2020.
[88] NORA, Pierre. *Entre História e memória: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo: dez.1993, p. 29-33.
[89] Raimundo Roque da Silva, nasceu nos Morros da Marina em 1934, tem 81 anos, conhecido como Sessenta, apelido que ganhou por comer 60 saúnas, fato que desmente. Ao todo teve 11 filhos, mas 4 faleceram. Netos, ele tem umas dezenas, e alguns bisnetos. Filho de pescador, pescador se tornou. Nos Morros da Mariana todo mundo o conhece, não só por ser um tremendo boa praça, mas por ter sido um dos melhores jogadores da várzea, destacando-se no futebol local. A entrevista ocorreu na sua casa em fevereiro de 2015. Seu Sessenta sentado no pilar com o dorso nu, olhos compenetrados na agulha com que costurava sua rede de pesca. Faleceu no ano de 2020.
[90] HALBWACHS, op., cit., 51.
[91] SILVA, Raimundo Roque da. *A nossa ganância, naqueles tempo, era só trabalhar*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Ilha Grande, PI. Em 08 fevereiro de 2015.

Na mesma linha, o Senhor Julinho[92] não esquece as brincadeiras de roda, mancha, melancia, trisca etc., assim como não esquece as noites de lua, as corridas, os risos, afirmando o quanto a infância era algo saudável e tranquilo, tendo como referência o tempo vivido. "Nas noites de lua" diz Julinho, "a gente fazia aquelas roda na beira do campo e brincava da mancha, bolotinha de cabra, melancia, polícia e ladrão, da brincadeira do rato. E brincava criança, jovem, adulto e velho", querendo dizer que universo lúdico era compartilhado por todos, independentemente da idade. Nestas noites de lua celebrava-se o lúdico, e, como vimos, a comunidade se envolvia nas brincadeiras, invertendo-se papeis, assumindo novas posições e personagens. Completa o senhor Julinho, entusiasmado com a ideia de falar de sua infância:

> Naquele tempo tinha uma brincadeira interessante que era o ISTÔ. Era uma brincadeira pesada. Você fazia uma barra e ficava de um lado, e os meninos do outro. Aquele que ficava na linha tinha que dizer ISTÔ, ISTÔ. Aquele que pisasse na barra levava uma mãozada na costas, hehehe. Outra brincadeira legal era o trem. Lembro que uma pessoa era a máquina, enquanto os outros meninos eram os carros. Os carros ficavam atracados na mão do outro. Só sei que, no ir e vir do trem, ele desabava. Aqueles que vinham no pique do trem se lascavam, e caiam lá longe, pois quando o trem dava aquela quebrada de asa não tinha quem se segurasse. Quem aguentasse ainda vinha, se não, era melhor não brincar mais. Era um brincadeirão![93].

Descreve com minúcias as diferentes brincadeiras, as emoções que afloravam, as consequências para quem não soubesse jogar, deixando claro que sua infância fora vivida de forma simples, mas feliz. No entanto, ele reitera, em seguida: "não tinha absurdos. Lembro que naquele tempo o pessoal de Parnaíba e Teresina ia pra praia da Pedra do Sal e armavam aquelas redes nas praias", diz, "tanto fazia ser de noite e de dia, eles ficavam ali e ninguém mexia. Hoje você tá dentro de casa, a galera entra pra roubar". Julinho contrapõe esse tempo mágico, acolhedor, tranquilo, com os dias de hoje, visto de forma tenebrosa, sobretudo com o crescimento desordenado do povoado, as drogas, delinquência e expansão das facções criminosas que dominam o litoral.

---

[92] Antonio Júlio Marques Araújo, mais conhecido como Julinho, nome carinho que recebeu por ser pequeno e franzino. Nasceu em 1947, 68 anos – na época da entrevista-, casado com Maria José, 11 filhos, mas sobreviveram 7. Ex-presidente da Colônia de Pescadores Z-7, Morros da Mariana, participa de diversos grupos como ICBio, Comissão Ilha ativa, líder comunitário, militante das causas sociais, sobretudo de questões ligada aos pescadores e catadores de caranguejo. Na época da entrevista, encontrava-se na condição de presidente da Associação dos Catadores de Caranguejo da Ilha Grande-PI. A entrevista ocorreu em vários encontros, sempre no terraço da casa de Julinho, um verdadeiro guardião as memórias da comunidade, tamanho seu conhecimento e habilidade para narrar.

[93] ARAUJO, Antônio "Júlio Marques. *Quando a coisa há de ser, o destino junta*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Em 11 de janeiro de 2015.

Usa como exemplo a tranquilidade de dormir de janelas abertas, da época que os teresinenses e parnaibanos se arranchavam na Pedra do Sal dormindo em redes ao relento sem que nada acontecesse. Hoje, segundo ele, os ladrões invadem as residências com os moradores dentro, no maior descaramento. Percebe-se, portanto, que o olhar sobre a infância é carregado por um saudosismo, por uma temporalidade vista como um período agradável, muito diferente dos dias hoje, demostrando que: "os homens constroem suas representações sobre os períodos de sua vida e os acontecimentos que marcaram sua história".[94]Já Fabíola Holanda, diz que a história oral lida com a nostalgia de um passado idealizado e o idílico de um futuro imaginado.[95]

O interessante das memórias sobre o brincar e ser criança num mundo organizado pelo ritmo do trabalho, era que esse universo lúdico era divido em brincadeiras para o dia e brincadeiras para a noite. As noites de lua, por exemplo, na frente do quintal, momento em que os familiares, amigos e vizinhos se encontravam para prosear; as crianças, por sua vez, aproveitavam para correr na areia branquinha. O único perigo eram as assombrações! Como lembra dona Luísa: "de noite, brincávamos de roda, esconde-esconde, rodinha... isso de noite, no luar. Naquele tempo era uma infância livre"[96]. Assim, demarca um tempo, o tempo que as crianças viviam soltas, livres, sem medo. Ela começa a lembrar da meninice, olha para os netos que correm e se agarram pela sala, e diz:

> "Agora, mermã, a gente tem que ficar de olho nos menino, que aqui está saindo muita droga. Eu sou acostumada a falar com esses pequenos aqui 'meu filho, quando lhe oferecer alguma coisa, você não aceite'. Eu me pergunto de onde é que entra essas coisas, pois essa "pedra" tomou conta da Ilha Grande inteira. Naquele tempo não se ouvia essa história que fulano matou, que ciclano estuprou... não se ouvia isso!"[97].

É uma tendência da memória de Dona Luísa ver seu passado como o melhor dos tempos, tempo que não existia maldade, violência, delinquência, demostrando seu medo em relação aos entorpecentes que se propagam pela cidade, viciando, sobretudo, "nossas crianças e adolescentes". Ela contrapõe esse tempo edênico de suas memórias com os dias de hoje, tempo do advento das drogas, estupros e assassinatos. Demonstra que lembrar o passado é um trabalho de reconstrução e tem, acima de tudo, uma função social. Muitas vezes, adverte Candau,

---

[94] DELGADO, Lucia de Almeida. *História Oral: memória, tempo, identidade*. 2ed. Belo Horizonte: Autentica, 2010, p. 33-34.
[95] HOLANDA, Fabíola. *Construção de narrativas em história oral: Em busca de narradores plenos*. Oralidade: revista de história oral. Ano 3, nº6, jul-dez, 2009.
[96] SANTOS, Maria Luísa de Sousa. *Eu pulava na canoa e me escondia, pra não pagar.* Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 29 de outubro ade 2020.
[97] SANTOS, Maria Luísa de Sousa. *Eu pulava na canoa e me escondia, pra não pagar.* Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 29 de outubro ade 2020.

manifestamos nostalgia pelo passado pintando com as cores “de velhos bons tempos” em que o narrador faz críticas da sociedade atual, exigindo mudanças subjacentes para o futuro[98]. Na mesma linha, Philippe Jotard, defende que umas das funções da memória é transformar, consciente e inconscientemente, o passado em função do presente, “apresentando a tendência particular de embelezar o passado, vendo-o como mais belo, maravilhoso, calmo, colorido, pacífico e ideal[99].

Figura 6 - Cotidiano das famílias nas portas de casa em noites de luas



Fonte: Desenho elaborado pelo autor, fevereiro de 2021.

Colocar o tamborete na porta de casa, sentar-se nas calçadas, reunir-se com parentes e vizinhos numa conversa animada. As crianças a correr pelo quintal, e, quando cansadas, sentavam-se aos pés dos mais velhos para escutar estórias de assombração, os causos, como o da Mulher das Trouxas, Lobisomem, Mãe d’água, Gritador, Morro Gemedor, a Mulher das Porcas[100], e tantas outras. Nesses momentos, celebrava-se “espaços de memórias”, responsáveis pela transmissão das memórias do grupo, consagrando o lembrar, fofocar, através de uma liturgia que se renovava a cada noite de lua. Inácia lembra dessas noites, que, na sua concepção, eram tão poéticas, risonhas, aquecidas pelo calor da companhia dos amigos e familiares. Inácia afirma que “a noite era das crianças”, usando a memória para celebrar brincadeiras que já não mais existem:

[98] CANDAU, op. cit., p. 89.
[99] JOTARD, op. cit., p. 223.
[100] Resista e leia até o final que conhecerá essas causos e lendas que, à frente, tentarei esmiuçar.

> As brincadeiras naquele tempo era negócio de caiu no poço, de marre desceu, senão tu cai, o rabo é de chumbo e de sapucai, essas coisas; a brincadeira de camaleão que era um bocado de culumim na fila e a gente saia cantando, e parece que quando o rabo quebrava a gente saia, o de marre desceu era um lado e outro de culumim. O anel do pulo – como bem -, eu chegava com uma casca de marisco e estava todo mundo sentando aqui, para botar pra adivinhar onde o anel estava, com a mão fechada, aí botava, aquele que tivesse a sorte de pegar o anel, era o premiado, aí ia chamar de um por um, para saber quem tinha o anel... era desse jeito. Quem errasse saia da brincadeira! Tinha aquela também do beijo e do abraço, caiu no poço, quem quer beijo e abraço... ali, era uma ave Maria, quem vai beijar fulano de tal, vixe Maria, era uma coisona esse negócio de beijo. E as brincadeiras aconteciam na noite, pois a noite era dos meninos, principal as noites de lua[101].

O brincar era uma espécie de linha de fuga do mundo adulto, sombra que acompanhava as crianças, distanciando-se do peso do trabalho, libertando-se por meio do lúdico, percorrendo diversos territórios de afetos, visitado por experiências sensoriais e afetivas. Os brinquedos e brincadeiras, portanto, são as melhores formas de se pensar a infância, cultura, história, pois o brincar de cada grupo diz muitos sobre os projetos de sociedades e pedagogias veladas.

A infância desses sujeitos tinha uma identidade própria, marcada por brinquedos rústicos, retirados dos galhos, troncos, sucatas, cipó, barro, prevalecendo, como vimos, as brincadeiras de rodas, ao ar livre, em que o corpo e o imaginário atuavam num teatro em que regras e a fantasia se invertiam, em que se brincava junto.

Brincadeiras concretas, analógicas, em que tudo ao redor podia ser improvisado, que os papeis podiam ser invertidos, confrontando-se com a infância de hoje, marcada pelo virtual, digitalização, os brinquedos em série, o consumo etc.

1.3 Memórias e esquecimentos da escola: *nossa ganância era só pra trabalhar*

Os apelidos falam muito dos corpos e de suas identidades masculinas. Comumente são exagerados, irreverentes ou viris. Senhor Raimundo Roque, 81 anos, conhecido como Seu Sessenta, recebeu esta alcunha por ter comido sessenta saúnas, fato que desmente, pois, como diz, "sessenta saúna é muita saúna, sô". Sem tirar os olhos da agulha que remenda sua rede de pesca, conta sua história, também, de forma artesanal, costurando pedaços do ontem com o hoje. Diz ele que seu pai era piauiense de Barra Grande, enquanto sua mãe era cearense de Viçosa. Depois de casados, tiveram 10 filhos e se estabeleceram, por volta de 1920, nos Morros

[101] DA PAZ, Inácia Maria Silva. *A gente é criança mas a gente tem vergonha*. Entrevista concedida a Juliana Dantas e Daniel Braga. Ilha Grande/PI. Em 24 de setembro de 2020.

da Mariana. Seu pai era pescador e lavrador, enquanto sua mãe era dona de casa e fazia serviços de costura. Sobre a infância, recorda, "foi muito trabalhosa, pois pequenininho acompanhava o pai nos serviços da roça e nas pescarias". Já sobre a escola, responde que "naqueles tempos":

> [...] ninguém ligava pro estudo, viu. Logo meu pai foi analfabeto, a minha mãe do mesmo jeito, aí o nosso clima também foi assim. E a gente foi indo, sem estudar. O estudo muito pouco mesmo, sem interesse de nada. Porque hoje, hoje tá bom, né, para quem tem vontade de estudar e quer ser alguma coisa na vida. Mas naquele tempo ninguém tinha ganância para estudar não, a nossa ganância sabe qual era, só pra trabalhar. As escolas eram poucas, e os pais não incentivavam logo cedo. Era assim. Eles queriam que não faltasse era comida na mesa, por isso botava os meninos pra trabalhar. Esse negócio de escola, eles não davam importância, pois não tinham leitura, não fazia esforço, né, porque se fosse... se eles vivessem por meio da sabedoria deles, eles tinham botado a gente pra estudar, mas ele vivia à custa do trabalho deles, e aí queria que os filhos pegasse a mesmo regime do trabalho, e foi como nós fomos[102].

A família, célula responsável por transmitir valores simbólicos e encarregada pela socialização das crianças, via a escola como importante, mas ao mesmo tempo secundária, frente a necessidade de sobrevivência. Os saberes escolares concorriam como os saberes empíricos oriundos do trabalho nos rios, nas roças e mangues. Para os pais, o importante, como diz o Sr. Sessenta, "era não faltar comida na mesa". Como se observa, as relações entre pais e filhos, em muitos contextos, parece reproduzir a relação patrão e empregado. Além da família, o trabalho também era um âmbito de socialização e aprendizagem dos valores e saberes necessários para sobrevivência num espaço hostil. Por isso, muito cedo as crianças aprendiam que a retidão e a moralidade estavam atreladas ao trabalho braçal, fruto do sustento das famílias.

A priorização do trabalho em detrimento do estudo se justifica por outros fatores, como o isolamento, a falta de escolas e estruturas adequadas, o acesso, contribuindo para esse desprezo pela educação formal. Segundo Alcebíades Costa Filho, esse isolamento contribuiu para definir um modo de viver peculiar, "que a educação formal tinha pouca relevância. O conhecimento para o desempenho das atividades necessárias à sobrevivência dispensava uma educação escolarizada"[103]. A educação formal, portanto, surgia com poucos atrativos para os homens e mulheres que viviam do trabalho braçal.

Na varanda da sua casa, numa tarde nublada, Rosa Maria tirou parte de seu tempo atribulado para conversar com estanhos, dizendo, ao final, que "esse tempo é de vocês", referindo-se ao espaço que ela destinou ao encontro com pessoas desconhecidas interessadas

---

[102] SILVA, Raimundo Roque da. *A nossa ganância, naqueles tempo, era só trabalhar*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Ilha Grande, PI. Em 08 fevereiro de 2015.

[103] COSTA FILHO, Alcebíades. *A escola do sertão. Ensino e sociedade no Piauí (1850 – 1889*). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006, p. 41-42.

em sua vida. E quando o assunto foi memória da escola fez questão de dizer que o estudo era difícil. Ela exigia atenção total quando estivesse falando, e, ao notar qualquer dispersão, nos chamava atenção usando a palavra “escuta! escuta!”. Mas era sempre solicita e agradável. Aos poucos, foi esquecendo de suas atribulações e concentrando-se, profundamente, na atividade de lembrar e narrar, demonstrando o quanto a escolarização era penosa, sobretudo para aquelas meninas que insistiam seguir nos estudos, mesmo com grande potencial, deixando claro que estavam destinadas, desde cedo, a um casamento e uma vida devotada ao cuidado de inúmeros filhos. Lembra Rosa Maria:

> Eu estudei pouco, até a quarta série. Eu digo pouco, mas naquele tempo era muito. O estudo era difícil. Eu estudei aqui nos Morros da Mariana, numa escola perto de casa. Naquele as escolas eram muito poucas. Lembro que as professoras eram muito rígidas com os alunos. Mas era para o bem deles, né. Então eu terminei o primário. Podemos dizer que sou alfabetizada, porque sei ler e escrever. E sabe de uma coisa, eu não tenho inveja de quem fez ginásio. Eu leio pouco, leio, mas, mesmo assim sei de muita coisa, e muito das minhas ideias não vem de curso e sim da minha cabeça, que só são ideias para coisas boas, para o bem.

Cursou o primário, o que considera grande conquista, levando em conta o acesso a escolarização ser muito precarizada. Na época, só funcionava uma única escola no povoado, a Unidade Escolar Jonas Corrêa, a mais antiga em funcionamento. As condições financeiras prejudicavam quem aspirava manter-se estudando, pois, caso quisessem cursar o tão sonhando ginásio, o equivalente ao ensino fundamental do 6º ao 9º ano, teriam que se matricular nas escolas de Parnaíba, a Nossa Senhora das Graças ou Colégio São Luís Gonzaga, o que exigia custo com livros, materiais escolares, transportes, o que era impossível, já que os pais só conseguiam o essencial para manter a família. Considera-se alfabetizada, embora afirme que lê pouco, “mesmo assim sei muitas coisas”, pois suas ideias e conhecimentos foram aprendidos com o mundo, o trabalho e não nos livros, como fez questão de ressaltar. Continua:

> Eu, quando estudei, já peguei o grupo, pois era assim que érea chamada a escola naquele tempo. Estudei na escola Jonas Correia, e minha professora era Maria da Conceição Mendes, ainda me lembro, mas todo mundo conhecia ela pelo apelido, Dona Bebé, que era filha daqui mesmo. Já a diretora da escola era a Dona Ivone que morava em Parnaíba. A educação naquele tempo, como disse, era rígida, mas no Jonas Correia, na época, não tinha essa história de Palmatória não. Mas outras escolas por aqui, como a do professor Paulo Polino, dizem que por lá ele usava palmatória. Mas eu nunca estudei nessa escola, porque meus pais não tinham condições de me botar[104].

[104] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.

Quando começou a estudar, entre os anos finais da década de 1950, matriculou-se num "grupo escolar", referindo-se à escola Jonas Correia, construída pelo Prefeito Mirócles Campos Veras[105] no ano de 1935[106]. Nessa época, a educação do Piauí modernizava-se, almejando a universalização do ensino, estimulando o aumento das matrículas na zona rural, áreas de grandes índices de analfabetismo. A educação primária era o nível oferecido nessas comunidades. Algumas professoras normalistas vinham de Parnaíba para lecionar, lembrando dessas preceptoras com muita reverência. Mesmo afirmando que a educação no seu tempo era rígida, diz que não lembra do uso, por parte dos professores, da palmatoria, diferente de outra escola particulares em que o professor lançava mão desse artificio.

O trabalho, como se observa, era priorizado em detrimento da escola. Rosa Maria fala da resistência dos pais em colocar os filhos na escola, sobretudo os meninos mais velhos, que deveriam, em tese, ajudar os pais na roça. Lembra com exatidão o nome das professoras, que "se chamava Maria da Conceição Mendes, conhecida como Dona Bebé, que era nascida aqui mesmo no Morros, e "a diretora da escola que era chamada de Dona Ivone, que morava em Parnaíba". Sua memória detalha a austeridade que prevalecia na relação entre professor e aluno, pois, como ela mesma diz, "a educação naquele tempo era muita rígida"[107].

As Cartas do ABC, as *Cartilhas Primeiro Ano Nordeste* que seus pais compravam usadas com muito sacrifício, não passam despercebidas. Sobre as cartilhas, elas são recorrentes nas falas, o que nos leva a inferir que são lugares de memória, ou seja, suportes abertos a experiências sensíveis, lugares que se confere uma aura simbólica, enquadrando-se naquilo que Pierre Nora chama de lugares de memória funcionais, devido o ritual de funcionalidade e operacionalidade desses livros[108].

Em virtude da situação familiar de muito aperto, todo material escolar, lápis, borracha, caderno, devia ser usado com cuidado para não se extraviar: "E tinha que ter cuidados com os cadernos, que era pra não rasgar nenhuma folha. Escrevia de um lado, escrevia de outro, que era pra aquele caderno aguentar"[109]. Muito cedo elas aprendiam que cada lápis, cada folha custava o suor dos pais. Com o objetivo exclusivo de fazer ler e escrever, esses livros estão vivos nas memórias afetivas dessas mulheres.

---

[105] Mirócles Campos Veras, foi um médico e político brasileiro. Prefeito de Parnaíba em 1934-1936, nomeado novamente em 1937, durante o Estado Novo deixou o cargo em 1945 quando concorreu a deputado federal pelo PSD e obteve a condição de suplente.
[106] OSMAR, José. *Histórico da Ilha Grande*. Ilha Grande: [Edições do autor], 2002, p. 28.
[107] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.
[108] NORA, Pierre, op. cit., p 33.
[109] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.

"Eu estudei até a quarta série. E tudo era difícil. Eu estudei numa escolinha ali no Cal. Naqueles tempo as escolas era nas casas das professora", diz Maria Pureza, expressando a dificuldade de prosseguir estudando... "Naqueles tempos" representa uma temporalidade em que as escolas eram escassas e se restringiam ao primário, e as aulas aconteciam nas residências dos professore(a)s, improvisadas de escola, aproveitando algum cômodo, afastando móveis do caminho para, assim, dar lugar aos alunos e seus bancos e cadeiras, muitas vezes confeccionados pelas mãos dos próprios pais. Para corroborar com a fala dos entrevistados, uma reportagem do Jornal o Dia, de 1961, indica o quanto esse nível de ensino era deficiente e precário, listando, assim, uma série de problemas:

> 1) há deficiências enormes de escolas primárias no Estado.
> 2) inexistem condições de fixação do mestre no interior do Estado.
> 3) é precário o aparelhamento das escolas.
> 4) faltam condições físicas aos escolares (alimentação deficiente, causa principal).
> 5) os professores não têm ambiente (restrito) de vida intelectual e espiritual[110].

Seu Antônio Júlio Marques, 69 anos, caranguejeiro e pescador, nasceu nos Morros da Mariana em 1947. Filho de João Alves Araújo, retirante cearense que veio se estabelecer no litoral do Piauí em meados dos anos 1930, e da maranhense Catarina Marques. Eles tiveram sete filhos, dos quais apenas quatro sobreviveram. Por ser pequeno e franzino, recebeu o apelido carinhoso de Julinho. Narrador habilidoso, consegue ir muito além de suas lembranças individuais, entrelaçando-as com a vida da família, comunidade e do povoado, demonstrando que, ao evocar seu próprio passado, faz apelo as lembranças dos outros, tendo como referência os pontos fixados pela sociedade. Embora saiba ler e escrever, não teve a infância muito diferente dos colegas. Além de acompanhar o pai na roça, vendia caranguejo e cocada nas festividades e de porta em porta. Conta, também, que sempre foi doido por papel. Nesse relato, ele lembra do método escolar, das condições da sala de aula e da alegria ao aprender a ler:

> Eu me lembro como se fosse hoje. Eu não tinha ainda nem 6 anos, e mamãe me disse assim, "vou te colocar na escola", pois eu tinha língua solta, era conversador. Toda vida eu tive a língua solta, não para falar palavrão – só quando era necessário. Eu já sabia alguma coisa por causa das minhas irmãs. Mas foi na escola que as professoras me deram mais dicas. Lembro que nesse tempo era nas cartilhas de ABC. A professora rasgava um pedacinho de papel do tamanho da letra, colocava na cartilha, e perguntava "meu filho, que letra é essa?", e a gente respondia "é letra tal!", "e essa?", e assim ia, né. Você tinha que aprender mesmo, e lembro que aprendi logo. Quando papai chegou eu gritava numa felicidade tão grande: "papai, eu já sei ler! Papai, eu já sei ler!". Então eu ia para escola, mas fazia umas coisinhas ali, outra acolá, porque filho

[110] JORNAL O DIA, depoimentos, 1961, p. 4.

> de pobre, principalmente naquele tempo, que não tinha o que tem hoje, o jeito era trabalhar. Com 7 e 8 anos eu comecei a plantar arroz lá para as bandas do São Roque. E, diga-se de passagem, eu plantei muito arroz. [...] Pequeninho, saia batendo nas portas vendendo peixe, tapioca, cuscuz, cocada [...]. Depois de estudar na escola da Colônia, eu foi estudar na casa de Dona Maria Perigosa. A escola era na casa dela; a classe era na cozinha. Lembro que estava sentado num tamborete – sei lá o que era -, e tinha uma rapadura numa tábua em cima de uma travessa. Eu não sei o que houve lá que a rapadura despencou na minha cabeça, e eu sai gritando feito um louco *aí, aí, aí, aí*...[111].

A história oral nos permite lançar luz sobre áreas inexploradas da vida cotidiana das classes não hegemônicas[112], como é o caso da vida do Sr. Julinho, que desde criança se dividia entre o estudo e o trabalho, condição que meninos(as) das camadas populares estavam sujeitos. Julinho nos contagia com seu entusiasmo pela escola e pela leitura, lembrando do método de alfabetização que prezava pela memorização do som e letra, onde o principal recurso didático eram as famosas cartilhas do ABC. Outro aspecto que chama atenção é a improvisação das salas de aula, em que a qualquer momento um objeto poderia cair na cabeça das crianças. Na época, não existiam prédios escolares no povoado, o que obrigava os professores a improvisarem a casa em escola. Quem chegou a frequentar uma daquelas escolas primárias, ainda recordar-se da falta de instalação adequada, a absoluta carência de material, conforto, ventilação, iluminação e tanta cousa mais. "[...] O governo não dava casa, nem mobiliário. O professor era obrigado a instalar mal sua família, para dividir com a escola algumas peças de sua casa e de seu mobiliário escasso"[113], lembra o cronista Benedito Lima Correia.

"Tudo era difícil", diz Pureza, lembrando das aulas na casa das próprias professoras; de Antônia e Teresinha Trapiá, preceptoras que marcaram sua vida escolar, a ponto de pergunta-se sobre o destino delas: "Será que estão vivas?". Ela afirma que estudou até o 5º ano, e "só era pra ler e escrever mesmo", lamenta, indicando que o ensino da sua época tinha o objetivo de, apenas, ensinar a ler e escrever e as quatro operações básicas. De repente, sua memória é invadida por imagens do desfile cívico. "Eu lembro que tinha até desfile. Naqueles tempos era umas saias de marta, muito bonita, larga, e minha mãe tinha gosto de me arrumar para o 7 de setembro". Vaidosa, Pureza, visualizou suas saias de pregas, as cores, o cuidado e gosto da mãe arrumar-lhe, demostrando que a memória é flutuante, pulando de temas e se detendo em imagens que mais agradam o narrador. As lembranças da escola se prendem ao momento cívico, sobretudo aos paramentos do qual vestira para apresentar-se a sociedade, indicando, conforme

---

[111] ARAUJO, Antônio "Júlio Marques. *Quando a coisa há de ser, o destino junta*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Em 11 de janeiro de 2015.
[112] PORTELLI, op. cit., p. 31.
[113] CORREIA, Benedito Lima. *O esforço particular pela instrução em Parnaíba*. In: Centenário de Parnaíba. Parnaíba, Americana, 1945, p. 174.

Michelle Perrot, que a memória feminina é trajada, pois Pureza lembra dos vestidos, dos adereços, cores, ornamentos do corpo com uma riqueza de detalhes[114].

Se orgulha em dizer que era uma boa aluna, e "as professoras gostavam de mim". Lembra de como era boa em matemática, de quanto as professoras a elogiavam por ser caprichosa e dedicada. Recorda dos dias da semana reservado "argumento", momento que o(a) professora(o), chamava os alunos para se aproximarem de sua mesa e faziam perguntas relacionadas a tabuada. Ela novamente se envaidece ao relatar que sempre vencia as disputas propostas por tal método, e, como prémio, tinha o direito de manejar a temida palmatória em direção a mão aberta do colega relapso e menos dedicado. Conta que:

> "[...]uma vez, eu era muito boa em matemática, na tabuada, dois dias na semana era tabuada, e aqui era a mesa da professora, e aí ela saia perguntando quanto era tanto mais tanto, aí o menino que tinha estudado a tabuada, que era bom de memória, respondia. Os outros dizia errado, e aquele que acertava, dava nele. Eu cansei de dar palmatória na roda todinha! Oh, mais a palmatória tão pesada… Eu chega enchia, oh, na mão do moleque e da moleca. Quando foi um dia minha filha, eu errei o bolo e dei pancada nesse osso da mão do menino (ela estira a mão e mostra o osso do punho), aí o moleque foi chorar. Aí dona Terezinha, minha professora, disse assim 'Pureza, vou lhe ensinar como dá o bolo!' pau… oh, mermã, ela pegou minha mão aqui oh, e abarcou, chega encheu, oh…"[115].

Pureza estende a mão para que se observasse o lugar da pancada que acertou o osso do punho e, rememorando o episódio, parecia sentir a dor novamente. Se um acontecimento nos marcou, tocou, afetou, essa marca permanece latente, pois, como diz Nietzsche: "a recordação é uma ferida a supurar"[116]. Dor de quem viveu uma época em que os professores ensinavam por meio de castigos, palmatória, repetições, decoreba, marcada pela rigidez, constrangimento, competição, maneiras tradicionais de ensinar, tão comuns em nossa história da educação. A memória de Dona Pureza, portanto, lembra da rigidez dos professores, os castigos impostos aos alunos, demonstrando que sua memória está escrita no corpo. No entanto, mesmo com toda essa rigidez por parte do sistema educacional durante as décadas de 1960 e 1970, o respeito aos mestres e a hierarquia é algo que a memória ressalta e enaltece, sendo comum a frase "naqueles tempos tinha respeito", "professora gritava, o aluno não dizia nem aí", contrapondo, em seguida, com a educação nos dias de hoje, vista como frouxa, "em que os alunos faltam bater

---

[114] PERROT, Michelle. *Práticas da memória feminina*. Rev. Bras. de Hist. S. Paulo. 1989, p. 14.
[115] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.
[116] NIETSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: como cheguei a ser o que sou.* Trad. Lorival de Queiroz Henke. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 34.

nos professores", diz Maria Pureza, demonstrando que, de fato, é só partir de um presente que o passado pode ser evocado[117]

"Neste tempo", diz Dona Maria, se reportando a infância, "o papai brigava com a gente pra não ir pra escola. Eu chorava para ir pra escola, o senhor acredita". O desejo de estudar é manifestado nessas memórias, no entanto, como ela diz, "Mas ele nunca botou nós. Depois de grande foi que fui estudar, porque eu queria escrever pelo menos meu nome. Já era mãe de filho quando procurei escola". Maria, assim como tantas Marias, é analfabeta, é só consegue escrever o nome, escrita que aprendeu depois de adulta. Ela continua lembrando das reações do pai em relação à escola: "Sabe o que o papai dizia? dizia assim 'não, não vai estudar não. Vai todo mundo pra roça. Temos que trabalhar, ora marrapaz!"[118].

Como lembra Mary del Prior, na apresentação do livro *História da Criança no Brasil*, o trabalho foi visto durante muito tempo pelas camadas subalternas como a melhor escola, e mais do que isso, como complementação salarial para as famílias pobres e miseráveis, sempre foi priorizado em detrimento da formação escolar[119]. Corroborando com a citação da historiadora, diz com pesar, "E assim crescemo nós tudo sem saber nada". A necessidade dos braços na lida das roças era mais urgente. O pai era contra a escola diretamente, segundo ela. Os frutos da escola levavam anos para sem colhidos, enquanto os da roça e da pesca eram imediatos, e por isso a necessidade de braços nas plantações não podia concorrer com outras "distrações". A obrigação por trabalhar era mais inflexível em relação aos filhos mais velhos, pois, como ela vem dizer em seguida: "a única na família que estudou foi a minha irmã mais nova, depois de muita insistência da mãe".

A passagem pela escola é marcada por esquecimentos. Dona Inácia, por exemplo, deixa claro que tinha desejo de estudar e sentia inveja das crianças que passavam na porta de casa fardadas e cadernos nas mãos. A promessa de ser matriculada, se repetia a cada ano. Dessa maneira, ela só se sentou nos bancos escolares com o advento do MOBRAL, e, mesmo assim, relata as dificuldades de manter-se estudando, em razão do sono, o desconforto, e sobretudo a ausência de políticas públicas para manter-se na escola:

> Eu não cheguei a estudar. A primeira vez que estudei foi numa aula chamada Mobral. Era um livrão que tinha umas letronas desse tamanho, que era pra aprender o A, o B e o C, e eu não aprendi foi nada. Logo era de noite, aqui nesse Jonas Correia. A professora, se não me apaga a memória, era a Chiquinha do Borrão. Olha, eu tinha vontade de ir pra escola, tinha, porque

[117]MALUF, Marina. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 36.
[118] ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.
[119] MARY DEL PRIORE, op. cit., p. 10.

> aqui nos Morros tinha alguns professores, como o Pedro Polina, lá pra cima, o seu Augusto Vaz aqui embaixo, e Mazé Catirina ali assim. Nesse tempo só era esses três professores. E quando o Pedro Polina vinha com esse monte de menino das Porteiras, daqui assim, eu ficava na porta chorando. Lembro que nesse dia estava chovendo, e os culumim tudim com seus guardas-chuvazin, e minha mãe dizia assim, 'destá, minha filha, para o ano minha filha vai pra escola'. E esse para o ano não chegava nunca[120].

Inácia expressa o desejo de estudar quando criança, mas esse desejo era frustrado de ano em ano, e, apenas com dez anos de idade, ela frequentou a escola noturna, no Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), lembrando do "livrão" para aprender o ABC e das dificuldades em estudar. Sobre o MOBRAL, ele chega ao Piauí por volta dos anos 1970 - em pleno governo militar - e seu objeto era alfabetizar cerca de 75 milhões de adultos com idade de 15 e 35 anos. No Piauí, nessa época, "mais do que qualquer Estado, o analfabetismo constitui uma chaga maligna. E, se avoluma tanto, como o próprio regresso do Estado"[121].

O trabalho infantil sobrecarregava corpos e embrutecia mentes em processo de desenvolvimento. As crianças desempenhavam tarefas específicas da vida adulta, o que resultava em dores, cansaço, desnutrição, estresse, interferindo no rendimento escolar. Durante o dia, faltavam as aulas; os que insistiam em estudar, não suportavam os reclames do corpo que rogava por descanso. Nas salas desconfortáveis da época, os mestres de primeiras letras exigiam uma postura corporal do qual não estavam acostumados: ficar sentados, calados, imóveis, como se não passassem de receptáculos de informação. Esses mestres, segundo os depoimentos, se relacionavam de maneira ríspida com os alunos. O uso de castigos físicos, como a palmatória, usada até a década de 1980, era uma prática legítima e comum nas salas de aulas.

O Sr. Raimundo Nonato[122], 57 anos, caranguejeiro e pescador, conhecido como Pai Dim, recorda sua breve passagem pela escola e sua indisposição para o estudo. O pai chamava-se Pedro Elias do Santos, lavrador e caranguejeiro, e a mãe, Nazaré Elias do Santos, dona de casa. Senhor de estatura expressiva, de costas largas, braços fortes e longos, testa proeminente e uma calvície no coco da cabeça; andava sempre sem camisa a maior parte das horas. Fez questão de mostrar e contar a história de cada cicatriz que desponta do corpo, acumuladas, como diz, "durante todos esses anos de luta". Sua trajetória, inclusive, gira em torno do trabalho. Com 9

---

[120] DA PAZ, Inácia Maria Silva. *A gente é criança mas a gente tem vergonha*. Entrevista concedida a Juliana Dantas e Daniel Braga. Ilha Grande/PI. Em 24 de setembro de 2020.
[121] JORNAL DO PIAUÍ, 1971, p.22.
[122] Raimundo Nonato dos Santos, conhecido como Pai Dim, 57 anos, casado, três filhos e cinco netos, começou a trabalhar com nove anos, ainda sobrevive da pesca, e de um pequeno comércio instalado no bairro São Vicente, antigo Loquinha, Ilha Grande-PI.

anos já acompanhava o pai no serviço da roça. Por isso, estudou pouco. Um dos fatos marcantes de sua vida foi a passagem pelo MOBRAL Sobre essa época, conta que:

> Teve uma época aí que tentei estudar. Foi no tempo que apareceu por aqui essas escolas do MOBRAL, sabe. O problema era que eu chegava muito tarde, enfadado do serviço, e não dava vontade de ir para escola, me jogar num outro trabalho que era estudar, né. Só sei que eu larguei de mão. Só depois dos doze anos em diante foi que eu entrei na escola novamente. Naquele tempo eu trabalhava o dia inteiro, e quando era de noite eu ia para escola, né. Mas não teve jeito. Era difícil levar aquela vida, logo eu sentia um sono danado, e aí eu disse "rapaz, eu não vou mais não". Aí foi quando cheguei a ser maior de idade, e precisava comprar minhas coisas, e resolvi deixar escola de vez e cair de cabeça no trabalho. [...]. Por isso, meu documento é mesmo analfabeto, sabe. Mas vou lhe dizer uma coisa, eu até que não sinto falta. Não sei se eu estou acostumado, a não saber ler, só sei que não sinto falta. Quando eu me criei, e quanto me entendi por gente, já foi trabalhando no grosseiro mesmo, né. E não me arrependo um pingo se quer, pois eu faço um serviço que eu amo, que é lama, tanto da parte da pescaria, quanto do caranguejo – pode gravar isso aí, eu que tô mandado. Tudo que eu tenho é por causa do meu trabalho, graças a Deus. Todo meu ganha pão foi conquistado aqui, e me orgulho disso, pois tive condição de fazer tudo que tinha vontade e desejado na minha vida[123].

Como evidencia Paul Thompson, o uso das fontes orais pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para história, transformando, dessa forma, os objetos em sujeitos[124]. Nessa perspectiva, observa-se os motivos da evasão escolar de alguns trabalhadores. No caso de Raimundo Nonato, manter-se estudando e, ao mesmo tempo, trabalhando era sacrificante. Já rapaz, abandona a escola e se dedica integralmente ao trabalho. Como disse, o conhecimento não lhe era útil, e aprendeu a sobreviver sem leitura, declarando, por fim, seu amor aos rios, a lama, feito o desventurado Jessé, personagem de Assis Brasil, "que tinha mania de rio". Quanto mais a memória revive um trabalho feito com paixão, tanto mais se empenham os trabalhadores em transmitir aos confidentes os segredos do ofício, já dizia Ecléia Bosi[125]. Observa-se, também, que a vida adulta iniciava cedo, ao ponto de atropelar a infância. O corpo infantil sentia as dores e o cansaço equivalente à de um corpo adulto, prejudicando na aprendizagem escolar.

O analfabetismo, decerto, é a face tenebrosa do trabalho infantil. Em meados da década de 1980, 60% dos trabalhadores da região Nordeste eram analfabetos. No Piauí, durante a mesma década, o analfabetismo também se alastrava feito epidemia. Ivanhoé Brito, em um texto intitulado *Reflexões sobre o Piauí,* alertava para o fato de o Estado possuir um dos maiores

---

[123] SANTOS, Raimundo Nonato dos. *Eu amo o mangue e a lama*. Entrevista concedida a Daniel S. Braga. Ilha Grande/PI, jan. 2015.
[124] THOMPSON, op. cit., 137.
[125] BOSE, op. cit., p. 480.

índices de analfabetismo do Brasil. Segundo ele, "[..] 22,1% das crianças até 14 anos não frequentavam a escola, enquanto 30% das crianças entre 10 e 14 anos já trabalhavam"[126].

O MOBRAL, chega ao Piauí por volta dos anos 1970 – em pleno governo militar – e seu objetivo era alfabetizar cerca de 75 milhões de adultos com idade de 15 e 35 anos. No ano de 1971, o *Jornal do Piauí*[127] demonstra uma preocupação com os analfabetos piauienses da zona rural "[...] que não sabem sequer assinar o nome, o que os impede de se alistarem como eleitores". Em outra reportagem, o mesmo jornal[128] se entusiasmou com o programa que daria para o Piauí 300 mil novos eleitores, cifra bastante animadora, pois, de 1974 em diante, o Estado contaria com uma maior representação na câmara estadual e federal. O analfabetismo é entendido como a causa do atraso econômico do país, dando a educação um caráter salvacionista da situação social e econômica, amenizando a negligência dos governos quanto ao oferecimento de condições e oferta de educação básica[129].

"Eu não estudei nada", diz Firmina, que, com oito anos de idade, começou a trabalhar cuidado de criança e nas atividades domésticas. Segundo ela, "de oito até os dezesseis anos, a minha vida foi essa". Por ter saído de casa muito cedo para trabalhar em "casas de famílias", pouco estudou. Ao longo da sua fala, lamenta a morte repentina da mãe, o que tem impacto no seu futuro, pois termina morando com desconhecidos, trabalhando como doméstica e babá. Por isso, diante de tantas responsabilidades, os patrões não viam a necessidade de levá-la a escola, crescendo sem uma educação formal. Sua lembrança dos bancos escolares é constituída quando adulta, pois frequentara a escola noturna, cursando a primeira etapa do Ensino Fundamental. Conserva dessa passagem as brincadeiras, "as colas" que passava para os colegas, sobretudo em matemática, pois se orgulha em dizer "eu sempre fui boa em matemática". Já sobre a escrita, "eu só faço meu nome", diz e complementa:

> [...] eu não estudei nada. Eu aprendi a fazer meu nome olhando as cartas do ABC juntando a letra sozinha[...] mesmo assim eu terminei o primeiro ano, eu sempre fui boa de matemática e eu dizia "o professor podia dar aula só de matemática, agora esse negócio de ditado", a professora achava graça[...] agora de escrever eu só faço o meu nome e me adaptei, eu sei juntar as letras tudim. Outro dia eu estava dizendo, eu não escrevo porque não quero escrever, eu sei juntar as letras tudim, porque quando você não sabe é mais difícil né, então eu não decifro as letras dos nomes porque eu não quero mesmo hahaha. E como eu disse, eu sou analfabeta de caneta, mas de cabeça eu sou é nada![130].

---

[126] BRITO, Ivanhoé. Reflexões sobre o Piauí. In: ALMANAQUE DE PARNAÍBA, 1997, p. 195.
[127] *O MOBRAL chega no Piauí. Jornal do Piauí.* Ano XX. Teresina, 30 de jun. 1971, p. 22.
[128] *Alfabetização e o progresso do Estado*. Jornal do Piauí. Ano XXI, Teresina, 31 de janeiro de 1972, p. 18.
[129] SOTERO, Naira; FRANCO, Roberto Kennedy Gomes. *Lembranças/ esquecimentos do Mobral em Parnaíba/PI no contexto da ditadura civil militar (1964-1985).* Encontro de História Oral, 2014, p. 7.
[130] AMARAL, Firmina Araújo. *E como eu disse, eu sou analfabeta de caneta, mas de cabeça eu sou nada*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em, 09 de outubro de 2020.

A clareza com que expressa suas ideias, inteligência e lucidez de Firmina causa admiração, sobretudo quando se descobre que ela não sabe ler nem escrever. O pouco que aprendeu na infância foi em casa, sozinha, com as cartilhas que pegava dos filhos do patrão, juntando as letras e soletrando ao seu modo. Com sabedoria, ela diz que: "não leio porque simplesmente não quero", querendo dizer que o ensino formal não lhe fez falta e que superou as adversidades mesmo sem diploma. No entanto, o que se observa é que Firmina tem um grande conhecimento do mundo, fruto de suas experiências, e termina sua narrativa sobre as memórias e esquecimentos da escola destacando que "é analfabeta de caneta, mas de cabeça eu sou nada!". Ao narrar-se como história, Firmina apazigua os acontecimentos, inscrevendo-se em tempos diversos, se ordenando por eixos sentidos que vão se movimentando para frente e para trás sem obedecer a uma sucessão necessária[131]. A memória da infância sobre a escola é deslocada para a vivência escolar adulta, indicando que a "recordação é presente/passado, se unificam os diversos tempos sociais em que o sujeito coparticipa"[132].

A(o)s narradora(o)s queixam-se da dificuldade de encontrarem e manterem-se na escola. Essas dificuldades, ao que tudo indica, eram impostas pelo próprio Estado, entidade responsável por amparar essas populações carentes das beiras, campos e grotões, através de políticas públicas de inclusão e universalização do ensino, políticas estas que, segundo os relatos, eram ineficientes. Isso nós remetemos a uma citação de Mari Del Priory, ao refletir sobre ação dos fatores econômicos que, de certa forma, interfere na situação da criança, conjugada à ausência de políticas de Estado para formação escolar da criança pobre e desvalida, acentuando, consequentemente, o miserabilísmo[133]. Dona Inácia, corroborando com a citação, diz:

> "Quando mamãe me botou no Mobral, não tinha caderno. Nem lápis! O governo não dava nada! Não tinha borracha. A gente apagava sabe como era? Era com cuspe, com o dedo, que rasgava o caderno tudim. A merenda era mingau, quando não, leite; o copo era de alumínio – isso eu me lembro – que queimava o beiço da gente. A gente tomava e... ai meu Deus do Céu!, queimava os beiço da gente. Eu nunca levei naquele tempo dez mil reis para comprar merenda. Sabe o que eu comia? Era caju, era mata fome... era isso"[134].

Luísa, na mesma linha, relata que estudou pouco, "pois a gente tinha que trabalhar, fazer alguma coisa para ajudar em casa, né". E, completa dizendo, "mas estudei pouco, a ponto de eu

[131] SEIXAS, Jacy Alves. Op. cit., p. 49.
[132] CATROGA, op. cit., p. 11.
[133] PRIORY, op. cit., p. 13.
[134] DA PAZ, Inácia Maria Silva. *A gente é criança mas a gente tem vergonha*. Entrevista concedida a Juliana Dantas e Daniel Braga. Ilha Grande/PI. Em 24 de setembro de 2020.

saber mal meu nome e ler umas coisinhas. Eu tenho que ficar soletrando para ler, mas leio, né, ninguém me engana não, viu". Ela também fala das dificuldades do acesso à escola, da falta de merenda, pois a merenda escolar, como sabemos, é uma forma de atrair as crianças pobres para escola. Diz Luísa: "quantas vezes eu coloquei uma galinha debaixo da bacia para ela por ovo mais ligeiro, *pra* gente pelo menos comer um ovo antes de ir para escola".

As memórias da escola, como se viu, são pequenos clarões em um grande quarto escuro, lampejos entrecortados pelo trabalho, tendo como consequência a evasão e a desistência. Grande parte das lembranças da escola são consolidadas depois de adultas, quando muitas delas retomam o estudo. Além do mais, o mergulho no passado através da memória é feito por um adulto que já viveu bastante ao ponto de discernir e avaliar determinados pontos da vida. Por isso, a memória evocada não nos chega pura, pois ela é quase sempre uma reconstrução do passado.

Nesses relatos me vem à mente a fábula *A Raposa e as Uvas* de Esopo, que conta a história de uma raposa que, por não alcançar o cacho de uvas, termina desistindo e desprezando o objeto de seu desejo, forma encontrada para exorcizar os planos frustrados. E, muito comum a frase a escola não me faz falta, consegui criar meus filhos mesmo sem estudo formal, que o estudo não era pra mim. Isso só demonstra que essa(e)s mulheres/homens conseguiram se adaptar a uma sociedade que privilegiava acima de tudo o trabalho, a sobrevivência, e, além do mais, viviam à margem de políticas públicas e educacionais. Como diz dona Luísa: "o que eu me preocupava era em trabalhar". Dessa forma, nota-se que sobre a escola, as memórias registraram alguns flashs, algumas imagens embaçadas, pois a passagem pela escola foi atropelada pela urgência de trabalhar.

Notamos que entrevistados(as): "assim como muitos operários e operárias, contam sua vida a partir do primeiro dia de trabalho, e não desde o nascimento"[135]. O trabalho, como pudemos constatar, é uma dimensão importante que perpassa e invade toda vida dessas mulheres e desses homens. A infância que as narrativas vislumbram não é uma infância ideal, marcada por brincadeiras, risos, alegria, resguardadas por órgãos, instituições e leis, e sim uma infância em que essas crianças são obrigadas a assumir determinadas posições na luta pela sobrevivência, uma vez que as famílias ribeirinhas, submetidas aos trabalhos da pesca e lavoura, viam o sustento da família numerosa como uma questão central.

A memória desse(a)s trabalhado(a)res sobre a infância partem de um EU alargado, que viveu bastante a ponto de avaliar sua trajetória, vendo a infância como a melhor possível e em

[135] Portelli. Op. cit., p. 24.

alguns momentos, e, em outros, como uma infância que não era a ideal. Mesmo assim, essas narradoras(es) falam de um tempo livre, em que andavam soltas nos campos, morros, natureza, desbravando esse espaço sem medo, não havendo crimes, assassinatos, roubos. A memória fala de um tempo das brincadeiras na porta de casa, do aconchego da comunidade. A todo instante, esse lembrar o passado que se viveu é confrontado com os dias de hoje, caracterizado pela pressa, o advento da tecnologia, as inovações técnicas, a criminalidade, as mudanças do espaço. As memórias, por outro lado, privilegiaram uma dimensão íntima, mas, ao mesmo tempo, falam de costumes e modos de ser e viver de uma coletividade. Por isso, as lembranças "do ser criança", das origens familiares, assim como a educação e memórias dos entes queridos são atravessadas pela dimensão do trabalho, labuta incansável que atravessa corpos e histórias de vida

CAPÍTULO II: FAMÍLIA, HABITAÇÕES E COSTUMES

> *O meu pai veio pra essas bandas depois de uma grande seca no Ceará, acredito que a tal Seca do Quinze, pois ele é de 1916. João Alves, meu pai, era o mais velho. Na época, eles fizeram essa travessia caminhando, quando não, pedindo carona. Ele conta que os irmãos menores vinham carregado numa topeira. Você sabe o que é? Pegavam um pau e amarrava uma espécie de redinha, em cada lado, e colocava a criança dentro... (Julinho).*

Nesse capítulo, vamos conhecer as origens familiares, a história privada e o cotidiano e trabalhadores(as) do Delta do Parnaíba, revisitando memórias das habitações, dos objetos, dos fazeres mais comezinhos, as relações estabelecidas entre pais e filhos, as regras e costumes que rondavam essa instituição responsável pelas primeiras aprendizagens das técnicas de trabalho e do domínio sobre a natureza.

2.1 Migrações e famílias: *Morros da Mariana, a terra prometida...*

Os relatos, quando vão se reportar as memórias dos familiares e suas origens, chega-se a um fenômeno da migração, fenômeno que condiz com o povoamento dos Morros da Mariana, que se intensificou com a chegada de imigrantes cearenses que fugiam da seca, instalando-se no Litoral do Piauí. Uma dessas famílias foram os Lucianos; de origem portuguesa, abandonam Crateús no Ceará por causa dos males da seca e se estabelecem no Delta do Parnaíba, por volta de 1890[136]. No livro *Lucianos, uma descendência de dois séculos disseminados por 16 estados, com origem no Piauí*[137], o jurista João da Cruz rastreia a origem da família, deparando-se com uma grandiosa árvore genealógica, espalhada por vários Estados do Brasil.

O último destino dos Lucianos foi o povoado dos Morros da Mariana, como deixa claro João da Cruz. Em 1884, Raimundo Luciano fixa-se no povoado, onde foi proprietário de engenhos. A história dos Morros da Mariana se dá com a chegada dos Lucianos, os verdadeiros desbravadores do lugar, pois antes, como deixa claro o escritor, "[...] só havia nos Morros meia dúzias de taperas". Já os Lucianos, "com suas enxadas, sulcavam o solo das pequenas ilhas, em

---

[136] COSTA, João da Cruz. *Lucianos: uma descendência de dois séculos disseminada por 16 estados, com origem no Piauí.* Brasília: Valci Editora, 1996, p.27.

[137] Quando se vai construir uma trajetória familiar, é no cotidiano que essas memórias se ancoram. Já em relação ao genealogista, quando busca salvar a memória dos seus ancestrais, suas ações, proezas, feitos, é a memória de si mesmo que se quer registrar. Se durante a reconstituição familiar ele aumenta as ações e os feitos dos familiares, embelezando e nobrecendo certos atributos, certamente tira-se proveito identitário disto, ensina Joel Candau. Ver: *O jogo social da identidade*, p. 140.

derredor, no plantio da cana e na criação de gado, trafegando em suas canoas, como continuam fazendo até hoje"[138].

Por meio da agricultura e da criação de gado, os Lucianos prosperaram constituindo uma vasta descendência. Em um poema intitulado *A terra da promissão*, João da Cruz considera Morros da Mariana uma "espécie de Canaã", prometida aos Lucianos, só que, em vez de leite e mel, a terra engastada no Delta Parnaibano, era rica de belezas, dunas prateadas, mansos igarapés, peixes e frutos diversos:

> Morros da Mariana, a terra prometida
> Pela providência Divina a Luciano
> É como encantadora pedra preciosa
> Engastada no Delta do Parnaíbano
> Plantada de permeio a alvinitentes dunas
> Morros da Mariana é bela, é fascinante,
> De pequenos e mansos igarapés cercada,
> Tempo povo simples, de grandeza radiante,
> Quando do velho patriarca os descendentes
> Tomaram a posse dessa terra prometida,
> Ficaram da responsabilidade cientes.
> Dessas ilhas que de Luciano receberam
> José Vicente, Zé Luciano e Vitalino
> Todos as vastidões de Canaviais encheram[139].

As narrativas também indicam que os primeiros moradores dos Morros da Mariana eram migrantes que atravessavam fronteiras fugindo da seca que assolava o sertão nordestino. As memórias sobre as origens familiares são marcadas, quase sempre, por migrações, fugas e fluxos. São histórias contadas por pais e avós sobre viagens, travessias, as causas e consequências desses deslocamentos. No geral, o que se observa é que a proximidade do rio e o do mar como sinônimo de abundância, nova vida e prosperidade. A Ilha, sobretudo os Morros da Mariana, acolhia essas famílias que vinham de outros Estados em busca de dias melhores, como é o caso da família dos Lucianos e outras famílias.

A família paterna de Rosa Maria, por exemplo, sobrevivia da lavoura num povoado do Ceará chamado Jabuti, plantando milho, feijão e vendendo esses produtos no centro de Parnaíba. O deslocamento era feito em lombo de animais. Com o dinheiro arrecadado compravam os suprimentos para abastecer a família e incrementar um pequeno empreendimento comercial. Como diz, Rosa Maria: "[...]a família do meu pai era muito

[138] Ibid., p. 28
[139] COSTA, Op. cit., 1996, p. 65.

chegada a vender as coisas em Parnaíba. Eles levavam as coisas nos animal, vendia, comprava as produtos e levavam pra vender na região"[140].

De repente, uma seca castiga a região, obrigando-os a abandonarem o povoado. Como já conheciam Parnaíba, sabiam muito bem o quão caro seria fincar morada nas áreas centrais da cidade, obrigando-os a atravessar o rio Igaraçu e se estabelecerem nas ilhas do Delta, mais precisamente nos Morros da Mariana. A família do pai de Rosa Maria colocou os pés no povoado em 1944, "E daqui não saíram mais!". Esses episódios sobre as origens migrantes dos pais e avós são repetidos pelos filhos, pois indicam as proezas da família, "e são atitudes-símbolos, que ajudam, além de reconstruir o episódio, transmitir a moral do grupo e inspirar os mais jovens", diz Ecléia Bose[141].

No romance de Raquel de Queiroz, *O quinze*, Chico Bento, preocupado com a família, resolve abandonar a tapera em que vivia com mulher e filhos e viajar "rumo à sombra verde do Amazonas", lugar que nutria de prosperidade sua imaginação esperançosa. A família de dona Inácia, assim como de Chico Bento, viram-se "sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, e não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse", então, "só restava arribar"[142], abandonando Mearim, um povoado do Ceará, numa época que ela não sabe precisar, deslocando-se mãe, pai avós e tias, chegando aos Morros da Mariana, sobrevivendo da agricultura. A mãe, Dulce de Araújo, com apenas quatorze anos, casa-se com Inácio Gomes da Silva, pai de Inácia, e logo a engravida. Em um primeiro momento, não se deram bem: "na Ilha as coisas também estavam difíceis, então resolvem retornar ao Mearim". No entanto, nada sai como o esperado. Se deparam com mais dificuldades financeiras, e, novamente, retornam à Ilha, com a mãe de Inácia já grávida de seu terceiro filho. A viagem de trem é marcada por fatos curiosos e engraçados que não lhe sai da memória.

> Eles vieram de trem, nessa vinda nesse trem, nessa vinda de lá pra cá, diz que uma carruagem desapregou e meu irmão que é o mais velho, mas era bem pequenininho, que toda vida ele foi pequeno, ficou embaixo do trem, ficou embaixo da carruagem, dos ferro lá, aí ela diz que buchada da... buchada de quem meu pai? Do Sitão ou era do Doutor, um deles. Ela disse que vinha buchada. Aí vinha eu, Maria do Carmo e ele, o Suné, e ela, mamãe, grávida, lá do Mearin, a carruagem desparta, quebra lá um negócio e o menino pequeno caiu no chão, aí ela chorava, chorava naquela gritalhada, todo mundo chorando, aí ela, "oh, meu Deus, meu filho morreu, meu filho morreu!", aí o

[140] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.
[141] BOSE, op. cit., p. 424.
[142] QUEIROZ, Rachel de. *O quinze*. 107. Edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

> menino debaixo dos ferro falou assim "morri não, mãe, eu tô aqui". A mamãe contava essa história[143].

Inácia conta esse episódio familiar com muita desenvoltura, indicando que comumente essa história era lembrada para os filhos e netos. Nada se sabe ou nada foi dito de como seus pais se conheceram, o que se pode dizer é que o casamento foi rápido e a família crescia a cada ano. São essas histórias que sua mãe contava, guardando na memória com muito entusiasmo e graça. Algumas delas, nos alerta Ecléa Bose, são evocadas como se pertencessem apenas a Inácia. No entanto, a memória individual da narradora mergulha em um passado anterior sua experiência, uma vez que era apenas uma criança na época do ocorrido. Essa história, acredito, foi contada e recontada a ela e aos irmãos tantas vezes que terminou incorporando-a ao seu cabedal de lembranças[144].

Os pais de Julinho também migraram no começo dos anos 30 para o litoral do Piauí. A mãe, Catarina Marques da Silva, veio do Maranhão, precisamente de uma localidade chamada Queda do Pote. O seu pai, conhecido por Caminhão, veio do Ceará. Os dois abandonaram seus respectivos lugares de origem em busca de melhores condições de vida, firmando-se na ilha, associada com ideia de fartura, abundância de água doce, peixes e terras férteis. O senhor Vicente Candido, lembrando sobre as secas e das famílias que migraram do Ceará, instalando-se nos Morros da Mariana, diz: "Olhe, as famílias vinham tudo de fora, tudo do Ceará. Quando eles chegavam em Parnaíba, que viam a água, se ajoelhavam e muito choravam emocionados. Rapaz, naquele tempo era sofrimento!"[145]. A emoção de avistar o rio de água doce causavam um misto de alegria e esperança aos migrantes que fugiam da seca, como diz Vicente.

Os pais de Julinho foram um desses que sofreram as intempéries e lançaram-se em busca de um novo lugar para reconstruir suas vidas. Encontram-se numa vala[146], namoram, casam-se e tiveram sete filhos, do qual morreram três. Questionado sobre como era essas travessias, Julinho diz que seu pai adorava contar essa história. "Na época", diz Julinho, "eles fizeram essa travessia do Ceará rumo ao Piauí caminhando. Quando não, pedindo carona. Ele contava que seus irmãos menores eram carregados em uma espécie de toupeira". "Cê sabe o que é?", pergunta. "Assim, pegava um pau e amarrava um assento de redinha em cada lado, pra colocar

---

[143] DA PAZ, Inácia Maria Silva. *A gente é criança mas a gente tem vergonha*. Entrevista concedida a Juliana Dantas e Daniel Braga. Ilha Grande/PI. Em 24 de setembro de 2020.
[144] BOSE, op. cit., 1994, p. 425
[145] RODRIGUES, Vicente de Paulo; RODRIGUES, Iraci Silva. *Nesse tempo aqui era tudo parado. Era só areia*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 28 de outubro de 2021.
[146] Valas eram córregos que atravessavam o povoado e os moradores usavam essas fontes de água, para lavar roupar, beber e tomar banho. Era um lugar em que se estabelecia relações, fazia-se amizades e mesmo paqueras.

as crianças"[147]. E, o porquê dessas travessias, perguntei. Julinho responde que a família paterna abandona o Ceará por causa de uma grande seca, "que acredito que já era a tão famosa Seca do Quinze, pois ele é de 1916"[148], concluí, responsabilizando a Seca do Quinze por expulsar os familiares do Ceará, indicando o quanto essa seca povoa as memórias e o imaginário dos sujeitos, servindo como marco e comparação com tantas outras. A memória, como se pode ver, é, em parte, herdada, pois não se refere apenas a vida física da pessoa, como diz Pollak, mas se apropria dos acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade[149].

O Senhor Antônio Veras, 72 anos, pescador aposentado, conta que seus pais eram cearenses, e, com apenas um ano de idade, acompanhou-os nessa travessia em busca de melhores condições de vida. Seu pai, segundo ele, nunca tinha pisado na Ilha, mas achou o lugar mais adequado para se instalar com a família por causa da proximidade do rio. Por ser muito trabalhador, adaptou-se rápido ao meio de vida local, vivendo das roças, especificamente do cultivo do arroz.

Ao garimpar os documentos escritos, encontra-se evidência dessa migração de famílias ao litoral do Piauí, como deixa claro uma matéria do almanaque de 1938, período que ultrapassa nosso recorte, mas que serve para demonstrar essa fuga da seca que as entrevistas destacam. Entre os primeiros anos dos séculos XX dá início a esse fluxo de imigrantes em Parnaíba, todos fugindo da seca. Só que esse fluxo de grandes números de família causou problemas de ordem social a cidade, que não tinha condições de inserir esses imigrantes no comércio, gerando uma leva de desempregados e desabrigados, ociosos e entregues ao álcool e a delinquência, como deixa claro uma reportagem do Almanaque da Parnaíba:

> Em 1915, Parnaíba esteve a braços com o doloroso problema de dar pão e abrigo as levas de imigrantes que, vindas do Ceará e do interior do Piauí, a procuravam fugindo à inclemência da seca. É de justiça dizer que a população da cidade apoiou naquela emergência com acostumado espírito de fraternidade e filantropia"[150].

O espírito de fraternidade e filantropia da população foram responsáveis por remediar o caos causado pela presença de imigrantes sedentos de fome. Além disso, a construção da linha de ferro Amarração a Campo Maior "serviu para empregar grande parte dos retirantes

---

[147] ARAUJO, Antônio Júlio Marques. *Quando a coisa há de ser, o destino junta*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Em 11 de janeiro de 2015.
[148] ARAUJO, Antônio Júlio Marques. *Quando a coisa há de ser, o destino junta*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Em 11 de janeiro de 2015.
[149] POLLAK, Michael. "*Memória e identidade social*". In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 4.
[150] ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1938, p, 81-91.

nordestinos que vivem nas ruas da cidade, no ócio, sem perspectiva, moradia, se entregando a uma série de vícios"[151].

2.2 Memória e família: *os pais eram carrasco nesse tempo*

A família é o primeiro grupo que se toma parte, exercendo sobre os indivíduos uma influência nos pensamentos, juízo de valor, adotando-se na maioria das vezes o ponto de vista desse grupo. Dentro da cabeça dos indivíduos, diz Halbawachs, habita uma quantidade enorme de pessoas que conhecemos e convivemos ao longo da vida, compartilhando com estas, maneiras de sentir e pensar. Por isso, a memória é coletiva e partilhada, na concepção do teórico[152].

Ao serem indagados sobre a memória dos pais, relembram os últimos momentos com esses entes queridos, prevalecendo a memória mais abrupta e recente, no caso a morte, evocada com detalhes, como o dia, hora e circunstância, abrindo espaço para outras lembranças e impressões. Firmina, como vimos, busca nos confins da alma as imagens da mãe e depara-se com um vazio[153] preenchido pela saudade. A genitora faleceu quando tinha dois anos de idade em decorrência de um parto do irmão caçula, situação que repercutiu diretamente no desenrolar de sua vida. Assim como Rosa Maria, que lembra do pai pela morte, delineando-o como trabalhador incansável, que, em uma capinha, termina picado por uma cobra venenosa, perigo muito comum a esse tipo de ofício. Quando foi encontrado, ainda com vida, não resistiu devido à demora em ser atendido: "E ele só morreu por causa de uma picada de cobra, em 1993, nessa dita Ilha das Batatas, ele estava trabalhando, roçando, quando uma cascavel se enrola na perna dele e morde ele"[154], diz.

A morte dos pais, como se observa, são marcos importantes na memória individual dos narradores. Não os grandes episódios históricos, mas as crônicas familiares, os fatos trágicos e íntimos guardados com intensidade. Ao contrário das figuras públicas, como alerta Michael Pollak, em que a vida privada e familiar quase que desaparece do relato, as pessoas simples narram suas vidas com base em acontecimentos da vida familiar, usando os nascimentos dos

[151] ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1938, p, 81-91.
[152] HALBAWACHS, op. cit., p. 31.
[153] Ela não constituiu lembranças da mãe. Só sabe como é seu rosto e personalidade, por meio das lembranças dos outros.
[154] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.

filhos, as mortes dos entes queridos como marcos temporais que são nutridos e transmitidos no quadro familiar, em processos de associações e de rede de sociabilidades afetivas[155].

As lembranças de Firmina são filtradas pelas histórias que sua avó contava, lembrando-a que era muito apegada a mãe. É esse apego, o colo, o carinho e os abraços da mãe que ela guarda, mesmo sabendo que era praticamente um bebê quando do falecimento. Do pai, por outro lado, pouco fala, pontuando apenas que era um pequeno lavrador e gostava de animais (bois e cavalos). O segundo casamento do pai empurra Firmina para uma vida de empregada em "casa de família", como diz. Quando passava por algum aperto nesse ambiente de trabalho, se apegava a memória da mãe, imagens que forjou através das histórias que sua avó contava: "Minha avó se cansou de chegar lá e me pegava deitada com ela, encostada nela. O nome da minha mãe era Maria, e eu sou descendente de índio. A minha mãe é filha de índio! índio, índio, índio mesmo"[156].

Ao lembrar da mãe, as memórias buscam conforto, um porto seguro para horas de dificuldade, indicando que a saudade é o coração vivo da memória. Dentre as experiências que Firmina vivenciou no aqui agora, selecionadas pela lembrança, as que mais a afetam são aquelas que estão no campo das relações afetivas, sendo a ideia da perda como algo predominante. Como assevera Jô Gondar, não existe memória fora do campo afetivo, pois, de todas as experiencias, selecionamos, com impressões ou lembranças, aquelas que mais nos afetam no campo das relações[157].

As relações com pais eram marcadas por hierarquias e regras morais rígidas. Dona Maria lembra que o pai se excedia nas repreensões: "o papai era carrasco!". A mãe, por outro lado, é lembrada como "mais amorosa, (...) não batia em nós, sabe". O pai "guardava um pauzin véi no canto, que usava para bater na gente". Esse pedaço de pau, usado nos castigos, ficava à vista de todos, servindo de alerta aqueles que saíssem dos trilhos. Quando não batia de pau, "era de correia, chinela. Ele batia com força que ficava a marca no lombo", diz Maria. A mãe de Maria, vendo os excessos, dizia: "Benedito, não dá nessas crianças desse jeito, homem, vai aleijar esses meninos!". Depois da reprimenda, o pai batia com mais raiva, voltando-se para esposa com indignação: "Nazaré" – a mãe de Maria – "cala tua boca, que você não sabe de nada não. Eu crio esses meninos desse jeito, sabe por quê? Porque não vou criar menino teimoso!"[158].

---

[155] POLLAK, Michael, op. cit., p. 3.
[156] AMARAL, Firmina Araújo. *E como eu disse, eu sou analfabeta de caneta, mas de cabeça eu sou nada*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em, 09 de outubro de 2020.
[157] GONDAR, Jô. *Quatro Proposições sobre Memória Social*. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. O que é Memória Social?. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005, p. 25.
[158] ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.

Certa vez, o irmão de Maria foi acusado de roubar uma moeda na casa do tio, e, não demorou, a história chega aos ouvidos do pai, que trata de resolver a questão: pisa de corda! Quanto mais o menino gritava, mais batia com força, deixando a esposa desesperada ao ver o filho ser surrado: "Benedito, pelo amor de Deus, solta essa criança! Vai na casa desse homem *pra* saber como foi e como não foi essa história, rapaz", mas não foi atendida. O pai dizia "que não ia criar menino desobediente, na rua, que mexia nas coisas alheias".

São memórias tão latentes que Dona Maria diz que seu irmão guardou mágoa anos. Soube-se, tempo depois, que a história não era bem aquela, e que o menino apanhara injustamente. Mesmo diante dessa suposta arbitrariedade, Maria termina dizendo: "Pois bem, meu pai criou a gente assim, né, e assim criamos nossos filhos, como a gente foi criado, com a amor a lei, graças a Deus!"[159]. Halbwachs, refletindo sobre os quadros da memória familiar, afirma que compartilhamos valores, tradições ao assimilarmos as regras e condutas que são aprendidas inconscientemente no seio familiar. No entanto, a inculcação desses valores familiares, como se pode ver, se concretiza por uma sorte de adestramentos[160].

Figura 7- Família ribeirinha do delta do Parnaíba



Fonte: caderno de campo do autor. elaborado em março de 2017

[159] ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.
[160] HALBWACHS, Maurice. *Los marcos sociales de la memória*. Espanha (Barcelona): Anthropos Editorial, 2004, p. 178.

Observe que o pai de Maria é retratado por não tolerar desvios no que se restringe ao ideal de homem que procurava forjar: o trabalhador, que extrai de seu trabalho o sustento, sem precisar pegar nada de ninguém, acreditando que se andassem com a verdade e a honestidade, um dia, Deus os ajudaria. Por outro lado, sua mãe é aquela que tem pena dos filhos, advoga por eles, mas não consegue se impor frente a figura controladora e violenta do marido. Além do mais, a esposa obedecia a ordem do cônjuge, de acordo com o que aprendia na Igreja: o homem era o pilar da casa e devia ser atendido com obediência e reverência. A esposa/mãe, fazia alusão à figura de Virgem Maria, doce e obediente. Os pais, por outro lado, criavam os filhos para tornarem-se trabalhadores, e aqueles que se afastavam desse ideal, deveriam ser severamente castigados.

Tal como afirmou Pierre Nora: "a memória é a vida, e nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento"[161]. A vida rememorada, quando escrita, lida por outra pessoa, deixa Rosa Maria emocionada, pois o passado que destrincha habita o terreno da saudade: "Cê sabe a coisa que tenho mais saudade desses tempos passados, aliás, de toda minha vida, era das caminhadas das quatro da madrugada que minha mãe me chamava todo dia para nos ir trabaía na feira".

Rosa Maria era a companheira da mãe nas caminhadas, pescarias, na extração do marisco, e uma imagem tão viva a persegue durante as noites solitárias. Devido o costume de acordar todos cedo todos os dias com a voz da mãe, ela, durante o sono, em sonhos, ainda é capaz de escutar sua voz: "Comadre Rosa! Comadre Rosa!"[162]. Ela diz "que não é espírito da mãe", e sim a intuição misturada ao hábito e a memória, criando e recriando vozes e imagens misturadas com sonhos e lembranças, pois, como diz Lefebvre, "os sonhos e as lembranças sempre se encontram na cotidianidade"[163]. E, assim termina: "é isso que tenho muita saudade, que não tem tamanho. Uma lembrança que não tem preço". Lembrar, portanto, foi uma homenagem a mãe, uma forma enaltecê-la como uma mulher trabalhadora e incansável, comprovando, dessa forma, que a boa narração é aquela que coloca a emoção, as paixões e a saudade num plano de destaque[164].

Um fato comum nas narrativas é a ausência de diálogo entre o pai e os filhos(a)s. A figura masculina da casa é representada como a viga da família, ser forte, vigoroso e moralista que tinha dificuldade em demonstrar afeto. Como lembra Rosa Maria, "o pai não era de abraçar",

---

[161] NORA, Pierre, op. cit.,p. 9.
[162] Sua mãe a chamava carinhosamente de "comadre".
[163] LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Atica, 1991, p. 14.
[164] MEIHY, José Carlos Sebe, *Bom Manual de História Oral*. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005, p. 56.

diferente da mãe, que, como vimos acima, era mais afetuosa. Sobre essa falta de diálogo entre pais e os filhos, Luísa ilustra a questão com uma história repleta de minucias e elementos. A historiadora Kênia Souza Rios, nos seus escritos sobre os usos da narrativa, diz que os depoentes que se deparou ao realizar uma pesquisa sobre a seca, ao falar sobre qualquer tema, inclusive os mais íntimos, remetiam aos ritmos que lembravam os contos populares: "as histórias de vida são narradas também na forma de conto"[165]. E é nesse formato que Luísa lembra de uma manhã, por volta das nove horas, de um dia quente, propício para investidas no mato em busca de lenha, como fazia todos os dias. Luísa,13 anos, saiu na companhia da amiga Joana, da mesma idade. Lembra o lugar de suas investidas, um morro tomado por cajueiros, coqueiros e árvores nativas, que ficava por trás de sua casa:

> Naquele tempo só se cozinhava na lenha, por isso precisava de muita lenha. A gente tirava lenha e guardava tudo debaixo da mesa, pra quando o papai chegasse com os camarão fosse torrar. Só sei que a gente tava pegando a lenha, eu encontrei uma pedra e disse que ia levar essa pedra, caso algum culumim atentado mexesse com a gente, eu tacava a pedra nele. Só sei que quando chegamos em cima do morro, um menino veí chegou perto da gente e disse assim "menina, me dá teu bicho!". Eu digo assim, "o que!?". Ele disse de novo "me dá teu bicho!". "Tu quer?", perguntei. "Quero", ele repondeu. Eu peguei essa pedra e joguei assim oh, tan... rapaz, foi bem na testa dele, oh. Te juro, foi tanto sangue, mas tanto sangue...[166]

O sangue escorre da cabeça do menino, como prêmio. Mas sabe que as histórias no povoado correm mais depressa que ela, e, por isso mesmo, desce o morro às carreiras, entrando à casa de forma abrupta, se enrolando na rede. Passa o dia preocupada, matutando uma forma de fugir daquela situação. E não pense que a preocupação é a cabeça do menino que ela quebrou com a pedrada. Ela se preocupa com outra parte do corpo, aquela que deveria ficar escondida e que foi o estopim do conflito. Luísa elabora planos de como explicar a situação ao pai, o responsável por castigar os filhos quando aprontavam algo. Como falar do ocorrido sem tocar na palavra, no interdito, que desponta para o mundo enigmático do sexo? Não lhe resta alternativa, a não ser falar a verdade. Só que essa verdade, conforme o relato, tem um preço muito caro: a vergonha. "Mas foi essa verdade", ressalta, que a "salvou".

> Eu assustada, sai correndo lá pra casa da minha vó, e lá me escondi até 6 horas. Mas eu tinha que ir embora pra casa. A outra, tirou o cu do podre, disse que não tinha sido ela, e não tinha sido ela mesmo. Mermã, mas parece que aquela pedra o cão atentou, né? Porque eu disse assim, "se eles vierem atentar nós, eu jogo nele!", o cão atentou. Aí mermã, fiquei em casa, desconfiada,

[165] RIOS, Kênia Souza. *Os usos da narrativa: escrito e oralidade*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2016, p. 22.
[166] SANTOS, Maria Luísa de Sousa. *Eu pulava na canoa e me escondia, pra não pagar.* Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 29 de outubro ade 2020.

> escondida. O papai chegou com um cinturão pra me bater. Aí, como não era besta, me enrolei na rede. Aí ele disse assim "vem cá, Neguinha, tu tá ficando doida, quebrando a cabeça dos filhos alhei". E eu fiquei ali, com vergonha de dizer algo, pois nesse tempo ninguém andava contando nada pro pais, né. E o negócio estava sério, o cinturão na mão dele querendo cantar. E ele gritava "Não vai falar não, Neguinha, porque tu quebrou a cabeça do filho alhei?!". Aí eu respondi assim, "mas também papai ele veio pedir meu bicho!". Aí ele disse assim "porque ele não vai pedir o bicho da mãe dele, aquele filho da égua!". Aí meu Deus do Céu, a verdade me salvou. Eu tive que dizer, porque naquela época ninguém dizia essas coisas pro pai da gente não. Hoje esse rapaz mora em Brasília, mas até hoje ele, quando aparece por aqui, ele pergunta pro meu irmão, "rapaz, cadê a tua irmã que quebrou minha cabeça... também eu fui pedir o que não era na minha conta!". Então, eu soube me defender. Agora hoje, as meninas não sabem se defender de nada. Pois naquele tempo era desse jeito, menino não tirava deboche com a gente pra sair barato não[167].

Essa história, Luísa contou às gargalhadas e nos diz sobre um modo de ser menina em uma realidade muito específica, em uma época que as crianças andavam livres pelos morros; época que não havia fogão, e necessitava-se de lenha para cozinhar os alimentos. É uma história de ingenuidade, mas também de sobrevivência, defesa da honra –, coisa que para as meninas da época era tão cara. Mas é uma história, acima de tudo, que nos diz sobre os medos femininos, medo de falar coisas íntimas aos pais. Porém, a reação do pai é uma coisa sublime. As fontes orais, como observamos a partir dessa narrativa de Luísa, permite-nos desafiar a subjetividade, ou seja, deslocar camadas de memória, cavar fundo as suas sombras, na expectativa de atingir uma verdade oculta[168].

Quando foi o período de conferência – parte da leitura e da negociação do que pode ser publicado ou censurado –, aconteceu algo curioso, para não dizer constrangedor. Ao ler a entrevista em voz alta a Luísa, a família, inclusive o marido, faziam-se presente, como uma plateia. Algo comum que acontecia nas entrevistas era o marido participar, intervir e vigiar o que estava sendo perguntado ou respondido, chegando à conclusão de que a maioria delas eram tuteladas e vigiadas pelos homens da casa. O marido de Luísa sentava-se ao lado para validar o depoimento, como um juiz, e, ao mesmo tempo, receoso com que a esposa falou ou deixou de falar, pronto a intervir. As casadas, por outro lado, durante as entrevistas eram observadas pelos maridos que sempre se intrometiam nos relatos, seja para correção ou para colocarem seus pontos de vista masculinos. As mulheres que conseguiam se expressar livremente, inclusive sobre a vida amorosa, eram as viúvas. Mesmo assim, davam poucos detalhes sobre as relações no casamento, como se, mesmo falecidos, ainda estivessem vigiando-as e julgando suas falas.

---

[167] SANTOS, Maria Luísa de Sousa. *Eu pulava na canoa e me escondia, pra não pagar.* Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 29 de outubro ade 2020.
[168] THOMPSON, Paul. *A voz do passado.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 197.

Voltando a conferência, resolvi pular a parte da história e deixá-la para o final. Não queria, dessa forma, indispor Luísa com marido, já que corria o risco de ele não gostar do que estava escrito. Como ele reagiria, perguntava-me, e nesse momento, fui invadido por várias questões éticas, pois a entrevista era um gênero multifocal que resulta de um encontro que celebra a pluralidade,[169], sendo uma celebração das diferenças, no caso, entre um pesquisador homem e uma mulher negra, analfabeta, pescadora, casada, avó que me contava sua vida marcada pelo trabalho, com episódios pitorescos da infância.

A conferência termina e voltamos a "história do bicho" – assim a denominamos-, que terminei lendo a ela, a filha e o marido, arrancando gargalhadas infindáveis de todos. O que me intrigou é que ninguém conhecia a história. Notei que filha ficou um pouco constrangida. Depois conversamos sobre, e o marido disse que não tinha "visto nada demais na história", o que me tranquilizou. Luísa, porém, disse que "a história era dela e que fazia questão que entrasse integralmente no texto final". A narradora sabe os limites de suas palavras, até onde deve chegar, por isso mesmo, as narrativas não devem ser encaradas como algo estático ou uma transparência, mas sempre com uma tentativa heroica de reagir à sua condição de forma positiva, e de criar um eu que pode se confrontar com situações de sua vida[170].

O relato de Dona Pureza, repleto de detalhes, nos lança para dentro das casas e da intimidade dos lares ribeirinhos do litoral do Piauí, no começo dos anos de 1960, que pregavam para os filhos uma série de regras e leis que deveriam cumprir à risca. Era uma educação familiar marcada pela rigidez que se refletia nas relações entre pais e filhos. Dona pureza usa muito a expressão "naqueles tempos", para indicar um passado vivido que se desfez com o passar dos anos, muito diferente dos dias de hoje em que os valores familiares estão se perdendo. Conforme David Lowenthl, toda consciência do passado está fundada na memória[171].

As lembranças mostram uma consciência dos acontecimentos anteriores, distinguindo o ontem do hoje, demarcando, assim, valores imaginários sobre as diferentes temporalidades. Ela lembra dos pais que não a deixavam sair de casa, existindo hora para brincar. Se fosse para a "quitanda" não podia demorar; a demora e a distração eram motivo de castigos físicos, intermediados por galhos de árvores e cinturões. As surras que levou do pai estão guardadas na memória e no corpo. Como um dia que desobedeceu ao pai durante o almoço, negando-se a cumprir uma ordem. Ela recorda que apanhou de cinturão ao correr para o quintal, fato que

[169] PORTELLI, Alessandro. *Ensaios de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 20.
[170] PATAI, Daphne. *História Oral, Feminismo e Política*. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p. 61.
[171] LOWENTHAL, David. *Como conhecer o passado*. Projeto História (17). São Paulo: EDUC, 1981, p. 75.

aumenta a raiva do pai, que lhe bate com força desproporcional, do lado da fivela, por isso diz, que os "pais naqueles tempos eram carrascos".

> Pra você ver como era, meus filhos, só porque, meu irmão, na hora do almoço, tinha que ter farinha pro papai, aí o papai disse assim, "Hermina, que era minha mãe. Hermina, tem farinha?" "Olha home, não tem não" ela disse. Pois manda a Pureza ir comprar. Aí eu falei assim, ah, eu não vou não! Hum... nunca na minha vida eu tinha dado uma resposta dessas pra meus pais, que eu não era doida. "Ah, eu não vou não, manda o Vicente". Papai disse assim, "não? Não vai não?" E o cinturão dele ele botava numa travessa pra ficar lá estirado, né, aí ele se levantou, largou a tarrafa, e foi tirar o cinto, e eu imaginei, aí quando ele pegou esse cinturão e veio no meu rumo, eu corri, entrei dentro do cajueiral que tinha pro lado da cozinha, aí ele me pegou dentro do cajueiro, e me pegou assim e jogou o cinto do lado da fivela, duas vezes... Os pais eram carrasco nesse tempo. E num instante eu fui, apanhei e ainda fui...[172].

Mesmo afirmando o excesso de violência, deixa claro que a educação familiar era útil, pois se aprendia a respeitar os mais velhos. As crianças não tinham voz, não podiam opinar, se manifestar, sobretudo em assuntos relacionados ao mundo adulto. Atrapalhar a conversa de um adulto era uma ofensa grave, diz. Lembra das rezas de joelho no chão de "areia branquinha", rezas católicas, imbuídas num imaginário cristão que tanto ligavam-se à ideia de obediência, afirmando, em seguida, que a educação dada pelos pais e avós era efetiva, diferente da educação frouxa de hoje, responsável pelas mazelas sociais.

Lembra não só dos terços rezados de joelhos no fim da tarde, mas do almoço em família, das bençõe "de mãos beijada", dos dias santos que: "todo mundo respeitava", como dia de São Pedro, São João Batista. E, os que não obedeciam e saiam para trabalhar, eram castigados, "a piranha mordia ou a pessoa se cortava", declara. Na Semana Santa, as crianças eram obrigadas a visitarem os padrinhos para tomar benção, não podia falar palavrão, comer carne e até mesmo banhar e nem "pentear o cabelo" diz Pureza: "só se fosse depois das 12 horas da noite, já no Sábado de Aleluia". Não se via bar aberto, som ligado, "porque o respeito era grande", reitera, avaliando o descaso e desrespeito pela Semana Santa nos dias de hoje, em que "os filhos não tomam mais a benção e vão é encher a cara".

Luísa também enaltece a educação dos pais, que mesmo com uma dose de força, era eficaz. Ela afirma essa efetividade comparando o tempo de sua infância, visto como um tempo bom, com os dias de hoje, época marcada pelo surgimento das drogas, dos assassinatos, roubos, fenômenos que não eram comuns "no seu tempo". Segundo os relatos, a educação familiar era

[172] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.

responsável por banir qualquer anomia ou parasitismo social. Ao narrar, não se foge das determinações do presente, da força das questões, carências e implicações que recaem nas costas dos narradores. Por isso, como afirma Upiano Bezerra de Meneses, as contingências do presente se integram a todas as dimensões da narrativa; ao narrar o passado, estamos, inconscientemente, falando não de outra coisa, a não ser do presente[173].

No entanto, Inácia afirma que o preço que as crianças pagavam era alto por essa moralidade. Ela guarda um episódio na memória de algo que seu pai fez para mudar certos vícios dela e dos irmãos, que tinham costume de comer barro, hábito muito comum entre os meninos da região, visto que as casas, na época, eram revestidas desse material, e muitas crianças enganavam a fome deliciando-se com os bloquinhos de barro que retiravam das paredes. O pai dela, ao saber que os filhos comiam esses bloquinhos, responsáveis por encher a barriga das crianças de vermes, tratou de agir rápido. Segundo ela:

> O papai fez um pirão de pimenta, papai era malvado, naqueles tempos as pessoas não tinha noção, pegou um monte de pimenta malagueta, pisou e misturou com barro e areia, deu pra mim, pro Suné, pra não comer mais barro, era castigo, e a gente cheio de lombriga, naquele tempo comia muita porcaria, porque tinha lombriga, aqui naquele tempo os meninos era cheio de lombriga mesmo! Ao invés de dar remédio, fez foi esse pirão e deu pra gente, e ai, a pobre da mamãe, foi pra Lagoa da Bela Vista com a gente, passamos quase a tarde toda com a boca dentro da lagoa, com a boca queimando[174].

O pai fez um pirão de pimenta, areia e barro e obrigou-os a comer. Esse pirão servia tanto para exterminar o mau hábito como conter verminoses, pois como ela mesma diz: "os meninos naquela época viviam tudo cheio de lombriga"; a mãe sem poder fazer muita coisa, pois não podia se contrapor à decisão do marido, leva-os a Lagoa da Boa Vista, "e passam o dia com a boca dentro da lagoa". Como se vê, os métodos de criação eram rigorosos e violentos. Os pais só falavam uma vez com os filhos, da outra vez quem falava era "o cinturão, o galho do mato ou os 'coques'[175] que o pai dava tão grande", diz Inácia. Ao falar do pai com verdade, Inácia, levanta as mãos aos céus e diz: "Que Deus perdoe os pecados do meu pai", "eu estou falando do senhor em vida, meu pai", "que O tenha um bom lugar", arrependendo-se das lembranças negativas que evocou do pai, figura que nem a memória poderia borrar.

A figura dos avós também povoa a memória dos entrevistados, como Inácia, que lembra da avó que era: "cega, bonita, porque os cearenses são bonitos, e parte da avó era tudo bonito,

---

[173] MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *História, Cativa da Memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais*. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, v. 34. p. 9, 1992, p. 11.
[174] DA PAZ, Inácia Maria Silva. *A gente é criança mas a gente tem vergonha*. Entrevista concedida a Juliana Dantas e Daniel Braga. Ilha Grande/PI. Em 24 de setembro de 2020.
[175] Cascudos.

era tudo alvo de olhos verdim, verdim; a minha avó tinha cabelo bem aqui, bem lisinho, um cabelo do fio grosso". Deve-se lembrar das casas pequenas, das famílias numerosas, constituídas por tios, avós e primos. Quando não habitavam a mesma casa, esses lares eram próximos, colados, às vezes no mesmo quintal. Portanto, a convivência com os avós era frequente, desde que resistissem aos anos, coisa rara. Muitos relatam que não conheceram os avós, pois já haviam falecido, indicando uma baixa expectativa de vida.

No interior dessa coletividade se cultivava o pleno respeito para com os mais velhos; e os avós, nesse contexto, são retratados com muito carinho, indicando uma relação de proximidade paternal/maternal. Essas relações próximas e afetuosas entre avós, exerciam a mesma função dos pais em relação aos filhos. Sobre essa relação, diz Halbwachs que em sociedades rurais, é bastante comum, durante o dia: "(...)quando o pai e mãe estão ocupados no campo, ou nos mil trabalhos da casa, as crianças pequenas são confiadas à guarda dos velhos, e é destes, tanto até mais do que dos pais, que recebem o legado e os costumes da tradição de todo tipo[176].

Por não existir um sistema de previdência que amparasse os idosos do campo e das beiras, ficavam dependentes da estrutura familiar, assistidos por uma rede de solidariedade comunitária. Muitos viviam seu envelhecimento na ativa, trabalhando até as últimas forças, ou, dependendo da situação, viviam pedindo de porta em porta; até décadas atrás, era algo comum se deparar com velhos empobrecidos, pedinte, que, por uma série de preconceitos, eram vistos seres abomináveis que "viravam lobisomens, e mulheres que se transformavam em porcas"[177]. Velhos ridicularizados na rua, tratados como desvalidos e doentes mentais, perigosos pois capturavam e comiam criancinhas, como lembra Inácia:

> Aqui era pobre mesmo, aí que chegava o ponto de muito homem pedir esmola. Aqui morava um homem que se chamava João Paulo, ele inventava que era aleijado, só que ele não era aleijado, ele botava a mão assim só pra pedir esmola na rua, amarrava a perna dele com uns mulambos e saia na rua. Ele era rezador, mas era tão pobre, tão pobre, que diziam até que virava lobisomem. Isso eu não sei, só sei que ele saia pedindo aqui nas ruas. E tinha uma mulher também chamada Maroca, e ela tinha uma caixinha e saía pedindo. A finada Puça também pedia. A Maria Burrega. A Maria Burrega ainda é viva, ela tem mais de 100 anos[178].

Mas, eram esses avós que cuidavam dos netos quando os pais saiam para trabalhar, que ensinavam algum ofício às crianças, como costurar as redes de pesca ou ofício da costura e da

[176] HALBAWCHS, Maurice, *Los marcos sociales de la memória*. Espanha (Barcelona): Anthropos Editorial, 2004, p. 84.
[177] Lembro dessas histórias na minha infância, do velhos do saco, dos homens que viravam lobisomem, de pedintes que andavam na rua em busca de capturar criancinhas para comer.
[178] DA PAZ, Inácia Maria Silva. *A gente é criança mas a gente tem vergonha*. Entrevista concedida a Juliana Dantas e Daniel Braga. Ilha Grande/PI. Em 24 de setembro de 2020.

renda. Eram avós que davam conselhos, apontavam caminhos, contavam histórias e falavam da vida com muita sabedoria. Dona Rosa relembra de suas bonecas simples e rústicas contrapondo-as com os celulares, as tecnologias de hoje. "Engraçado", diz Rosa Maria, "se eu conto pros meus netos eles não acreditam, mas, na beira do rio tem umas plantas de nome canarana, e minha avó pegava o talo dessa planta, ainda verde, molinha, né, e fazia um jeito assim, depois enfeitava com uma sainha, uma blusinha, e era isso que era nossas bonecas"[179].

Muitos brinquedos eram ferramentas de trabalho do mundo adulto, só que em miniatura. Era comum, para os meninos, o facãozinho, a foicinha, enquanto para as meninas, os brinquedos eram ferramentas do bordado, visando educá-las nas prendas. Como diz dona Rosa: "a minha avó fazia umas almofadinhas para todas as netas aprenderem a fazer renda. No entanto, a gente queria era andar solta pelo mundo, correndo ali, subindo em cajueiro (...), a gente vivia subindo e correndo os morros"[180]. Rosa Maria lembra que sua avó era uma das melhores rendeiras da região, prática do bordado muito comum no litoral, pois os Morros da Mariana é marcado por uma forte tradição do trabalho feminino com a renda. Sua avó, segundo ela, transmitiu o ofício para as netas, serviço que, conforme Maria Izilda de Matos, são trabalhos com agulha, em geral realizados no domicílio das costureiras e bordadeiras, e que possibilitam uma sondagem de uma experiência feminina[181].

A memória do pai era urdida na ausência, pois passavam grande parte das horas longe de casa e pouco participavam das questões mais comuns e cotidianas. Só adentravam o terreno íntimo do lar para valer sua posição de provedor, juiz, carrasco, responsável por impor uma ordem familiar. É comum a lembrança do pai como madrugador, o responsável pela sobrevivência da família, aquele que se gastava de sol a sol no trabalho; aquele que retornava para a casa quando os filhos já estavam dormindo; as memórias das mulheres deixam claro o distanciamento, a frieza, e rispidez; o alcoolismo e a falta de trato desses homens. Entretanto, isso não quer dizer que as mães fossem mais generosas, amorosas, mais ou menos violentas. O que se percebe é que, mesmo trabalhando tanto quanto os homens, elas eram mais presentes no cotidiano da casa e, consequentemente, nas memórias dos filhos.

Segundo Bourdieu, existem sistemas e instituições que reproduzem a superioridade masculina e, consequentemente, a opressão feminina, como é o caso do Estado, religião e família. Essa ordem opera no todo social e, sobretudo, na obscuridade dos corpos, criando

---

[179] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.
[180] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.
[181] MATOS, Maria Izilda de Santos. *Cotidiano e cultura:* história, cidade e trabalho. Bauru: Edusc, 2002, p. 90.

mecanismos de divisão sexual do trabalho e dominação entre os sexos. E, sem dúvida, diz ele, "é na família que cabe o principal papel de reprodução dessa dominação e da visão masculina"[182]. Por tudo isso, a moral familiar ,como a que vimos nas entrevistas, é calcada nos valores patriarcais em que o pai era dono dos corpos e dos desejos das esposas, filhos, agregados, animais etc. As famílias eram marcadas por valores patriarcais, tendo como princípio uma ordem social e moral fundamentada na predominância absoluta dos homens sobre as mulheres; dos adultos sobre as crianças.

A figura paterna é retratada como vigorosa, forte, valente, com traço de firmeza, bravura e destemor. Os filhos homens refletem aquilo que o pai fez questão de demonstrar, ser e ensinar: a moralidade em meio a comunidade era associada a ideia de força, coragem, domínio do corpo, que deveria, o mais cedo possível, ser treinado para resistir a dor, privações, transformando-se num instrumento produtivo de sobrevivência. Os homens conviviam durante muitas horas com o pai, os tios, aprendendo a ser macho/trabalhador. Como lembra Baubérot, a masculinidade e seu equivalente, o machismo, não é um comportamento natural, uma forma essencial de ser homem, mas sim um "lento e profundo trabalho de inculcação pelo qual a sociedade o conduz a se confirmar às características físicas e morais específicas do estado viril"[183].

Às mães, por outro lado, são sempre descritas como coadjuvantes, frágeis e dóceis responsáveis por cuidar da intimidade do lar. Ao lembrarem da mãe, a veem como doméstica e artesã, atividades que não exigiam o mesmo vigor das lidas nas roças, tratada como atividade secundária. No entanto, ao se enveredar nas memórias, observa-se que essas figuras femininas "das beiras" não tinham nada de dóceis, frágeis ou do lar, pois se desdobravam em várias atividades laborais. Nos deparamos com o ser feminino dinâmico e laborioso, que em certas ocasiões tinham suas próprias roças, fugindo do monopólio e do poder dos homens. Ter sua própria roça significava administrar seu empreendimento, empoderar-se, que, na visão Joice Berth, é uma postura de enfrentamento da opressão, eliminando a situação injusta e desigual a qual são submetidas[184]. Portanto, ter suas próprias roças, instrumentos de pesca, pegar no seu próprio dinheiro, era uma forma de investir na família, casa e filhos, como diz Pureza:

> O papai tinha uma lavoura grande, tirava muito arroz, e ele lucrava muito dinheiro, mas ele não dava pra mamãe, e não comprava aquelas coisas melhor, sabe. A mamãe se desgostou, e começou a fazer as rocinhas dela. Aí tinha eu e meu irmão. E o que ela fez das primeiras roças que ela plantou e colheu,

[182] BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 2.ed. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 140-144.
[183] Baubérot, A. (2013). *Não se nasce viril, torna-se viril*. In: A. Corbin; J-J. Courtine; G. Vigarello. (Org.). História da Virilidade: a virilidade em crise? Século XX-XXI. Vol. 3. (pp. 189-220). Petrópolis: Vozes, p. 189.
[184] BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019, p. 23.

> levou nós pra Parnaíba, comprou um cordão de ouro para mim, comprou um relógio para meu irmão...[185].

Assim como os homens, essas mulheres desempenhavam várias funções além do trabalho doméstico, como extrair marisco, pescando nas lagoas, apanhando caju, castanha, murici, atividades de tradição feminina, ou seja, uma maneira de adquirir alimento de forma instantânea. Quando chegavam em casa, além das atividades do lar, preparavam seus produtos para venderem nas feiras de Parnaíba. Desempenhavam vários ofícios como os de costureiras das redes de pesca do marido, bordavam e faziam renda, trabalho este que Michele Perrot chama de ofícios femininos que conciliam atividades de casa e a maternidade[186]; enquanto outras, embora desempenhasse funções acessórias na engrenagem das lavouras, acompanhavam os maridos nas roças.

O trabalho dessas mulheres fora de casa só era interrompido quando estavam prestes a parir e, seguidamente, no período do resguardo e aleitamento, assuntos do próximo capítulo. Era só a criança desmamar que voltavam para a atividade laboral, deixando o bebê sob a responsabilidade da filha mais velhas. Dessa forma, a trajetória do trabalho feminino não pode ser analisada da mesma maneira que a dos homens, cuja atividade profissional se caracteriza pela continuidade. No caso das mulheres, conforme Maria Isilda, o percurso do trabalho é marcado pela "descontinuidade, estando relacionada com as etapas do seu ciclo da vida, em que o casamento, e, principalmente, a maternidade são variáveis que devem ser levadas em conta"[187].

Ao longo da pesquisa, observou-se que as mulheres desenvolvem habilidades diferentes no que se refere à memória. As evidências demonstram que elas tendem a recordar eventos com mais detalhes. Enquanto os homens são mais racionais e sintéticos, as mulheres expressam mais sentimentos, relatando mais relações com a intimidade; recordam da vida cotidiana, a situação econômica da vida familiar, refletindo sobre a alimentação, as vestimentas, a preocupação com os filhos. As memórias se prendem aos quadros da vida familiar, porque "o tempo subjetivo das mulheres estão organizados e ligados aos fatos produtivos, reprodutivos e aos vínculos afetivos"[188].

2.3 As casas de palha: *a nossa casa! meu Deus do Céu, dava era pena*

[185] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.
[186] PERROT, Michelle. *As mulheres, ou, os silêncios da história*. Edusc, 2005, p. 111.
[187] MATOS, Maria Izilda de Santos, op. cit., p. 95.
[188] JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria.* Madrid: Siglo veintiuno, 2002, p. 107-108.

A memória sempre revisita as casas da infância, lugar tão repleto de afetos, que representam o aconchego caloroso da família, as relações com os irmãos, vizinhos; as primeiras noções de regra de convivência. Como diz Antônio Paulo Rezende, as casas escondem cartografias sentimentais em seu interior e no interior dos homens que as habitam[189]. Por tudo isso, as lembranças das habitações nos chegam com tanta força, trazendo à memória um antro de afetos, situações e histórias que se escreve em cada cômodo, paredes, móveis e quintais. Como lembra Gaston Bachelard, no livro *Poética do Espaço*, "a casa é nosso canto do mundo"[190], portanto, nosso primeiro universo, e ao nos transportarmos as lembranças das casas que moramos somos arrastados por imagens, cheiros e sonhos, nos remetendo, sobretudo, a infância, pois, como afirma Ecléia Bose: "o espaço da primeira infância pode não transpor os limites da casa materna, do quintal, de um pedaço de rua, de um bairro"[191].

No entanto, quando nos confrontamos com as memórias das casas de pessoas oriundas dos extratos mais pobres da sociedade, nos deparamos com formas de habitar marcadas pela precariedade, privações e "invenções do cotidiano". Essas pessoas são levadas a viver em transe, de lugar em lugar, de habitação em habitação, lutando por mais conforto: "Meus pais moraram em várias casas na minha infância, pois naquela época as casas não eram como as de hoje. Elas eram frágeis, então a gente viva mudando de casa"[192], diz Rosa Maria, sobre as casas que morou e que fora obrigada a abandonar. Algumas delas só duravam uma temporada, porque não suportava o passar dos dias, o sol e a chuvas frequentes.

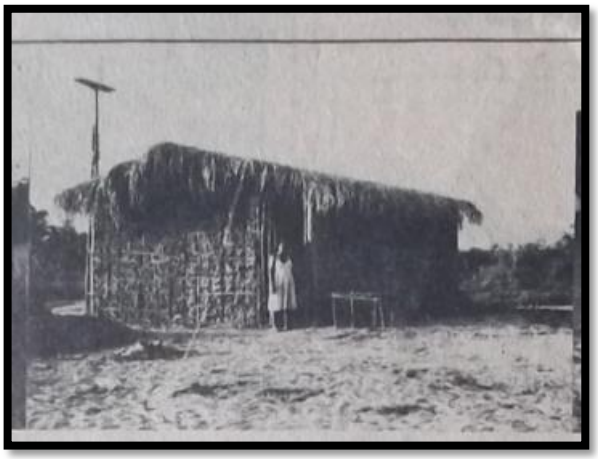
Casas construídas por várias mãos, pois era comum uma espécie de "mutirão" que auxiliava nas construções, havendo a colaboração de irmãos, esposa, filhos, primos, vizinhos e amigos; o pagamento, alguns goles de cachaça ou peixe assado com farinha. Eram de taipa, uma antiga técnica de construção que remonta desde o período colonial, de forte tradição indígena, que consiste na utilização dos recursos naturais da redondeza, como carnaúba, que eram fincadas, formando as estruturas principais, em seguida amarrava-se finos galhos que serviam para auxiliar na fixação do barro, preenchida à mão. Geralmente, as casas eram cobertas de palha e portas e janelas de tábuas, com batentes de proteção. Casas de poucos móveis, frágeis, que alojavam famílias numerosas, indicando uma privacidade vulnerável.

---

[189] REZENDE, Antônio Paulo. *A Casa Nossa de Casa Dia: metáforas e histórias da pós-modernidade*. In: NASCIMENTO, Alcides; VAINFAS, Ronaldo. História e Historiografia. Recife: Edições Bagaço, 2006, p. 31.
[190] BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 24.
[191] BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 15 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
[192] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.

"As casas, de primeiro, era tudo assim, casinha de palha, coberta com palha, cercada de palha, as paredes, tudo. Quem tinha as paredes de barro, era rico"[193], diz Pureza, lembrando das casas de antigamente, ilustrando que essas moradias de palhas se propagavam por todos os cantos. A casa que ela morou na infância, era de palha, reitera, e esse "tempo da casa de palhas" é algo muito presente nas memórias. Pureza se detém no chão de areia alvinha, que gostava de zelar, retirando os ciscos, chão reluzente de areia branquinha, que representava o cuidado, a ordem e limpeza. Como ela mesmo diz "(...) as senhoras que eram mais zelosas, o piso era de areia bem alvinha". Barria com vassoura de tucum, daqueles cachos, e varria a casa bem varridinha, e peneirava, a areia ficava bem alvinha. A dona que era bem caprichosa fazia isso"[194].

Figura 8- Modelos de casas da periferia de Parnaíba



Fonte: Jornal Inovação, 1988, p. 8.

Lembra dessa época com saudade, evocando as sensações desse tempo que a memória consagra: "o tempo das casas de palha" com seu piso de areia fina. "Eu ainda possuí a casa que tinha piso de areia" diz ela "e eu chegava e me deitava no chão, tão limpinho, oh, era tão bom"[195]. O chão limpinho que se deitava, de areia fina, a frieza, a maciez, o aconchego da casa, são aspectos sensíveis que a memória registra. Qual o benefício de revisitar as texturas das casas? Bacharelar responde que a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador e permite com que ele relembre esse espaço em paz[196].

[193] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.
[194] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. *E nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.
[195] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. *E nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.
[196] BACHERELAD, 1991, p. 27.

Os entrevistados, no que se restringe a aspecto do cotidiano, rememoravam com muita força, lembrando o passado com precisão do dia, mês e ano do acontecido. É o caso de Firmina, que usa esses referenciais com base em aspectos de sua vida pessoal. É assim que ela começa narrando da enchente de 1975, que destruiu casas e levou muitas famílias a se abrigar em igrejas, centros pastorais e escolas do povoado. As casas simples e frágeis, facilmente eram destruídas. Pois foi quando as águas começam a baixar que Firmina e seu marido tratam de levantar a primeira casa própria: "(...) quando as águas fora secando a gente ia buscar os troncos de carnaúba. Aí nós trazia naquele beco e tirava as toras e lachava"[197].

"Ele cavando o buraco, e eu ajudando a botar as forquilhas, tudo de carnaúba", diz Firmina, "as ripas, as janelas, tudo era de carnaúba", alegando que ajudou o marido em todo processo de construção, iniciada nos primeiros meses de 1975, concluída em julho do mesmo ano. Diz que sua casa era precária, "um vãozinho assim", ou seja, apenas um compartimento, coberto com palhas e paredes de barro. O marido era o responsável pela construção, junto com um primo. Essa casa de palha, de apenas um vão, foi ganhando diversas configurações ao longo do tempo, diz Firmina, mas continua no mesmo lugar: "(...), viu, depois que foi que a gente fez uma (casa) por cima da outra, e foi aumentando, aumentando, e deu esse casarão que é agora"[198], conclui Firmina, com muito orgulho, passando os olhos pelo telhado, pelos compartimentos, demonstrando que conseguiu conquistar uma morada digna fruto de muito trabalho.

As casas de palhas não suportavam o passar dos anos, as chuvaradas e ventanias. Sobre isso, o Seu Antônio Maria[199], pescador, relembra o quanto as casas que morou ao longo dos anos eram frágeis. Casas de barro, taipa, cobertas de palhas; as portas e janelas também de talos, ou esteira, como ele chama. Próximo à casa tinha um terreiro de umbanda, e, não se sabe o porquê, ocorreu uma briga generalizada, e as pessoas, com medo da briga, entraram na casa dele. Na verdade, invadiram-na. E ele diz: "e a gente só escutava era os talos velho, lepó, lepó, e não era não, era só as negradas invadindo a casa". Ele ilustra sua afirmação de que sua casa era frágil com essa história, afirmando depois que "não tinha segurança", e "quem passava via quem estava dentro", falando agora sobre ausência de privacidade, tamanho os buracos nas

[197] AMARAL, Firmina Araújo. *E como eu disse, eu sou analfabeta de caneta, mas de cabeça eu sou nada*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em, 09 de outubro de 2020.
[198] AMARAL, Firmina Araújo. *E como eu disse, eu sou analfabeta de caneta, mas de cabeça eu sou nada*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em, 09 de outubro de 2020.
[199] Antonio Maria dos Santos, 63 anos, filho não tem nenhum, mas sua mulher, segundo ele, teve treze, desses sobreviveram seis. Trabalhou de roça, pesca, mas se intitula como catador de caranguejo profissional. Hoje está aposentado, sente algumas dores no corpo, e superou um aneurisma. Ainda hoje mora no bairro Vicente de Paulo, antigo Loquinhas, Ilha Grande/PI.

paredes. E tudo piorava no inverno. “Um dia choveu”, diz ele, “não demorou uma hora, eu estava na rua”[200], ou seja, a parede desabou, ficando a família no relento. No final, diz que essas casas de palhas se espalhavam de canto a canto do povoado, e que a situação só veio melhorar “depois da chegada do Lula do governo”[201], demonstrando que a memória se enraíza no concreto, no espaço, nas imagens, nos objetos, ou seja, nos lugares de memória – espaços, por excelência, do sentimento”.[202]

Figura 9- Casas típicas das zonas pobre e periféricas de Parnaíba



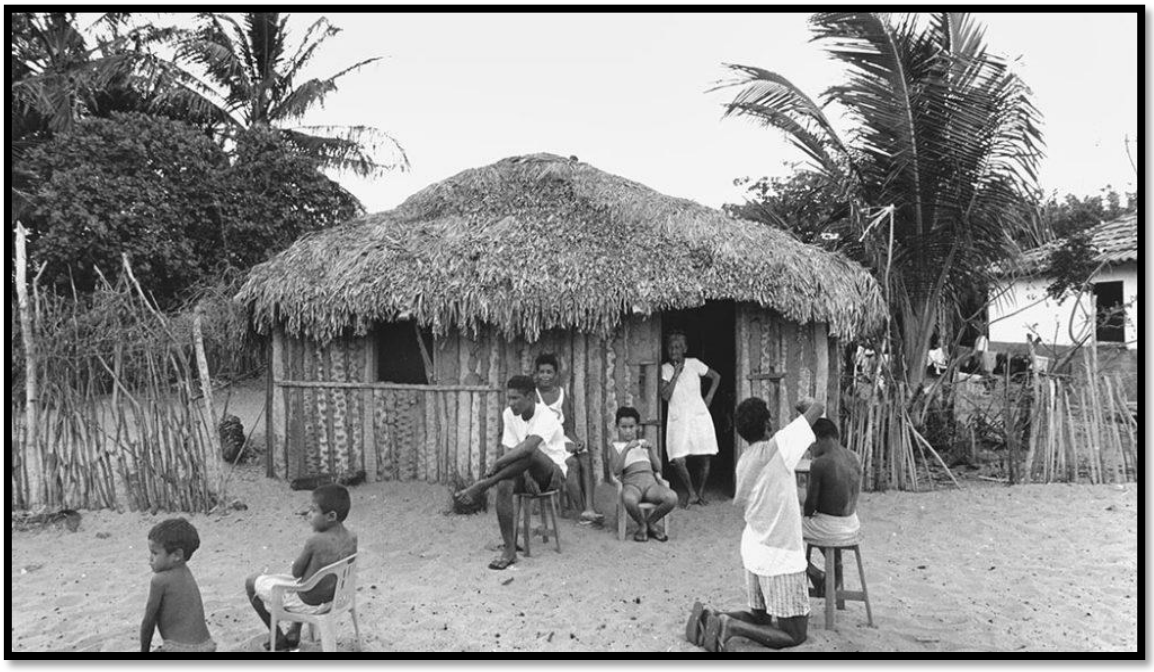
Fonte: Jornal Inovação, 1988, p. 4.

Essas moradias ensejavam pouquíssimas condições de vivências privadas, já que viviam abarrotadas de filhos, sobrinhos, netos e até vizinhos. As paredes, devido os buracos, sempre revelavam o interior das casas. As portas e janelas, por sua vez, eram feitas de talo de carnaúba. “Quem passava na frente de minha casa via os fundos e outro lado da rua [...]”, conta o Sr. Julinho, “e as pessoas diziam que eu era lascado”[203]. Nota-se então que as casas de barro, sem piso, de cômodos não muito definidos era um sinal de pobreza e de inferioridade social. No *Jornal inovação*, nos deparamos com textos que refletem sobre os modos de vida no subúrbio da cidade, denunciando as condições de moradia da classe trabalhadora: “Esses trabalhadores úteis a família e a sociedade, pois contribuem com seu suor para a formação de riquezas, são

[200] MARIA, Antônio. *Feliz daquele que conta a história, pois muitos do meu tempo já se foram*. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, fev. 2015.
[201] Muitos dos entrevistados, inclusive, compartilham com essa opinião, de que as mudanças estruturais da vida se deram com a chegada do Presidente Lula e com o Partido dos Trabalhadores no poder, período que conseguem notar as transformações e melhorias nas novas de habitar, na inclusão social e aumento da renda da classe trabalhadora.
[202] NORA, Pierre. En*tre a Memória e História. A problemática dos lugares*. Proj. História (10), dez, 1993, p. 9.
[203] ARAUJO, Antônio Júlio Marques. *Quando a coisa há de ser, o destino junta*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Em 11 de janeiro de 2015.

compelidos a levantarem choupanas de Barro e palha sem piso, muitas vezes tinha um só cômodo”[204].

Figura 10 - Casa do Senhor Julinho na década de 1980



Fonte: Arquivo Pessoal do Senhor Julinho. Foto de Gleice Meire, 1980.

Quando se visita a casa da infância, os moveis, objetos familiares, os álbuns de fotografias, lembramos de um passado afetivo, no entanto, como se pode ver, esses homens moravam em casas frágeis, desconfortáveis e inseguras, que obrigavam a mudarem de habitação, o que impedia, de certa maneira, a sedimentação do passado. Como lembra Ecléa Bose, entre “[...] as famílias mais pobres, a migração constante e as mudanças frequentes de lugar, de casa, interrompem a consolidação das lembranças e a constituição de crônicas familiares[...]”[205], já que parte dessas histórias se perdem durante a caminhada errante da qual muitos homens são condenados. A memória conserva resquícios dessas formas de habitar, marcada pela precariedade.

O pescador Antônio Marcos[206] lembra das vezes que sua casa desabou por causa dos invernos rigorosos, que, de tão frágeis, refaziam-na todo ano, aproveitando do material que

[204] MAZULO, Luiz Raposo. *O drama da moradia*. Jornal Inovação. Parnaíba (PI), 1988, p. 4.

[205] BOSE, Ecléa. *Memórias e Sociedade: Lembranças dos Velhos.* 3ªed. São Paulo: Companhia as Letras, 1994, p. 443

[206] Marcos Antonio dos Santos Costa, nasceu em 1962, tem 60 anos, casado, duas filhas, catador de caranguejo. Criada pela avó, e aprendeu, desde cedo, a pescar, trabalhar na roça e catar caranguejo. Foi um dos fundadores da

restava para, assim, construir uma nova, ou pelo menos, uma espécie de cabana, que protegesse do sol e das chuvas. Nos invernos mais rigorosos, para não dormirem em redes molhadas, a mãe de Marcos acordava todos os filhos no meio da noite, embolava as redes, e ficavam todos eles acocorados no canto da casa, esquentando-se um ao outro, até a chuva abrandar, para só em seguida armar as redes novamente e voltarem a dormir. Leia o relato e imagine a cena:

> Nem casa pra morar a gente tinha que prestasse. As casas da gente era de taipo, cobertas com palha. Passava dois anos, um ano, e já não prestava mais. E quede a condição de fazer uma outra? Teve dois anos que o inverno derrubou nossa casa. A condição da gente não dava pra fazer uma outra. Aí ele pegou o material velho e fez uma cabaninha, fez uma casa de um só vão, e cobriu. Quando a chuva vinha bem acolá assim, era mesmo como se estivesse caindo em cima da gente. O que acontecia: a mamãe acordava nos tudim, desatava as redes, embolava, e procurava aquele local da casinha onde não tivesse pingando e ficava lá, de acocado, para mode as redes não molhar, e esperávamos a chuva passar para poder armar, né. Isso o ano todinho nesse negócio[207].

Dona Maria insiste em narrar sua vida por ótica do sofrimento, signo que marca sua trajetória. Seus olhos miram longe, sua fala divaga por alguns segundos, como se arrancasse algo do fundo da memória. Notava-se uma insegurança e hesitação em casa palavra. Mas ao falar sobre sua casa da infância algo acende em seu interior, e vem-lhe à mente uma imagem da casa de palha, coberta de barro, deixando entrever buracos, que, ao se aproximar, era possível ver o interior de poucos moveis, cadeiras, mesas, um forno e as redes que se amontavam pelos poucos compartimentos. Um cheiro nauseabundo em meio aquelas palhas que amarelavam e as paredes ficavam mais cinza a cada sol. Ela recorda a casa e diz "(...) a nossa casa, Meu Deus do Céu, dava era pena". Pena não só por causa da precariedade material, mas sobretudo pela consequência dessa precariedade na vida dos pais e irmãos. Ela só consegue lembrar do desconforto que assolava seu corpo, materializada pelas noites mal dormidas, e das redes dos irmãos que se amontavam pelos cômodos. Diz:

> A nossa casa, meu Deus do céu, dava era pena. Era umas beiradas assim, cobertas de palhas, e ao redor era uns panos véi, meu filho, porque não tínhamos condições de comprar tijolo. Dento de casa era aquele monte de rede, meu Deus, pendurada uma em cima das outras; as redes as coisas mais feias do mundo. Tudo cheia de remendo. Muitas vezes, rasgadas. Eu lembro daquelas noites mal dormidas, Senhor, porque era menino caindo aqui outro acolá... era assim[208].

Associação dos Catadores de Caranguejo da Ilha Grande, e consagrou-se como primeiro presidente. Até hoje sobrevive da cata do caranguejo.

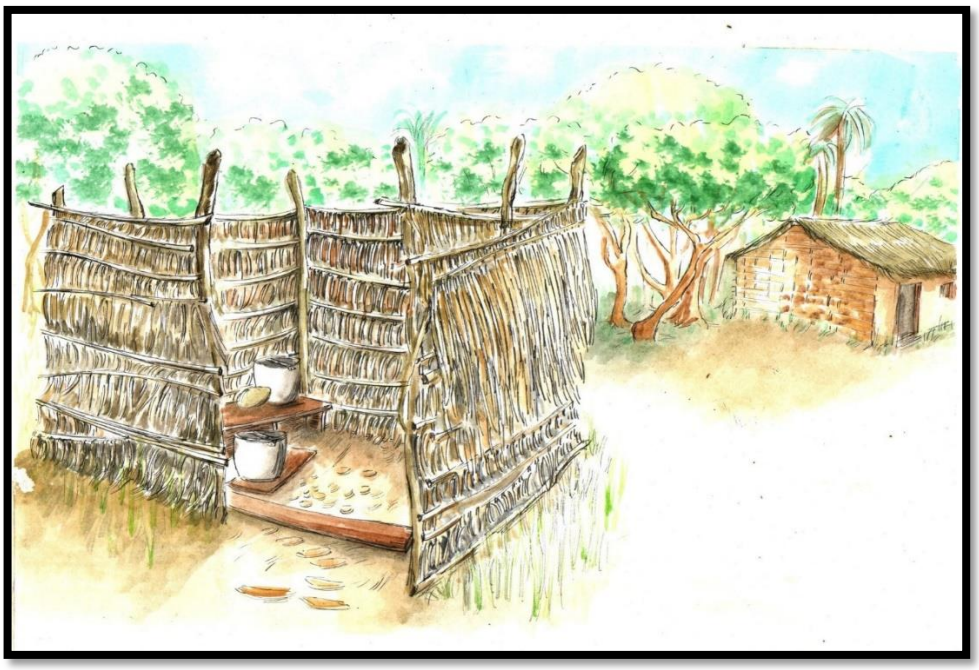
[207] COSTAS, Marcos Antônio dos Santos. *Hoje ninguém mais tem vergonha de ser o que somos*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.

[208] ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.

As crianças caiam das redes frágeis, apodrecidas que rapidamente rasgava-se no fundo, exigindo camadas de tampões e remendo a cada rasgão, num processo de bricolagem. Ao se balançarem, membros e corpos chocavam-se uns contra os outros, gerando pequenos acidentes. A ideia de uma sala repleta de redes, crianças amontoadas, diz muito dos tamanhos das famílias da época em estudo. Assim, acocorados, as crianças sonolentas protegiam suas redes dos pingos, e só voltava a pendurá-las quando a chuva abrandasse. A memória, portanto, registra esse desconforto, a aflição e os sacríficos.

Maria visualiza a casa da infância como se a fotografia tivesse impregnada em sua memória, nos levando ao seu inteiro, as partes menos nobres, por assim dizer: "(...) o banheiro" diz ela "era um puxadinho de palha" no fundo do quintal. O vazo sanitário – coisa rara – era um buraco que ficava no centro desse curral de palha, cercado por tábuas para apoiar os pés quando das necessidades fisiológicas. Em uma reportagem do *Jornal Inovação* encontra-se uma reportagem sobre o Canto do Igarapé, povoado de Ilha Grande, "de um povo calmo, sofredor, sempre esperançoso, firmes na crença em Deus e na devoção à São Miguel – Padroeiro". Em 1977, se encontrava nesse povoado uma escolinha que funcionava com 53 alunos nos dois turnos, "que utilizam a parte de trás da palhoça para fazerem suas necessidades fisiológicas, vindo depois os porcos, alimentar-se dos resíduos ali deixados"[209] .

Figura 11 - Desenho representando os banheiros das casas de palha



Fonte: Desenho elaborado pelo autor, setembro de 2021.

[209] COSTA, Reginaldo. Inovação. Parnaíba (PI), dezembro, 1977, p. 2.

Um costume muito cultivado no povoado era o ato de defecar “no mato”, pendurado em galhos, usando folhas e gravetos para improvisar algum tipo de higiene. Como diz Maria: “Não tinha banheiro, não tinha nada, a gente fazia as necessidades era no mato mesmo, pois aqui tudo era mato”, conclui. Os banhos, por outo lado, tomavam-se usando cuias, ficando claro que o saneamento era quase zero. O senhor Batista Gregório[210], também confirma essa tese ao lembrar da ausência completa de saneamento no povoado:

> Só para você ter uma ideia, bem aqui tinha um beco onde as pessoas jogavam os dejetos humanos. Era tanta merda, que os porcos que fuçavam o beco saiam de lá tudo amarelo de merda. Não tinha fossa. As pessoas faziam necessidade na rua, nos cantos, nos matos e nos becos. Quando passava aí a gente via as meninas acocadas, e só não via o rabo porque enfim, mas se via a bosta caindo. Era assim. (...) isso só veio a melhorar nos anos 1980[211].

Em grande parte das casas não havia banheiros, no sentido convencional, e sim palhoças no fundo do quintal. Na época, “banhavam-se de cuia”, sendo a metade de uma cabaça, como prática cultural herdada dos indígenas que habitavam o Delta do Parnaíba. Outras práticas comuns eram “os banhos nos rios, e lagos, principalmente as tardes, durante a maré cheia”. Quanto aos vasos sanitários, eram artigos de luxo. Muitas pessoas defecavam em sacolas para em seguida serem jogadas nos becos, buracos ou terrenos baldios. “Outros faziam suas necessidades nos matos, trepados nos galhos de cajueiro”[212], diz o Sr. Batista. As condições de água e esgoto dão uma ideia geral das condições ambientais e urbanas desse povoado.

---

[210] João Batista Costa Gomes, mais conhecido como Batista Gregório, casado, pai de duas filhas. Nasceu e se criou no Morros da Mariana e, por isso, trabalhou durante muito temo de roça e pescaria. Acabou se tornando funcionário público estadual, onde exerce o cargo de vigia da Escola Estadual Marocas Lima. Depois que Morros da Mariana se transformou em cidade (Ilha Grande) tornou-se vereador, com dois mandatos. Nos tempos vagos, trabalha como locutor e narrador esportivo, mas o que adora mesmo é compor canções, sobretudo machinhas de carnaval.

[211] GOMES, João Batista Costa. *Uma infância muito alegre*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Ilha Grande, PI. Em 23 de outubro de 2015.

[212] COSTA, Batista Gomes. *Quando se tinha um inverno bom, era peixe a fole*. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, fev. 2015.

Figura 12 - Interior de um banheiro de palha



Fonte: Desenho elaborado pelo autor, setembro de 2021.

Outros fatores explicam a precariedade das habitações do povoado, para além das condições econômicas das famílias, como por exemplo a questão da propriedade da terra. A ilha Grande, parte insular de Parnaíba – do qual fazia parte o povoado Morros da Mariana –, pertencia a Família Silva, tradicional família do Piauí, que usava as terras da região para exploração da cera de carnaúba e como campo para apascentar algumas centenas de cabeça de gado. Os moradores do povoado contam que, para levantarem uma "casinha" qualquer, tinham que pedir permissão aos Silva, especificamente a João Silva. Os vaqueiros responsáveis por cuidar do gado faziam o papel de fiscalizadores das terras, dedurando e até mesmo derrubando quem se atrevesse a levantar qualquer barraco sem permissão. Diz o senhor a Abraão[213]:

> A minha casa era de taipa e de palha. Era difícil quem tivesse casa de tijolo. Até porque os donos das terra proibia as pessoas de fazerem casa de alvenaria. Os donos da terra era o João Silva, o véi. Eu me lembro que um rapaz que morava bem ali, pra fazer uma casa de alvenaria, ele foi na Parnaíba pedir pra fazer uma casa de alvenaria. Como ele era um morador antigo, o João Silva aceitou, permitindo ele fazer a casinha dele[214].

[213] Abraão Cristiano Marques da Silva, 66 anos, casado, tem nove filhos, foi catador de caranguejo e dançarino de Bumba meu Boi. Hoje se encontra aposentado e mora no Bairro São Vicente de Paulo, Ilha Grande/PI.
[214] SILVA, Abraão Cristiano Marques da. *Mesmo com esse sofrimento a gente era muito feliz*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Ilha Grande, PI. Em 17 de agosto de 2015.

O dono da terra, como uma forma demonstrar poder, impedia que as casas fossem de alvenaria, signo da segurança, concretude, o que ia de encontro ao projeto de dominação da ilha e seus povoados, através da exploração da natureza e da imposição da pobreza, materializada pelas casas de palha. Nos anos da década de 1970, as residências do povoado ainda eram construídas de maneira rudimentar. Com o advento dos anos de 1980, no entanto, algumas casas começaram a se destacar, destoando das demais. Quem podia cobrir sua casa de telha, ou mesmo parte dela, já era considerado rico. As telhas, segundo o discurso de Seu Batista Gregório, era um sinal de distinção social:

> Era poucas casas. E você levantava a mão para o céu quando o cabra colocava telha na frente. Porque a grande maioria das casas era de palha de carnaúba, de coqueiro. As janelas era feito de talos de pau. Era assim. Quando se colocava telha na frente, só na frente, as pessoas passavam e já diziam assim "olha, rapaz, o fulano tá ficando rico[215].

Dona Maria revista a casa de escassos moveis, as redes, a mesa, algumas cadeiras, um armário velho, o fogareiro improvisado com pedras e barro. Pureza também lembra dos objetos da casa, como o ferro a brasa, que ela usou durante muito tempo, e que, para ela: "era uma beleza, a roupa ficava tão cheirosa, meu filho"[216]. As miudezas da vida cotidiana são lembradas com muita intensidade, como dona Firmina que se apega ao pote da casa, pote que armazenava a água doce e fresca, chegando a "suar, com aqueles pinguinhos de água, por causa daquela água friinha, né"[217].m

Dessa maneira, as mulheres conservam "um mundo calado e permitido das coisas" na memória, detendo-se em matérias mais humildes, podemos dizer assim, como por exemplo as roupas, objetos, contrapondo-se as narrativas épicas dos homens. Elas conservam um pequeno museu de lembranças familiares: fotografias dos filhos, imagens de santos, colores, brincos, miniaturas, recordando o ferro a brasa, fornos de lenha, o cheiro das roupas limpas, a vassoura de garranchos que ciscavam os quintais de areia branca, lembranças, como já foi dito, repletas de texturas, camadas, cheiros, sensações que se apegam aos mínimos detalhes da vida. "Essas práticas de memória", nos diz Perrot, "implicam na ideia de capitulação do tempo, cujos instantes privilegiados podem ser revividos pela rememoração, reinterpretados, com uma peça de teatro encenadas diariamente, sem cessar"[218].

---

[215] GOMES, João Batista Costa. *Uma infância muito alegre*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Ilha Grande, PI. Em 23 de outubro de 2015.
[216] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. *E nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.
[217] AMARAL, Firmina Araújo. *E como eu disse, eu sou analfabeta de caneta, mas de cabeça eu sou nada*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em, 09 de outubro de 2020.
[218] PERROT, op. cit., p. 38.

Figura 13 - Desenho representado o interior da casa, os moveis simples e o pote de barro



Fonte: Desenho elaborado pelo autor, setembro de 2021.

Esse amontando de casas de palhas, móveis de madeira, objetos frágeis, porém inflamáveis, poderia, a qualquer momento, ocasionar acidentes. Como era comum o uso de fornos, lamparinas e fogareiros improvisados no interior das casas, usados para cozinhar os alimentos e iluminar as trevas noturnas, afugentar os pernilongos. Qualquer fagulha, porém, poderia ser início de uma tragédia; o fogo poderia se alastrar em questões de segundos, causando sérios danos. Segundo Vicente Candido: "Agora o povo daqui era muito pobre. Logo era pouca gente. As casas eram tudo de palha. Uma vez, aqui onde mora a Lurdes do Gregório, pegou fogo em cinco casas rapidinho"[219].

Maria conta dos riscos de morar nessas casas de palha, usando como exemplo as lembranças de dois episódios trágicos que comoveu a comunidade. Diz ela que: "Nessa Cal mesmo uma casa pegou fogo que a pobre da mulher quase ficou doida de desespero, vendo as coisas dela se desmanchar no meio das labaredas". A mulher em questão deixou o feijão cozinhando e, como ia demorar um pouco até amolecer, aproveitando para lavar umas roupas numa lagoa perto de casa. Ao voltar, depara-se com sua casa tomada pelo fogo, e, como diz Maria, "pegou fogo em tudo, não tinha mais jeito". A mulher saiu gritando "me acode! Me

[219] RODRIGUES, Vicente de Paulo. *A gente fazia de tudo para sobreviver.* Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande. Em, 27 de julho de 2015.

acode!", e os vizinhos correram na intenção de apagar o fogo e salvar alguma coisa. Em vão. No final, criaram redes de solidariedade para ajudar a mulher que estava na situação de penúria por ter perdido a casa e todos os seus bens.

Já outra história que Maria conta, é mais sinistra. Como os pais tinham costume de trabalhar e deixar as crianças pequenas sob os cuidados dos filhos mais velhos, recaindo sobre eles grandes responsabilidades, pois, em situações extremas, não sabiam como reagir, como foi o caso dessas crianças que ficaram sozinhas em casa, enquanto os pais trabalhavam na roça. Os mais velhos tratavam de cuidar dos menores e cozinhavam o almoço no forno a lenha que ficava na cozinha. Por descuido, fagulhas se espalharam pelas palhas que logo incendiou a casa inteira. As crianças, infelizmente, não conseguiram sair, e todas elas, como narra abaixo Maria, morreram carbonizadas, fato que muito enterneceu a comunidade. Lembro que Maria narrava essa história com o rosto de pavor, e quando pensava nas crianças colocava as mãos nos olhos, querendo bloquear a imagem das mortes que a memória registrou. Diz ela:

> Olhe, nesse dia foi uma tristeza. Só sei que nessa época não tinha caixão, e colocaram os corpos queimados numa tábua, e levavam seis crianças queimada, torradinha... isso foi lá pra Banda da Cana Brava, essa pegou fogo e essas crianças se queimaram. Meu Deus, foi uma tristeza tão grande, as crianças tudo torrada, dava tanta pena, meu irmão. Eu me lembro ainda disso, viu. Foram deixar no cemitério só ossos das crianças e os coros queimados. Muita gente lembra disso[220].

A história comove por saber o quanto essas crianças estavam inseridas em um sistema de responsabilidades que iam muito além de suas forças e capacidades. E, os pais, por outro lado, frente a necessidade de sobreviver, achavam que, em casa, estavam seguras. O fogo se alastrava rápido pelas palhas secas, e não quero pensar no desespero desses seis meninos tentando fugir, tentando ajudar os irmãos menores a saírem da casa. Maria recordava esse fato com aflição, colocando as mãos nos olhos, como se não quisesse ver os indícios da morte repentina e cruel que assolou essas crianças, causando uma comoção no povoado.

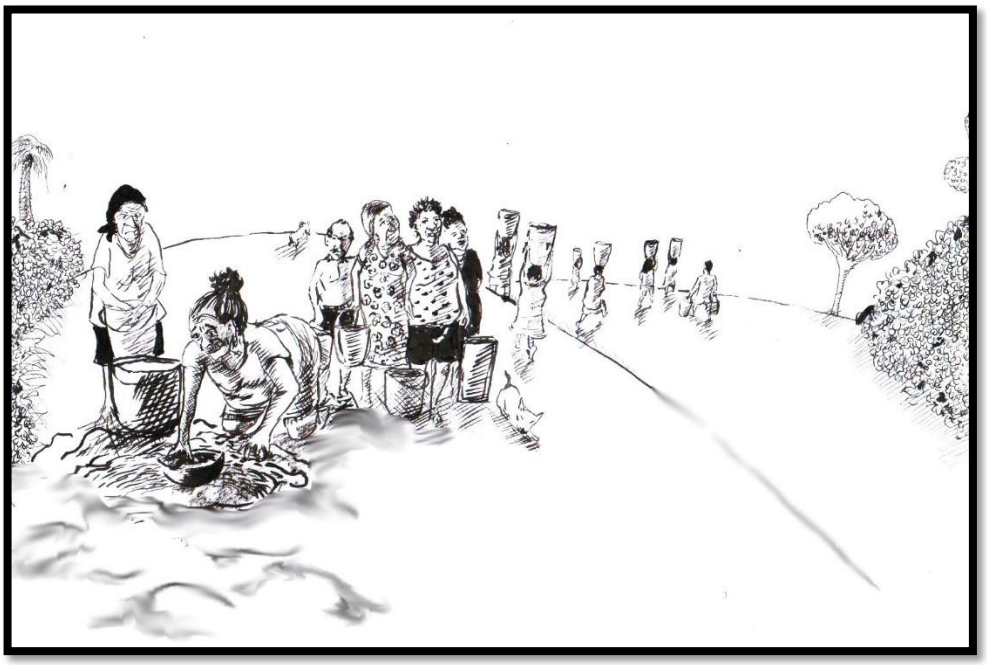
2.4 A água das cacimbas e a luz de lamparina

A água para beber não era filtrada, muito menos "tratada". Os moradores extraiam água de cacimbas e armazenavam-nas em potes de argila. Mulheres, homens e crianças faziam longas caminhadas para obter água limpa. Contam os mais velhos, "que não faltava gente, seja durante

[220] ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.

a manhã ou à tarde, com seus baldes, suas latas, formando filas enormes". Existia algumas confusões, pois cada cacimba era batizada com o nome de seus cuidadores que, claro, controlavam o acesso. Um alerta frequente nas memórias era o risco de a ribanceira deslizar e sobre as pessoas, soterrando os usuários. Ao chegar em casa a água era despejada e coada através de um pano que ficava amarrado na boca do pote. Alguns relatam que a água era boa, outros que tinha gosto de raiz.

Figura 14 - Representação elaborada com base nos relatos sobre a água nas cacimbas



Fonte: Desenho elaborado pelo autor, janeiro de 2012.

Sobre as condições de moradia, o *Jornal Inovação,* em uma reportagem de 1979, denuncia a situação do povoado, que vivia sem água, sem esgoto, sem eletricidade e assistência médica. Reginaldo Costa, jornalista responsável por fazer a cobertura sobre os bairros de Parnaíba, criticava os políticos que só visitavam a região apenas para pedir voto. Sobre a qualidade e o acesso água potável, diz ele: "[...] que a água é apanhada nas cacimbas das lagoas, obrigando, dessa forma, as donas de casa, muitas já idosas, a andarem pela areia frouxa com latas d'água na cabeça, cujas águas são agentes condutores de doenças"[221].

Essas precárias condições de moradia, saneamento básico afetava a qualidade de vida. Mas não era exceção nos Morros da Marina, e sim o reflexo da situação socioeconômica do Piauí. Grande parte das cidades do interior, até mesmo bairros da capital, viviam em condições similares. O atraso, segundo alguns especialistas, devia-se a ineficiência das políticas públicas

[221] COSTA, Reginaldo. *Povoado unidos até no abandono*. Jornal Inovação, set. 1979, p. 4.

até então implantadas no Estado. Sobre as condições de habitações, os dados do IBGE dos anos 1970, alertam para o fato de que: "[...] 87,9% das residências não possuíam esgotos adequados, ao mesmo tempo em que 77,6% nos estabelecimentos residenciais não tinham abastecimento de água[...]"[222].

Analisando os jornais da década de 1970, observa-se um incipiente processo de universalização dos serviços de água, esgoto e eletricidade. Já se nota uma relação da água potável com a saúde, do cuidado do corpo como forma de prevenção das doenças. Apenas em 1971, Parnaíba inaugurou seu sistema de abastecimento de água. A solenidade, que contou com políticos do cenário estadual e nacional, servia, dentre outras coisas, como propaganda eleitoral. Já a eletricidade também se expandia, principalmente depois da construção da barragem de Boa Esperança, como deixava claro os jornais da época[223].

Enquanto a eletricidade não chegava, os moradores criavam maneiras de aclarar as noites. Muitos usavam velas, outros a lamparina. Estas últimas, eram feitas pelos próprios moradores com frascos de remédios, algodão e pavios. Lembram que "os telhados e as paredes ficavam pretos devido a fumaça". No caso do Sr. José Lino, 70 anos, ele conta que sua família era muito humilde e sobrevivia da venda de caju, junco e murici na feira de Parnaíba. Quando não tinham dinheiro para comprar querosene, eram obrigados a fazer uma fogueira no centro da casa. As pessoas se acostumavam com o silêncio e o marasmo das noites sem fim. José Lino[224], no entanto, não esquece da ardência dos olhos e dos cheiros da fumaça, e relata que:

> [...] quando não tinha dinheiro para comprar o querosene – esse era o tempo da lamparina – a mamãe dizia, de tardezinha, "meus filhos vão caçar uns paus", aí a gente ia caçar um bocado de pau. Naquele tempo, a gente morava ali no mato. Que naquele tempo, é bom que se diga, aqui tudo era mato, tudo mato mesmo. Fazia um monte de lenha assim (fez o gesto), né. Quando estava turvando ela mandava fazer um fogo lá no meio da sala, e aquele fogo funcionava como se fosse a luz. Quando era bem cedo nos tudo amanhecia com os olhos tudo inchado de fumaça[225].

O senhor Antônio ao lembrar das quatro casas que ele mesmo fez e morou com a família, detendo-se num determinado fragmento no que podemos denominar de "tempo das lamparinas". Diz ele: "Eu lembro que a gente comprava querosene, botava na lamparina pra mode ela acender, né, e se usava latas, dessas de óleo, sabe, pavio, furava a tampa, botava um

---

[222] BRITO, Ivanhoé. *Reflexões sobre o Piauí*. In: ALMANAQUE DE PARNAÍBA, 1997.
[223] *Energia Elétrica: cresce capacidade instalada.* JORNAL DO PIAUÍ, 27 fev.1971, p. 13.
[224] José Lima da Costa, 65 anos, casado, nove filhos, trabalhou como catador de caranguejo e na pescaria no rio e no mar. Além disso, durante a juventude foi baterista. Casado, pai de oito filhos, hoje sobrevive da aposentadoria e é morador dos Morros da Mariana, Ilha Grande/PI.
[225] COSTA, Jose Lima da. *No Pulo da Rede*. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, fev. 2015.

canozim e pronto, ora mais hehehe... E olhe, pra chegar luz nesse Tatus, demorou demais, *sô*"[226]. Não só as casas era feito pelas mãos dos próprios moradores, mas alguns móveis e utensílios domésticos, como é o caso da lamparina, que lançavam mão de um "fazer" usando objetos do qual davam novos sentidos, como é o caso da lata de óleo, e, dessa maneira, criavam novas usos, ressignificando os objetos a disposição, e recriando novas maneiras de utilizar, desobedecendo as funcionalidades imposta pela do mercado, criar outras leis, através de um trabalho de bricolagem, inventando novos usos aos objetos do cotidiano.

Segundo o relato de alguns moradores, a eletricidade só veio existir, de fato, no final dos anos de 1970. Lucídio Portela[227], que, "[...] foi o responsável de levar os fios elétricos, mesmo seguros em postes de carnaúba, até o povoado no ano de 1979"[228]. A partir daí algumas famílias começaram a adquirir seus aparelhos de televisão, utensílio que se tornou obrigatório nos lares brasileiros e que movimentou de maneira espantosa a economia da época. Mas, a história também é feita de coisas miúdas. Assim, a tevê só entrou na casa de poucos felizardos, enquanto outros, se quisessem assistir à novela, tinham que se espremer na frente das casas que possuíam o tal aparelho. Na porta, "não faltavam curiosos e bisbilhoteiros de plantão que se espremiam para ver a novela das 20 horas". Para conter os bisbilhoteiros "os proprietários melavam de sebo os batentes das casas para que ninguém sentasse e nem se encostasse".

Aos poucos a energia elétrica vai fazendo parte do cotidiano, através dos postes de madeira, dos fios que se estendiam, das primeiras casas iluminadas. A luz ocasiona uma nova virada subjetiva, pois os moradores são afetados pelo fenômeno. Os primeiros televisores adentravam o lar de alguns poucos privilegiados. A casa de um homem chamado Miguel Coló, segundo Inácia, foi a primeira a possuir televisão. Soube pelo irmão: "que era feito cão de rua", diz ela. Sua mãe estava na maternidade, ia dar luz a mais um filho, ficando ela cuidando dos irmãos. O tal "cão de rua" chega em casa todo sujo e diz: "Olha, tu nem sabe! Lá embaixo tem um negócio com um bocado de *home* dentro brigando e um pé de laranja que fala". Inácia fica deslumbrada: "É mesmo, Suné?".

Ela deixa seus afazeres e vai em busca dessa "caixa falante". A casa do Senhor Miguel era grande e assobradada e ficava no centro do povoado. Na frente da casa, segundo ela, já se

---

[226] SANTOS, Antônio Veras do. *Olhe, quando chegava da roça, que eu ia jantar, eu comia minha janta com areia*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 23 de agosto de 2020.

[227] Depois que Dirceu Arcoverde deixou o governo, Lucídio Portela, irmão do ministro Petrônio Portela, foi indicado pelas bases eleitorais para assumir o cargo de governador. Médico, natural de Valença, governou o Piauí de 1978 até 1982. Sobre o seu mandato, destaca-se a ampliação das redes de iluminação elétrica da capital, e a expansão da eletrificação para zonas rurais do Estado. Na capital, por exemplo, deixou as ruas e avenidas principais uma belíssima iluminação, parte usando vapor de mercúrio e outra a vapor de sódio.

[228] COSTA, Batista Gomes. *Quando se tinha um inverno bom, era peixe a fole*. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, fev. 2015.

encontrava um grupo de curiosos. Ela, muito pequena, foi se esgueirando, ultrapassou a mureta e dando de cara com porta da frente, mirando o "aparelho falante", lembrando que ficou muito "nervosa, emocionada, sabe, vendo aquela bichonazona falando". Mas, a presença daquela estranha, logo incomoda os moradores, que estavam sentados na sala, imponentes, em uma "cadeira de cipó". Um velho chamado João Candido gritou "Olha ali, Miguel, que tá ali". O dono da casa se levantou e brigou com Inácia: "Pra fora, culiminha. Cria vergonha!". Ela vem embora, sem ter visto muita coisa, sentindo-se um misto de alegria e desdouro, pela forma como foi rechaçada e diz "a gente é criança, mas tem vergonha"[229].

Esse episódio é contado de forma engraçada, mas muito marcou Inácia, que no final, diz ter sentido muita vergonha pela forma como foi chamada atenção e expulsa da casa. A frase final é representativa, "a gente é criança, mas tem vergonha", pois sentiu-se ofendida, rebaixada, tomada por um sentimento que produziu uma lesão em sua alto-imagem, self, abrindo-se uma fenda no fundo do ser. Contar sobre esse episódio envolvendo o primeiro contato com a televisão foi uma forma de revisitar seus sentimentos, nos fazendo ver o adulto carrega um pedaço da criança dentro de si. Lembro de Alastair Thomson, que em um artigo chamado *Recompondo a Memória*, preocupado com as maneiras que a memória é evocada e suas relações entre as reminiscências pessoais e as memórias coletivas. Em certo ponto da discussão ele afirma que, em nossas reminiscências, frequentemente tentamos estabelecer uma coerência pessoal e satisfatória e necessária entre as passagens não resolvidas (traumas, perdas, vergonhas), arriscadas e dolorosas de nosso passado e nossa vida presente[230].

A falta de energia elétrica é um dado que a memória registra, já que o corpo vive uma espécie de desconforto diante da escuridão, associada, inclusive, atualmente, como rusticidade. A iluminação, de fato, é um dos grandes indícios da modernidade. Por isso, para muitos, é difícil pensar a existência sem energia e as benesses que ela proporciona – como por exemplo a conversa animada ao pé de uma fogueira, a reunião de familiares nas portas das casas na noite de lua etc. Para os moradores do povoado nos anos de 1960, viver sem iluminação era algo comum, e se vivia muito bem à luz de lamparinas, diga-se de passagem, mesmo diante dos desconfortos. No entanto, os fios elétricos começam adentrar a Ilha Grande de Santa Isabel, novamente motivado pelas fazendas, terrenos e casarões da Família Silva, estendendo-se, aos poucos, para os moradores.

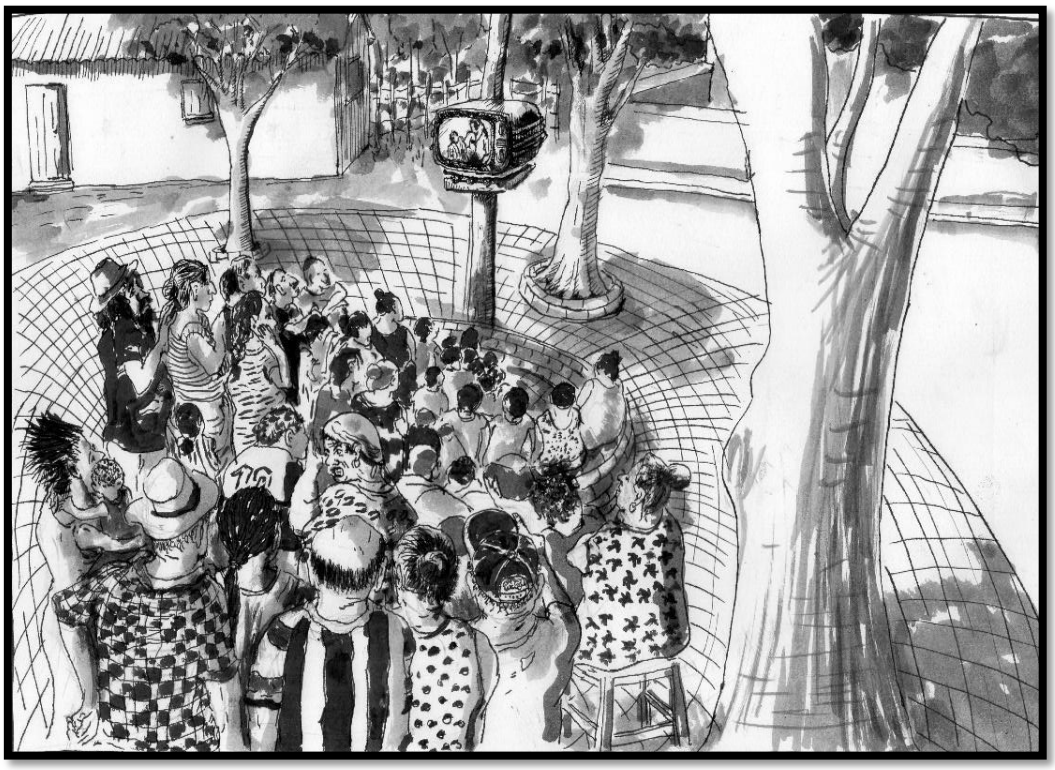
---

[229] DA PAZ, Inácia Maria Silva. *A gente é criança, mas a gente tem vergonha*. Entrevista concedida a Juliana Dantas e Daniel Braga. Ilha Grande/PI. Em 24 de setembro de 2020.

[230] THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e memórias*. Proj. História, São Paulo, (15), abr. 1997, p. 58.

Nos Morros da Mariana, por exemplo, os fios elétricos chegam por volta do começo dos anos de 1970, por meio de postes de “pau d’arco”, a abastecia, de início, pouquíssimas casas, e tinham hora para ligar, às 18 horas, e desligava-se, por meio e motores, às 21 horas. As memórias registram o aparecimento da TV pública, instalada no centro do povoado, alegando que foi o presente do governador Alberto Silva, “que fez uma casinha e botou uma televisão para as pessoas assistirem”[231], diz Firmina. Esse lugar logo se transforma em um espaço de sociabilidade intenso, lugar de encontro, mas de também de contemplação, pois grande parte das famílias do povoado se reunião ao pé dessa tela falante, observando e consumindo concentradas suas programações noturnas, destacando-se as novelas.

Figura 15 - Representação da praça repleta de pessoas para ver a TV pública



Fonte: Caderno de campo, elaborada em novembro de 2021

“Era época das Mulheres de Areia”, diz Inácia, “me lembro como se fosse hoje”, que foi ar, na sua primeira versão, em 1973, transmitida pela TV Tupi. “Ave Maria”, completa, “lotava de gente”, recordando que todos esperavam ansiosos o anoitecer, hora da novela, e lembra das famílias, jovens, velhos e crianças, dirigindo-se para a praça, e ali se amontoavam, sentavam-se no chão, ou de pé, hipnotizados pela tela que os capturava através do consumo de novos signos e narrativas. “O desespero era para assistir a novela, e todo mundo queria assistir

[231] AMARAL, Firmina Araújo. *E como eu disse, eu sou analfabeta de caneta, mas de cabeça eu sou nada*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em, 09 de outubro de 2020.

Mulheres de Areia, o programa da Hebe", diz Inácia. "Tinha a Rute, a Raquel, o Dalua. Eu lembro que Rute morreu afogada"[232], aos risos, demostrando que era uma menina noveleira.

Como vimos, memória familiar é sempre marcada por fluxo e migrações, herança que todos procuram refazer, percorrendo esses terrenos, lugares, costumes. O trágico acompanha a maioria dessas histórias familiares, como a seca, a partida, o vislumbre do rio como sinônimo de vida e a ilha um lugar de redenção. Quando se adentra o terreno das relações, os pais são sempre lembrados com devoção, até porque eram eles os trabalhadores que garantiam o sustento da família, e, por isso mesmo, surgem narrativas heroicizando esses personagens. Ao mesmo tempo que a família era uma instituição organizadora de identidade, repleta de normas e moralidades. Romper com essa norma e com o ideal era romper ao mesmo tempo com a tradição moral do mito do trabalhador, resultando em punições, castigos físicos. Aliás, os castigos são marcas que a pele carrega, calcificando memórias do pai, o ente responsável por esses castigos, demonstrando que o excesso de força, na concepção dos velhos homens e mulheres, não era um sinal de violência, mas de imposição da ordem familiar. Já as casas, tanto as da infância, como as do começo da vida adulta, ficaram registradas na memória como frágeis, o que resulta numa série de problemas de habitação, começando pelo desconforto, privacidade, insegurança. Aos poucos, os signos da modernidade chegam na Ilha, ocasionando inúmeras mudanças.

[232] DA PAZ, Inácia Maria Silva. *A gente é criança mas a gente tem vergonha*. Entrevista concedida a Juliana Dantas e Daniel Braga. Ilha Grande/PI. Em 24 de setembro de 2020.

CAPÍTULO III: MEMÓRIAS, AFETOS E PRÁTICAS DO CORPO: quando começou a morrer menino parecia uma praga

> *As mulheres são um mundo de silêncio e de segredo. (...). A linguagem do ventre é mais expressiva, porque se pode ler, na multiplicação da vida. A linguagem das mãos e dos braços é também visível. Segurando um recém-nascido. Segurando um bouquet de flores no dia do casamento. Segurando uma coroa de antúrios na hora do funeral do seu amor. E a linguagem do coração? Ausente muralha de diamante. Silêncio de sepultura. Ausência impenetrável*[233].

O traço mais surpreendente e transformador da História Oral, diz Paul Thompson, recai sobre os estudos relacionados à família, através da investigação da vida privada, dos papeis do marido e mulher, vida amorosa e conjugal, casamentos, separações, abortos etc.[234]. Seguindo essa linha, investigamos nesse capítulo as memórias mais íntimas e até as mais secretas de trabalhadores e trabalhadoras, que evocaram sobre os costumes e o cotidiano no povoado, as formas de intimidade, o lazer, os namoros, casamentos, a criação dos filhos, os abortos, as concepções de vida e morte, e, para terminar, as inúmeras práticas de cura.

3.1 Namoros e casamentos: *fui logo casando, pegada feito cachorro*

"Mandacaru quando flora na seca, é sinal que a chuva chega... no sertão, toda... culuminha que abusa da boneca e sinal que o amor já chegou no coração", canta Maria, lembrando das canções que animavam a sua juventude. No entanto, diz: "Nós, meninas lá em casa, brincamos pouco, porque o papai não deixava a gente sair não", voltando-se para as festas. Mesmo afirmando que brincou pouco, sua memória se iluminou ao evocar detalhes da juventude. Lembrou dos músicos como Cego Bento, Tropa e Cacetão, responsáveis por animarem as festividades locais que ocorriam nas chamadas Casas de Festas, residências que se transformavam em salões dançantes, sobretudo nas últimas noites de festejos.

Lembra da Casa do Seu Benedito, Seu Mané Vitalino, Dona Bertosa, e o finado Zé Dias, em que ocorria festas animadas, dessas que "(...) tinha de comprar pelo menos um vestido de chita pra ir", festas respeitadas, "não como hoje, que só baticum baticum e as cunhazinha ficam

---

[233] CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história da poligamia*. São Paulo: companhia bolso, 2021, p. 161.
[234] THOMPSON, Paul. *A voz do Passado*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 27-28.

se esfregando nos cabocos", falando das festas de hoje. Maria fica tão entusiasmada que chega a lembrar de fragmentos da canção do Luiz Gonzaga, cantando-a com sua voz arrastada, meio cantarolando, sem precisar partes da letra, fato curioso, pois fora contida em grande parte da entrevistada marcada por muitos esquecimentos e equívocos[235].

"As festas, ah... eram boas naquele tempo", diz Batista Gregório lembrando das festas dançantes que tocavam bolero, samba e valsas, os chamados "sons de vitrola, para dançar agarrado". Não havia clubes e nem salões no sentido convencional, mas sim casas improvisadas para celebrar esses encontros. Essas festas começavam por volta das 17 ou 18 horas e terminavam, no mais tardar, até as 23 horas, podendo, em ocasiões especiais, beirar as 4 horas da manhã.

O sucesso dependia de uma figura central: A CONVIDADEIRA, mulher de mais idade responsável de bater de porta em porta, pedindo a permissão aos pais para levar as meninas as festas e apresentá-las a comunidade. Esse pedido ocorria com um mês de antecedência da festa prevista; festas avaliadas, inclusive, pelo prestígio e fama dessas mulheres, pela capacidade de florir o salão de moças, informando, de antemão, o número de meninas que levariam e a origem familiar de cada uma delas, agregando valor ao evento.

Além de todas essas atribuições, as chamadas "mulheres-convidadeiras", deveriam seguir o horário estipulado de devolvê-las aos pais assim que a festa terminasse. E, no meio do salão, elas ficavam de espreita, observando com quem as moças dançavam e conversavam, regulando suas condutas, evitando que saíssem para namorar ou vadiar sem permissão. Na verdade, as "convidadeiras" eram os olhos e ouvidos dos pais, e, por isso, deviam prezar pela reputação das moças. Existia um temor que essas meninas fossem seduzidas por algum "ladrão de honra" que as deflorasse, por isso deveria prezar pela castidade dessas meninas obcessivamente. Sobre o assunto, Diz Batista Gregório:

> As festas eram boas naquele tempo. Não existia clube, é bem verdade, e sim casas de festas. A gente dançava bolero, era sambas, valsas. Se dançava agarrado, música da Jovem Guarda. As festas, era o seguinte, para ir uma moça para festa, tinha uma pessoa responsável pra pedir os pais. Quando o cara fazia uma festa, por exemplo, já tinha aquele pelotão de mulheres combinadas para ir para festa dele. Aqui tinha uma senhora que ficava responsável por pegar as moças em suas casas pra levar pra festas. Era assim! Elas iam pegar e deixar em casa. As mães diziam assim "minha filha, cuidado, se você virar rapariga, você não pisa mais em casa, e em lugar nenhum", era assim. Porque naquele tempo, meu amigo, se uma mulher deixasse de ser moça, ela ficava excluída pela sociedade. Se a mulher virasse rapariga, perdesse a virgindade, não entrava mais festa não. E se encontrasse uma

[235] Observe que Maria da Rocha vai dar uma guinada nessa parte do trabalho, pois, de tímida e temerosa, transforma-se em uma narradora em erupção, encontrando-se na/pela narrativa.

> rapariga dentro de uma festa, o dono da festa tirava de dentro na frente de todo mundo, para não contaminar as moças. E foi bem aí, nos anos 70[236].

As moças eram vigiadas, pois a virgindade era ovacionada e cobiçada até a obsessão, como diz Perrot[237], por pais, irmãos, vizinhos e mulheres mais velhas da comunidade, que espionavam o comportamento das jovens, visando preservar, proteger e velar suas honras, algo considerado sagrado para as famílias e o povoado em geral. As que se atrevessem a viver uma sexualidade livre eram taxadas de "rapariga" que, na linguagem moral, significa prostituta. Essas moças eram excluídas do convívio familiar e social, apontadas na rua como as detentoras da marca da infâmia, e, por isso, não podiam misturar-se as outras, sob o risco de corrompê-las. Essa prática de exclusão podia acontecer nas festas, caso notassem a presença de algumas dessas "endiabradas", que logo eram apontadas e expulsas, sendo esse ato uma forma vexatória de punição.

"Uma mulher que 'não fosse moça' não dançava no baile. Caso descobrissem que uma das meninas não fosse mais virgem, "eram expulsas aos empurrões", diz Vicente Candido. Às vezes, continua, "a polícia botava pra fora". Essas moças desrespeitavam o código moral e sexual do povoado, que pregava o sexo exclusivamente dentro do casamento. Entretanto, o senhor Vicente nos diz que as punições não se restringiam as mulheres, já que o "ladrão de honra" também sofria punições: "Os homens eram presos, caso não quisessem se casar, ou os homens das famílias da moça metiam 'a peia', caso pegassem. Por isso, muitos fugiam quando faziam esse destroço"[238], conclui. Mas, o peso maior, sem dúvidas, recaia sobre as costas das mulheres, que deviam ser "expulsas, negadas, reduzidas ao silêncio" com diz Foucault, "pois as leis sociais agiam com o objetivo de fazê-las desaparecer – seja por atos ou palavras"[239].

Mulheres "abomináveis" não podiam adentrar os espaços reservados as "boas moças", pois, na concepção da época, "uma fruta podre pode corromper as outras", diz Pureza. Por isso, deveriam ser expulsas, segregadas, jogando-as em lugares sórdidos e infames. Lembrando novamente Foucault: "se for mesmo preciso dar lugar a sexualidade ilegítimas, que vão incomodar em outros lugares, em lugares onde essas práticas livres do corpo possam ser reescritas"[240].

---

[236] COSTA, Batista Gomes. *Quando se tinha um inverno bom, era peixe a fole*. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, fev. 2015.
[237] PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Trad. Angela M. S. Correia. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019, p. 45.
[238] RODRIGUES, Vicente de Paulo. *A gente fazia de tudo para sobreviver.* Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande. Em, 27 de julho de 2015.
[239] FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977, p. 10.
[240] Ibid., p. 10.

O pescador Marcos resume bem essas leis morais e as consequências da violação usando como pano de fundo a sua própria história de vida. Na verdade, o fragmento de sua fala que ora vamos expor é íntimo, revelador e meio que resume todas as questões que envolvem o tema que pretendemos refletir a partir de diferentes vozes. Diz Marcos que sua história começa trágica desde a concepção, pois sua mãe se envolveu com um rapaz que a engravidou e fugiu, ficando ela grávida, sem ser casada. Ela tenta abortar, sem sucesso. O desfecho da história é que o seu pai biológico termina viajando a São Paulo, e sua mãe, descriminada pela família e sociedade, também é obrigada a tentar a vida em outro lugar, deixando o filho pequeno sob os cuidados dos avós. Essa história ele ouviu dos cuidadores, e narra de uma forma visceral, firme, dizendo que sobreviveu por sorte, nascendo com problemas, mas sobrevivendo. Note como sua fala é intensa:

> Naquele tempo, se uma mulher fosse separada ou tivesse filhos de pais diferentes, minha nossa, sofria bastante. A sociedade não aceitava. Para você ter uma ideia, o meu pai fez um filho na mamãe e foi para São Paulo. Naquela época, não sei se você sabe, as pessoas tinham muito filhos. Quando um filho se casava, saia de casa, os pais davam Graças a Deus, porque era uma boca a menos pra alimentar. Mas se uma mulher engravidasse e não tivesse marido, ela passava por situações bem ruins. Era vista como rapariga, a sociedade discriminava, e a própria família desprezava. A minha mãe, desesperada, tentou me abortar três vezes. Por tudo isso, nasci magro, raquítico e não desenvolvi direito[241].

O povoado, portanto, era regido por leis morais estremas. Essas regras pregavam a uniformização dos comportamentos sociais. Para que o drama da vida cotidiana fosse vivido em harmonia era necessário o que o Pierre Mayol chamou de "conveniência", espécie de compromisso entre os moradores e o lugar, em que renunciam "a anarquia das pulsões individuais" para assim extrair os "benefícios simbólicos da comunidade", a saber, o respeito e o reconhecimento por parte dos membros. Portanto, existe um contrato implícito entre os moradores que regula a vida das pessoas e fundamenta a vida social. Os(as) que infringem essas regras, através de uma sexualidade mais livre, por exemplo, perdiam o prestígio "simbólico", resultando em hostilidades e estigmas por parte do grupo, levando, em alguns casos, ao banimento, isolamento e degradação moral[242].

Já sobre o namoro, é bom que se diga que eles não se concretizavam somente nos bailes. Mesmo numa comunidade vigilante, existiam margens de fugas. Portanto, os flertes, encontros

---

[241] COSTAS, Marcos Antônio dos Santos. *Hoje ninguém mais tem vergonha de ser o que somos*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.

[242] CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. Morar e cozinhar*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 51.

e namoricos podiam acontecer nas missas de domingo, depois de uma troca de olhares, um encontro furtivo atrás da igreja, em uma tarde de banho no rio, nas beiras das cacimbas, nas moitas, e até mesmo nas roças. Algumas mulheres já falam do fogo da "paixão" capaz de romper com as normas sociais relacionado ao casamento, para investir em fugas com pretendentes que os pais não "faziam gosto", saindo a noite, pulando a janela e fugindo com o amado para uma vida nova, mesmo abominada pelos parentes e conhecidos.

Ao longo das entrevistas, nota-se um salto grandioso da esfera da infância para esfera do casamento, como se não houvesse uma fase intermediária. Ao mesmo tempo, esses sujeitos eram empurrados para uma vida trabalhosa e repleta de responsabilidades, o que os obrigava a amadurecer precocemente, assim como envelheciam na mesma celeridade.

O namoro era algo cerimonioso, respeitado, marcado pela vigilância e uma série de limites aos casais. Como diz o Senhor Batista Gregório: "o cara tinha que pedir permissão para namorar, e era na frente de todo mundo". Sobre as intimidades, não passava de um "pegar na mão, e pronto", conclui. Às 21 horas da noite, o namorado já devia se retirar, e caso insistisse, o pai da moça surgia entre os dois com aquele olhar de reprovação, "[..] roçando a goela pra mode o cabra pegar o beco". A pouca exposição do casal à sós, como afirma Miridiam Knox Falci, ao analisar os namoros e casamentos no Sertão do Piauí e Ceará, servia para evitar os contatos sexuais antes das núpcias, já que em décadas passadas a virgindade da moça era condição imprescindível para concretização do casamento[243].

"No meu tempo", diz Senhor Vicente, "mulher era mais difícil que dinheiro", reafirmando que o homem só podia ter intimidade com uma moça "dentro do casamento". Diz ficar perplexo quando vê meninas com roupas curtas, e um dia até chegou a chamar atenção de uma delas, dizendo: "na minha época, ninguém via jovem com coxa de fora, não. Para ver coxas de mulher, só se via uma vez no ano, na praia, e os maiô parecia vestido". Reitera, "o namoro era respeitado[244]", demonstrando o lado conservador, ilustrando suas afirmativas com um fato que aconteceu quando ainda namorava sua esposa, Iraci. Tinha um circo no povoado e foi pedir a mãe da namorada para que fossem juntos apreciar o espetáculo, mas ela se opôs categórica, "jamais!" disse, pois os namoros, na sua época, eram cercados por regras e imposições sociais, e os casais em hipótese nenhuma poderiam sair sozinhos. O grande temor era um só: as meninas fossem corrompidas, desvirginadas, "a maior vergonha *pra* família", diz Vicente. A moça

[243] FALCI, Miridan Knox. *Mulheres do Sertão Nordestino*. PRIORY, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 258.
[244] RODRIGUES, Vicente de Paulo. *A gente fazia de tudo para sobreviver.* Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande. Em, 27 de julho de 2015.

desonrada ficava muito malvista perante a comunidade, e muitas eram expulsas de casa, obrigadas a viajar, "esconder o bucho pela Parnaíba", concluí.

Maria Rocha insistia em narrar sobre seu casamento, reportando-se ao assunto algumas vezes, de maneira quase obsessiva. Tentamos conduzi-la por outros temas, mas ela insistia, narrando como se fosse um acerto de contas. Isso me fez refletir sobre questões que são importantes para o narrador e que parecem não significar nada ao pesquisador, que busca responder suas perguntas de tese ou obedecer a seus roteiros. Aliás, o que deve prevalecer é meu interesse ou o da entrevistada?

"Depois dessa época da infância", diz Maria, "casei com 25 anos", em 1969. Casa-se com um viúvo muito mais velho. Perceba que ela pula da infância direto para o casamento, como se não existisse mais nada entre esses dois ciclos. O marido era um lavrador que abandonou as roças para tentar a vida em Brasília, capital, sem muito sucesso. Quando menos espera, o tal moço bate na porta da sua casa. "Eu não sei o que deu nele, que foi bater lá em casa, chamou o papai, e disse que queria casar comigo". Maria se escondia, pois não queria se casar, ainda mais que conhecia a fama do seu pretendente. "Mas eu conhecia a peça. Ele bebia muita cachaça. E coisa que tinha raiva era de homem cachaceiro". Contudo, prevaleceu a posição do pai, que acertou o casamento, mesmo sem a vontade dela: "E parece que papai fazia gosto, não sei".

> "Maria, o ... veio aqui e disse que quer casar contigo", papai disse.
> Eu na mesma hora pulei lá longe: "Quero não, papai! Quero não, quero não! Quero me casar não!".
> Meu Deus do Céu, mas quando é pra acontecer não tem jeito. Quando me espantei já estava casada com ele no padre e no civil, pois me casei com ele nos fórum e na igreja[245].

Maria fala de um casamento forçado, em que prevaleceu a vontade do pai, o dono das vontades e quereres das filhas, o dono dos corpos femininos. Ela diz que não gostava do homem, porque era cachaceiro. É bom que se diga que a relação do homem trabalhador e álcool é muito presente nas narrativas, pois as mulheres lembram dos pais embriagados chegando em casa com grosseria, maridos alcoólatras etc., demonstrando uma relação entre o trabalho braçal, machismo e cachaça. Lembro do senhor José Lino ao afirmar "que todo pescador, caranguejeiro bebe cachaça".

Além dessa questão do álcool existe um machismo que impera nas tomadas das decisões no campo afetivo. Continua Maria, reiterando o que havia dito, "Olha, vou confessar uma coisa, eu não queria me casar não, mermã, pois sabia quem era o peste. Esse caboco veí só vivia

[245] ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga e Juliana Machado Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.

bêbado". Em seguida, refletimos a situação e descobrimos que Maria se casou com uma idade um tanto avançada para época, fato que explica a pressa do pai em casar-lhe. Geralmente, as meninas se casavam entre os 14 e 18 anos, tão logo passasse as primeiras regras (menstruação), já com corpo de mulher, na "flor da idade", situação que tornava as mulheres de 25 anos "moça velha" para o casamento. Além do mais, embora o pretendente fosse um homem velho sem maiores encantos, era branco, essa característica era um capital importante no mercado casadoiro do povoado, tendo em vista que Maria era negra, e tinha uma concepção de que as meninas negras ao se casarem com homens brancos "alvos", poderiam gerar filhos claros, embranquecendo a família.

Nesse momento, fala do quanto o namoro do seu tempo era diferente com base nos seguintes aspectos: "namoro na porta", "com o consentimento dos pais", "só podia ir para festas acompanhadas", "e quando o pai dizia 'não vai', não ia mesmo". Afirma, "tudo era direitinho, e tudo tinha a hora certa", falando que não se podia queimar etapas, voltando-se de forma velada ao sexo, que deveria se concretizar, exclusivamente, dentro do casamento. Retorna a lembrança de seu namoro e sua história de vida: "eu nunca nem namorei", e que seu casamento "não teve nem namoro", e resume essa ausência de conquista, afeto e do total desconhecimento em relação ao parceiro com uma frase chocante "(...) fui pegada assim, quem nem cachorro", querendo dizer que não foi respeitada enquanto seus desejos de mulher, prevalecendo um "acordo de cavalheiros", sentindo-se animalizada, objetificada por esse casamento.

Maria casa-se, logo engravida oito vezes, vendo cinco dos seus filhos morrerem antes de completarem um ano. O casamento mantinha-se a força do trabalho de ambos, na roça. Logo constroem uma casa e conseguem criar as três meninas sobreviventes. Sobre a relação, Maria, de tímida e esquecida, transforma-se em tagarela, como se libertasse um desejo recalcado. Ela fala sobre violência física e simbólicas oriundas do poder masculino, gerando abandonos, desprezo, malquerer e revolta. O marido é lembrado como alcoólatra que, chegando em casa, "quebrava as coisas", "bagunçando", metido a "valente". Maria recorria a mãe, buscando conselhos, ouvindo que deveria ter paciência. Então, mesmo com esses abusos, mantinha-se calada, dócil e obediente. Se reclamava, ele se levantava "brabo" e gritava "o que tu quer comigo, porra!". Tudo piorou quando o marido "se enrabichou por uma rapariga" - ou seja, uma amante -, ficando sovina, "construiu ruindade e virou outra pessoa", diz.

Maria dependia financeiramente do marido, e não geria os bens da casa sem a supervisão dele. "Chegou a ponto de ele sair e não deixar nada para comer", e dava ordens aos quitandeiros para não vender fiado à esposa, que improvisava a refeição com "chá de capim limão, farinha". Ele termina saindo de casa para viver com a nova companheira, deixando Maria com três filhas

pequenas, sem assistência financeira nenhuma. Maria não tinha salário fixo, era pobre, e não podia voltar para casa do pai. Ela conta que nessa época começou a fazer roça e extrair mariscos para conseguir sustentar as filhas. A separação obriga Maria a buscar seu protagonismo e ser o pai e mãe dos filhos, lançando-se de corpo inteiro na extração do marisco. Na verdade, como diz Bell Hocks, trabalhar por salários baixos não liberta as mulheres pobres da classe trabalhadora da dominação masculina. Quando a mulher é autossuficiente economicamente é mais propensa a terminar um relacionamento abusivo. Ao mesmo tempo, ela reflete que o capitalismo consumista foi a força que mais conduziu mais mulheres ao mercado de trabalho. E, o trabalho fora de casa, por outro lado, é mais libertador para mulheres brancas solteiras, pois, ao analisar o trabalho e as condições de vida das mulheres das "beiras", pobres e pretas, isso não se aplica, pois o trabalho desenvolvido por elas não leva autossuficiência[246], mas sim a círculos de precarização.

3.2 Porque era um no bucho e outro na bainha do vestido

"Às vezes tinha mulher que tinha vinte, outras tinham cinco, mas porque era coisa da natureza mesmo, Deus não quis, e era assim, e acabou" diz Rosa Maria sobre as inúmeras gravidezes das mulheres e das famílias numerosas. Então, como se vê, mesmo com a vida tão desditosa e paupérrima, essas mulheres pariam inúmeras vezes. Questionei-as sobre o planejamento familiar. Rosa Maria, olha-me afrontada, tratando de responder, de forma óbvia, que o número de filhos "era como Deus queria", levando-me a intuir que esses casais seguiam os ditames bíblicos do "Sede fecundos e multiplicai-vos e enchei a terra[247]" ou os homens faziam questão de ter muitos filhos para assim ter mais braços nas roças.

Como quem não quer nada, lanço o assunto da pílula anticoncepcional. Rosa Maria responde, categórica: "Agora deixa eu lhe falar, nessa época não existia pílula, não existia nada". O curioso é que ela começou a engravidar em 1968, ano que a pílula anticoncepcional já estava sendo comercializada no Brasil, inserida no mercado brasileiro anos de 1960, para ser mais correto. A explicação para essa venda e popularização da pílula, se deve ao perigo que rondava não só Brasil, mas toda a América Latina: a bomba demográfica. Organismos internacionais se preocupavam com a questão e empreendiam políticas públicas no Brasil, com foi o caso da Sociedade Civil de Bem-estar Familiar no Brasil (BEMFAM), que visava

[246] HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo.* 5ª ed. Rosa dos Tempos: Rio de Janeiro, 2019, p. 81.
[247] Gênesis, 9,12.

combater a pobreza através de métodos de contracepção, acreditando que as causas das mazelas sociais eram o grande índice de natalidade[248].

É fato que essas informações eram obscuras, por causa do acesso e dificuldade de se chegar aos postos de saúde e hospitais. Essas informações só foram popularizadas a partir da década de 1980, com a criação do Programa de *Assistência Integral a Mulher, da Puberdade a Terceira Idade*, em que o Ministério da Saúde distribuía pílulas anticoncepcionais, preservativos e informações sobre reprodução e contracepção[249]. Mas, o fato que é surgimento das pílulas anticoncepcionais causa uma verdadeira revolução no comportamento, sobretudo para as mulheres, que podiam, a partir de agora, servir-se do seu sexo para outros fins de prazer que não somente a procriação. Seu uso era um ato de liberdade. No entanto, a popularização da pílula não foi algo massificado, existindo lugares e grupos que viviam aquém de suas influências. Como diz Rosa Maria: "No tempo da minha mãe eu tenho certeza de que ela nunca ouviu falar de pílula anticoncepcional, eu nunca tomei nenhum comprido para evitar nada. Só vinha quando Deus queria"[250].

Como esse fragmento, fica evidente que muitas mulheres da geração da mãe de Rosa Maria e as da sua geração não usavam método de contracepção algum, deixando claro que não existia planejamento familiar, e que as gravidezes ficavam por conta do imponderável, pois Deus era responsável pela concepção, deixando a sorte das mulheres "a natureza". Ela também fala sobre a falta de informação, indicando que nunca ouvira falar de métodos contraceptivos, muito menos as mulheres da geração de sua mãe.

Mas, a contracepção sempre existiu em todas as sociedades, seja de forma direta e indireta, consciente e inconscientemente, diz Michele Perrot, que poderia ser concretizado de várias maneiras: pelo casamento tardio, que reduz o período fecundo, e pela abstinência; pelo coito interrompido, reprovado pela igreja, mas legalmente praticado; ou mesmo por uma série de remédios caseiros desenvolvidos ao longo do tempo na surdina, permeando os segredos mais íntimos das mulheres que a praticavam, tendo em vista a romantização da maternidade e o estigma que recaem sobre as mulheres que interrompem de forma forçada a gravidez, vista como benção de Deus.

---

[248] PRIORE, Mary del Priori. *Histórias da gente brasileira: república e testemunho* (1952-2000). vol 4. São Paulo: Leya, 2019, p. 319-321.
[249] *Ibid*, p. 323.
[250] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.

Maria diz que sua vida fértil se encerrou aos 39 anos. Antes, diz ela, vendo-se repleta de filhos e preocupada com a sobrevivência e a criação deles, conta que se ajoelhava e rogava, pedindo: "oh, meu Deus, tenha piedade de mim, que hei de não ter mais filho, *né*. E, Deus olhou para mim", dizendo que seu sofrimento cessou, considerando milagre. Resumindo, ela só parou de engravidar quando a sua função reprodutora foi brutalmente interrompida. Continua:

> Pois é, meu filho, eu só deixei de parir com 39 anos, e dei graça a Deus. Sabe por que? Porque era um menino no bucho e outro segurando a bainha do vestido. As pessoas me viam com um monte de menino e perguntava "E aí mermã, quando tu vai te operar?' e eu respondia "Não, mulher, quem me opera é Deus, oh" ... E eu dizia, "Oh, meu Deus, tenha pena de mim, que eu hei de não ter filhos mais, Senhor. É muito sofrimento!". Ainda bem que Deus olhou pra mim e atendeu meus pedidos. E, era muito menino, meu irmão. E não era só eu não, eram várias mulher aqui. Eu tive oito, mas tinha mulher que paria de vinte a vinte cinco filhos. Não era brincadeira. Tudo porque ficava por conta de Deus, pois vinha menino quando o Senhor quisesse. A gente pedia muita força a Deus pra parar aquilo, oh. Porque vocês sabem, né, criar aquele monte de menino não era fácil. Agora hoje, ninguém quer parir como naqueles tempos[251].

Como ensina Verena Alberti, "não se pode desviar o olhar daquilo que a narrativa documenta", (no caso, histórias íntimas de uma mulher humilde), "e de que ela é uma narrativa produzida em contexto de uma entrevista de história oral"[252], nota-se esse contexto pelas palavras meu filho, uma expressão que denota confiança no entrevistador. Maria desvia o olhar algumas vezes, sobretudo em temas espinhosos, embora deixe bem claro que prevalecia uma visão cristã nas suas explicações sobre a natalidade, vista como uma benção, enquanto a esterilidade era uma vergonha. Os filhos são dádivas, frutos do amor e segurança dos pais, pensava. Por isso, não se podia interromper ou evitar a gravidez.

Aliado a isso, existe a desinformação e a dificuldade de acesso a métodos contraceptivos, resultando desse cenário, a consequência em que "era um filho no bucho e outro da bainha da saia". Essas mulheres negras, pobres e trabalhadoras das beiras eram julgadas e condenadas por esse número de filhos, o que leva Maria a se defender, todas às vezes que era questionada sobre a laqueadura, com a frase "quem me opera é Deus", O responsável por sua fertilidade. No entanto, em casa, rogava – e nesse momento, Maria levanta as mãos para o céu, olhando firme para o teto – para que Deus desse um basta nas suas gravidezes. E só foi atendida depois de oito filhos, aos 39 anos de idade. Mesmo os filhos sendo representados como benção, Maria fala do

---

[251] ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.

[252] ALBERTI, Verena. "*Versão" a "narrativa" no Manual de História Oral*. Rev. História Oral, v15. n. 2, jul. dez. 2-12, p. 160.

sofrimento, do quanto era difícil cuidar e prover todas essas crianças, ainda mais associar esse cuidar com o trabalho das roças e pescarias.

Figura 16- Imagem da mãe piauiense no dia 14 de maior, Dia das Mães



Fonte: Jornal Inovação, maior de 1978, p. 01.

Maria justifica a prole vasta pelo desconhecimento de informações relacionadas a métodos contraceptivos. “Mas também, não tinha comprimido, não tinha esse negócio de ligação[253], não tinha nada. Tudo ficava por conta de Deus mesmo, pois vinha menino quando o Senhor quisesse. A gente pedia forças a Deus pra parar aquilo, *oh*”, diz Maria. Nada de pílula, laqueadura, DIU. Talvez um coito interrompido (Pecado de Onã) de vez em quando. O que restava a essas mulheres era intercessão a Deus, “porque, você sabe, criar aquele monte de filho não era fácil”[254]. Nota-se o quanto o nome de Deus é invocado, expressando uma enorme

[253] Maria se refere a laqueadura, procedimento de esterilização feito em pessoas com o aparelho reprodutor feminino. A cirurgia interrompe o caminho entre o ovário e o útero com o corte das trompas. Isso impede o contato do óvulo com o espermatozoide e, consequentemente, uma gravidez.
[254] ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.

influência da Igreja Católica sobre a sexualidade, preocupada com as questões relacionadas as reproduções, fertilidades, infertilidades, abortos, mortes. No entanto, o que se pode perceber é um silenciamento, um calar sobre o aborto, sendo este tema uma espécie de fantasma entre as mulheres. Mas a verdade é que surgiu relatos sobre abortos, através dos usos de ervas, além de casos de mulheres que esmurravam a própria barriga, ou trabalhavam dobrado, carregando mais peso, para assim provocar um aborto. No entanto, esse tema é um tabu, um assunto que deve ser silenciado. Na verdade, as mulheres tinham suas sabedorias e saberes sobre seu corpo, que usavam nas situações mais urgentes e íntimas possíveis, mas preferiram que não fosse registrado.

Inácia, por ser mais jovem, diz ter ouvido falar da pílula anticoncepcional, mas tinha medo de tomar, pois dizia-se que os efeitos colaterais da pílula era muitos severos, chegando a desenvolver nódulos cancerígenos no útero, o que a assustava. Lembra, inclusive de uma canção que tocava na época que fez a cabeça de muitas mulheres, chamada *Uma vida só*, popularmente conhecida como *Pare de tomar a pílula*, "um dos mais fulminantes sucessos da música popular brasileira", proibida de tocar nas rádios por ser um atentando a moral, já que existia na ditadura militar uma repressão a cultura que atuava na mesma intensidade que a repressão política. Uma moral às aversas, pode-se dizer assim. A canção pregava "o parar de tomar a pílula e deixar nosso filho crescer" que, de certa forma, ia de encontro a visão de certos órgãos governamentais que pregavam o planejamento familiar. Como lembra Paulo Sérgio Araújo, a BENFAM (Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil), por exemplo, apoiada pela ditadura militar, desenvolvia uma campanha de controle da natalidade entre as mulheres de baixa renda, empenhando-se na distribuição das pílulas anticoncepcionais e dos chamados DIU[255]. Mas, voltando a Inácia, perguntada por que não usava anticoncepcional, responde:

> Não tinha nada, não! Até tinha. Falavam... nesse tempo chamava píula. Tem até uma música do Lindomar Castilho[256], se não me engano, que dizia isso. A mamãe falava assim: "olhe minha filha, nunca você tome píula" medo, com medo, "porque a mulher que toma píula dava câncer no útero", e não sei o quê, e aquela besteira. Tinha aquele medo da píula, né. Agora tem uma coisa, a mamãe era muito fienta[257]. A mamãe... hum...quando nascia um menino em casa o outro já estava caminhando. Todo ano a mamãe paria. E, era um monte de culumim lá em casa[258].

[255] ARAUJO, Paulo Sérgio. *Eu não sou cachorro, não: música popular, cafona e ditadura militar*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 36.
[256] O verdadeiro compositor e intérprete da canção é Aldair José.
[257] Fienta: Quis dizer que sua mãe era muito fértil engravidava com facilidade.
[258] DA PAZ, Inácia Maria Silva. *A gente é criança mas a gente tem vergonha*. Entrevista concedida a Juliana Dantas e Daniel Braga. Ilha Grande/PI. Em 24 de setembro de 2020.

Ainda sobre a canção, lançada em 1973, logo causou um incomodo de alguns seguimentos da sociedade. A canção ordenava "pare de tomar a pílula", enquanto o governo e órgãos internacionais e fabricantes de pílulas tentavam popularizar a venda e distribuição dos anticoncepcionais. Uma canção que ia meio na contramão dos ditames da modernidade, pois desprezava a pílula e a contracepção, vista como um entrave para o nascimento e crescimento do filho tão esperado. Inácia lembra de pedaços da canção, equivocando-se sobre o compositor e cantor da música, mas lembrando do quanto ela teve influência na vida de muitas pessoas, sobretudo daquelas mulheres mais conservadoras que viam a pílula como a responsável por trazer doenças graves as mulheres que a tomavam, doenças graves como câncer, e isso alimentava um imaginário que se opunha a pílula anticoncepcional, indicando que houve uma certa resistência a ela, sobretudo nos seguimentos mais pobres da população.

3.3 Os partos em casa: *Deus que nos dê força e saúde pra aparar mais criança*

A historiadora Miridan Falci, ao se debruçar sobre os inventários das mulheres do sertão, consegui cartografar gestos, desejos, posturas, desvendado a classe social e riqueza das mulheres do sertão. No entanto, se pergunta, e onde estão as mulheres pobres e analfabetas, as que não tinham posses, não deixaram nada em testamento, "como as apanhadeiras de água, as costureiras, rendeiras, as quebradeiras de coco e parteiras. Nada escreveram sobre seus anseios, sonhos, angústias e, se sonharam, não se sabe"[259]. Nesse tópico, vamos conhecer algumas dessas mulheres esquecidas, detendo-se sobre as memórias dos partos e das parteiras, figuras tão fundamentais para saúde das mulheres no povoado. Como essas mulheres engravidavam com frequência, e assistência médica era inacessível, as parteiras tratavam de cuidar das gestantes e auxiliava os partos, usando de conhecimento e sabedorias acumulado durante anos de trabalho. Vistas como mulheres abnegadas e vocacionadas, não mediam esforços para realizarem o trabalho, seja de dia ou noite, na chuva ou sol, "aparando" inúmeras crianças.

As mulheres, no entanto, eram as que mais sofriam por falta de assistência médica. Quando estavam grávidas não recebiam qualquer amparo. As condições materiais as impediam de procurar serviços obstetrícios e maternidades em Parnaíba. Na época, segundo os relatos, a natalidade no povoado era alta, e, como vimos, existia mulheres que pariam de 10 a 20 filhos. Muitas sofriam de problemas na gravidez. As parteiras, quando acionadas, usavam de seus

[259] FALCI, Miridan Knox, op. cit., p. 241-241.

conhecimentos: massagens, rezas, técnicas como soprar na garrafa e tantas outras para acelerar o trabalho. Diz senhor Abraão que:

> As mulheres pariam tudo em casa mesmo. No tempo de minha mulher, ela paria em casa. A parteira vinha quando estava pertinho de parir. Quando a mulher estava sentindo a dor o marido ia e chamava. Lembro de uma parteira chamada Libanea, pretinha, hoje finada, uma boa parteira. Bem ali tem mais uma, que é a mulher do Nonato Bumba, dona Ciça. Quando as vezes o menino estava de mal jeito e não tinha condição de tirar, o pessoal pegava a mulher nas costas e levava pra Parnaíba. A última opção era essa. O que desse para fazer aqui se fazia. Mandava a mulher soprar na garrafa para criança nascer e a parteira, ajeitando, apertando a barriga, a minha esposa ganhou os filhos tudo assim[260].

Elas tinham muito prestígio entre os moradores do povoado. Muitas preferiam parir em casa, junto aos parentes, pela mão de suas "comadres". O parto, se dava em um clima de intimidade, pois a mãe conhecia a parteira e esta era conhecida por todos da família. Chegando a hora, ela ajeitava a barriga, fazia massagens, mandava a grávida sentar-se no tamborete, e, embalada por cânticos e rezas, fazia a criança vir ao mundo, garantindo assim mais um afilhado para sua conta. Segundo alguns relatos, existia parteira que soprava a fumaça do seu cachimbo na criança, ou então amarrava uma fita vermelha no braço do recém-nascido, sendo estes procedimentos uma proteção contra o mal olhado e os espíritos ruins que rondavam o espaço. Dona Firmina do Araújo Amaral, 78 anos, conhecida como Dona Bibi, conta sobre os saberes, e os procedimentos de sua parteira que "aparou" dois dos seus filhos:

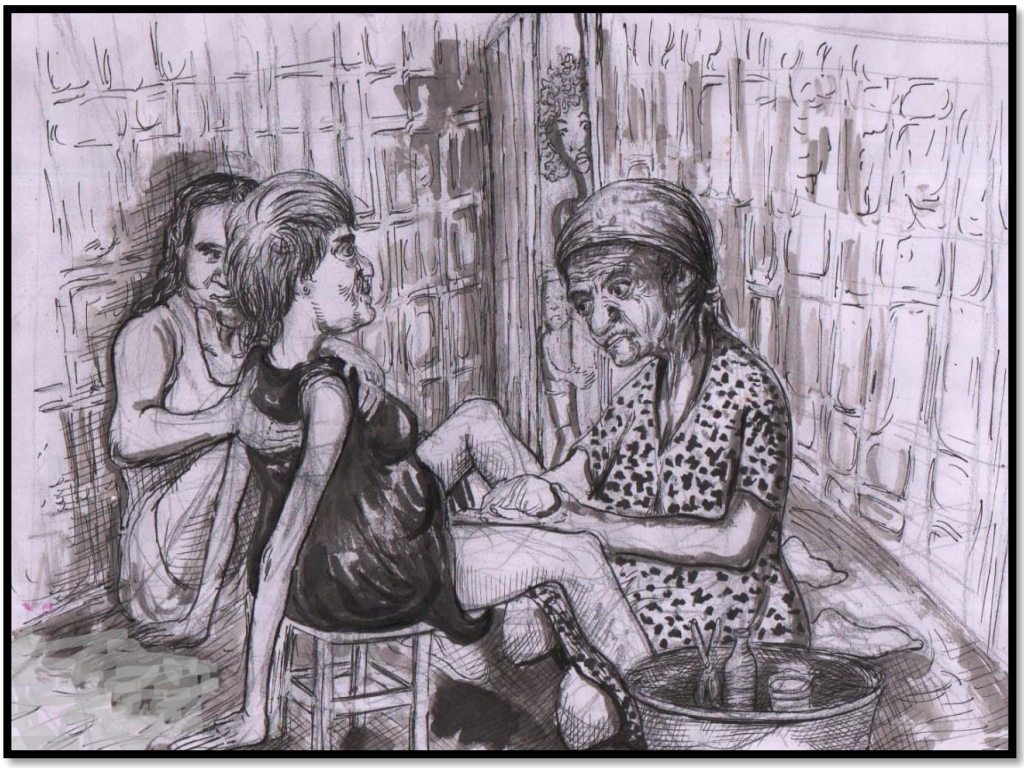
> A Constantina era quem fazia meus partos. E era na casa da gente. Quando dava cinco meses a gente já conversava, ela me acompanhava. Ela pegava na barriga, olhava a posição, viu. Quando sentia as dores, ela chegava e fazia o parto. Eu mesmo, nunca dei trabalho. Meus partos eram ligeiros. Ela tinha um banco de madeira todo forradinho de pano, tinha aqueles paninhos já limpos, e trazia tudo na cestinha. Era tudo limpo, a tesourinha dela, tudo. E ela trazia uma tigela de álcool que a todo tempo ela molhava – queimava a tesoura na tigela. Ela era muito asseada. Antigamente você passava sete dias sem sair para fora, era um hábito, um costume, *né*, com medo do "mal dos sete dias". E outra, você só banhava com oito dias. Mas todo santo dia tinha que fazer aquela higiene. Era com água morna, com vidros cheios de folha de jasmim, colocava na água, fazia aquele asseio. Aquilo era chamada de "banho de gato". Você banhava na bacia, sabe. Olha, na hora que ela pegava a criança da gente já chamava de comadre[261].

[260] SILVA, Abraão Cristiano Marques da. *Mesmo com esse sofrimento a gente era muito feliz*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Ilha Grande, PI. Em 17 de agosto de 2015.

[261] AMARAL, Firmina Araújo. *E como eu disse, eu sou analfabeta de caneta, mas de cabeça eu sou nada*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em, 09 de outubro de 2020.

O acompanhamento a grávida acontecia com meses de antecedência. A parteira possuía um olhar treinado, fazia massagens e observava a posição da barriga. Quando chegava o dia do parto, ela trazia seus materiais, tesoura, tamborete, toalhas. Os panos eram limpos, a tesoura, antes de usada, era esterilizada – mergulhada na tigela de álcool ou transpassada nas chamas da lamparina. Existia uma grande preocupação com o resguardo, visto que as mulheres só poderiam banhar e sair de casa depois de sete e oito dias do parto. Nessa circunstância, o corpo da mãe estava desprotegido contra os espíritos ruins e as doenças infecciosas. Além disso, era recomendado os banhos moderados e temperados com flores que serviam para proteger, limpar e curar o corpo. A preocupação com o "mal dos setes dias" era algo recorrente, por isso não podia se levantar, fazer força ou qualquer outra estripulia. Nota-se, também, uma relação de camaradagem e afetuosa com as parteiras, que tão logo "aparavam" a criança já eram chamadas de comadres, ou seja, faziam parte de um parentesco além do sangue.

Figura 17 - Parto em casa pelas mãos das parteiras



Fonte: Caderno de campo, desenho elaborado pelo autor, janeiro de 2022

As parteiras são descritas como velhas, negras, frágeis, cabelos brancos, algumas corcundas, mas de mãos firmes, demonstrando uma segurança através gestos e ações tão repletos de autoridade e saber. Imagino essas mulheres visitando as gestantes, batendo na porta de suas comadres, adentrando as casas de palha, repleta de crianças, sendo acolhidas com um calor familiar. Começam a falar da vida, das fofocas do povoado, tomam um café, enquanto a

parteira aproveita para tocar na barriga, observando a posição do feto, sempre com um olhar perscrutador, treinado, acalmando a gestante dizendo "tudo corre bem, na Graça de Deus". Da mesma forma, não tem como não pensar a hora do parto, no banco forrado que acolhia a grávida, nos panos limpos, nas cestinhas de materiais, tesoura, álcool, e a mulher em contrações, e a parteira rezando, massageando, enxugando os suores, as secreções. O bebê, de repente, despontava, coroando, e a parteira o aparava com suas mãos calejadas, cortando, em seguida, o cordão umbilical num golpe seco e rápido, olhando nos olhos da mãe que ainda agonizava, mas feliz por ver seu filho vivo nos braços da sua comadre, ansiosas por tê-lo nos seus.

Maria da Rocha lembra da parteira Ambrosina, que a acompanhou em quase todas as gestações. Diz Maria: "Só sei que quando dava as dor, a gente mandava chamar essas mulher, e elas vinham com satisfação, e a gente era tão pobre que elas não aceitavam dinheiro". Perguntar "quanto custa", era uma ofensa. "Quanto é Dona Ambrosina", perguntava Maria. Ao passo que a parteira respondia "Não é nada, minha filha, só peça que Deus nos dê mais força e saúde para pegar mais criança"[262]. As parteiras, portanto, são representadas como mulheres vocacionadas ao serviço de partejar, abnegadas, não podendo negar um chamado de maneira nenhuma, seja de dia ou noite. O ofício dessas mulheres era entendido como dom de Deus, e muitas delas não cobravam absolutamente nada pelo trabalho prestado a comunidade, apenas pediam que orassem por elas, para que pudessem ajudar mais grávidas e "aparassem" mais crianças.

Não cobravam, aliás, porque, além de generosas, sabiam que muitas dessas mulheres eram pobres, assim como elas. No entanto, era comum pagar o serviço com gêneros. Por exemplos, muitos presenteavam a parteira com quilos de arroz, peixes, caranguejos, galinha, ou seja, presentes que representavam gratidão. Segundo Maria, as parteiras eram mulheres bondosas, que se preocupavam com o pré-parto, o parto em si e pós-parto. Elas visitavam a mãe, davam banho no bebê, esfregavam e rezavam na barriga da mulher. Preocupavam-se, sobretudo, com a ferida umbilical, que deveria ser higienizada e tratada a base de extratos de plantas como o mastruz.

Alguns dos partos de Maria foram bem traumáticos, pois, dependendo da situação, poderia exigir mais trabalho da parteira. Conta que um dia "(...) senti as dores na boca da noite, e só vim parir no outro dia, de madrugada". Nessas horas de aflição, só passava na sua cabeça que ia morrer a qualquer momento, e não parava de pensar nos filhos pequenos. "Era tanto dor", lamentava, "que eu dizia, Oh, Meu Deus, não me deixe morrer, não posso deixar *essas crianças*

[262] ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.

só, Senhor"[263]. A mãe, até mesmo em um momento de aflição, em que sua vida estava em risco, não consegue desvencilhar-se do trabalho do cuidar. Como diz Silvia Salvatici, no texto as *Memórias de Gênero*, "a capacidade de cuidar de outras pessoas, de protegê-las, tem sido reivindicada como um desempenho de resistência especificamente feminino"[264].

"A mamãe paria todos os anos", diz Inácia, "quando nascia um menino o outro nem caminhava ainda". Sua mãe engravidava frequentemente e sua casa era repleta de criança. No entanto, na velocidade que multiplicavam também morriam, pois, "quando começou a morrer menino foi igual uma praga, morreu seis de uma lapada"; a mão pesada do sarampo, tosse braba e coqueluche abateram seus irmãos. Embora sofresse de um problema sério de hemorragia, os treze filhos da mãe de Inácia vieram ao mundo através de mãos de parteiras. No fragmento abaixo, lembra dos receios e preocupações que passavam na sua cabeça enquanto escutava os gritos da mãe, observando os movimentos, prescrutando com o olhar o quarto quando a porta se entreabria quando alguém sai para pegar algo, lembra da vez que:

> [...]inventaram de amarar a barriga da mãe na hora do parto, com o cinturão do pai. O pessoal tinha uma moda de tarrafear em cima da casa, dava ovo quente, mermã, era todo tipo de remédio que dava ela tomava, e eu tinha medo, porque era eu que ia cuidar desse monte de menino, mermã... Quando ela estava no resguardo, eu era que cuidava, aí eu nem sei o que foi ser adolescente, nem criança de brincar, porque já tinha era que lavar molambo nas lagoas e cuidar de menino, pra ajudar, porque quando mamãe ficava boa, passava o resguardo, ganhava o mundo, pras pescarias, pra roça, pra feira[265].

Imagine Inácia encolhida, com os ouvidos na parede, observando as frestas da porta, curiosa, mas, sobretudo, preocupada com os gritos, orando com o coração apertado, junto aos irmãos. As crianças tinham noção dos riscos, porque sabiam que as mulheres podiam morrer a qualquer momento de parto – dependendo da gravidade. Ao mesmo tempo, ela fala de alguns rituais, como a prática do pai em subir o teto da casa e "tarrafear", ou seja, lançar tarrafa ao ar e fazê-la abrir-se ao chão, não para capturar os peixes dessa vez, mas os possíveis espíritos ruins que poderiam atrapalhar o parto ou acelerar o processo. Além disso, fala de alguns remédios que aliviava as dores, como ovo quente, chá de pimenta, tiquira, genebra etc. Mas, se perguntava: "se mamãe morrer, quem vai cuidar desse monte de menino?", e temia que tal fardo recaísse sobre ela, pois também não passava de uma criança, que, na época, já cuidava da mãe

[263] ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.
[264] SALVATICI, Silvia. *Memórias de Gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres*. História Oral, v.8, n.1, p. 29-42, jan-jun, 2005, p, 37.
[265] DA PAZ, Inácia Maria Silva. *A gente é criança, mas a gente tem vergonha*. Entrevista concedida a Juliana Dantas e Daniel Braga. Ilha Grande/PI. Em 24 de setembro de 2020.

no resguardo, lavava roupas na lagoa, pegava a água na cacimba, e volta a dizer aquilo que já fora repetido por tantas(os) outras(os): "não soube o que ser criança, nem brincar", pois era só a mãe deixar o resguardo que retornava imediatamente ao serviço das pescarias e roças, deixando-a cuidando dos irmãos.

Ainda sobre o pós-parto, diz Rosa Maria que a preocupação excessiva com o tal resguardo se devia algo conhecido como "Mãe do Corpo", que, segundo ela, "era quando a mulher ganhava neném, que era o útero inchado. Naquele tempo se chamava dor de mulher, a mãe do corpo, quando a mulher paria, ficava com mãe do corpo inflamada"[266]. Sobre a mãe do corpo, diz Mary Del Priory, tratava-se de uma concepção popular que acreditava que os ovários, o útero, e tudo que a mulher usa para se reproduzir, precisava ser juntado, revitalizado, com ajuda de massagens a base de óleos e azeites[267]. Para sanar essa inflamação, tomava-se "chá de trevo, que é uma erva, chá de arruda, chá de unha de boi. Pegava a unha queimava, raspava, fervia e botava em uma vasilha, depois abafava"[268], diz ela. Os remédios, como se ver, são sempre oriundos da medicina popular. Essa arte de manipular raízes, ervas e folhas, de benzer com fins curativos, são "artes de fazer" que se utilizam do que lhe era imposto (no caso, recursos naturais, privações materiais, ausência de serviço público de saúde) para criar artefatos de cura. São "táticas"[269], conforme Certeau, ou seja, artes dos fracos para tirar partido do forte, em um jogo com ocasião, a situação desfavorável, usando dos recursos disponíveis e a criatividade para vencer as dores, doenças e comorbidades em geral.

Segundo Maria, as parteiras eram bondosas, pois não se restringiam a ajudar no parto, apenas, mas acompanhavam todo o processo de sarar e revitalizar os órgãos no período do pós-parto, visitando as mães com frequência, massageando-as no estágio do resguardo, rezando na barriga, e "só largavam a gente quando dava os sete dias de resguardo", algo considerado sagrado. Segundo Dayara da Silva, as parteiras buscavam com a prática do partejar, resgatar e preservar um conjunto de valores culturais de suas ancestrais, fornecendo uma assistência mais humanizada as mulheres rurais[270]. No resguardo, temendo inflamações, só podia comer "mingau de arroz e farinha". Outro cuidado especial era com o umbigo da criança, que deveria ser higienizado com óleos e extratos de folhas, para acelerar a cicatrização.

---

[266] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.
[267] PRIORY, op. cit., p. 327.
[268] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.
[269] CERTEAU, op. cit., 86-100.
[270] FERREIRA, Dayara da Silva. *Memória, Trabalho e Identidade: trajetórias de vida de mulheres idosas dos quilombos Botafogo e Caveira na região dos Lagos*, RJ. História Oral, v. 24. Nº1, jan. 2001, p. 118.

Sobre a ferida umbilical, algumas mulheres tinham o costume de colocar azeite, café, cabelo. Uma reportagem do *Jornal Piauí,* as autoridades médicas se preocupavam com essas práticas usadas por muitas mães e pais do interior do Estado. O jornal aconselhava que:

> Caindo o cotó umbilical do recém-nascido, fica em seu lugar uma ferida umbilical; para seu curativo basta botar mercúrio cromo na ferida, cobrir com gaze esterilizada e passar o cinteiro por cima; esse curativo deve ser diário, até que a ferida umbilical se feche, o que acontece em geral em uma semana; não usar fumo, teia de aranha, esterco que causam o terrível "mal de 7 dias": o tétano umbilical[271].

O jornal se mostra preocupado com as formas de curar a ferida umbilical, aconselhando o uso de mercúrio no lugar de café, esterco ou fumo. Se percebe um discurso mais alinhado com a urbanização crescente de algumas cidades do Piauí e seu projeto de higienização dos espaços e dos corpos, fundamentado, a partir de agora, por um saber médico. Nesse quadro, os governos mantinham-se alertas contra essas práticas populares inadequadas e arriscadas. A medicina, por sua vez, figura como um saber inquestionável e autorizado sobre os usos e cuidado dos corpos. A luta contra as doenças e a mortalidade infantil levou médicos aplicarem saberes e ações sobre os corpos, disciplinando e disseminando novos hábitos de higiene entre as classes populares. Importante de dizer que tal configuração de saberes assegurou ao discurso médico o direito de apontar a mulher como a verdadeira responsável pela saúde da família.

Como afirma Marina Maluf e Mariza Romero, no artigo *A Sublime virtude de ser mãe,* o alvo principal do saber médico especializado era célula familiar. A limpeza tornou-se, para os homens de ciência, um sinal de distinção social e princípio de moralidade. Os médicos, por exemplo, além de cuidar as doenças, são responsáveis pela organização social, visando corrigir práticas que consideram inadequadas. Por isso, o alvo principal desses discursos eram os moradores das camadas mais pobres da cidade[272].

Geralmente, os pobres habitantes dos bairros e zonas periféricas da cidade são vistos como sujeitos que não conhecem e nem se preocupam com a higiene, o que faz de suas habitações e corpos um depósito de germes e doenças. Todavia, os relatos deixam claro que, mesmo longe do centro, esses moradores se preocupavam com a limpeza e com asseio do corpo. Constantemente, se escuta a frase "naquele tempo a gente era pobre, mas era limpo". Não obstante, a casa limpa significava virtude e honradez. Existia uma preocupação com água limpa,

[271] Higiene Infantil. *JORNAL DO PIAUÍ*. Teresina. Ano XXI, 31 jan. 1972, p. 8.

[272] MALUF, Marina; ROMERO, Mariza. *A sublime virtude de ser mãe*. Proj. História. São Paulo, 25, dez, 2002, p. 223.

com a brancura dos panos e roupas, com as "louças que deveriam sempre estar ariadas com Bombril e areia"; o quintal vivia ciscado como se fosse um troféu obtido pela labuta diária.

Deve-se ter ciência que parir também é um trabalho, e que essas mulheres se dividiam entre labor e a dor de parir muitos filhos. Essa dimensão, portanto, ocupa um espaço privilegiado nos relatos. Rosa Maria, por exemplo, insiste em lembrar de como teve que se reinventar para trabalhar e, ao mesmo tempo, cuidar dos filhos. Sobre os partos, ela conta que todos os seus filhos nasceram em casa, inclusive "Maria da Luz, que eu pari sozinha e Deus. Quando a parteira chegou, eu já estava... *né*, só no ponto de aparar e cortar o cordão"[273]. Era muito comum as mulheres trabalharem até os últimos dias da gravidez, e muitas entravam em trabalho de parto quando estavam na roça, na pesca, nas matas apanhando fruta. Algumas delas, inclusive, chegavam a dar luz, exigindo da parteira que se deslocassem até esses lugares de trabalho apenas para cortar o cordão umbilical.

O senhor Vicente, por exemplo, contou da vez que virou parteiro. Morava com a esposa (grávida) e os filhos em uma casinha muito humilde. A esposa, Iraci, sente das dores do parto no meio da noite, começa a gritar. Vicente diz que não soube o que fazer, mas não saiu de perto dela, massageando-a e dando-lhe chá. "A mulher se vendo em dor, gritava 'me acode! *Ai, ai*..." Nervoso, vendo a criança nascer, começou a gritar desesperado o nome da vizinha "Luísa, me acode, pelo amor de Deus!". Quando a vizinha pisou os pés na casa, o Senhor Vicente já estava "com o bebê nas mãos"[274].

Alguns relatos explicam sobre o quanto esses partos eram arriscados. Muitas vezes as mulheres não "tinham passagem", como dizem. Nessas situações, o conhecimento e a experiência das parteiras não eram suficientes. O resultado, era o óbito de muitas mulheres e crianças. A parteira só era preparada para "aparar a criança", pois, quando ocorria algum tipo de complicação, eram honestas em dizer que não "podiam fazer nada", "que devia levar pra Parnaíba". O Sr. José Lino conta que certa noite sua esposa sentiu as dores do parto. Na mesma hora ele sai à procura da parteira para realizá-lo. No decorrer dos procedimentos, complicações impediram a parteira de concluí- lo. Restou-lhe bater de porta em porta à procura de homens que o ajudassem a levar sua esposa até Parnaíba:

> E eu disse "e agora? Mas rumbora, né. Era longe! Quando eu cheguei fui chamar a parteira. Quando a parteira chegou ela fez o serviço, mas não tirou a criança, mas minha mulher não "deu a derradeira", que chamam. Rapaz, de

[273] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.
[274] RODRIGUES, Vicente de Paulo; RODRIGUES, Iraci Silva. *Nesse tempo aqui era tudo parado. Era só areia*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 28 de outubro de 2021.

> meia noite em diante eu saí batendo nas casas pra me ajudar a levar a minha mulher pra Parnaíba na rede, naquele tempo não tinha carro, né. Chamei o Guajiru, chamei esse pessoal dos Marocas, só sei que levei umas quatro pessoas. A sorte foi que assim que ela chegou lá ela teve o resto. Era assim. Tinha que falar com as pessoas pra levar na rede. A parteira despachou "você procure recurso que aqui eu não posso fazer nada, não", então o jeito foi levar pra Parnaíba dentro de uma rede, por essas veredas aí como se leva um porco[275].

O senhor José Lino usa-se de táticas para salvar a esposa, ou seja, ações e práticas realizadas no terreno do outro, como criar redes de solidariedade entre vizinhos e conhecidos no intuito de levar a grávida urgentemente até a Santa Casa de Misericórdia. Essas artes de criar redes, inventar formas de transportar corpos pela veredas, levando-os "como se leva porco", ou seja, no braço, é uma arte do fraco, que não visa vencer as grandes batalhas existenciais, mas sobreviver na urgência do agora, burlando os desafios com os recursos disponíveis, visando vencer as distâncias, a ausência de atendimento médico no povoado, fugindo dos confrontos diretos, não reivindicando nada, pois sabe-se que suas forças são ínfimas frente ao poder e as circunstâncias estabelecidas, preferindo atuar em outras frentes, escondendo-se, camuflando-se, inventando caminhos, meios de transportes, remédios, mas, mesmo assim, reagindo sub-repticiamente na surdina, com pequenos e incisivos movimentos de resistências, às vezes tão ínfimos, que parecem invisíveis, fazendo-se presente no cotidiano através de rastros, astucias, subvertendo , a sua maneira, a ordem[276].

Com os passar dos tempos, e com as construções e instalações das maternidades em Parnaíba, o acesso através de transportes públicos, além de novas informações relacionadas ao parto e pré-natal, fizeram com que muitas mulheres abandonasse as parteiras, sobretudo as mais jovens, que preferiam recorrer ao serviço médico especializado. Assim, a intimidade do lar e o acolhimento foi substituído, aos poucos, por salas esterilizadas, luz fria, mesas reclinadas, assepsia, anestesia, enfermeiras, obstetras e ginecologistas. Era o saber médico prevalecendo sobre as antigas práticas de parir em prol da modernidade e higiene.

Aas melhorias proporcionadas pelo progresso e modernidade através das maternidades, do atendimento a mãe e a criança, do surgimento das clínicas obstétricas-genealógicas, a normalização das práticas médicas, a higienização das práticas populares, que resultou no desaparecimento quase total das parteiras no litoral do Piauí. Conforme Marina Maluf e Mariza Romero, com o aparecimento dessas instituições, a comunidade "foi perdendo

[275] COSTA, Jose Lima da. *No Pulo da Rede*. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, fev. 2015.

[276] CERTEAU, op. cit., p. 91-100.

um conjunto de saberes que funcionava como um sistema de referências no qual depositavam confiança e do qual tiravam coragem para enfrentar a vida todo dia"[277].

No entanto, muito(a)s entrevistado(a)s defendem a prática da parteira, por ser mais íntima e cuidadosa. Rosa Maria, por exemplo, se envaidece ao dizer que é uma mulher com saúde, que não tem problemas ginecológicos, e tudo se deve ao carinho e cuidado das parteiras, ao respeito ao resguardo, coisas que as jovens de hoje não tem. A história oral é uma interpretação e compreensão da vida, uma avaliação dos fatos vividos pelos depoentes. O fato em questão é o desafio de parir em casa, analisado por mulheres mais velhas, como acolhedor e saudável. A fala salta para os dias de hoje, em que são colocados em questão os partos sob os cuidados médicos-obstétricos, marcado, a maioria das vezes, por maus-tratos e pela ausência de resguardo, o que reporta a tese de Marieta de Morais Ferreira e Janaina Amado quando afirmam, categoricamente, que a perspectiva temporal por excelência da história oral é o tempo presente[278]. E, sobre esse assunto que Rosa Maria se detêm:

> Olhe, vou lhe dizer, tive meus filhos tudo assim, e eu nunca precisei fazer perine, e, graças a Deus, eu sou muito sadia, *né*, porque tem muitas vezes que a mulher tem aquele escorrimento, tem sangramento, mas, graças a Deus sou uma mulher muito sadia. Naquele tempo, durante aqueles sete dias, se a mulher levantava, tinha alguém para ajudar, não podia fazer muita força, tudo isso, e quando você terminava o resguardo, você era uma pessoa sadia. Hoje em dia, meu Deus, eu fico pensando, vai uma menina dessa ganhar *neném* de dia, quando é de noite já está em casa, e lá na Maternidade é tratada feito bicho, acho que por isso que tem tanta doença atingindo as mulheres, como esse câncer no útero, eu acho que é por causa disso[279].

Rosa Maria considera-se uma mulher com saúde, vigor, justamente porque teve a maioria dos seus filhos em casa, respeitando todos as advertências e cuidados das parteiras, ficando, dessa maneira, imune as doenças que acarretam sobretudo as mulheres. No final, ela faz um paralelo com os dias de hoje, em que as mulheres não têm resguardo, acreditando que grande parte das doenças que atinge os bebês e as mulheres são oriundas de maus-tratos nas maternidades. Maria, em seguida, lembra da sua parteira Dindinha Libânia "uma senhora bem velhinha, bem negrinha, bem moreninha mesmo":

> "(...) ela tirava as crianças e depois ainda vinha fazer visita, davam assistência para as mulheres, e elas eram muitos prestativas, mais que muitas enfermeiras,

[277] MALUF, Marina; ROMERO, Mariza, op. cit., p. 226.
[278] FERREIRA, Marieta de Morais; AMADO, Janaina. *Usos & Abusos da História oral*. 8ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 15.
[279] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.

> pois você sabe que hoje tem crianças que nascem perfeitas e ficam com defeito porque as enfermeiras, zangadas, machucam as mulheres, sabia"[280].

Nesse fragmento, nota-se o quanto os partos eram sinônimos de afetividade, pois as parteiras eram ao mesmo tempo consideradas "dindinhas", vovós, lembradas sempre com reverência e respeito. Ao mesmo tempo, a fala de Rosa Maria se volta para o parto nos hospitais, desumanizados, em que as mulheres são tratadas como "bicho", sofrendo traumas que podem resultar em sequelas para os bebês. Por isso, defende o parto em casa e, ao mesmo tempo, critica a forma desumana como muitas grávidas são tratadas nas maternidades.

O parto tradicional, diz a pesquisadora Dayara Ferreira, se definia como um espaço de realização do prestígio das parteiras, vistas e lembradas como muito estima, como deixa claro Rosa Maria. Porém, com advento do discurso higienista, os saberes tradicionais das parteiras foram deslegitimados em detrimento da institucionalização dos saber médico[281]. Rosa, ao enaltecer as figuras das "dindinhas", dá um salto temporal com o intuito de exemplificar os perigos e os maus-tratos que as mulheres estão sujeitas quando vão parir, utilizando-se do caso que aconteceu com uma neta. Observe:

> Olhe, teve uma neta minha que foi parir, e ela só tinha 14 anos, e ela era marinheira de primeira viagem, só sei que ela fez muito esparro, e as enfermeiras, com raiva, pegam o menino e jogam com toda força na banheira, só sei que quando essa minha neta chegou em casa, o menino dela tinham um afundamento na cabeça, assim, na testa, e quando ele foi crescendo ele tinha os olhinhos brancos, e esse menino ficou cego, por causa da pancada na banheira, e quando chegou aos 18 anos, ele morreu. O que eu quero dizer, é que as enfermeiras de hoje não chegam aos pés das parteiras[282].

É bom entendermos que toda esse entusiasmo de Rosa Maria em defender o parto em casa e lembrá-lo como algo afetuoso e digno deve-se, dentre outros fatores, a uma mágoa que desenvolveu contra maternidade, médicos e, sobretudo enfermeiras, que, segundo ela, foram responsáveis por tratar mal sua neta durante o parto de seu primeiro filho. Como essa menina de quatorze anos não se comportou como o esperado na hora das contrações, as enfermeiras, por seu lado, vingaram-se na criança, jogando-a de forma brusca na banheira. Ao voltar para casa, os familiares notam um afundamento na cabeça do recém-nascido, e, ao crescer, os olhos

[280] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.

[281] FERREIRA, Dayara da Silva, op. cit., p. 118.

[282] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.

vão se embranquecendo castigados por uma cegueira, que, na visão de Maria e de todos os familiares, se deve a trauma ocasionado pela forma brusca que enfermeiras jogaram o menino na banheira, resultando numa lesão no nervo óptico.

Como vimos, as parteiras são lembradas com generosidade, que não negavam servir, e mantinham-se dispostas a trabalhar a qualquer hora e dia, sem pedir nada em troca, apenas visando o bem-estar da mãe e da criança que ajudava a pôr no mundo. Satisfação. Essa é palavra que resume bem o que essas mulheres sentiam quando conseguiam realizar um parto com sucesso, vendo no olhar da mãe a alegria de estar com o bebê vivo e saldável nos braços. Elas não cobravam dinheiro, mas pediam orações para que tivessem mais forças para ajudar em mais partos. E, como vimos, o trabalho das parteiras não se restringia ao parto, mas, também, ao pós-parto, pois, segundo os relatos, elas continuavam acompanhando a mãe, acolhendo o resguardo, com banhos e massagens, ensinando como higienizar o corpo e a criança recém-nascida, preocupando-se com a alimentação e o banho, com a ferida umbilical. etc.

3.4 Remédios caseiros e farmacêuticos: *se fazia o máximo que podia com remédio do mato*

Diante desse cenário, compreendemos que os habitantes da Ilha e seus povoados, principalmente os pescadores-lavradores-coletores, eram carentes, e, ainda por cima, a região era desprovido de postos de saúde, maternidade e assistência médica em geral. No entanto, a preocupação com as doenças e a busca por cura é uma realidade em todas as sociedades e povos. Longe dos serviços de saúde, e por manterem relações intensas com a natureza, os moradores criaram e recriaram práticas de cura e um conhecimento apurado sofre as funções medicinais de ervas que foram repassadas de geração em geração.

O homem, por meio do corpo, se apropria dos espaços, sejam naturais ou sociais, resultando, desse contato, um "saber". Portanto, a existência é marcada por uma "corporalidade", tendo em vista que é através do corpo que os sujeitos materializam a vida e sua experiência, seja através do nascimento, alimentação, doenças, vestuário e morte, lançando mãodas narrativas para expressarem saberes e memórias de um tempo vivido. No entanto, os usos do corpo são variados, dependendo das circunstâncias sociais e históricas.

Como lembra Foucault, uma existência, por mais precária que seja, não pode se desenrolar sem uma prática de cura. Essas práticas são uma espécie de armadura permanente da vida cotidiana, permitindo a cada instante um saber fazer em relação as doenças que assolam o

corpo[283]. Esses saberes são exercitados pelos moradores do povoado no decorrer de suas vidas, e estão relacionados ao misticismo, à religiosidade, às condições materiais e à visão de mundo desses sujeitos. Os corpos, para o mesmo autor, sofrem a interferência de biopoderes que garantem controle, sujeições e disciplina. Nenhum ser humano é um ser natural, mas fruto de poderes, saberes, práticas e tecnologias que contribuem no processo de subjetivação.

As memórias referentes as décadas de sessenta e setenta contemplam uma temporalidade em que locomoção até o centro da cidade – e seus serviços – era inacessível, exigindo esforços árduos como vamos ver, restando, como única alternativa, tratarem o corpo e suas doenças com remédios caseiros, mesinhas e chás. Apesar do saber médico ser distante, existia uma crença muito arraigada no poder dos remédios caseiros. Como diz dona Teresa: "nunca botei meu filho nos braços para levar para doutor, porque tinha os remédios caseiros". O relato deixa claro que a base medicinal dos povoados que constituíam a Ilha era toda caseira,utilizando-se o poder curativo do alho, cebola, gergelim, do leite do peito misturado a jalapa que serviam para curar diarreia, febre e outras doenças:

> Se tinha gripe dava do Gergelim, o óleo de riso, cebola, alho e tudo a gente fazia aqueles remédios. Nasciam os dentes, o único remédio no mundo que meus filhos tomaram para tudo isso foi a jalapa. Só tinha um médico em Parnaíba, o finado Genésio. Foi o remédio que ele ensinava, se seu filho estava nascendo os dentes, ao aparecer a febre, diarreia dá um gole, bota leite do peito na jalapa. Nunca levei um filho para fazer exame, os que tinham para se criar se criaram. E, os que estão aí crescidos, nunca foram feridentos, leprentos e lombriguentos. Passavam o dia todo naareia desde que acordavam, não tinha esse negócio de não poder ir para areia.[284].

Os(as) trabalhadores(as) curavam-se através dos remédios da natureza, como diz pescador Julinho sobre a medicina popular.Na década de setenta o povoado era desprovido de postos de saúde, restando-lhes a cura com os: "remédios do mato; muitas pessoas sobreviveram; outras não estão vivas para contar a história", diz. Esses métodos de cura são muito inventivos. Julinho lembra de um chá poderoso feito da "raiz de todo mundo", que, para quem não conhece, eras as raízes grossas e compridas que despontavam e atravessavam becos e veredas, obrigando os caminhantes a pisarem-nas quando do percurso diário, por isso o nome. Aprendeu tal chá com os pais e avós, demostrando dessa maneira que "a memória individual mergulha na memória da família e do grupo enquadrando-se no espaço e no tempo"[285]. O chá dessa raiz servia para curar diarreia nas crianças; já para complicações respiratórias, inalava-se a fumaça

[283] FOUCAUT, op. cit., p. 197.
[284] ROCHA, Francinalda M Rodrigues. *Cassimiro Pedral: Recorte de Memória*. Parnaíba: SIEART, 2014, p.20.
[285] HALBWACHS, op. cit., p. 54.

do miolo do camurupim queimado; para dor dedente se usava a raspa de feijão. Continua o Sr. Julinho:

> Para ferimento, ainda hoje a gente usa a massa do jucá, você raspa ali faz aquele pozinho, seja da baje, ou do caule mesmo, e bota ali, sabe? A ameixa também é curativa para sarar a enfermidade. Hoje nós sabemos do poder curativo da ante caspado sabiá – que uns chamam de unha de gato – a casca dela, em cima, é toda levantadado caule, não é grudada não, ali a gente arranca e é bom também pra enfermidade. Para dor de dente eles usavam a raspa do feijão brabo, raspava o feijão brabo, aquilodeixava uma espuma igual sabão, ai a gente tirava aquela espuma e colocava na boca,ficava com aquela bocona cheia, para passar a dor de dente. Então eram muitas coisasque se usava aqui[286].

Acreditava-se, portanto, que a natureza continha a solução para todo os sofrimentos humanos. Desse modo, um dos grandes recursos medicinais eram as cascas de plantas que ficavam de molho durante dias; no ponto, serviam para dor de dente,diarreia, dor de cabeça e ataque de verme. O Sr. Jose Lino diz que: "o pessoal naquela época setratava com o remédio de Deus", que é o remédio da natureza, como a base do jucá, a casca do guajiru, do mangue e cajueiro. Todos com grande poder medicinal, capaz de tratar dor de barriga e verminoses:

> Naquela época era uma novidade quando você ouvia falar que uma pessoa ia pro médico. Ninguém ouvia falar de maneira nenhuma. Rapaz, o pessoal se tratava naquela época com remédio do mato, remédio de Deus. Ainda hoje o povo antigo ainda se trata com remédio de Deus, e eu sou um. Remédio de Deus é o remédio do mato: é uma casca de pau, é a água do cajueiro, é base do Jucá, é a água do mangue, é a água do guajiru, e muitos e muitos remédios. Hoje é que as pessoas abandonaramos remédios de Deus pelo remédio dos médicos. O doutor, coitado, vive perturbado com gente em cima dele que ele não sabe o que que é diz. Naquele tempo quem dissesse que tinha ido se consultar, hum, era novidade. Tudo era tratado por aqui mesmo. Resolvia uma dor de barriga, uma dor de dente, ataque de verme. Naquele tempo tinha o chá da Sene, né, era o mastruz batido no azeite de mamona, dava pra criança bem cedo no jejum que era para os meninos botarem as vermes tudo fora, era assim[287].

Vale dizer que o uso desses remédios não era aleatório e sim fruto da experiência e do costume local, tendo em vista que esses procedimentos eram transmitidos de pai para filho, "demonstrando que grande parte das nossas lembranças são misturadas as imagens e pensamentos que nos prendem aos grupos e aos homens que nos rodeiam"[288].

---

[286] ARAUJO, Antônio Júlio Marques. *Quando a coisa há de ser, o destino junta*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Em 11 de janeiro de 2015.

[287] LINO, José. *Sobrevivia por Deus.* Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, mar. 2015.

[288] Halbawachs, op. cit., p. 41.

Outrora, era comum as crianças sofrerem de verminoses, muitas inclusive morriam. Por isso existia uma preocupação com a limpeza do organismo. O Sr. Abraão conta que sua mãe sempre teve cuidado para não deixar seus filhos serem atacados por vermes. Durante algumas épocas do ano ela se acordava de madrugada para preparar um remédio chamado "tira o seguro", feito da mistura do mastruz com o azeite de mamona. Antes de fazer os meninos tomarem o tal remédio, ele conta "que ela primeiro dava açúcar para crianças comerem, que era pra mode as bichas se levantar". Ele termina dizendo que o "tira seguro" era perigoso, "pois ele entupia as pessoas". O Sr. Pedro, também pescador, conta que os remédios usados por sua mãe para tratar as doenças dos filhos era o chá de manjerioba e a casca de cajueiro, que, segundo ele, "era amargo que nem fel"[289]. Nota-se, portanto, que os remédios amargos, de gosto e cheiro marcante, sugeriam força e eficiência no combate as doenças.

Sair do conforto do povoado e recorrer ao "monstro/cidade" era aterrorizante. Por isso, preferiam tratar as doenças com plantas, tendo em vista que a busca por médicos e hospitais era penosa. No entanto, existiam doenças que os "remédios de Deus" não conseguiam curar. Órfãos de serviços médicos, eram obrigados a buscar auxílio no centro de Parnaíba. O problema é que, até as primeiras décadas de 1970, não existiam estradas e muito menos pontes que os ligasse ao centro da cidade. Tal fato obrigava-os a colocar o doente numa rede e levá-lo no ombro até a Santa Casa de Misericórdia.

Sobre essas viagens, as memórias deixam claro a inventividade na criação de chás e remédios, mas, ao mesmo tempo, havia dependência aos serviços oferecidos no centro da cidade. Para não ver seu vizinho, amigo ou parente padecer à mingua os moradores criavam, literalmente, redes de solidariedade. Pois, "(...) cansaram de levar gente doente pra Parnaíba", conta o Sr. Julinho: "Armava uma rede num pau grande, jogava o doente dentro, dois homens botavam o pau no ombro e socava no mundo, passando por debaixo de cajueiro, desviando de carnaúba, seja no verão ou no inverno"[290], diz ele.

O Sr. Antônio Maria também lembra das inúmeras vezes que levou doente para Parnaíba carregado no ombro. Ele diz que seus filhos não acreditam nessas histórias, "mas se levava doente dos Morros da Mariana, seja homem, mulher, velho e criança, que nem porco". O pior, segundo ele, é que, ao chegarem ao Hospital, se esbarravam com a burocracia do serviço público: "vocês vieram até aqui a mando de quem?", perguntavam. "Muitas vezes éramos

[289] SANTOS, Pedro. *Disso tudo a gente fazia uma garapa e ficava satisfeito*. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, fev. 2015.
[290] ARAUJO, Antônio Júlio Marques. *Quando a coisa há de ser, o destino junta*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Em 11 de janeiro de 2015.
.

obrigados a voltar para casa por falta de atendimento", diz. E o resultado de toda essa demora e burocracia no atendimento era trágico, "pois muitos não suportavam e morriam no caminho"[291], conta o pescador. Aliás, ele queixava-se que em casa os filhos não queriam saber de suas histórias sobre o tempo "dos homens ignorantes", pois, tamanho sofrimento de existir devia ser esquecido, não encontrando interlocutor para dividir suas histórias. E, assim, suas memórias caiam em descredito frente ao novo, as mudanças, a tecnologia, a liquidez das coisas e relações. Como diz Martha Rovai, a disposição para admirar-se diante do outro é confundida como perda de tempo, quando deveria ser ao contrário: prestar atenção deveria traduzir-se em ganhar tempo, oferecer-se ao outro para ganhar mais vida[292].

Voltando ao aspecto da saúde e doença, a maioria dos moradores do povoado improvisavam medicamentos criando e recriando inúmeras práticas de produção de remédios caseiros usando raízes, folhas, gravetos, telhas, pedações específicos do corpo de algum ser vivo, e cada chá ou gororoba tinha uma função especifica no combate as doenças. "E se não tinha vacina" diz Rosa Maria "o jeito era recorrer aos remédios caseiros. Era nisso que as mães se agarravam para não deixar os filhos morrerem"[293]. Um dos medicamentos que Rosa Maria lembra que era muito usado por sua mãe para combater as doenças dos filhos era a Jalapa. "Aqueles meninos que Deus não levava, se sarava com a Jalapa" completa. Firmina também afirma: "Os remédios que a gente dava era jalapa, viu, e fazia esfregação de jalapa no umbigo, na cabeça"[294].

Essa arte de manipular raízes, ervas e folhas, de benzer com fins curativos, são artes do fazer que se utilizam do lhes é imposto, - no caso, os recursos naturais, e, ao mesmo tempo, as privações, ausência de serviço público de saúde -, para (re)criar algo. São "táticas", como lembra Certeau, ou seja, são artes do fraco para tirar partido do forte, formas criativas de jogar com a ocasião. Os sujeitos inventam mil maneiras de operar o cotidiano, mesmo em situações adversas. Embora essas misturas pareçam aleatória, são fruto de um saber popular materializado em maneiras de agir sobre a realidade social e geográfica que o cercam. Existe, portanto, uma lógica nesse fazer, uma lógica que, de tão usada, não mais se pensa, apenas age de corpo inteiro[295].

---

[291] MARIA, Antônio. *Feliz daquele que conta a história, pois muitos do meu tempo já se foram*. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, fev. 2015.

[292] ROVAI, Martha Gouveia de Oliveira. *Aprendendo a ouvir: história oral contra a diferença*. História Oral. V. 16, nº2, dez. 2013, p. 131.

[293] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.

[294] AMARAL, Firmina Araújo. *E como eu disse, eu sou analfabeta de caneta, mas de cabeça eu sou nada*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em, 09 de outubro de 2020.

[295] CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano I: as artes do* fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 201437-51.

Se por um lado o médico era uma espécie de profissional desconhecido, por outro os farmacêuticos eram prestigiados e respeitados pelos moradores do povoado. Muitos deles, além de indicar e vender medicamentos, consultavam, conversavam com o freguês que saia da farmácia "sem um pingo de dor". Farmacêuticos como Adalto, Raul Bacelar e Genésio eram os verdadeiros "doutores dos pobres". Ficou registrado na memória as viagens até o Porto das Barcas ou na Praça da Graça à procura dos remédios e dos conselhos médicos desses homens afamados. O Sr. Vicente Cândido, 81 anos, relembra que o povoado era esquecido pelas autoridades, pois todo dia morriam crianças e "muitas vezes eu saí caminhando atrás de remédio"[296].

Rosa Maria lembra da afamada *Pharmacia do Povo*, criada em 07 de março de 1979 pelo farmacêutico Raul Bacellar, instalada na Praça da Graça, ao lado da Casa Cristiano. Raul Bacelar se formou em farmácia e veio morar em Parnaíba em 1927, atendendo, sobretudo, as pessoas carentes, produzindo remédio à base de extratos naturais, como a Jalapa. Ele diz que a prática do farmacêutico era um método científico e psicológico, que deveria se devotar na atenção a todos, sobretudo dos mais carentes e indefesos. Ele atuou junto com sua assistente Maria Lourdes Costa Lino. Sobre sua preocupação em relação aos pobres, diz Raul Bacellar, em uma entrevista que:

> Mas sempre recorri aos conhecimentos que adquiri na faculdade. Nunca indiquei remédio à toa. Na minha farmácia eu atendia mais pessoas do povo. Pessoa que não podiam pagar consulta médica, mas necessitavam de medicamentos. Eu fazia assim, indicava o remédio e o fornecia gratuitamente, caso a pessoa não dispusesse de dinheiro para comprá-lo[297].

Como se ver, o farmacêutico Raul Bacellar se preocupava com os pacientes oriundos das classes populares, os filhos dos operários, estivadores, lavradores, pescadores, ou seja, pessoas comuns que peregrinavam rumo a sua farmácia para compartilhar suas dores, consultar seus filhos doentes, recebendo em troca conselhos, recomendações, remédios, e, caso não pudessem pagar, o farmacêutico doava-os sem restrições. Alguns moradores entrevistados confirmam o caráter benevolente e solidário do farmacêutico. Voltando ao Dr. Raul, ele alegava que causa de muitas doenças da população parnaibana e piauiense tinha primeiro a fome, e, consequentemente, a desnutrição:

---

[296] RODRIGUES, Vicente de Paulo. *A gente fazia de tudo para sobreviver.* Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande. Em, 27 de julho de 2015.

[297]BACELLAR, Raul Furtado. *Um nome. Um exemplo (entrevista*). Fundação Raul Bacellar. [s.n], Parnaíba, 1995, p. 3-4.

> A fome é a causa maior de muitas e muitas doenças. Um organismo debilitado por falta de proteínas, vitaminas, é um organismo exposto a vários tipos de doenças, algumas das quais progressivas, que levam o doente a estado terminais. Outras são apenas consequências do pauperismo da população[298].

Os médicos e hospitais eram inacessíveis aos moradores dos arrabaldes de Parnaíba. O mais próximo desses serviços que os moradores podiam alcançar era a consulta com os farmacêuticos como Raul Bacellar ou Dr. Cino, pois a memória desses dois profissionais sempre surge nas entrevistas. Maria Inácia lembra das consultas e desses farmacêuticos famosos.

> Os daqui ia atrás do senhor Raul, em Parnaíba, que era farmacêutico... Aliás, era dois, era o doutor Raul e o Dr. Cino. O Raul na Praça da Graça, e o Sino onde é hoje o Armazém Mesquita Variedades, bem na esquina, era ali que ele consultava. Era ali onde é o boticário hoje. Que em 77, ano me casei, ainda me consultei com ele. Ele era bem velhinho. Eu me lembro dos remédios, Atepá e Mesarina, que era um comprimidão assim que faltava engasgar a gente, o bichão desse tamanho (Ela os dedos para demonstrar os tamanho). Tinha também o licor de cacau. Ele dava o remédio e a gente ia tomar em casa. Fazia também por aqui o chá de alho, matruz. Para dor tinha a raiz do tipim, tinha também o chá de telha para rouquidão, e era assim[299].

Inácia lembra das visitas a esses farmacêuticos, recordando nomes, endereços, referências topográficas e até mesmo o ano da consulta. Lembra dos nomes dos remédios, com Atepá, Mesarina, Licor de Cacau. Mas, ao mesmo tempo, lembra que que se fazia remédios caseiros, como o chá de alho, mastruz, além de extrato de raízes como o Tipim, chá de telhas etc.

3.5 O parto, as doenças e as mortes de mulheres: lá dentro da cacimba de barriga

Os moradores do povoado, como vimos, não tinham o hábito de frequentar postos de saúde e hospitais. Muitos deles tinham fobia em relação à médicos, por pura tolice ou mesmo superstição. Algumas mulheres, por exemplo, tinham vergonha de expor seu corpo para outro homem que não fosse o marido. "Nós era tão bobona" diz Maria Pureza "que a gente dizia – e eu fui uma delas – que se é pra teu ter filho e for pra ter no hospital, pelo amor de Deus, deixa eu morrer em casa"[300]. relutava-se em parir através das mãos de médicos e enfermeiras, optando/obrigando-os, mesmo em caso de gravidez de risco, pelo parto caseiro. Essa

[298] BACELLAR, Raul Furtado. *Um nome. Um exemplo (entrevista*). Fundação Raul Bacellar. [s.n], Parnaíba, 1995, p. 3-4.
[299] DA PAZ, Inácia Maria Silva. *A gente é criança mas a gente tem vergonha*. Entrevista concedida a Juliana Dantas e Daniel Braga. Ilha Grande/PI. Em 24 de setembro de 2020.
[300] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.

resistência, entretanto, tinha consequências. Como nos diz Maria Pureza: "muitas mulheres morriam porque não conseguiam ter a criança. Morria com o filhinho na barriga. Às vezes atacada de hemorragia, aí botava o derradeiro sangue e morria"[301]. O parto no calor do seio familiar, no conforto de casa, tinha inúmeras vantagens. Porém, em meio a casos mais graves, as parteiras não sabiam agir, e o resultado poderia ser trágico. Entre salvar a vida da mãe e da criança, optava-se pela última, resultando em altos índices de mortalidade de mulheres.

Maria Pureza, por exemplo, narra uma situação que diz muito sobre o trabalho, o cotidiano, as dores físicas e as feridas da alma, os riscos que estavam sujeitos. Foi "nos tempos da cacimba", começa Pureza, falando do tempo em que o povoado era desprovido de abastecimento de água, obrigando os moradores a fazerem longas caminhadas para retirar água das fontes naturais, na maioria das vezes a "pé" sobre as dunas, próximo a lagos que se formavam durante os períodos chuvosos. Lá se agachavam com seus baldes, latas, e enchiam-nas e abasteciam potes de casa. Pureza conta que, um dia, quando era uma jovem grávida do primeiro filho, deixa a mãe doente e vai pegar água numa manhã ensolarada, deparando-se com a cacimba suja. É obrigada a cavar, ou seja, extrair a água suja e esperar minar água límpida, o que nem deu tempo: "Aí, quando vou me abaixando aqui, quando boto meu joelho no batente pra pegar água com a coité", diz Pureza, "o batente, pufo! quebrou né, e eu pufo lá dentro da cacimba, de barriga, de barriga... aí eu disse, Meu Deus do Céu!"[302].

Na hora, pureza não deu importância, termina o serviço e volta para casa, preocupada com a mãe. Dias depois, achou estranho o fato de a criança não mexer na barriga, mas não falou nada para ninguém. Sua mãe, com a sabedoria das mulheres que haviam parido bastante, olhava para barriga de Pureza e dizia: "Maria Pureza, minha filha, tua barriga tá ficando tão pequena. Tu vive sentindo nada não?". "Não", respondeu Pureza. "Pois tua barriga está muito pequena", insistia a mãe. "Quando foi um dia, foi mesmo que destampar uma torneira, tive uma hemorragia, aí mamãe chamou a dita comadre Raimunda do Sebá, (...) e fez isso e fez aquilo, e o sangue não diminuía, ora aumentava, até"[303], diz Pureza. Raimunda do Sebá, a parteira, descrita como generosa, negra, forte, gorda e baixa, que fez todos os partos da mãe de Pureza e agora faria os seus. Embora parteira experiente, Raimunda não conseguiu estancar a

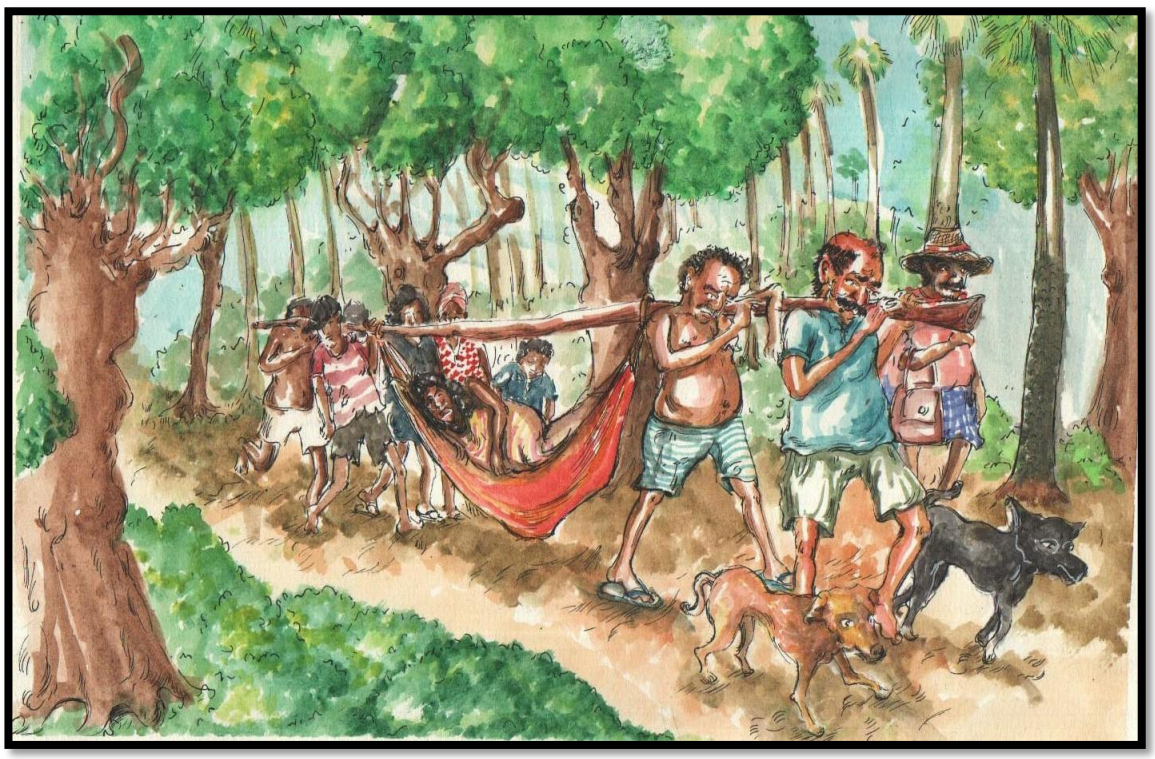
[301] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.
[302] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.
[303] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.

hemorragia, o que significava que a situação era grave, restando recorrer ao atendimento médico no centro de Parnaíba, algo que Pureza temia.

Deixar a tranquilidade do povoado e enfrentar o "monstro/cidade" era um verdadeiro tormento. Primeiro porque não havia estradas, transportes públicos, ambulância; segundo, porque esses deslocamentos até o centro eram de difícil acesso, necessitando-se de uma "rede de solidariedade" constituída por parentes, vizinhos, amigos e conhecidos, responsáveis por levar o doente por entre galhos, raízes, veredas, enfrentando a areia grossa, lagos e rios "nos peitos", como dizem. Pureza demarca uma temporalidade para falar desse tempo histórico, denominado de "tempo das veredas": "naqueles tempos, só era cajueiro, só tinha aquela veredinha pra passar". Na verdade, as veredas eram caminhos, trilhas, feitas pela pressa, pela insistência das caminhadas diárias que deixavam marcas nervosas por entre matas, campos, terrenos, como se fossem costuras ou rastros microbianos numa lógica cega pelo espaço.

Prossegue sua narrativa enaltecendo o marido que, ao chegar da roça, vendo a situação da esposa, age rápido e vai convidar os homens da redondeza para ajudá-lo a levá-la até o centro da cidade, homens que já tinham costumes de levar grávidas e doentes, e que, por azar, já haviam saído para levar outra mulher naquele dia, que também passava por situação parecida com a de Pureza.

Figura 18- Representação da forma como as grávidas e doentes eram levados para centro de Parnaíba/PI



Fonte: Desenho elaborado pelo autor no caderno de campo, dezembro de 2022

Assim mesmo, encontra alguns homens dispostos, e Pureza é levada numa nesse transporte improvisado. Estimulada a detalhar sobre essa forma de transporte, ela explica: "(...) pegava uma rede, enfiava um pauzão num punho e no outro, estendia, jogava o doente dentro e os levavam no ombro"[304]. A rede, contudo, é um instrumento que sempre rondou a cultura brasileira por cada canto desse país, fazendo-se presente nas casas, malocas, quartos e varanda. Usada por diferentes grupos que constituíram o povo brasileiro, a rede, do passado até os nossos dias, "constitui um elemento indispensável e normal da existência de milhões e milhões de brasileiros em quatro séculos"[305]. A rede era facilmente armada nos caibros da casa, das estruturas de carnaúbas, serviam, não só para dormir, como para o descanso de uma sesta, já que "nasciam, viviam, amavam, dormiam, morriam em redes"[306], diz Câmara Cascudo.

Entre os moradores do povoado, a rede desempenhava muitas das funções da qual ressalta o folclorista, pois, além do descanso, poderia ser usada como meio de transportes e, de acordo com a situação econômica, até mesmo como caixão. Quando adoecia algum conhecido criava-se "redes de solidariedade" para levar o doente até o centro de Parnaíba em busca de atendimento médico hospitalar. Se morria alguém, a rede revestia o corpo que seria enterrado no cemitério local, e leva-se no ombro feitos os doentes, agora para ser enterrado no cemitério. Diz Julinho:

> Quando adoecia alguém a gente levava essa Parnaíba no calão. Amarrava uma rede num pau e jogava o doente dentro. Depois, dois homens colocava o calão no ombro e socava no mundo. Levamos muita gente aqui por dentro do carnaubal, seja no inverno ou no verão. Era desse jeito. Para enterrar, do mesmo jeito. Quando era criança ainda se fazia um caixote, né. Agora o adulto, era na rede mesmo. Era assim: colocava o morto na rede e, chegando no cemitério, tirava a rede e jogava o morto dentro do buraco, só com mortalha. Quando o corpo estava fresco, e o morto não havia morrido por uma doença infectuosa, ainda levava a rede para casa para usar novamente. O negócio era duro[307].

Aliás, um falecimento, fosse ele de conhecido ou desconhecido, agitava com os ânimos dos moradores do povoado, motivando-as a largar seus afazeres para prestigiá-lo, seja quem fosse. A pior coisa "era morrer alguém e ele não se conhecer quem era o defunto". Assim, os velórios eram disputados. A sala ficava cheia. Os choros eram altos. Não faltava o terço, rezas,

---

[304] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.
[305] CASCUDO, Luís da Câmara. *Rede de dormir: uma experiência etnográfica*. São Paulo: Global editora, 2003, p. 14.
[306] Ibid., p. 14.
[307] ARAUJO, Antônio Júlio Marques. *Quando a coisa há de ser, o destino junta*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Ilha Grande/PI, em 11 de janeiro de 2015.

pois quanto mais se rezasse, mais próximo de Deus a alma estava. Fora de casa, um grupo de homens contava causos e tomava pinga, reencontrava-se parentes de outros cantos, revia amigos(s). Na verdade, "bebia-se o morto", como se dizia. Estes mesmos homens eram os responsáveis por levar o corpo até o cemitério; e, já bêbados, se prestavam a cavar a cova, sob o risco de encontrar algum braço, perna ou crânio do defunto vizinho.

O morto era velado sobre tabuas que se erguia imponente sobre duas cadeiras. Ao invés de levá-lo no caixão, se jogava o corpo na rede. Nota-se, todavia, que a rede desempenhava um papel imprescindível. Por ser um utensílio barato e prático, servia, além de descanso e meio de transporte, como caixão. Isso se os parentese aderentes deixassem. Contam os relatos que no decorrer do cortejo já se escutavam vozes que discutiam com quem ficaria a rede. "Depois que se enterrava o defunto as pessoas já começavam a brigar para quem levaria a rede para casa, de tão séria que era a situação na época"[308], diz o Sr. Julinho.

Mas voltando à história de Maria, que depois da queda sentiu fortes dores e hemorragia, foi levada às pressas em busca de assistência médica. Chegando ao hospital, diz não lembra mais de nada. "Eu dei uma agonia na hora, eu não vi nada, precisei de sangue, e ainda escutei uma enfermeira dizer assim, "quantos anos você tem?", ela circulou na cama e eu balbucie "vinte e quatro". Embora estivesse perdendo a consciência, escutou uma voz dizer assim: "tão novinha para morrer tão cedo". Quando recobrou as forças, depois de um tratamento intensivo, a primeira coisa que Pureza pergunta é sobre seu filho. E as enfermeiras respondem, de forma crua, "seu bebê estava morto". A curiosidade de mãe vai longe: "E era homem ou mulher?". Elas disseram "não dava pra saber"[309].

Embora biográfica, essa história vai além. Por mais íntimo que seja, ela é penetrada por vários condicionamentos, encontros, desencontros e circunstâncias sociais. Isso não quer dizer que a vida narrada não pertença a Pureza e a seu corpo, que sofreu todas essas dores, traumas. No entanto, o privado não é algo impenetrável ou incomunicável, mas suscetível de ser compartilhado, pois "o biográfico excede e muito a uma história pessoal", sendo uma espécie de "antessala povoada por outros". Segundo Leonor Arfuch, "cada passo, os termos se interceptam e se transtornam, o mais íntimo pede para ser falado ou cede à confidência, o privado se transforma em acérrimo segredo, o público se torna privado, e vice-versa."[310]. Pureza

[308] ARAUJO, Antônio Júlio Marques. *Quando a coisa há de ser, o destino junta*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Em 11 de janeiro de 2015.
[309] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.
[310] ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*: Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010, p. 133.

revisa esse momento da vida, trazendo para dentro da ordem narrativa uma vivência íntima que é também uma porta de entrada para a vida coletiva.

Antes de comentar essa experiência trágica por qual passou Pureza, deve-se pontuar que a memória individual existe, pois esse relato foi vivenciado de forma pessoal, íntimo e particular. No entanto, essas memórias não se encontram-se isolada, fechadas em si mesma. Para evocarmos o passado, em geral, precisamos recorrer as lembranças de outras, ou evocar figuras que se apoiam em nossa memória, mergulhando em um conjunto de referências que existe fora de si, forjada pela sociedade e pelos grupos que convivemos. Além do mais, ao rememorar, o indivíduo lança mão de imagens, palavras e ideias que não são gestadas pelo indivíduo apenas, mas que toma emprestado da sociedade. Ao evocar, eu me reporto e me remeto as memórias dos outros[311], diz Halbawachs.

Mesmo sendo uma história tão íntima de dor e perda, é possível aprender várias coisas sobre a vida no povoado: 1 - o cotidiano das mulheres, (marcado pelo trabalho pesado de cuidar, lavar, pegar água na cacimba etc.). 2 - O trabalho e seus riscos (o trabalho feminino era tão duro quanto o masculino e sujeito a riscos que podiam ser fatais). 3 - As artes de curar (a cura se dava através de ervas, folhas e tantos outros remédios caseiros). 4 - As formas de parir (no caso, através das mãos da parteira que, deparando-se com a gravidade, diz não ter o que fazer, que devia levar a grávida doente ao hospital). 5- A solidariedade (que se concretizava por redes, ligações, parcerias, uma arte da convivência que só era possível naquela comunidade e naquela época). As relações Ilha e cidade (no sentido de que os povoados da Ilha Grande de Santa Isabel necessitavam de Parnaíba, dos seus serviços, centro comercial, instituições de saúde), além da dor e a tristeza da perda, a angústia de sentir-se só em um hospital e deparar-se com seu útero vazio, vindo a saber de forma um tanto brusca que feto (natimorto) já deteriorava em seu útero há semanas. Evidencia-se a vida comunitária, ausência de políticas e serviços públicos, de angústias e doenças, males que acometiam tanto as crianças como também as mães. Em caso como esses, é bom que se diga, sempre priorizava salvar a criança. Pureza entende que deu muita sorte. Acompanhar essa longa história serviu para confirmar a tese de que a "a memória pública coexiste com a memória privada, ambas interagem, simultaneamente"[312].

Inácia, por outro lado, conta a história da cunhada que, quando foi visitar uma amiga, sentiu o cheiro do cuscuz no fogo e desejou comê-lo. Quando chegou em casa, pegou o pilão e começou a pisar o arroz. Lembro que nesse momento da entrevista, o marido de Inácia, o senhor Riba, começou a intervir, dizendo que a história não era assim, era de tal jeito. Eles começam

[311] HALBWACHS, op. cit., p. 72.
[312] CATROGA, op. cit., p. 12.

a discutir, e Inácia diz que "ele deve se calar", que a entrevistada é ela, é a vez dela de falar. "Foi assim. Ela foi na casa de uma amiga dela. Ela estava buchuda. E desejou, porque lá na casa dessa amiga, estavam jantando cuscuz", continua Inácia. A cunhada chega em casa e vai pilar, molhar, salgar e botar o cuscuz no fogo. Só que, "depois começou a sangrar, e isso aqui tudo era areia, não tinha pista, não tinha estrada, não tinha nada, e levaram a bichinha, na rede, mas quando chegou perto da Socorro Melo[313], ela morreu"[314], diz Inácia. A cunhada de Inácia morreu à mingua, "com 25 quilos, se desmanchou em sangue", e não resistiu, chegando a óbito no meio do caminho, lembrando da "mãe dela atrás, chorando, com uma sacolinha de lençol, mas não teve jeito". Esse episódio triste diz muito sobre as condições da infraestrutura do povoado, que, como se ver, era ausente de estrada, transportes, restando aos moradores a improvisação para se chegar até o hospital, resultando, muitas vezes, em mortes, como foi o caso.

Maria lembra de um caso de uma mulher de vinte quatro anos que morreu devido um esforço demasiado quando estava no período de resguardo. A história vai ganhando, a cada frase, novos elementos, e narradora muda as versões à medida que a história avança, deixando entrever que a principal característica de sua entrevista é os equívocos e lapsos de memória. Aliás, deve-se entender a memória e esquecimento em coexistência. No entanto, existe esquecimentos que são programados por força exteriores a nós, que nos pressiona através de suas estruturas e máquinas de silenciamentos, como por exemplo, o machismo, racismo, perseguições políticas etc. Além do mais, a própria dinâmica social produz esquecimentos programados, como nos diz Jorge Luiz Borges que advogava que pensar é esquecer, já que o "(...) esquecimento é uma das formas de memória, e seu vago porão, a outra cara secreta da moeda"[315]. Por isso mesmo, Upiano Bezerra adverte que não basta dar voz ao excluídos, e sim detectar as múltiplas graduações dos silêncios e processos de esquecimentos[316]. Nessa dialética entre lembrar e esquecer, as forças do lembrar lutam com as forças do esquecer, e, cada um desses campos, desejam realizar suas potências, agindo e reagindo em prol de valores e, sobretudo, interesses. Existe esquecimentos que são, na verdade, cortes bruscos de silenciamentos, resultante de dinâmica social ou da própria subjetividade do narrador que prefere fingir que não lembra para não confrontar o passado.

---

[313] Fazenda Socorro Melo ficava no meio do percurso entre os Morros da Mariana e Parnaíba, quase na entrada da Ilha Grande de Santa Isabel, bairro de Parnaíba. Essa fazenda era, no decorrer do percurso, um dos poucos pontos de habitações. Ali na frente dessa fazenda, era uma espécie de parada obrigatória para os caminhantes.

[314] DA PAZ, Inácia Maria Silva. *A gente é criança mas a gente tem vergonha*. Entrevista concedida a Juliana Dantas e Daniel Braga. Ilha Grande/PI. Em 24 de setembro de 2020.

[315] BORGES, Jorge Luiz. *Elogio da Sombra*. Porto Alegre: Livraria Globo, 1995, p. 59.

[316] MENESES, op. cit., p. 18.

Faço esse preâmbulo, porque, ao lembrar dessa jovem mulher que morre no pós-parto – para ser mais preciso –, Maria, num primeiro momento, diz que a causa da morte da moça se deve ao fato do marido ter forçado relações sexuais com ela, e, como estava no resguardo, teve uma hemorragia, convalescendo, e, consequentemente, falecendo dias depois. "Morria muita mulher de parto aqui, sabia? Tinha uma mulher que pariu, e, com poucos dias de resguardo, o marido forçou a fazer "as coisas com ela". Imediatamente, muda a versão: "não, parece que foi assim":

> (...), o marido dela estava com a rede suja, e fez ela bater uma rede dele, e quando estava na beira do igarapé lavando roupa, porque ela foi bater roupa no rio, quando ela estava torcendo a rede, começou a sangrar, deu uma hemorragia... avé Maria, ave Maria... ainda levaram ela pro hospital, mas não teve jeito, morreu sangrando, com 25 anos de idade. A filhinha dela foi criada pela comadre da falecida, pois o pai disse que não podia tomar conta. Pois é assim, morria muita mulher de parto. Quantas não morreram aqui no Tatus! Hoje não, ninguém ver mais mulher morrendo de parto[317].

Será que Maria mudou a versão por puro descuido da memória ou por conveniência, por querer esconder algo? Não podemos saber. O mais estarrecedor é morte da jovem, que, parecida com todas as outras histórias, morre em decorrência de hemorragia, sem assistência, chegando no hospital praticamente morta. Outra coisa intrigante nessa história, é que o viúvo não assume o filho recém-nascido, como se a responsabilidade de cuidar e criar restringisse as mulheres. Ele, por ser homem, por viver de explorar o mundo das roças e pescarias, não tinha tempo de cuidar do bebê. Restava-lhe, nesse caso, ser doado a comadre, amiga da falecida, que, nessas situações, tornar-se-ia a mãe da criança, responsável por sua criação, adotando o bebê como filho. Notei que tal atitude perante uma criança que perderam a mãe precocemente era um costume no povoado.

3.6 Concepção, doenças e morte: *você ver que doía muito perder um filho*

Vimos que os casamentos se concretizavam cedo, e as meninas engravidavam na mesma celeridade, contribuindo com a alta taxa de natalidade e, ao mesmo tempo, de mortalidade infantil. As principais causas das mortes de crianças, segundo o *Jornal Inovação*, era fome, desnutrição e falta de condição de higiene e saúde. O jornal se compadece com a situação dos povoados do Canto do Igarapé, Tatus e Cal, do qual "(...) existia famílias com quatro ou cinco

[317] ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.

filhos que não tenha morrido um a três filhos. Existe mesmo famílias que possuem mais filhos mortos do que vivos. É amigo, a realidade é violenta"[318]. Por tudo isso, ao narrarem sobre a infância, consideram o fato de estarem vivos "um milagre". Comumente as crianças faleciam nos primeiros meses de vida, relatam.

Mesmo trabalhando muito, "a mãe engravidava quase todos os anos", diz Rosa Maria. O primeiro filho de Rita – a mãe de Rosa Maria - nasceu em 1943, quando tinha apenas dezoito anos de idade, encerrando o ciclo reprodutivo em 1958, parindo, ao todo, dezoito filhos. O mais surpreendente é que destes, somente oito conseguiram sobreviver, ou seja, mais da metade dos irmãos de Rosa Maria tiveram as vidas ceifadas. Indagada sobre o porquê de tantas mortes na família, responde:

> Primeiro, naquele tempos não existia essa história de vacina. Se existia vacina, ela não chegava pra nós dos Morros da Mariana, não. A doença que mais matava criança era o sarampo, que aparecia por aqui entre os meses de maio e junho, época que nós chamava de "fim de das águas", que era entre esses meses de maio e junho, período que as crianças adoeciam de febre e diarreia. Era comum as crianças pegarem sarampo e muitas, muitas mesmo, terminavam morrendo. Hoje, pela Graça de Deus, o sarampo não mata mais crianças como matou naqueles tempos[319].

Rosa Maria demarca um tempo: "o fim das águas", período entre os meses de maio e junho, época em que as crianças mais adoeciam. Dessa maneira, alega que a morte dos irmãos teve como causa principal a ausência de vacinas. Sem imunização e nutrição adequada, o organismo das crianças não conseguia se defender de algumas doenças, sobretudo o sarampo. Deve-se lembrar que a mortalidade infantil sempre foi um problema a ser enfrentado pelo Estado Brasileiro. As campanhas de vacinação foram vistas como uma das principais armas contra a mortalidade. Em 1971, foi instituído o Programa Nacional de Imunização (PNI) responsável por coordenar ações racionais de imunização. No entanto, essas campanhas se restringiam, num primeiro momento, as zonas urbanas e grandes cidades. Enquanto o programa se universalizava, zonas rurais e rincões do Brasil a fora ainda sofriam com a falta de imunização e, consequentemente, com a mortalidade infantil. Somente nos anos de 1980, o programa ganha novo impulso, através de um sistema de vacinação rotineira em grande parte

---

[318] Suplemento especial**:** *a declaração dos direitos da criança e a situação das crianças brasileiras*. Inovação. Dezembro de 1979, p. 27.

[319] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.

da população, o que contribuiu, segundo José Gomes Temporão, para redução da mortalidade e erradicação de várias doenças[320].

No que se restringe a natalidade, essas mulheres viram a vida reprodutiva da mãe se refletirem nas suas próprias. Elas também casaram cedo e tiveram muitos filhos, acompanharam os maridos nas lidas das roças, trabalharam bastante para manter a família. Rosa Maria, por exemplo: teve doze filhos, desses "doze, eu tenho apenas seis criado, pois morreram a metade. Imagine você gerar um filho na barriga, parir, e, depois de alguns meses, adoece e morre pequena"[321]. É uma dor que só que viveu tal drama sabe expressar. No entanto, ao narrar esses episódios trágicos, não se via dor alguma no semblante. Tudo era narrado de forma seca, crua, até. O primeiro filho de Rosa Maria, por exemplo, morreu quando tinha oito meses. Logo engravida novamente, e, para seu desespero, o segundo filho morre por volta do primeiro ano. E, assim vai enumerando as mortes, e termina com a frase "era assim", como se fosse a ordem natural das coisas.

Maria Pureza, por sua vez, narra sobre as gravidezes da mãe, que engravidou 14 vezes. "A mamãe teve quinze filhos", contando os gêmeos. O mais surpreendente foi saber "que desses quinze, você acredita que só se criou três", diz Pureza, estarrecida. As causas ela trata de enumerar: febre alta, seguida de convulsão, diarreia, combinação que levava a mortalidade das crianças; dificuldades de acesso aos serviços hospitalares. "Os meninos de mamãe morriam de oito meses, de dois aninhos, quatro aninho. Você ver que doía muito perder um filho. Eu que o diga, porque quando perdi o meus..., oh Meu Deus", lamenta Pureza[322], falando da dor de ver um filho pequeno adoecer e morrer de forma repentina.

Assim, que meus laços com Rosa Maria se estreitaram, voltei ao assunto das mortes dos filhos, e nesse momento falou de algo muito triste que ocorreu com um desses meninos falecidos, algo que envolvia familiares, descaso, necessidade material, e que preferia que não "fosse ao ar". Mirando os olhos de Rosa Maria notei a dor que escondia por trás daquela rigidez ao lembrar da morte inesperada. A história oral, portanto, é um modo de fazer história que exige respeito pelo entrevistado, acolhimento, escuta e ética ao entender que o narrador detém o domínio sobre o que deve e ou não deve ser registrado. O papel do entrevistador é compreender os mecanismos de censura psicológica, o drama pessoal, os mecanismos de silenciamentos. A

[320] TEMPORÃO, José Gomes. *Programa de Imunização (PNI):* origens e desenvolvimento. História, Ciência e Saúde. Manguinhos, vol. 10 (suplemento 2), 2022, p. 1-17.
[321] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.
[322] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. *E nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.

forma como cada pessoa expressa a dor e vive o luto é, também, muito subjetivo. Talvez, quem demostrava mais insensibilidade, era as(os) que mais sofriam com a situação, como foi o caso de Rosa Maria, pois fora afetada ao revistar a história das mortes dos filhos. Todas essas mortes resultaram em um déficit, questionando-me no que essas crianças poderiam ter se tornando.

Essas lembranças vão vasculhar à fundo as memórias de dor, perda e luto, pois, como nos diz Sandra Jatahy Pesavento, conseguem, através da evocação, rememorar uma sensação ou experiência do vivido reconfigurado pela presença do sentimento[323]. Estamos, portanto, diante de modos de sentir a morte de um filho pequeno, tão esperado, que se projeta tanta energia, planos e sentimentos que são obrigados a repensar, reconstruir, cartografados pela evocação de uma memória através da metodologia da história oral. Essas rememorações falam de um tempo que não se compreende em linha reta, uma suposta cronologia linear a ser seguida. Nota-se que estamos diante de um tempo sensível que se desdobra, avança e retorna, que só é possível ser apreendido pela narrativa, que nega a cronologia convencional e nos mostra uma cronologia do coração, dos sentimentos. Deve-se lembrar do termo latino "*re cordis*", que significa voltar a passar pelo coração, atribuindo, dessa maneira, uma dimensão afetiva da memória.

Mesmo assim, a expressão "era assim", "não tinha jeito", "como Deus quer" deixava-me intrigado, pela insistência de um sentimento de resignação e fatalismo que marcava quase todas as entrevistas. Pensando melhor, a ideia do: "quando era pra morrer, era pra morrer mesmo", apontava para um sentimento de impotência por parte dos pais, que, diante da doença dos filhos, lutavam com todas as armas disponíveis (ervas, curadores, benzedeiras, chás, etc.). Embora inserido dentro dessa rede de precariedade, conseguem explicar e impor suas versões sobre a mortalidade, lembrando de aspectos traumáticos para ilustrar tais compreensões. No caso do fragmento abaixo, Rosa Maria fala de uma fase crítica em que as crianças ficavam mais expostos as doenças e conta os métodos que recorria para salvar seu(s) filho(s), nos provocando com uma pergunta no final da fala. Veja:

> A gente até corria para levar para benzedeira, mas não tinha jeito. Quando era para morrer era para morrer mesmo. Na verdade, quando nascia os dentes eles se danavam para pegar diarreia, febre. Então, como eu disse, aqui não tinha posto, médico, a gente tratava era com remédio caseiro ou levando para rezar, para curar, principalmente a doença do ar. Lembro que um dos meus meninos começou a chorar as oito horas da manhã. E a gente sabia, e falava assim "oh, meu Deus, mais um". Quando foi duas horas da tarde, esse menino ainda chorava, e comia, ele tomou uma lata de leite, juro por Deus, mesmo assim

[323] PESAVENTO, op. cit., p. 13.

> chorava e chorava, até que ele morreu. Agora imagine a dor de perder mais uma criança pequena?[324].

Afirma que "não se podia fazer nada" diante da doença do filho. Essa manifestação é uma forma indireta de dizer que não tivera culpa, fizera o possível e impossível diante das circunstâncias disponíveis, usando de ervas e de benzedores(as). Além dos meses críticos que ela denominou como "fins das águas', período de mudanças climáticas que afetavam a saúde das crianças, agora fala da fase do "crescimento dos dentes", época que também adoeciam.

Um dos sinais que os pais conseguiam ler para constatar a gravidade da doença do filho era o choro incessante, que, ao notar, já desconfiavam, "oh, meu Deus, mais um...", diziam. Mas ela insiste veementemente que fez de tudo para salvar a criança, dando, inclusive, uma lata de leite. Abre-se parêntese: mesmo sabendo que o leite materno deve ser alimentação exclusiva dos bebês até os seis meses, essas mulheres lançavam mão do uso minguais de puba e mandioca misturados com leite, sendo uma espécie de costume local, tendo em vista que as mães necessitavam voltar ao trabalho mais rápido possível, torando-os independentes do peito, embora reiterem que o uso de mingau era complementação alimentar. Voltando ao relato, no final ela lança uma pergunta que nos tirou o chão: se seriamos capazes de imaginar a dor da mãe perdendo filhos recorrentemente para doenças. Respondi que não.

Prevalecia um imaginário de que a morte da criança era uma vontade de Deus. As crianças falecidas eram puras, inocentes, anjinhos protetores, imagens que terminava por encobrir uma dada estrutura social, marcada por deficiência no oferecimento médico-hospitalar. Sobre o assunto, a historiadora Joseanne Zingliara reflete, em um artigo relacionado a mortalidade infantil no Piauí, no começo dos anos 40, sobre o papel do Estado que, conforme suas pesquisas, intensificou as políticas de proteção à infância e medidas sanitárias mais condizentes com a modernidade e o progresso. O Piauí tentava acompanhar esse movimento, através do surgimento da puericultura, maternidades, conhecimentos obstétricos e pediátricos, materializados nos discursos que impunham uma ordem sanitária, responsabilizando, no mais das vezes, as famílias pobres, as práticas populares, o descuido com a higiene e as péssimas condições de moradia como a responsável pela mortalidade das crianças. Concomitantemente, se observava uma ineficiência nos órgãos de gestão, desorganização dos serviços de saúde, falta de verbas, médicos e dados diagnósticos, sobretudo no interior, agravando a ainda mais o quadro a mortalidade. Sobre o assunto entre a responsabilização das mães e ineficiência do governo, diz Joseanne:

---

[324] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.

> "Nesse sentido, as mães deveriam exercer, prioritariamente, os cuidados cotidianos que serviriam para manter as crianças sadias, como também deveriam procurar os médicos dos serviços de saúde para tratamento dos seus filhos doentes, abandonando as práticas curativas baseadas nos conhecimentos populares tradicionais. No entanto, para além da falta de acesso às informações de preservação da saúde e deficiência de serviços hospitalares, existiam as condições insalubres de moradia e precariedade de alimentação da população pobre do Piauí, aspectos que também concorriam para os elevados índices do obituário infantil, circunstâncias que não dependiam do quão dedicada e cuidadosa fosse uma mãe, fazendo com que também enterrasse os seus anjinhos"[325].

Nas entrevistas fica evidente, nas margens das falas, um esforço incomensurável em justificar as mortes pelo viés da fatalidade, deixando claro que se lutava com as armas possíveis para salvar a criança. Muitos sente-se culpados, ou foram culpabilizados por esse alto índice de mortalidade, sobretudo pelos discursos médicos da época que tinham uma relativa ressonância na comunidade. Mas, para além da culpabilização da família, que recaia sobretudo nas costas da mãe, a pesquisadora fala sobre o projeto ineficiente do Estado, que não promovia o acesso a saúde e os serviços hospitalares em geral. Junta-se essa deficiência das políticas públicas com a precariedade, as condições de vida e habitação desfavorável, resultando em altos índices de mortalidade que envergonhava o Estado.

Entre os anos de 1970 e 1980, morar no povoado era conviver diariamente com as privações, o inesperado e a carência de serviços públicos. A vida era fragilizada e inconstante. As crianças, como vimos, eram as que mais sofriam diante desse cenário. As famílias eram numerosas, e, assim, muitas crianças sucumbiam frente as doenças. Nesse momento, além de se recorrer as ervas, os pais procuravam benzedores e rezadeiras, que curavam quebranto, mal olhando, dores de dente, tiravam "sol da cabeça" (dor de cabeça com quentura); cuidavam do corpo e da alma, restabelecendo, dessa maneira, a harmonia entre o corpo e a natureza.

Essas práticas de cura exercida por curandeiros(as) e parteiras, eram modos de fazer em que os trabalhadores(as), os fracos, despossuídos de condições financeiras e sistemas de saúde efetivos, buscavam vencer "a violência das coisas"[326], ou seja as doenças e o isolamento. No entanto, como já foi dito, a Igreja Católica exercia uma grande influência sobre a mentalidade e moralidade, instituição que marca a identidade local. Como explicar, contudo, o uso dessas práticas de cura e benzeduras de influência afro-indígena? Bom, a resposta está no chamado "jogo das circunstâncias". Se a medicina era algo distante, buscava-se nos curandeiros e

---

[325] MARINHO, Joseanne Zingleara Soares. *A mãe cuidadosa também enterra os seus anjinhos: a mortalidade infantil no Piauí (1889-1945*). Revista TEL, Irati, v. 10, n.2, p. 154-176, jul. /dez. 2019, p. 174.
[326] CERTEAU, op. cit., p. 44.

benzedores a cura das doenças, explorando elementos místicos diversos, fazendo o uso dessas práticas para tirar vantagem da situação, burlar as doenças, adaptando esses procedimentos, inserindo-os elementos católicos, pois a prática da benzedura não anulava crenças e credos, mas complementavam-se.

As doenças, por outro lado, também eram entendidas pela perspectiva do sobrenatural. Forças estranhas se apoderavam dos corpos. Somente a natureza e os poderes das rezas podiam curá-las. Portanto, quando não se tinha explicação para as doenças se recorria ao imaginário local. As rezas, desse modo, faziam-se vivas na tradição oral, e no âmbito do privado, da intimidade das casas, através dos balbuciar de palavras em voz baixa. No entanto, é difícil, hoje em dia, mesmo na zona rural, se encontrar benzedeira(o)r de ofício, completa, profissional. Ao longo da história, foram discriminadas pela sociedade, Estado e religiões institucionalizadas. Além disso, o abandono dessas práticas de cura está relacionado ao processo de urbanização que se efetiva através de políticas higienistas e intervenções médicas.

Essa operação de guerra contra o curandeirismo é presente no trabalho de Sidney Chalhoub, *Cidade Febril*. Falando sobre as demolições dos cortiços cariocas e sobre as campanhas higienistas, ele demonstra que as práticas de cura, oriundas da tradição africana, tão comuns no Rio de Janeiro na época, foram perseguidas e proibidas. Aos poucos, curandeiros e benzedeiras foram desaparecendo, para satisfação de médicos e políticos que consideravam tais práticas como símbolos da ignorância e do atraso. Segundo o mesmo autor, a resistência popular à vacina se devia a crenças que consideravam a doença como um fato natural lançado pelos deuses para harmonizar a terra. Os sujeitos que haviam sofrido a doença estavam qualificados a curar outros indivíduos, por meio de rezas com intuito de fechar o corpo. Isso demonstra o quanto as práticas de cura são mapas culturais complexos e diversos, e o quanto as crenças influenciam concepções e comportamentos humanos[327].

Não somente no Rio de Janeiro houve uma proibição contra os curandeiros e benzedores. Parnaíba, a Princesa do Igaraçu, também não poupou esforços para dar fim aos focos de curandeirismo e baixo espiritismo na cidade, na primeira metade do século XX, época de seus esforços modernizantes. Por meio de medidas de saneamento e da repressão policial, tais "delitos", aos poucos, foram desaparecendo, como deixa claro o fragmento de um texto encontrado no livro do *Centenário de Parnaíba*:

> Segundo se depreende de nossas estatísticas criminais, pode-se dizer negativa a prática do curandeirismo e baixo espiritismo em nosso munícipio. As medidas de saneamento, neste sentido, tomadas pelas autoridades policiais,

[327] CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 234 a 238.

> têm conseguido bomêxito na repressão de tais delitos. Por sua vez, a Saúde Pública vem prestando auxílioeficiente no combate ao charlatanismo e, então, com relação às CURIOSAS ou parteiras ignorantes tem sido notável a colaboração de diretores da Maternidade Dr. Marques Bastos, os quais, num esforço digno de louvor, vem debelando em nossa cidade aquelas práticas criminosas que levavam ao obituário lamentável número de vítimas[328].

Como se observa, o curandeirismo era considerado crime. A polícia, por seu turno, era responsável por erradicar essas práticas "criminosas" e reprimir tais delitos. Os curandeiros, assim como as parteiras, foram banidos pelo discurso do progresso e, consequentemente, pela higienização das cidades. O corpo doente não podia ser cuidado por rezadores, pois, a partir de agora, o único saber digno de cuidar dos corpos era o saber médico.

Se no centro de Parnaíba e nas zonas nobres essas práticas eram banidas, nas adjacências, porém, elas ainda se faziam vivas, e, talvez, eram os únicos recursos de cura dos seguimentos mais pobres. Nos Morros da Mariana, por exemplo, essa prática era muito utilizada. O Sr. Pedro conta que sua família tinha costume de procurar auxílio a benzedoras: "Muitas vezes, quando a criança estava mole, as mães falavam assim: vamos já levar esse menino para rezar que ele está com quebrante". Assevera que seu pai era um rezador tirador de "quebrante"[329]. Por isso, sua casa era repleta de mães e crianças que, constantemente, recorriam a suas rezas: "quando papai terminava de rezar ele dava uma mordida no pescoço do menino que era mode dele se espertar"[330] diz o pescador, recordando os procedimentos do pai.

Ao ser questionado sobre quantos filhos teve, Antônio Maria respondeu assim: "Eu, nenhum. Mas a mulher, teve treze", disse com ironia, completando: "Desses treze, morreram sete". As doenças, "quando atacavam as crianças, era pra valer", indicando que pouco ou nada se podia fazer. No caso do seu derradeiro filho, adoeceu repentinamente, depois de um choro incessante. Ele e a esposa apelaram para o rezador da vizinhança. Mandou a filha mais velha chamar o homem. Quando rezador põe o pé na sala, fica paralisado por longos minutos, mirando a criança que convalescia dentro de uma rede. Essa postura irrita o Senhor Antônio Maria, que chega até o rezador e diz: "Meu, senhor, se não vai rezar não?". O rezador dirige-lhe um olhar complacente e diz, sem meias palavras: "Rapaz, eu não posso dar jeito não. Pode arrumar os paninhos dele, que esse aqui não se cria". Só foi o rezador sair que, "não demorou muito, o menino morreu". Antônio Maria revelou que o tal rezador rezava três vezes, e, "se estas três

---

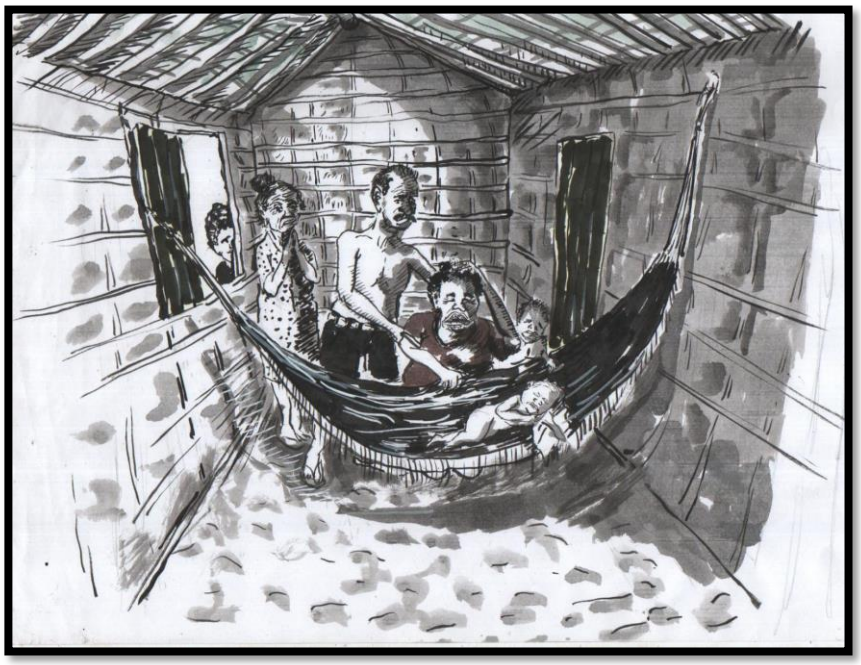
[328] LIMA, op. cit., p.237.

[329] Também conhecido como quebranto, ou seja, doenças relacionadas a influências maléficas, sobretudo ao mau-olhado.

[330] SANTOS, Pedro. *Disso tudo a gente fazia uma garapa e ficava satisfeito*. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, fev. 2015.

rezas" – referentes a cada pessoa da trindade – "não resolvesse, podia esperar que a criança morria"[331], conclui o pescador.

Figura 19 - A morte das crianças pequenas elaborada a partir da fala de Antônio Maria



Fonte: caderno de campo do autor, março de 2022

"A maioria das pessoas por aqui se tratava com benzedor", afirma José Lino, pecador, ao recordar sobre as práticas de cura. No decorrer da conversa, ensinou-me que o médico tratava do corpo como um suporte restritamente biológico, enquanto benzedor trata do corpo em harmonia com o espírito e a natureza. Depois de alguns instantes ele baixou a voz, olhou para um lado e outro e diz, "até hoje tem benzedor aqui", revelando em seguida outra identidade: "sou um benzedor". Logo tratou de me alertar que não rezava para coisas ruins, e sim para o "Nosso Senhor", e que esse dom era uma dádiva de Deus. Continua ele:

> Um dia uma menina aqui estava doente. A mãe, coitada, levou pra tudo que é médico. Mas nenhum médico resolvia. Um médico até disse pra ela que o problema dela não era pra doutor. Um dia a mulher chegou na minha porta com a criancinha e disse assim: Sr. Zé, reze na minha filha que já procurei todo que foi médico e ninguém resolveu o problema da menina. E eu rezei, não se pode negar uma reza. Quando foi de tarde a bichinha já estava comendo, dormindo. Isso foi o que? Foi o poder das minhas orações. Mas não posso dizer para você. O homem não pode ensinar sua reza para outro homem, e nem mulher ensinar para outra. Os meus filhos homens já têm insistido para eu ensinar, mas eu não posso. Veja, eu aprendi com uma mulher das Canárias, há muito e muito tempo. Mais antes de aprender eu já tinha um dom, porque

[331] MARIA, Antônio. *Feliz daquele que conta a história, pois muitos do meu tempo já se foram*. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, fev. 2015.

> esse poder que eu tenho é dom de Deus. Eu rezo de cura, rezo pra dor de dente, pra quebrante, mas minha especialidade é em "oração de chama". E assim, se uma pessoatem um comércio e sente que alguém tá de olho gordo pro seu lado, eu vou lá e rezo e ela começa a prosperar. Agora eu vou te dizer, eu não tenho preconceito nem nada,mas não tenho fé em batida de tambor[332].

Como se vê, o rezador é um homem que nasceu com o dom da cura. Mas antes de curar ele aprimora suas habilidades com um mestre de reza, que difunde seus saberes por meio da tradição oral, já que a reza é praticada por meio da oralidade. O rezador homem não pode transmitir seus conhecimentos de reza a outro homem, sob o risco de perder o dom. No final, percebe-se que existem rezadores homens e mulheres de infinitas especialidades. No caso do entrevistado, as suas são as "orações de chama", ou seja, de prosperidade.

A pesquisadora Pedrina, estudando sobre a história de vida de senhoras rezantes do Piauí, percebe o quanto elas ainda hoje são discriminadas na sociedade. No entanto, no decorrer de sua pesquisa, observa que em diferentes cidades do Estado fez uso dessas práticas, oriundas de nossas africanidades. As orações são transmitidas por meio da tradição oral, e, conforme aponta, existem benzedoras "completas e específicas". Para ela, o significado geral dos rituais das rezadeiras é a cura. O poder da cura se sustenta pela relação entre o doente, a benzedeira e a comunidade. Há, portanto, "uma relação de afetividade e de aceitabilidade que reforçam a eficácia da cura. Além disso, existe uma mística subjetiva em volta das rezadeiras que o doente, a comunidade e a rezadeira acreditam existir"[333].Portanto, diferente da lógica racional e disciplinadora dos saberes médicos e higienistas,os saberes de parteiras e benzedores eram um alento para comunidade. Se, às vezes, não eram efetivos, traziam conforto, calor, solidariedade e companhia.

Maria Luísa nasceu no ano de 1960 numa família grande miscigenada, "mistura de negros com brancos dos olhos azuis". Sua mãe era negra, "mais negra do que eu", diz Luísa. Já o pai, "branco dos olhos claro", enaltece. O casamento resultou em treze filhos. Somente ela, Luísa, e o irmão mais novo, eram negros, apelidados pelos familiares de Neguin e Neguinha, fato que trata de explicar: "que não era preconceito coisa nenhuma, (...), e sim uma forma de tratar daqueles tempos". Nessa casa repleta de meninos, foi acometida por uma epidemia de sarampo, abatendo todas as crianças. Ela sobrevive. Já sua irmã de nove anos – ela tinha 10 – não resiste, para revolta dos irmãos, que reagem de forma inesperada. Diz Luísa:

---

[332] COSTA, Jose Lima da. *No Pulo da Rede*. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, fev. 2015.

[333] ARAUJO, Pedrina Nunes. *Senhoras da Fé: História de Vida das Rezadeiras do Norte do Piauí* (1950-2010). Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Teresina, UFPI, 2011, p. 104.

> Uma das filhas da minha mãe morreu de sarampo. Morreu com nove anos. Todos nós demos sarampo em casa. Já pensou uma casa com um horror de criança tudo com sarampo, tudo doente ao mesmo tempo. Pois é. E minha irmã era a mais bonita. De repente minha irmã morreu de um sarampo que deu na garganta. Naquele tempo não tinha vacina. Quando o sarampo atacou, ela não resistiu. Já eu me salvei. Aí meus irmãos diziam assim "diacho de uma nega feia dessa se salvou e minha irmã mais bonita morreu". Eu não dizia nada, porque eles diziam isso mesmo, mas era coisa de irmão. Nesse tempo deu uma epidemia de sarampo no Morros da Mariana que era de lascar. Todo mundo pegou. E quando dava numa casa, meu filho, dava em todas. Era igualmente aquelas crianças que morriam de uma diarreia que dava. Muitas crianças morriam naquela época morriam de diarreia. Parece que saia aquela gordura do corpo, as crianças morriam magrinha, magrinha[334]...

Diferente das outras crianças que morriam nos primeiros meses e anos de vida, a irmã de Luíza já tinha nove anos, ocupava uma posição na dinâmica familiar, o que faz dessa perda algo inaceitável. A menina é lembrada por ser a bela, branca de olhos claros, contrastando com a parentela, constituída por negros. No seio familiar, os de olhos e pele clara tinham status diferenciando, associado a beleza. Por isso, os irmãos tratam Luísa com hostilidade, pois sobreviveu, e era negra, enquanto a irmã branca não teve a mesma sorte. Luísa, porém, se esquiva de problematizar esses nuances, alegando que "era coisa de irmãos". Mas sua memória percorreu novos planos, camadas, deixando claro que carregava duas dores: a da irmã falecida e as injúrias dos irmãos.

Nenhum dos entrevistados tocou no tema do racismo de forma direta, e, mesmo quando questionadas, negavam veementemente o terem sofrido. Quando se faz uma leitura nas entrelinhas da entrevista notamos uma espécie de racismo que, de tão sutil, se escamoteia em meio as relações familiares. É o caso das entrevistas das mulheres que falam das mães que se casaram com homens brancos para embranquecer a descendência; o enaltecimento de familiares com traços claros. Isso, no entanto, nos mostra uma espécie de racismo que não se dá importância, fazendo-se natural no dia a dia. No entanto, como afirma Silvio Almeida, ao longo da nossa história criou-se uma espécie de racismo com base na cor da pele e características físicas, manifestando-se por meio consciente e inconsciente acerca dos indivíduos ou grupos racializados. O preconceito, portanto, é uma face do racismo, que se manifesta por juízos de valores baseados em estereótipos, de maneira direta e indireta. A causa do preconceito é explicada pela própria estrutura social racista, que convive com o racismo de modo normal, escondendo-se no dia a dia e na intimidade cotidiana[335].

---

[334] SANTOS, Maria Luisa de Sousa. *Eu pulava na canoa e me escondia, pra não pagar.* Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 29 de outubro de 2020.
[335] ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Caneiro, Pólen, 2019, p. 32.

A mãe de Inácia, por sua vez, se casou com treze anos de idade e, concidentemente, teve treze filhos, mas apenas seis sobreviveram. Inácia era a filha mulher mais velha, aquela que cuidou de todos os irmãos, lembrando de todos eles, e detendo-se na morte, sobretudo das irmãs que morreram, como ela diz, "grandinhas". As doenças eram as mesmas que atacavam as crianças do povoado, como o sarampo e as complicações decorrentes, como a diarreia, febre etc. Inácia lembra dos irmãos sofrendo com o sarampo, tomados por feridas.

> E os meninos da mamãe morreram tudo de tosse braba. Naquele tempo tinha uma tal de tosse braba. Tossia tanto, que os meninos pequenos, faltava morrer. E quando não era tosse braba, era de diarreia com quebrante, essas coisas, sarampo, né. Desses treze filhos que mamãe teve, só ficou seis, e eles morriam tudo pequeninho. Só a Elisangela que morreu, se não me engano, com seis meses de diarreia, quebrante, essas coisas[336].

Além do Sarampo, ela fala de "tosse braba", convulsões, doença que outra irmã contraiu. Mas nos diz, também, que as crianças morriam de "quebrante", doenças oriundas do "mal olhado". "Quando a criança estava comendo, chegasse uma pessoa e se admirasse da criança, a criança já logo pegava febre, ficava baldeando, e dessa febre morria, como foi o caso da Cátia"[337], diz Inácia. Cátia era uma menina branca, do cabelo liso, gordinha e corada, resumindo, "era bem engraçada a menina". Ela já saia para fazer compras, e foi em uma dessas saídas para o comércio que foi vítima do "mal olhado", contraindo o "quebrante". Ao chegar em casa, foi acometida por uma moléstia, falecendo com sete anos, "já bem sabidinha". O "morrer grandinha", no entanto, significava que irmã ocupava um lugar social na engrenagem familiar, e, diferente dos recém-nascidos, que morriam com poucos meses, essa morte inesperada de uma criança com sete ou oito anos, resultavam em graus mais intensos de comoções, revolta e desesperos por parte dos familiares.

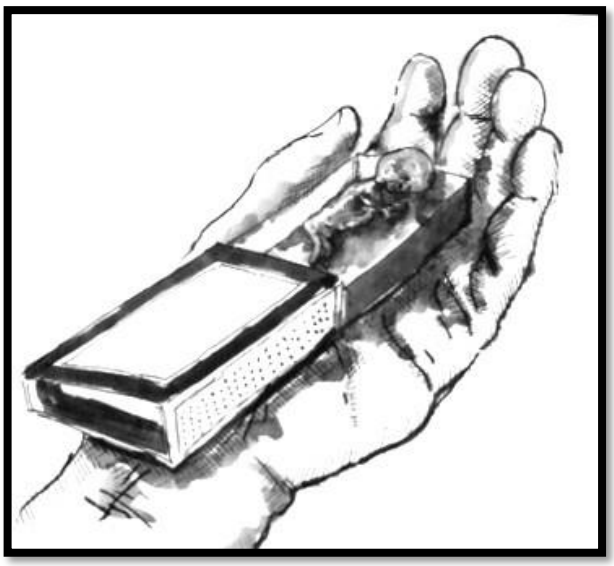
Além das doenças, as crianças podiam ser vítimas de energias ruins deferidas por olhares maldosos, de pessoas de má índole e alma invejosa, capaz de adoecer crianças, deixando-as mais vulneráveis. Na maioria das vezes, sabia-se o autor do "mal olhado", que deveria ser evitado. Em algumas situações, confrontava-o, para que nunca mais pisasse no quintal ou na casa de ninguém, responsabilizando-o, de forma direta e indireta, pela morte de um filho ou pomar ressequido, o que resultava em conflitos, pois, ao sentir-se ofendido, o "autor" virava-se a cara e não mais falava com seus acusadores, existindo, até hoje, famílias inimigas.

---

[336] DA PAZ, Inácia Maria Silva. *A gente é criança mas a gente tem vergonha*. Entrevista concedida a Juliana Dantas e Daniel Braga. Ilha Grande/PI. Em 24 de setembro de 2020.
[337] DA PAZ, Inácia Maria Silva. *A gente é criança mas a gente tem vergonha*. Entrevista concedida a Juliana Dantas e Daniel Braga. Ilha Grande/PI. Em 24 de setembro de 2020.

Outra coisa que chama a atenção é a forma como a memória representa essas crianças: bem nutridos, cabelos lisos, pele alva, olhos vivos, bonitinha, gordinha, levando-nos a compará-las com figuras angelicais, e assim eram denominados, como anjinhos, seres sem mácula e pecado, que estavam destinados a ficar do lado do Pai. Simbolizavam a pureza pela brancura das roupas, a inocência e candura, expressa na forma como o "caixãozinho" era ornamentado, com flores, lençol e vestes branco brancas. Predominava a crença de que a felicidade futura da alma infantil, pois não possuíam pecados. O batismo era um carimbo direto para o paraíso.

Figura 20 - Inácia e suas memórias sobre os irmãos mortos



Fonte: Caderno de campo, elaborado pelo autor, novembro de 2020.

As(os) meninas(os) mais velhos eram empurradas(os) para esse universo da mortalidade infantil. Vejo o caso da Inácia, que cuidou de todos os irmãos, e se surpreende com o fato da mãe "parir todos os anos", "igual rato" diz, referindo-se as gestações contínuas num curto espaço de tempo. Em seguida fala dos abortos, pois, segundo ela, "além dos treze filhos da mãe, teve outros que nem mesmo chegaram a se desenvolver", já que sua mãe teve inúmeros abortos espontâneos que ela chama de "perdas". "A mamãe, coitada, com qualquer susto perdia menino", diz. Por ser a filha mais velha, afirma que: "enterrei um bocado de menino". Essa frase é chocante, pois Inácia, com treze anos, era obrigada a enterrar os irmãos natimortos, expondo-se a morte.

> "E sem contar que enterrei tanto menino desse tamainho aqui (faz um gesto que equivale o dedo indicador com as duas mãos) dento das caixas de fosforo. Enterrei um bocado de menino, pois minha mãe tinha uma tal de perda. Era os abortos. Chamavam perder. A mamãe, coitada, com qualquer susto ela perdia o menino. Então, veja, além desses treze, teve outro que não nasceram. Olha, era menino assim, teve um que enterrei na caixa de fosforo com o Suné,

> meu irmão. E outro já foi grandinha. Já foi na caixinha. Eu enterrava debaixo dos pés de cajueiros[338].

A imagem acima foi produzida depois da primeira conversa com Inácia. Ao escutar tal história, essa imagem ficou na minha cabeça. A reproduzo no caderno de campo e, no próximo encontro, mostro-a, ficando impressionada, dizendo: "era assim mesmo, meu Deus", lembrando do episódio com mais intensidade. A imagem, portanto, tem o poder de sugerir e despertar sentimentos e emoções, pois, como diz Martine Joly, ela não só representa a realidade como também é uma metáfora da realidade, ou seja, elas provocam não só significação como interpretação e sentido para quem ver[339].

Como era muito grande os índices de mortalidade infantil, era comum se deparar com "cemitérios de anjos", ou seja, de crianças que morriam ainda recém-nascidos, enterradas nesses terrenos porque muitas delas eram pagãs e as famílias não tinham condições de bancar um enterro "digno" – com direito a caixão e deslocamento até o cemitério, supervisionado pelas bênçãos do pároco, algo que teria custo –, obrigando-os a enterrarem os filhos em terrenos baldios. Aos poucos, aquele território era coberto por cruzes, que se espalhavam a cada ano, constituindo, dessa maneira, em novos "campos santos".

"O meu primeiro filho, não era por ser meu filho, mas ele era lindo demais. Ele era forte, alvo, sabe?", diz Julinho, ao lembrar dos onze filhos, em que somente sete sobreviveram. O filho mais velho é retrato como uma criança bonita e delgada, mas, de repente, começou a chorar incessantemente, contraindo uma doença que denomina como "doença do ar", que deixou o corpo do menino repleto de manchas. Foi necessário interná-lo. Ele lembra que o menino sentia muita sede, mas fora proibido dá água a criança por parte dos médicos. Termina falecendo, fato que intriga seu Julinho até hoje. "Não sei que doença foi essa que quando se pensou que não o menino já estava morto".[340]"A mortalidade era grande", afirma Julinho, estimando o número de mortes pelos números de funerais de crianças, que, segundo ele, se repetiam durante o dia. "Quando íamos para o cemitério, era enterrado de 4 a 5 crianças de uma vez, você acredita?", diz ele, expressando sua indignação e assombro frente ao absurdo de morte de crianças.

---

[338] DA PAZ, Inácia Maria Silva. *A gente é criança mas a gente tem vergonha*. Entrevista concedida a Juliana Dantas e Daniel Braga. Ilha Grande/PI. Em 24 de setembro de 2020.

[339] JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. 12 ed. Campinas: Papirus, 2008, p. 14.

[340] ARAUJO, Antônio Júlio Marques. *Quando a coisa há de ser, o destino junta*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Em 11 de janeiro de 2015.

Maria Pureza lembra dos anos finais da década de 1970, quando não passava de uma adolescente muito devotada a igreja, fazendo parte do coral da comunidade, junto com outras moças. Elas não só animavam missas dominicais, como também cantavam nas procissões que levavam os caixotes dos "anjinhos" ao cemitério. E, lembra da canção e cantarola: "No céu, céu, com minha mãe estarei...", canção que era uma espécie de hino em homenagem as crianças mortas, que se repetia todos os dias, seja manhã ou tarde. "Meus filhos, tinha dia que ia de manhã e de tarde deixar anjo no cemitério"[341], diz Pureza.

Magno Brito, por outro lado, recorda-se dos anos 1980, época em que sua juventude estava ligada aos Movimentos Eclesiais de Base, ponderando sobre o papel dos padres e freiras no combate à desnutrição, e, consequentemente, da mortalidade infantil. Segundo ele, a igreja católica teve um papel muito preponderante, via Pastoral da Criança, no combate à mortalidade. Segundo ele: "se nasciam dez criança, naquela época, seis delas não resistia. Vamos dizer que morria 60%, *né*"[342]. Continua Magno Brito dizendo:

> O Padre Pedro criou a Pastoral da Criança. Já existia em outros lugares. Ele trouxe pra cá. Então, essa pastoral, pegava as massas, junto com um monte de voluntário, e tinha esse trabalho de dá pra crianças desnutridas, pra combater a diarreia, e fortalecer o corpo da criança. Esse trabalho visava enfrentar a mortalidade infantil que era muito por aqui. E nós já sabíamos da gravidade, sabe por quê? Se nascias dez criança, morria seis. Vamos dizer que morria 60%, né. A gente tina uma prática de dizer assim "enterrar anjinho" de tanta criança que morria. Aquilo era triste demais[343].

O combate à desnutrição das crianças tinha reflexo direto na saúde das crianças, uma vez que as doenças atacavam com mais gravidade os organismos mais carentes de nutrientes. O Nordeste, era região com o maior percentual de desnutrição, fazendo-se presente em determinados grupos: os seguimentos mais pobres e as camadas populares. Foi nesse contexto que surgiu uma alimentação nutritiva, feita com base folhas, cascas, sementes, a chamada multimistura, uma massa de suplementação alimentar infantil. Essa multimistura, além da desnutrição, combatia a diarreia e anemia, melhorando o quadro imunológico da criança, ajudando no combate à mortalidade nos primeiros anos de vida. Esse trabalho foi revolucionário, e, nas regiões pobres, em que o Estado não chegava, era uma grande alternativa no combate a esse quadro desolador em que se conhecia como "enterrar anjinhos". Os jornais

---

[341] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.
[342] BRITO, Magno. *Então, o progresso veio para Ilha Grande*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 04 de outubro de 2020.
[343] BRITO, Magno. *Então, o progresso veio para Ilha Grande*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 04 de outubro de 2020.

da época em estudo, publicam matérias sobre o trabalho da Pastoral, sua importância para comunidade, e os desafios da Igreja Católica frente as dificuldades e pobreza que enfrentavam ao adentrar os bairros pobres de Parnaíba.

> Tem sido significativo o trabalho da Pastoral da Saúde e Pastoral da criança. Os grupos formados por pessoas da comunidade devidamente assessorada pela Igreja Católica.
> Habitualmente a primeira fase de qualquer atividade é a pesquisa. A partir daí se traçam mapas de atuação em função das dificuldades mais profundas[344].

Pudemos constatar que as histórias de vida dos trabalhadores e trabalhadoras da pesquisa dão um salto gigantesco da infância ao casamento, a vida familiar e suas preocupações com a sobrevivência. Muitas das mulheres, casavam-se com treze e quatorze anos de idade, com raras exceções, e, consequentemente, pariam vários filhos ao longo da vida reprodutiva, constituindo as famílias numerosas. Podemos notar falas que vislumbram um entendimento do social, do coletivo, a partir do isolamento, da ausência de políticas públicas de saúde. Dessa maneira, recorria-se ao que estava à disposição, jogando com a ocasião, usufruindo dos conhecimentos dos mais velhos sobre a cura através de toda um saber oriundo das plantas medicinais, do uso do poder de chá e ervas, assim como se recorria a benzedeiras e curandeiros, num processo que se misturava inúmeras técnicas e crenças.

As parteiras, por outro lado, são lembradas com respeito, devoção e muita intimidade; são representadas como mulheres abnegadas, vocacionadas e que muito ajudaram a vida as mulheres do lugar. No entanto, em meio a todo esse esforço curativo, existia casos que ultrapassava as capacidades e os recursos locais, exigindo a procura de novos meios de cura, mais especializados e no centro da cidade, gerando uma série de preocupações e estratégias, redes solidariedades e esforços coletivos. No mais, a memória recorda-se dos fatos trágicos, das mortes prematuras e das perdas repentinas. Muito mais do procurar por evidências, esse capítulo serviu para vasculharmos sobre os sentimentos e visões de como esses sujeitos simples vivenciaram esses episódios históricos, e como os combateram, mobilizaram-se ou acomodaram-se frentes aos processos.

---

[344] Jornal Inovação. *Serviços das Pastorais de Saúde: o quadro vivo que traduz a miséria*. 1988, p. 8.

CAPÍTULO IV: AS MEMÓRIAS DO TRABALHO E A RELAÇÃO ILHA(S)/CIDADE: pescar, coletar, extrair, roçar, levar e vender

Nesse capítulo, compreenderemos de que forma as histórias de vida registram, no auge da vida adulta, a luta pela sobrevivência, as práticas de trabalho demarcadas pelas memórias, as teatralizações dos movimentos em meio a natureza e suas múltiplas performances no palco circunscrito da cidade, entendo, sobretudo, as relações estabelecidas, os esforços desferidos, visando transformar o labor em subsistência. Esse tema perpassa todas as dimensões da vida, atravessando as narrativas, o entendimento de si, explicando a cosmovisão de mundo, indicando que o labor é a espinha dorsal que se estrutura toda existência, seja no sentido material ou simbólico.

É quase imperceptível, portanto, uma separação nítida entre trabalho e lazer, infância e vida adulta, vida privada e vida pública, cotidiano e labor, sociabilidade e dor, festividade e sobrevivência, saúde e doença. Para esses sujeitos, a história de vida se resume as experiências na lida diária; e os acontecimentos da história e tempos por quais atravessam e foram atravessados são filtradas pelo trabalho/vida, dimensões quase indistintas. Consequentemente, a geografia, a vida familiar, as carências e a luta diária pelo "pão de cada dia" são elementos estruturais da tecitura da vida que se faz ao narrar-se.

4.1 A memória encontra práticas e sujeitos plurais: "*eu fiz de tudo pra sobreviver!"*

No livro *Piauhy, na Terra dos Tremembés*, Diderot Mavgnier relata que os indígenas eram os donos absolutos do litoral, descritos como fortes, valentes, sobrevivendo de recursos naturais que retiravam dos rios e matas, extraindo mariscos e crustáceos, coletando frutos, pescando diferentes espécies de peixes e caçando animais e aves. Escreve ele sobre o cotidiano e trabalho dos indígenas do litoral do Piauí: "A pesca e a caça eram seus maiores prazeres, principalmente o primeiro, para o qual usavam espinhos tortos que lhe serviam de anzóis. Alimentavam-se de ostras, caranguejos e pequenos animais abundantes na região"[345]. Aos poucos os índios foram sendo dizimados ou expulsos para o interior, deixando um legado de saberes e práticas que foram incorporados pelos descendentes.

Sobre o povoamento, existe uma lenda que diz que a "viúva Maria Alexandre Viana e seus seis filhos instalam na Coroa Grande do Delta do Parnaíba em 1693", diz Diderot,

[345] MAVIGNIER, Diderot dos Santos. *No Piauhy, na terra dos Tremembés*. Gráfica e Editora Sieart: Parnaíba/PI, 2005, p. 40.

escondendo nas urdiduras do texto baseado em fontes oficiais e em um estilo factual as origens dessas informações, no caso a tradição oral. Voltemos ao mito, pois Mariana fora atraída pela tranquilidade, terras férteis e água doce. Em poucos meses, já cultivava alguns gêneros, e, quem por lá passava, logo associava os morros com a desbravadora, batizando o lugar Morros da Mariana.

Seus filhos foram constituindo famílias e se instalando nos diversos cantos do povoado. No fim de semana, visitavam a matriarca, que, mesmo idosa, ainda supervisionava o trabalho de homens incumbidos de cuidar de suas roças e terras. Inesperadamente, acontece uma tragédia. Maurinha, a neta, fora banhar num córrego que margeava o pé do morro em que fora construída a casa grande e assobradada. Uma sucuri imensa "enlaça e engole a menina". "Os caçadores ainda tentaram salvá-la", mas se encontrava morta. "Poucos dias depois, Dona Mariana é surpreendida pela visão de sua neta, que lhe fez um pedido: "que construísse uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição". Marina não mediu esforços, e aos poucos, "o local passa a receber devotos de Nossa Senhora da Conceição, que rezavam na intenção da pequena falecida". Conclui Diderot com mais essa informação: "Dona Mariana viveu ali até 1755, quando faleceu com 99 anos bem vividos"[346].

Figura 21 - Representação do Mito de Criação do Povoado: a cobra pega a Maurinha



Fonte: Caderno de Campo do autor, 24 de março de 2019.

[346] MAVIGNIER, op. cit., p. 40.

Como quase todas as Ilhas, o povoado dos Morros também tem seu mito fundador. Sua personagem é aquela que chega neste local edênico depois de uma longa travessia perigosa, uma longa navegação ou caminhada errante. O espaço por ela concebido é símbolo da prosperidade, do acalanto, candura e proteção. A Ilha não é nada mais que um templo, um santuário na terra, o lugar da eleição, do silêncio, da paz em que reina a harmonia[347]. Já a serpente é personificação da astucia; ardilosa, aproveita-se da inocência dos seres, corrompendo-os, comendo-os, sempre à espreita, escondida no fundo das águas barrentas, representando, por vezes, a força da água, "sendo uma espécie de parábola da libido, ou retrato do dinamismo da alma"[348]. Já a menina é a inocência, a pureza, doando-se como bode expiatório, tornando-se santa. Dessa mistura de elementos, um lugar é consagrado pelas bençãos de Nossa Senhora da Conceição, escancarando a influência católica na constituição do povoado. Desse modo, o mito resiste com mais força e intensidade quando é ele incorporado uma religião como revelação, milagre e manifestação divina[349].

Se Mariana de fato existiu, não se sabe. O que se pode afirmar é que um personagem que ronda o imaginário coletivo, lembrada nas narrativas como fosse familiar. A lenda é capaz de ainda hoje fazer sentido, ser lembrada. E cada vez que é narrada, costura a memória do povoado a uma rede de sentidos mágico, místico-religioso. Os trabalhadores(as) recordaram essa história, insisto, e quando não tocava no assunto, era provocado para que perguntasse sobre Mariana. Narravam a lenda com os elementos similares ao escrito por Diderot, esquecendo ou aumentando alguns pontos. Por exemplo: alguns falam que viram e conviveram com Mariana, como se fossem contemporâneos da personagem histórica/mitológica, demonstrando o quanto a memória local se apropriou e atualizou a lenda ao longo das gerações. O mito, portanto, se referem à identidade insular, aos primórdios do povoamento, a felicidade e à fartura dos inícios, comparados a dificuldade do viver moderno"[350], diz Diegues. É quando essa felicidade é afetada por algo trágico, trazendo a dor e caos, logo a religiosidade trata de instaurar a ordem.

O mito fundador, portanto, é uma solução para tensões, conflitos e contradições, confusões e imprecisões que não se encontram meios de serem resolvidos no nível da realidade. Diante de uma desordem de um passado que deixou poucos rastros, o mito ordena, dá sentido, consagra e se estabelece enquanto elo identitário. Toda especulação sobre a origens do lugar fora resolvida com um mito de fundação, que nomeia o espaço - uma das formas de apropriação

[347] DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. *Ilha e Mares: simbolismo e imaginário*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998, p. 15.
[348] Ibid., p. 15.
[349] DIEGUES, op. cit., p. 24.
[350] DIEGUES., op., cit., p. 22.

-, anunciando e consagrando-se sobre o signo cristão. Assim, cria laços imaginários entre os moradores em torno de uma identidade comum que atravessa o espaço: da mística do trabalho braçal e a religiosidade, elementos que fomentam a memória coletiva.

Mariana enfrenta a natureza para forjar um espaço habitável, revestindo-se de signos de coragem, valentia, força, qualidades laborais almejadas por todos os moradores. Esse signo de valentia e força que se materializa na figura de Mariana religa paixões, imaginários e práticas numa identidade comum: os guerreiros, os migrantes, os trabalhadores, os fortes. São essas qualidades que perpassam todas as narrativas. Além da Maurinha, representando a pureza, o bode expiratório, que atrai o mal, a serpente, que embora engolindo-a é imediatamente alvejada pelos caçadores e, dessa dor e luto, através de uma aparição, da luz que uma espécie de esperança a escuridão deixada pela morte, um novo espaço é consagrado, agora responsável de ligar a terra ao céu, através da santa que intercede e olha para os pobres trabalhadores, fiéis incansáveis e crentes devotos.

É assim que nasce Morros da Mariana, sobre a síndrome do trabalho e do sagrado, resultando na construção de uma capela, que, segundo o histórico da cidade de Ilha Grande, foi "...inaugurada em 1855, com festas e danças". Ao longo dos anos, essa capela se transforma em igreja matriz, graças ao esforço do Monsenhor Roberto Lopes, que, "...em 1946, com uma missa celebrada..."[351] consagra a nova igreja, responsável por ser uma referência para o núcleo de povoamento que vão circundado esse prédio religioso, surgindo pequenas casas de palhas, estabelecimentos comerciais, praças etc.

Vamos agora nos debruçar sobre as representações do espaço por parte da prática escrituristica, que também é uma forma de apropriação do lugar. Ao fazer isso, vai-se demarcando algumas características naturais, referências físicas e paisagísticas que vão servir de fundo para um conjunto de operação. Por exemplo, o jornalista Davi Moreira Caldas ao realizar uma viagem ao Delta do Parnaíba em 1865, com o objetivo de descrever as paisagens e delimitar os limites da província, faz observações detalhadas sobre a Ilha Grande de Santa Isabel e Morros da Mariana, detendo-se na sua paisagem, formada por "... alagadiços, várzeas, catingas e morros de areia". Além disso, descreve sua vegetação, constituída pelos "... carnaubais imensos, nas várzeas; tucumzeiros, guajerús, muricís, e, sobretudo, quantidade de cajueiros, coroando os morros de areia e dando exellentes cajus...". Descreve também os lagos, que "... abundam de patos e marrecas; nas catingas brancas encontram-se veados, pacas, tatus, jacus". Sobre o rio que serpenteia pelas suas margens, banhando as regiões de várzeas, diz

[351] OSMAR, José. *Histórico de Ilha Grande*. Ilha Grande: [edição do autor], 2002, p. 18.

encontrar "... curimatãs, piaus e outros peixes". Ele também fala das cobras, que tão característico do lugar, como a jiboia que se faz presente em algumas partes. O que me deixa mais intrigado é a forma como conclui a sua descrição, falando da cultura e da economia da Ilha: "A cultura da Ilha é insignificante e limita-se a apenas à plantação de alguns coqueiros da praia, bannaneiras e cannas, (de que fabricam rapadura), melancias"[352].

Morros da Mariana, não passou despercebida pela memória de Humberto de Campos[353], que, conforme o livro *Memórias*, tinha costume de passar os fins de semanas por essas paragens, numa viagem demorada a cavalo, transporte mais adequado para vencer a distância e os obstáculos naturais, pois condições financeiras da família não eram das melhores, obrigando-os a demorarem por lá. Maduro, começa a pensar na infância e lembra do pequeno arraial localizado no interior da Ilha Grande de Santa Isabel, memórias que remontam o começo do século XIX. Embora anterior ao período demarcado no trabalho, consegue evidenciar algo que é fundamental registrar, como a influência da paisagem nas vidas das pessoas e a identidade pesqueira.

"Morros da Mariana é um simples povoado de pescadores", constituído de algumas centenas de casas de palha e "nenhuma telha", diz Humberto de Campos, demarcando o trabalho da pesca como principal identidade do lugar e a simplicidade da existência representada por habitações rústicas. Além disso, descreve a sua geografia: "os morros de areia fina" com centenas de metros de altura (dunas), que, de tão altos, dava para avistar as torres da Igrejas do centro de Parnaíba, morros "vestindo os coqueiros" que tomavam todos os cantos. O braço de rio que se estendia algumas vezes ao dia, "onde partem canoas para pescarias". Não havia, segundo ele, qualquer traço de civilização, além de uma capela e uma escola de carnaúba aos pedaços, com reboco de barro e areia, além de "duas ou três vendas pobres". Sua casa ficava próximo ao engenho em que faziam rapadura, cachaça, mel, cercado por bois e canaviais "nas regiões baixas do outro lado do rio"[354].

Os anos avançam, e Ilha Grande de Santa Isabel, situada no Delta do Parnaíba, passa a ser considerada um celeiro da região Norte do Piauí. É assim que os jornais a descreve, pois, seus moradores, pescadores e lavradores, são os responsáveis por abastecer a cidade mãe com os frutos do trabalho. Isso vamos nos deter mais à frente. No interior desse bairro nos deparávamos com diversos povoados e localidades, entre sítios, engenhos, fazendas,

[352] CALDAS, David Moreira. *Pelo Piauhy: integridade territorial*. Nortista. Parnaíba-PI. Ano 1, n. 30. 27 de julho de 1901, p. 01.
[353] CAMPOS, op. cit., p. 223-224.
[354] Ibid., p. 223-224.

destacando-se o de Morros da Mariana, Tatus, Cal, Baixão e Pedra do Sal, todos eles com uma forte identidade pesqueira. Em 1988, para se ter uma ideia, a população da Ilha Grande de Santa Isabel estava "estimada entre 13.110 habitantes"[355]. E esses sujeitos, por morarem próximo ao mar e ao rio e matas, sobreviveram do trabalho da pesca e da lavoura, desenvolvendo uma rede de saberes e fazeres oriunda dessa relação, transmitida de gerações a gerações.

Ao visitar a ilha nos anos oitenta, o jornalista Reginaldo Costa diz que era comum deparar-se com grupos de pescadores saindo com seus apetrechos em direção aos rios. "Todos os dias" diz o jornalista, "a partir das cinco da manhã, homens, mulheres, meninos, crianças e velhos se jogavam no rio em busca do sustento, utilizando-se de pequenas embarcações atracadas em dezenas de portos que se espalhavam por toda a faixa ribeirinha"[356]. Essa cena ainda é possível de ser encontrada nos dias de hoje com muita facilidade, indicando as permanências das práticas de trabalho e da pesca artesanal.

Essas descrições e representações do espaço são formas de demarcar a influência e a força da natureza sobre a vida das pessoas, envolvendo-os de água, matas, terras alagadas, lançando-os nesse trabalho de interação como as paisagens. Essa relação, como vimos, começa com os tremembés, chegando aos nossos dias, fazendo-se presente até hoje. Os sujeitos vivem entre a terra, local da habitação, e a água, regiões alagadas, lugar do trabalho, as chamadas zonas costeiras do Delta do Parnaíba, constituída por mangues e igarapés. Essa formação morfológica e formada por planícies extensas, banhada por 1.535 quilômetros pelo Rio Parnaíba, abertas em cinco braços, desmembrando-se por mais de quarentas ilhas fluviais, situada entre Piauí e Maranhão. Marcado por uma flora e fauna diversa, destacando-se os jacarés, lontras, guarás, cobras, e por uma vasta vegetação de mangues, coqueirais, cajueiros etc. Ao longo dessa costa, grandes extensões de dunas que mais parecem ondas de areia vivas emolduram toda essa paisagem[357].

O que se quer dizer com essas descrições do espaço é o lugar deve ser muito bem demarcado para que se consiga desvendar um conjunto de práticas. Além do mais, as paisagens também são documentos dados a ler, pois, como diz Certeau, o historiador civiliza a natureza, transformando pedras, sons, plantas, micróbios, geleiras em objetos simbólicos, ou seja, transforma-os em cultura[358]. Mas essa paisagem, composta por todos esses elementos naturais que se distribuem segundo uma ordem natural, constituídas de recursos e elementos em

[355] Informações contidas no: Jornal Inovação. 1988, p. 3.
[356] COSTA, Reginaldo. *Ilha Grande na hora da verdade*. Jornal Inovação. Parnaíba (PI), 1988, p. 3.
[357] ALMANAQUE da Parnaíba, 1999, p. 48.
[358] CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982, p. 68.

posições de coexistência diversa, se transforma em espaço na medida que esses homens que moram nas suas redondezas são empurrados para dentro dele, estabelecendo uma série de relações com esses elementos (água, a mata, a terra), intermediada por simbologias, ferramentas, saberes e práticas que terminam por transformar esse lugar natural em espaço habitável, civilizado por fazeres que visam operacionalizar sobre esses lugar, visando retirar do seu interior produtos para subsistência. Portanto, como lembra Certeau, o lugar, em suma, é um espaço praticado[359].

E as práticas de trabalho são vastas, múltiplas, instantâneas, voláteis, pois esses sujeitos precisam forjar fazeres e saberes todos os dias, o que exige uma série operações de performances: agachar, arrastar-se, puxar, carregar, caminhar, equilibrar-se, mergulhar, pisar, chutar, socar, bater, arremessar. E todas essas práticas estão inseridas no interior de técnicas de trabalho, forjadas em meio as vicissitudes da natureza, que resultam em saberes, formas de pescar, roçar, extrair, que são transmitidas de geração para geração. Essas práticas, na verdade, tratam de um saber não sabido, ou melhor, maneiras de pensar investidas em maneiras de agir, pois são saberes que não se reflete, não se pensa, se vive. Esses saberes da pesca, da lavoura, da extração, das artes do traçar a palha, do artesanato, são saberes que são professados menos pelo discurso verbal, e mais por um discurso gestual, saberes que não podem ser ditos ou "ensinados" - até podem – mas, acima de tudo, praticados[360].

Então, deve-se deixar claro, que esses sujeitos são produtores e consumidores de discursos que assimilam ao longo da vida, e, sobretudo, de ensinamentos por parte do próprio grupo de convívio, que, como vimos, o mais importante deles, era a família. Não se pode esquecer que o trabalho no litoral é marcado por uma identidade pesqueira, e que esse trabalho é aprendido e assimilado dentro da organização familiar, sendo, portanto, uma extensão da família – ou a família uma extensão do trabalho. Essas duas categorias, podemos dizer assim, estão imbricadas, já que o trabalho era encabeçado pelos pais, avós, e as lembranças por eles evocadas são estruturadas dentro desses espaços e no convívio com os esses entes familiares.

Deve-se ter em mente que as famílias eram instituições de sobrevivência, em que a figura do pai se assemelhava ao patrão. Os jovens, seja o rapaz ou a moça, trabalhavam nas roças, os instrumentos e moravam nas casas que, em tese, pertenciam a essas figuras masculinas, recebendo, em troca, uma parte do apurado, porque, pensava-se na época, já eram recompensados com teto e comida na mesa – o que já era bastante coisa. Só se fugia da influência quando se casavam, fase da vida que poderiam ter sua própria casa, instrumentos de

[359] Ibid., p. 184.
[360] CERTEAU, op. cit., p, 140.

pesca e roças. Nessa nova condição, podia-se ser senhor do seu destino, ter certa autonomia, embora reproduzissem, na família que estavam por constituir, os valores que aprendera com o pai.

Por isso, não se pode perder de vista que o objetivo da educação familiar era criar corpos para que se tornassem retos, honestos, produtivos, capazes de forjar frutos no seio da natureza e assim prover a família, o que nos remete ao mito da Mariana, os valentes imigrantes, dos fortes trabalhadores. Então, ao longo das entrevistas surge mito do trabalhador, marcada por figuras ímpares, incansáveis, hábeis que viviam para/no trabalho. Esse ideal que beira o mito ronda a maioria das entrevistas, fazendo-se vivo na identidade do povoado. Veja o que diz Firmina: "Faz como a história, as poucas pessoas que tinham as coisas por aqui eram os homens trabalhadores, e os que não era na lavoura, era na pesca". Aos poucos ela vai lembrando dos homens e mulheres laboriosos(as), detendo-se não só nos pescadores, mas também nas "tiradeiras de mariscos", que, à tarde, desciam nos Porto dos Morros da Marina, com o "cofo de marisco na cabeça", assim como as vendedoras e "feirantes", as "fazedoras de bolo", as "pescadoras de camarão", as "apanhadeiras de murici, caju, tucuns", além das "rendeiras", resumindo Firmina, "então, aqui, era um povo trabalhador"[361].

Portanto, para sobreviver necessitava-se criar saberes, práticas, performances, artes e cultura. Isso mesmo, cultura, porque até mesmo as pessoas simples como pescadores das beiras, pobres e analfabetos, conseguiam criar saberes e representações do mundo, simbologias e conhecimentos que vão além do cânone e do que se chama alta cultura. Como nos diz Homi Bhabha, deve-se conceber novas formas de culturas que vão além das convencionais e canônicas, entendendo cultura como uma produção irregular de sentido e valor, compostas de demandas e práticas imensuráveis, produzidas no próprio ato da sobrevivência. É isso que acontece com esses trabalhadores, eles forjam saberes e fazeres no próprio ato da sobrevivência[362].

Na verdade, as pessoas oriundas das classes populares – moradores das beiras – criam e recriam um conjunto de práticas e representações com lógicas próprias. Não é uma cultura menor, apenas diferente, marcada pela ausência de serviços essenciais e muita criatividade para vencer as carências materiais e os obstáculos naturais. Essa precariedade é refletida, como vimos, nas condições de moradia, na ausência de postos de saúde, estradas, obrigando os moradores a criar estratégias de sobrevivência que lhes são próprias. Isso se reflete nos modos

[361] AMARAL, Firmina Araújo. *E como eu disse, eu sou analfabeta de caneta, mas de cabeça eu sou nada*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em, 09 de outubro de 2020.
[362] BHABHA, Homi K. *O local da cultura.* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007, p. 240.

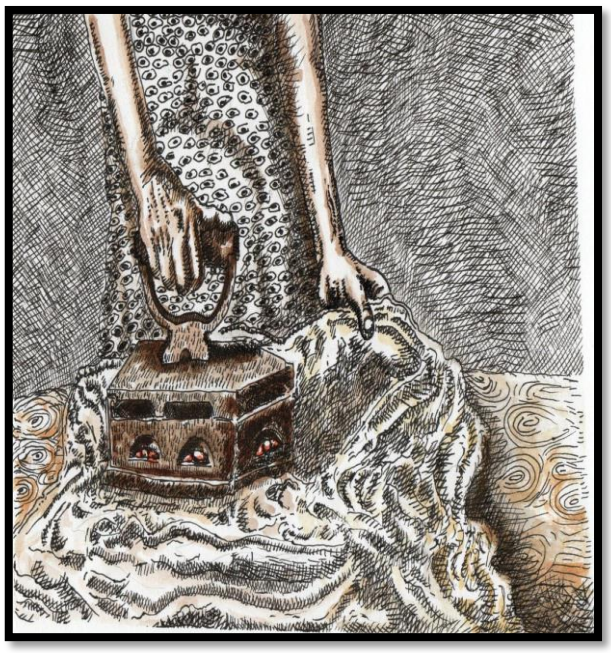
de ser, curar e trabalhar, repleta de uma simbologia, tradição, magia e técnicas próprias forjadas no interior da natureza.

Esses saberes e representações, segundo Antônio Torres Montenegro, não são categorias exclusivas dos grupos de controle das instituições, meios de comunicação e poder político. As populações periféricas, das beiras, constroem representações e criam saberes com base em suas vivências e condições sociais. Ao sofrerem com ausência de serviços públicos, vivendo em situações precárias, na urgência de sobreviver, criam imaginários, representações e saberes que gravitam sobre suas experiências cotidianas. Embora inseridos em situações de pobreza e carências, criam e recriam saberes que as proporcionam viver ao avesso da vida"[363].

São inúmeras práticas de trabalho narradas. Atividades miúdas, do dia a dia, que estão na ordem da sobrevivência, inseridas num tempo específico. Por exemplo, apanhava-se lenha no mato para se fazer o fogo, pois durante muito tempo se cozinhou a lenha. Dessa maneira, famílias inteiras se embrenhavam nos campos em busca de gravetos e pau seco, organizando-os em feixes, que seriam levados até a casa, na cabeça. Muitas famílias sobreviviam do carvão, que feito em "caeiras" (fazia um buraco, preenchiam-no de gravetos, tocava-se fogo e enterrava-o, queimava-se por dentro, transformando os gravetos em carvão, que seriam usados pelas famílias no cozimento ou comercializado no mercado local).

Figura 22 – o trabalho invisível: Mulher com feixe de lenha na cabeça, o engomar com ferro a brasa





Fonte: caderno de campo do autor

Pode-se falar do trabalho de sair cedo para pegar água nas cacimbas, que exigia força para subir os morros, encontrar o lugar propicio para escavar, esperar minar água, recolhê-la nos

[363] MONTENEGRO, op., cit., p. 36.

baldes ou latas para, assim, levá-los na cabeça até em casa para encher os potes. Muitas famílias, sobretudo mulheres e crianças, viviam nas matas, que na época não eram cercadas, e sim uma propriedade coletiva, e se apanhava cajus, castanhas, murici, e tantas outras frutas, sendo estas atividades acessórias, pois dependia-se da temporada. Esse trabalho exigia longas caminhadas, por veredas, na areia quente, com sacos e latas de frutas na cabeça. Muitas mulheres faziam bolo, cocada, doce de caju, que eram vendidos de porta em porta.

Era possível encontrar várias técnicas de tecer, de forjar ferramentas utilizadas na pesca, assim como o traçado da palha para fazer sacas, cofós, esteiras, usadas para armazenar frutos, pescados, produtos quaisquer. Do mesmo modo, se tecia as redes de pescas, os landuás, através de um processo minucioso, paciente de costurar malhas e malhas de metros e mais metros de linha durante semanas e meses a fio. E, feito os índios tremembés que improvisavam anzóis de espinhos, esses sujeitos também criavam suas ferramentas com restos de sacos que faziam fios, pedaços de talas de carnaúba em que se inventava armadilha, aproveitando tudo o que tinham a disposição através de um processo de bricolagem, ou seja, improvisação e invenção de recursos com o que tinham a disposição, dando-lhes novos sentidos.

O que eu quero dizer, descrevendo essas atividades, é que são inteligências materializadas em práticas, em que se combinava destreza, força, resistência, reflexo, rapidez, planejamento de recursos, atenção vigilante, senso de oportunidade, habilidades e experiências, tudo isso combinado nessas maneiras de fazer e sobreviver. Poderia citar inúmeras práticas que esses sujeitos lançavam mão ao longo da vida, do dia, dos minutos, às vezes fazendo várias coisas ao mesmo tempo ou alterando-se de uma prática a outra. Ao descrever de maneira insistente todas essas tarefas, e afirmar que elas são operações quase microbianas, que se proliferam pelas beiras da cidade, através dessas multiplicidades de táticas, ou seja, de maneiras de jogar com ocasião, vencer a fome e vulnerabilidade social, tendo em vista que a principal necessidade e urgência desses trabalhadores(as) era sobreviver, por isso se inventava formas de "ganhar o pão", necessitando agir rápido, aproveitar a manhã, a tarde, reagindo, cortando, carregando, caminhando, e assim obtendo pequenos e ínfimos sucessos – e fracassos.

Mas, vamos nos deter, daqui para frente, nas memórias do trabalho, nos saberes da pesca, extração e da plantação. Como esses sujeitos narram o trabalho em outros tempos? Na verdade, o que se nota é a invisibilidade do seguimentos mais pobres nas fontes escritas e na historiografia, sobretudo quando se fala pescadores e lavradores, considerados sujeitos sem cultura que não mereciam ser evidenciados, tornando suas existências desventuradas e obscuras, que, de tão ínfimas, tornaram-se cinzas e pouco sabemos de como viveram, sentiram, pensaram, sonharam. E mais trágico é quando se pensa nas pescadoras, marisqueiras,

seguimento ainda mais impercebível pelos registros e, por isso, como nos diz Perrot, o silêncio das mulheres era mais comum, advindo de sua posição secundária e subordinada na estrutura social[364].

Para prosseguirmos é muito útil a reflexão de Walter Beijamin no texto *O narrador*, em que vai resgatar o russo Leskov, um escritor, que, para ele, é um modelo de narrador, já que hoje dia, diz Beijamin, os narradores são cada vez mais raros. Quase ninguém conseguem contar umas simples histórias e estamos em via de perder nossa principal capacidade: a de intercambiar experiências. Não que essa habilidade estivesse ausente nas futuras gerações, mas o mundo era responsável por nos calar, assim como a tecnologia, os estímulos visuais, os vislumbres modernos nos roubam a capacidade de ouvir e contar, nos deixando cada vez mais pobres de experiências. Ao longo de sua reflexão, Beijamin diz que a figura do narrador se resume em dois grupos: o viajante, o que vem de longe, e o camponês sedentário, aquele trabalhador braçal que vive embrenhado na natureza, tirando suas histórias das experiencias acumuladas[365].

Então, podemos tratar esses trabalhadores(as) como o camponês sedentário, aquele que nunca abandonou sua aldeia, que viveu do suor do seu rosto, arando, plantando, cultivando, através de uma relação simbiótica com o espaço, adquirindo uma rede de saberes relacionado a essas operações diárias. Ele aprendeu todos os indícios das paisagens, sabendo de antemão os meses de plantar, o canto e revoada de cada pássaro que indica determinadas estações, as árvores que estão para desabrochar em frutos, dando além deles o remédio, a sustança, sabendo a época certa dos cardumes de peixes que percorrem os igarapés, a hora exata de estirar a rede, o horário dos bichos físicos e imaginários que atrapalham seu trabalho. Todos esses saberes são frutos da experiência, que, para Beijamin, é a fonte que recorre todos os narradores. As melhores histórias, segundo ele, são as que se aproximam da oralidade de narradores comuns oriundos do meio do povo[366].

4.2 A gente aprende fazendo e perder a maré e perder a pesca

A aprendizagem do ofício se concretizava através de um paulatino processo de observação e prática dos movimentos do lavrar e pescar, que começava ainda na infância. “Esse

[364] PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005, p. 9.
[365] BENJAMIN, Walter. *O Narrador*. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. São Paulo: brasiliense, 3.ed. 1987, p.195.
[366] BENJAMIN, Walter. *O Narrador*. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. São Paulo: brasiliense, 3.ed. 1987, p. 198.

controle da pesca" diz Diegues "se aprende com os mais velhos e com a experiência"[367], que, numa definição simples, são bagagens, saberes e vivências que se acumulam como resultado do agir sobre o mundo, a partir de relações sociais e interações com a natureza. É com a aprendizagem dessas artes de sobrevivência que se adquire competência para forjar a vida sobre um domínio das leis que regem os rios e mares. O aprender o ofício se dava através de uma pedagogia "da observação", ou seja, observando os mais velhos e, em seguida, reproduzindo os movimentos do trabalho até apropriar-se com destreza. Por volta dos nove e dez anos, as crianças começavam a trabalhar e assumir posições em meio aos adultos. Sobre essa aprendizagem do ofício, diz Julinho:

> "A gente aprende as coisas é fazendo. Eu via os outros fazendo e fui fazer. Eu via jogo e fazia. Pescar não é difícil, sabe? O difícil é aprender a botar a rede. Até porque, não é você que pesca. Quem pesca é a rede. A arte é saber colocar a rede"[368].

Essa ideia de sobrevivência está atrelada ao domínio de saberes que herdaram dos mais velhos. Aprenderam domar a se ajustar as forças da natureza, munindo-os de uma série de repertórios de práticas de trabalho ribeirinho, tornando-os sensíveis aos modos de ler os fluxos dos rios, seus tempos específicos de encher e vazar, tempos e saberes que o pescador precisa dominar, sem esquecer de respeitar os caprichos da natureza. Dominar os fluxos das marés é essencial, como nos lembra Rosa Maria, expondo sobre os vários tipos de marés:

> Eu entendo quando a maré está enchendo, quando a maré está vazando, quando ela está seca, e assim vai, por isso essa nossa necessidade de sair tão cedo, pois era de acordo com a maré. Às vezes a maré estava dando cinco e meia da tarde, e assim vai, e aí ia para noite, né, pois tinha a maré do dia e da noite, que é quando a maré está de lançamento, que é de manhã, e vai até mais tarde. É assim, a maré de lançamento dá menos peixe, porque é muito rápida. Já a maré de quebramento, de lua nova, ela é mais lenta, e dá mais tempo pra gente pescar. E ainda tem a maré choca, ela dá no inverno, quando não escoa, ou seja, não seca as croas[369].

Assim, nota-se o quanto os pescadores têm um conhecimento empírico das relações da lua com as marés, existindo uma série de classificações: maré de lançamento, maré de quebramento etc. Cada uma delas se manifesta em dias, meses e horas específicas. Desse modo,

---

[367] DIEGUES, Antonio Carlos. *A pesca construindo sociedades:* leitura em antropologia marítima e pesqueira. São Paulo: NAPAUB-USP, 2004, p. 87.
[368] ARAUJO, Antônio Júlio Marques. *Quando a coisa há de ser, o destino junta*. Entrevista concedida a Daniel Braga. 11/01/2015.
[369] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.

o pescador deve ficar de prontidão, com os sentidos voltados integralmente na leitura dos indícios da natureza e, assim, ser bem-sucedido no trabalho. A vida dos pescadores, portanto, está ligada diretamente a esse saber oriundo da tradição sobre os fluxos das águas. Conhecer o avançar e o recuar dos rios é uma forma de sobrevivência. Ao longo das gerações, esses sujeitos acumularam conhecimentos empíricos sobre as marés. O senhor Julinho, por exemplo, diz que o pescador necessita conhecer a natureza das marés para ter sucesso no trabalho. Segundo suas próprias palavras, "perder a maré é perder a pesca". E, em seguida, com muito orgulho, narra, com um tom professoral, os diversos tipos de marés:

> Rapaz, o peixe dá de maré alta, dá de maré baixa, de lançamento, ele dá em cima da cabeça da maré. É assim. Quando a maré desce, se você tiver de pegar peixe, é ali. A maré correu, pode tirar a rede que não dá mais. O pescador tem a tarimba, mas quem pesca é a rede. Ela (maré) sai meia noite, ele sabe que a maré tá sequinha, então vamos colocar a rede. Antes dela repontar, a rede deve estar armada. E na maré cheia você vai puxar. Por exemplo, imagine que meia noite ela tá cheia, então as seis horas da manhã ela está seca. São seis para encher, seis horas para secar. Se meia noite ela tá seca, bem cedo ela tá cheia. O camarada tem que tá lá na hora[370].

O senhor Sessenta, pescador de 88 anos, diz que sua vida é marcada pela pesca e pelo trabalho nas roças. Lembra das arriscadas pescarias em alto mar, junto com seu pai e outros companheiros; das atribulações, dos esforços desferidos na arte da pesca, mas também dos prazeres que só a perseverança no trabalho pode proporcionar, como por exemplo, as grandes produções de arroz, a canoa que voltava repleta de peixes, a liberdade em ser dono de suas decisões, sem precisar de patrão, devendo obediência somente a natureza. Nesse fragmento, ele se debruça sobre as memórias do trabalho, tema deste capítulo, que atravessa outras dimensões. Ao falar sobre trabalho, o Senhor 60 esquece sua rede e a agulha, levanta-se, e junto com sua fala aligeirada, teatraliza os movimentos da pesca do camurupim em alto mar, trabalho que exige a força e atenção, além de esforços sincronizados, numa época em que as redes de pesca eram de difícil acesso, exigindo outras técnicas de trabalho. Os olhos do Senhor Sessenta lacrimejavam em excesso, o que levava sempre a passar as mãos nos cantos olhos, sempre aguado, embranquecido. Na verdade, os pescadores do mar sofrem com a falta da visão que vão perdendo gradativamente por causa do excesso de exposição ao sol e sal.

Ele lembra que acompanhava seu pai que: "trabalhava em alto mar, enfrentando esse oceano valente de meus Deus", frase que demonstra o quanto oceano era perigoso, valente, indomável. Antes, chegavam cedo na beira da praia para pegar algumas iscas, porque a pesca

[370] ARAUJO, Antônio Júlio Marques. *Quando a coisa há de ser, o destino junta*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Em 11 de janeiro de 2015.

era na linha e anzol. Só em seguida, perfuravam as ondas com a canoa à vela à procura dos cardumes de peixes. No interior da embarcação, cada tripulante tinha uma função específica. O mestre, por exemplo, ficava responsável de observar os cardumes, e, encontrando-os, gritava para os tripulantes "Olha ali, repara os peixes passado". Segundo Sessenta, o camurupim quando se aproxima dava um sinal, pulando na água, é nesse momento que o lastreiro toma a frente do peixe, joga a linha na água, e, esfomeado, o camurupim cai na isca. "Nessa brincadeira", diz ele, se matava um, dois, três, quatro, cinco, e enchia a canoa e vinha simbora". O trabalho, porém, não terminava na pesca, depois deveriam tratar o peixe, retirar o espinhaço, salgava, pendurava nos estaleiros, para só depois vender o filé. "E no outro dia voltava de novo, na mesma luta".

Figura 23– Pescador do Delta do Parnaíba e seus apetrechos



Fonte: Caderno de campo do autor, maio de 2018

O mar, como se observa, não é um grande vazio, mas sim constituído por lugares, pontos, que o pescador usa como referência para se aproximar dos cardumes. Geralmente, é o mestre que domina esses caminhos, que vão levá-los próximo dos locais em que se encontram os peixes. Além do mais, é ele que detém a experiência da pesca, o que impõe liderança, que administra os recursos na canoa, que é o responsável por avistar os peixes dando sinal ainda longe. Como diz Diegues, a mestrança é um conjunto de qualidades, conhecimentos e práticas que marcam a figura do pescador que tem autoridade na tripulação.[371] A pesca que o Senhor Sessenta tem na memória é aquela feita com ferramentas rudimentares, em que se guiava pelas estrelas, por pontos e demarcações no alto mar e na terra, uma pesca que se utilizava não de

[371] DIEGUES, Antônio Carlos. *Navegando pelas montanhas: pesca de marcação e mestrança em Galinhos, Rio Grande do Norte – Brasil*. São Paulo: Editora Hucitec, 2000, p. 76.

barcos motorizados, mas do sopro dos ventos sobre as velas, exigindo dos pescadores mais destreza e cuidado.

Os domínios da arte da pesca é a essência do trabalho, concedendo autoridade ao pescador, que detém um saber fundamental oriundo de anos de trabalho, fruto de uma tradição local, como explica Julinho. As marés e as luas, como vimos, influenciam nas configurações da pesca, que deve se adaptar a cada tipo de maré. As marés, tal como é assimilada pelos pescadores, tem uma essência viva, autônoma, no qual tem que se sujeitar aos movimentos e fluxos. Além disso, percebe-se o quanto a vida dos trabalhadores e da comunidade em geral era regida pelos fluxos da água, assim como pelos movimentos da natureza. A apreensão do tempo e suas representações dependiam diretamente desses fluxos e ciclos. Como diz Inácia, falando sobre as diferentes formas de domar o tempo diz: "Por isso, a gente saia daqui quando o galo cantava, a lua pendia, quando as sete estrelas estava não se para onde. E, ia caminhando. Então, se regulava pelo planeta. Quando se dizia assim, sete estrela já pendeu, era uma hora da manhã"[372].

Sobre o assumo, Eduard P. Thompson, no texto *disciplina de trabalho no capitalismo industrial* do livro *Costume em comum*, discorre sobre as mudanças na percepção do tempo na cultura ocidental. Sua argumentação gira em torno da seguinte questão: até que ponto a disciplina do trabalho influenciou a vida das pessoas e, sobretudo, dos trabalhadores? Usando de fontes literárias, registros etnográficos e outras fontes, demonstra que as sociedades ditas "primitivas" representavam e controlavam o tempo através das rotinas domésticas, atividades pastoris; outras, pelos credos, rituais religiosos, marés, cozimento de alimentos ou mesmo pelo vento, sol, etc. Quando o relógio surge e adentra a vida das pessoas, ele perturba os hábitos e é até visto como um instrumento lascivo e diabólico.

Mas, o que interessa nesse texto e que tem relação direta com o tempo do trabalho da comunidade ribeirinha em estudo, a partir das memórias e histórias de vida desses sujeitos dos rios, é a gestão do tempo. Segundo ele, o descaso pelo relógio só é possível em uma comunidade tradicional de pequenos agricultores ou pescadores em que a estrutura de mercado e administração é mínima. Nota-se, por exemplo, que os trabalhadores e trabalhadoras falam de um tempo regido pela natureza, pelas marés, pelo canto dos bichos, pelas estações da lua, pelo movimento do sol e formação das estrelas. Além disso, falam sobre uma época em que o mercado era incipiente, chegando existir falas sobre trocas de gênero por causa da inexistência de um mercado estabelecido. É comum a frase: "tinha muito peixe, mas não tinha para quem

[372] DA PAZ, Inácia Maria Silva. *A gente é criança mas a gente tem vergonha*. Entrevista concedida a Juliana Dantas e Daniel Braga. Ilha Grande/PI. Em 24 de setembro de 2020.

vender". Podemos recorrer a E. P. Thompson novamente, ao afirmar, com base em suas proposições, que as tarefas diárias desses trabalhadores com base nas memórias evocadas, variavam conforme das temporadas de pescas, plantio, "desenhando-se conforme a lógica da necessidade" do pescador/lavrador. E, mais, cada situação cotidiana do trabalho eram orquestradas pelos "ritmos naturais", como o cantar do galo, a maré e seus fluxos, a posição dos astros e os eloquentes cantos dos bichos[373].

Sobre especificamente as marés, nota-se que tanto o trabalho da extração, da pesca e da lavoura estavam diretamente integrados ao fluxo das marés. E, não somente o trabalho, como a própria vida dessas pessoas, em todas as dimensões, seguiam os fluxos dos rios, deixando suas almas embebidas de rios. Como lembra Lucia Helena de Oliveira, a pesca conduz o fio do tempo, percorrendo não somente sua dimensão econômica, mas sociocultural. O tempo da natureza refletia no tempo do cotidiano, deixando claro que se guiavam por um tempo natural[374]. E, o tempo social que regia a vida terrena no interior do povoado também levava em consideração esses fluxos. E, muitos se refere ao tempo enquanto o passar dos meses atrelado a temporada da pesca do camurupim, da saúna, da manjuba, da maré de quarto para o plantio do arroz etc., indicando que a "notação do tempo que surge nesses contextos tem sido descrita com base na orientação das tarefas"[375], como nos diz E.P. Thompson, ainda falando sobre os pequenos vilarejos e as comunidades camponesas.

4.1.3 As memórias do lavrar

Ao terminar a fase da pesca do camurupim, "na maré de quarto", diz o Senhor Sessenta, o pai os irmãos e ele, dedicavam-se ao trabalho na lavoura. "*Naqueles tempo* se fazia roça nas foice, meu filho, brocando o jiquiri", e completa: "quando o mato secava, tocava fogo, destruía tudo, né, ficava só o chão limpo, e *aí* ia plantar o arroz, e, quando nascia, cuidava, para depois, só depois, colher"[376]. "Era assim", diz Senhor 60, narrando as fases do trabalho na roça, que começava com a broca, em que limpavam a área utilizando ferramentas de corte (foice e facão), técnica conhecida como coivara[377]; em seguida queimavam, prática muito comum entre os

[373] THOMPSON, E.P "Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial". Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 267-304.
[374] CUNHA, Lucia Helena de Oliveira. *Significado múltiplos das águas*. DIEGUES, Antônio Carlos (Org.). *A imagem das águas*. São Paulo: editora HUCITEC, 2000, p. 20-21.
[375] THOMPSON, E.P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p. 271.
[376] SILVA, Raimundo Roque da. *A nossa ganância, naqueles tempo, era só trabalhar*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Ilha Grande, PI. Em 08 fevereiro de 2015.
[377] A técnica da coivara baseia-se na derrubada de uma área de floresta primária ou de capoeira alta que, em seguida, é deixada para secar e depois é queimada.

lavradores do Delta do Parnaíba, e, quando estivessem com terreno limpo, se plantava. Ele deixa claro que existe um tempo considerável entre o plantar e o colher.

O calendário do pescador e lavrador é estabelecido por temporadas, e a passagem dos meses é marcada pelo surgimento de espécies de peixes que aparecem na água; ou mesmo pelas fases da maré mais propícia para um tipo específico de trabalho. Portanto, existia a época da plantação – na maré de quarto –, como também existia a temporada da pesca do camurupim, da pesca da saúna, da manjuba, do camarão etc., sempre demarcado pelas safras de peixes que pertenciam a cada estação.

A explicação para essas infinidades de práticas de trabalho, elucidada por Antônio Carlos Diegues, que faz uma separação entre "comunidades da terra" e as "comunidades do mar", em que as atividades da pesca e lavoura se alternavam está no tipo de organização da comunidade. No caso específico do povoado, eles se enquadram na definição de "comunidade de pescadores-lavradores" que exploram constantemente, através de um calendário complexo, os recursos do solo (agricultura de subsistência) e dos recursos do ambiente litorâneo, por meio de diferentes técnicas de pesca, estruturando-se entre a vida na terra e vida na água, alternando as atividades entre principal e complementar, e vice e versa[378].

Todos os saberes da pesca e da roça envolvem um conjunto de práticas fruto da experiência baseado em códigos culturais que são transmitidos de pais para filho, como foi explicado. As roças eram grandes sistemas de produção em que trabalhava toda família, inclusive as mulheres e crianças, cada um deles com suas funções e tarefas específicas. A explicação para tantos braços, era que as roças na época rememorada eram cultivadas de forma rudimentar, sem uso de inseticidas, maquinários qualquer, apenas com as forças dos braços, o que exigia muitos trabalhadores de diferentes gerações. Diz Maria Rocha: "Naquele tempo, quando fazia as roças, não tinha esse remédio que usam hoje, em que uma pessoa sozinha faz o serviço todo. Mas, naquele tempo não, precisava de muitos braços pra ajudar, *né*"[379].

O mais urgente era prover as famílias grandiosas, num tempo ausente de programas sociais que amparasse as famílias carentes. A fala de Inácia direciona-se a sobrevivência, a dificuldade de um tempo passado e as facilidades proporcionadas pelo presente. Justifica isso, quando avalia as condições de vida da sua família no final da década de 1970, desprovida de recursos e assistência, diferente dos dias de hoje, que, mesmo com dificuldade, todos

[378] DIEGUES, Antônio Carlos. *A pesca construindo sociedades: leitura em antropologia marítima e pesqueira*. São Paulo: NAPUAB-USP, 2004, p. 83.
[379]ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.

conseguem suprir suas necessidades, seja com o trabalho ou com programas sociais. Também reflete sobre os envelhecimentos tão variados, pois, "no seu tempo", os velhos(as), por não terem aposentadoria garantida, obrigavam-se a manter-se trabalhando até as últimas forças. Como ela mesma diz: "era trabalhar ou morrer de fome". Em suma, o certo na vida de todos esses sujeitos era o trabalho de sol a sol. Diz Inácia:

> Naquele tempo as coisas era tudo mais difícil, porque não tinha Bolsa Família, não tinha aposentado, porque naquele tempo os velhos não era aposentado não, e as mulher tinha que ajudar os caboco véio, porque não tinha essa facilidade que tem hoje. Se você não trabalhasse, hum, você ia morrer de fome. Não tinha seguro, Bolsa Família, o que restava mesmo era trabalhar de sol a sol[380].

Ao buscar o passado sempre se encontra o presente, pois, como nos diz Jean-Pierre Rioux, existe um imbricamento constante, cruel e alimentador, ao mesmo tempo, do passado com o presente[381]. E, esse paralelo entre o ontem e hoje, é frequente nas narrativas. No caso de Inácia, lembra que as famílias eram desprotegidas por parte do Estado, diferente dos dias de hoje, marcados por políticas públicas de distribuição de renda, como é o caso do Bolsa Família, adotado pelo Governo Lula (2003-2006), cujo objetivo era que o Estado assumisse um modelo interventor de transferência de renda, proporcionando as famílias mais carentes o acesso não só a renda, mas aos serviços de educação, cidadania e saúde pública. Muitos entrevistados pontuam, inclusive, que a mudança na melhoria de vida, marcada pelo acesso a seguros-desemprego e de pesca, empréstimos, aposentadorias, acesso a instrumentos de trabalhos, moradias mais seguras, aumento na renda se deu com a chegada do presidente Lula ao poder.

Inácia também fala sobre o desemparo dos velhos. Sabe-se, porém, que a o Sistema de Proteção Social do Brasil existe desde 1940, baseando-se nos Institutos de Pensões e Aposentadorias e na CLT. É óbvio que esses programas não abrangiam toda a polução, e, no caso específico do povoado, o trabalho na lavoura e na pesca não era regulamentado, além de grande parte desses velhos trabalhadores não possuírem educação formal e nem documentos pessoais, situação que agravava o quadro dos desvalidos e desamparados. Lembra Inácia, velhos e velhas viviam desamparados, "muito deles eram obrigados a pedir esmolas, até". A pobreza revestida de privações, faltas de vestimentas, descuido com aparência, péssimas condições de moradia era fantasiada e discriminada, pois esses velhos abandonados, viviam em

---

[380] DA PAZ, Inácia Maria Silva. *A gente é criança mas a gente tem vergonha*. Entrevista concedida a Juliana Dantas e Daniel Braga. Ilha Grande/PI. Em 24 de setembro de 2020.
[381] RIOUX, Jean-Pierre. *Pode-se fazer uma história do presente*. In: AGNES: Chauveau. *Questões para uma história do presente*. Bauro-SP: EDUSC, 1999, p. 49.

pardieiros, associados a bichos, que se transformavam em "lobisomem em noites de lua"[382], diz ela.

O senhor Antônio lembra das roças repletas de mulheres que apanhavam arroz com as mãos: "(...) elas pegavam a trouxa assim, puxava, e levava as sacas na cintura, e enchia sacas e casas". Lembra das roças repletas de arroz, da grande produção, pois, nas décadas de 1980 e de 1990, o arroz era o principal produto de comercialização do povoado, que abastecia o mercado local e até mesmo de cidades vizinhas. Além disso, lembra das fábricas abarrotadas de sacas, das filas para pilar o arroz etc. Com pesar, recorda da ruína desse comércio e meio de vida, que se dá com a entrada do arroz industrializado que desbanca a produção local. Existe um ressentimento nas suas memórias, pois acha que essa substituição do arroz produzido nas ilhas do Delta pelo arroz industrializado, foi "uma besteira", pois "esse arroz que vendem aí é cheio de remédio, enquanto o nosso era natural"[383]. Os próprios trabalhadores têm suas explicações dos processos sociais que estão submetidos. O senhor Marcos, na linha de Antônio, também discorre sobre a decadência das roças, o seu abandono, a mudança dos meios de vida para outras atividades, como o turismo ou mesmo a migração.

> As roças aqui acabaram tudo. São poucas pessoas que sobrevivem da roça. O nosso arroz não conseguiu competir com arroz industrializado. Fora que o lucro da produção não consegue pagar as despesas dos custos, seja com trabalhador, ferramenta, remédio... Além disso, as terras boas de plantio por aqui foram tomadas pela água salgada, que compromete o solo. E mais, os jovens não querem trabalhar na roça. Preferem viajar para São Paulo, Brasília e mendigar serviço de prefeitura[384].

Um dos fenômenos descritos nas entrevistas é o da migração. Quando as roças começavam a ficar dispendiosas e pouco lucrativas, os pais de famílias migravam com destino aos grandes centros do sudeste, para trabalhar na construção civil, enviando para a família que deixavam, parte do salário adquirido à custa de muito trabalho. Alguns desses migrantes levavam mulheres e filhos, e os mais jovens constituíam famílias, morando durante décadas na periferia dessas cidades. Aposentados, muitos retornaram para a Ilha, fazendo uma migração de retorno, que consiste em um movimento de regresso de migrantes para a sua terra de origem.

Diz o senhor Sessenta: "Os homens trabalhadores eram nossos pais. Depois ficou pra nós. Quando foi passar para nossos filhos, eles não quiseram mais *trabaiar*". Aqui percebe-se um

---

[382] DA PAZ, Inácia Maria Silva. *A gente é criança mas a gente tem vergonha*. Entrevista concedida a Juliana Dantas e Daniel Braga. Ilha Grande/PI. Em 24 de setembro de 2020.
[383] SANTOS, Antônio Veras do. *Olhe, quando chegava da roça, que eu ia jantar, eu comia minha janta com areia.* Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 23 de agosto de 2020.
[384] COSTAS, Marcos Antônio dos Santos. *Hoje ninguém mais tem vergonha de ser o que somos*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.

conflito de gerações em relação ao trabalho braçal nas roças. A memória geracional é a consciência de ser herdeiro, predecessor e continuador de uma tradição, ao mesmo tempo em que busca valorizar as gerações anteriores, através de frases de forte carga identitária como "os homens do passado eram trabalhadores", "as mulheres aqui tudo trabalhavam", descredibilizando, consequentemente, as novas gerações, os responsáveis pelo rompimento com os elos das práticas de trabalho do passado[385]. Os jovens, por outro lado, não se identificam mais com essas atividades, e, por isso, não quiseram seguir a tradição da família, resultando no abandono da lavoura. Sessenta fala de três gerações: a sua; a de seus pais; e a dos filhos, responsáveis por quebrar o ciclo.

Esses sujeitos tem ideais e modelos de trabalhadores na cabeça. Ao rememorar a vida laboriosa, como foi o caso de Pureza ao lembrar da tia, Dona Genésia: "Ela ia pra roça e, naqueles tempos, as mulheres usavam anáguas, e ali descia o sangue, ela limpava no vestido, passava o pé na água, e ia pra roça todo santo dia". Essa lembrança dessa figura feminina é o modelo de trabalhadora, que vive todos os dias nas roças, no trabalho, passando as suas fases e regras no interior das roças, manchando de sangue a terra. E, no final, pergunta Pureza: "Quem é a mulher hoje que quer trabalhar na roça?"[386]. Rosa Maria, ao falar sobre sua geração de mulheres trabalharas, se pergunta: qual mulher hoje quer "apanhar marisco, murici, castanha?". "Naquele tempo", diz ela, "a gente saia de madrugada para apanhar murici, e quando voltava com quarenta litros de murici". Na cabeça de Rosa Maria, as pessoas do povoado não passavam fome, mesmo diante da precariedade narrada, "porque tinhas as roças, o peixe, o camarão".

Em suma, os custos das roças ficaram dispendiosos, devido as ferramentas, o arrendamento das terras, que, de livre, passou para mãos de proprietários, que pressionavam os lavradores e usavam-nas para criação de animais, causando um conflito de interesses. As mudanças naturais na geografia, os custos dos inseticidas e com mão de obra tornou as roças insustentáveis. Associado a isso, veio a concorrência do arroz industrializado, que desbanca a produção local. Se não bastasse, o Delta foi invadido por capivaras, que se procriavam de forma rápida, provocando grande estragos nas lavouras. Existe o fenômeno do desmatamento, ocasionado pelo homem, quanto pelas dunas que avançam sem trégua, aterrando áreas antes agricultáveis.

---

[385] CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2014, p. 142.
[386] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.

4.3 As memórias do trabalho feminino: *o doméstico, o tecer, a renda de bilro*

Mas diante dessa lembrança tão heroicizada, em que o pai e os companheiros eram lembrados com tanta devoção, lancei a pergunta: E sua mãe, Senhor Sessenta? A resposta não veio com o mesmo entusiasmo. "Minha mãe trabalhava de renda, costurava, fazia remendo numa roupa ou então cuidava de casa, fazendo janta". Não satisfeito, termina por explicar: "A mulher era mais o serviço doméstico". Bem, na literatura sociológica, existe uma série de trabalho sobre pescadores que associam o homem a responsabilidade do sustento da família, que através de sua coragem e força enfrenta a natureza para retirar o sustento. As mulheres, por outro lado, ficam responsáveis por atividades acessórias, como o tratamento do peixe, ou mesmo cuidando da casa. O homem, nessa lógica, está associado a conquista do mundo público, enquanto a mulher está destinada à esfera doméstica, a procriar e cuidar. No entanto, notamos que ao longo das entrevistas, as mulheres das beiras, não se enquadram nessa posição passiva. Nota-se, por outro lado, uma resistência em reconhecer o trabalho feminino, tendo em vista a predominância do masculino frente a essas atividades.

Essa tese fica evidente nas falas das mulheres ao negarem qualquer imposição de papeis, lugares de atuação, demarcando uma pluralidade de práticas, espaços e fazeres. A principal característica que as identifica é de trabalhadoras, e não de pescadoras, marisqueiras, dona de casa, mas sim aquela que inventa mil maneiras para sobreviver, às vezes fazendo várias coisas ao mesmo tempo. Veja essa frase: "Olhe, na minha vida, para sobreviver, eu fiz de tudo" diz Rosa Maria ", fiz caeira, vendi carvão, camarão, ia pescar de landuá, eu sei fazer tudo, governar uma canoa, remar, pescar", e completa dizendo "que ainda hoje"[387], com 79 anos, "não me aquieto", demonstrando que é uma mulher laboriosa e incansável, mesmo com a idade.

Elas vão muito além das representações associadas ao feminino que os atrela ao lar, a domesticidade, ao cuidar, mesmo em meio a uma comunidade que cultuava a força, braveza, signos associados ao masculino. Assim, feito os companheiros, também tinham jornadas exaustivas, que não terminavam com o fim da pesca, ou da colheita, mas se estendia para um universo de tarefas cotidianas domésticas. Maria Pureza, por exemplo, mesmo acompanhando os pais e o marido nas lidas da roça, diz que: "minha preocupação era a casa, sabe, de cuidar dos meninos", detendo-se sobre o trabalho de limpar, varrer e cuidar, lembrando das suas idas e vindas para pegar água na cacimba, de quando lavava a roupa e louça no rio e lagos, e afirmando que esse tempo era o "maior sofrimento". Fala, sobretudo, do hábito de limpeza,

[387] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.

hábito este muito recorrente, que soa como uma advertência, às vezes: "erámos pobres, mas éramos limpos". Pureza recorda do ferro à brasa, das roupas que "batia na beira do rio", e alerta que "era uma beleza, a roupa ficava tão cheirosa, meus filhos", recorda dos cheiros da roupa limpa, da textura lisas das dobras. Pureza se apega as pequenas e invisíveis tarefas cotidianas, afirmando que "Eu sempre fui caprichosa com a limpeza", lembrando das louças de alumínio sempre muito bem "ariadas" com palhas de aço e areia que, em seguida, "botava no sol para enxugar, depois pegava um pano bem limpinho e ia tirar tudo que era pingo d'água"[388].

Luísa lembra que, enquanto seu pai estava na roça, sua mãe, sentava-se num tamborete nos fundos da casa, e, com uma agulha na mão e uma espécie de régua de madeira na outra, que servia para padronizar o tamanho das malhas, passava o dia inteiro tecendo as redes de pesca. "Quando o pai chegava", lembra Luísa, ele retomava a costura no lugar que a esposa havia parado, numa espécie acordo implícito de trabalho, em que "(...)ela fazia a parte dela, e quando chegava de noite, ele ia fazer a parte dele". A mãe de Luísa não acompanhava o marido na roça "porque tinha que cuidar de um horror de menino". Mas, mesmo assim, "As redes deles quem fazia *tudim* era ela", através desse trabalho paciente e minucioso, concentrado, em que mãe só parava quando tinha que banhar um filho ou colocar uma panela no fogo, retornando a seu tamborete e continuando a tecer com mãos ágeis e firmes, lembrando do seu cantarolar que envolvia toda casa.

Esse trabalho de tecer, afirma, assim como o artesanato de palha, trabalho muito popular dentre comunidades rurais do litoral do Piauí, foi transmitido a ela e todos os irmãos: "Quando eu cresci mais um pouco eu aprendi a fazer as tarrafas[389], os landuá[390]. Meus irmãos tudo trabalhava fazendo tarrafa, e era bem ligeiro. Então, eu aprendi com meu pai essa arte", diz Luísa, deixando claro que essas artes eram uma tradição passada de pai para filho, se arrependendo de não ter aprendido mais e aproveitado dos conhecimentos enquanto os pais eram vivos, dizendo que "a gente pensa que não vai perder"[391].

Já falei que as mulheres entrevistadas sempre se colocavam numa posição de coadjuvante em relação ao marido. Dona Iraci, por exemplo, só falava se estivesse na presença do esposo,

---

[388] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.

[389] Tarrafa é um instrumento de pesca muito utilizado pelos ribeirinhos do litoral do Piauí. É feita de uma rede em forma circular com certa de 3 a 4 metros de diâmetro, costurada por linha nylon e com pesos (chumbos) na sua borda inferior, ajudando na imersão da mesma e para mantê-la trançada na água. A tarrafa é lançada em forma de disco, e em movimento giratório, e, em seguida, é puxada rapidamente para borda da embarcação ou para beira do rio capturando, dessa maneira, os peixes que estavam na área de abrangência da tarrafa.

[390] Landuá é uma haste de madeira em forma de oval, do qual é anexada uma pequena rede, que serve para pegar pequenos peixes e camarão através do arrasto.

[391] SANTOS, Maria LuÍsa de Sousa. *Eu pulava na canoa e me escondia, pra não pagar*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 29 de outubro ade 2020.

sendo está sua condição para participar da entrevista. Ela sempre dizia "ele que sabe", "deixa ele, que ele fala melhor". Mas, quando tocamos no assunto das rendas de bilros, essa "passividade" é desfeita. Iraci assumi o protagonismo através do uso do pronome "eu". "Menino" diz ela "fui uma das pioneiras da renda aqui". A renda, assim como a costura, são atividades muito presente no litoral do Piauí, e estão imersas numa espécie de "poética da saudade", pois enquanto os maridos saiam para as lidas nas roças e pescarias elas se dedicavam a tecer, sentando-se na frente das casas, com almofadas entre as pernas, e, com os bilros nas mãos, "a gente colocava eles pra dançar", como dizem. Esse tecer era responsável por fazer belas obras de artes que eram vendidas de porta em porta das abastardas famílias parnaibanas. Como diz o escritor e dramaturgo Benjamim Santos, ao lembrar sobre os bairros de Parnaíba, cita Ilha Grande Santa Isabel e o povoado Morros da Mariana, lugar em que vivia: "(...) pescadores, pegadores de caranguejo, vareiros-passadores de canoa pública que fazia a travessia do rio, e as rendeiras dos Morros, que mandavam suas rendas para vender de porta em porta da Parnaíba"[392].

Diz Iraci que: "(...) era rendeira, era apanhadeira de arroz, era tudo", fala sobre o ofício que transmitiu para "todos as filhas e netas", recordando em seguida como o aprendeu:

> Eu aprendi a fazer renda com uma senhora que morava lá perto da casa da mamãe, que a mamãe não tinha paciência, e tinha muito serviço pra ela, e ela não tinha tempo de andar me ensinando, eu tinha vontade de aprender. Minhas irmãs, também, quase não ligavam pra mim, também só queriam trabalhar para comprar roupa, e... não me ensinavam, eu disse: "dessa vez vou aprender!". Aí tinha uma senhora que morava aqui perto de nós, e eu cheguei na casa dela e disse "dona Zecá, eu quero aprender a fazer renda". Ela disse "tu quer aprender a fazer renda, é?". "Eu quero", disse. "Pois vou fazer uma almofada pra tu. Amanhã tu vem". "*´Tá* certo", eu disse. No outro dia eu fui, e almofada estava pronta, já tinha até papelão, os bilros, ela disse assim "tá aqui, *rumbora*", e eu fui, mermã, e aprendi com essa mulher, ganhei prática e não parei mais. Era muito bonito a renda que eu fazia[393].

Segundo Iraci, aprendeu a fazer renda com a vizinha, já que sua mãe era atarefada, não tinha paciência para ensinar, assim como as irmãs, também rendeiras. O ofício da renda, como se viu, é uma prática transmitida pela mãe, irmã, avó, tia, ou, como é o caso, por uma vizinha. Dona Zeca foi a mulher que fez sua primeira almofada, uma espécie de marco para sua memória, que, para quem não sabe, é um utensílio cilíndrico recheado de palha, no qual se prendia o papelão com os moldes desenhados, que, através do jogo dos bilros – pau fino e

[392] SANTOS, Benjamim. O centro era a Parnaíba. In. Bembém, Parnaíba, nº 84, dez. 2014, p.10.
[393] RODRIGUES, Vicente de Paulo; RODRIGUES, Iraci Silva. *Nesse tempo aqui era tudo parado. Era só areia*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 28 de outubro de 2021.

comprido preso por uma cabeça feita de coco de tucum - era movimentado por mãozinhas ágeis que teciam os moldes, num trabalho delicado e criterioso. Ao longo desse trabalho, era comum as conversas, as trocas de experiências e o compartilhamento de histórias.

4.4 As memórias do trabalho: os *mangues, a lama e a extração*

O trabalho no Delta do Parnaíba, como vimos, tem origem com os indígenas Tremembés, os donos das águas, que se alimentavam de ostras, caranguejos e pequenos peixes, demonstrando que a pesca e a extração de crustáceo estavam entre suas principais atividades. O trabalho em si, enquanto técnica, consistia na destreza dos movimentos e reações corporais.

A extração do caranguejo, por exemplo, é uma espécie de prática que sustenta mais de vinte comunidades do Delta do Parnaíba. Aproximadamente, segundo a pesquisadora Ana Helena Lustosa, 2.500 famílias sobrevivem exclusivamente desse trabalho, que se resume em acordar cedo, fazer longas viagens em pequenas embarcações até os mangues, local em que permanecem por horas em contato simbiótico com a natureza, com objetivo de extrair o crustáceo e prover a família. Esses profissionais são chamados de caranguejeiros, ou, simplesmente, catadores de caranguejo[394], e sobrevivem, da pesca e da lavora, mudando de ramo de atividade de acordo com a temporada. Muitos tornam-se catadores não por opção, mas por necessidade, e isso se dá na virada dos anos de 1980, quando as roças começam a declinar e o caranguejo e o marisco começaram a ser vistos como uma iguaria de grande potencial turístico, explorado como pratos que representam essa cultura do litoral. Por isso, muitos trabalhadores(as) procuram outros ofícios, e, dentre eles, a cata e a extração de marisco, pois, nessa época, o caranguejo e o marisco começa a ser explorado como iguaria articulada ao turismo.

No entanto, essa prática já faz parte da vida dos ribeirinhos do Delta do Parnaíba há bastante tempo. A aprendizagem da técnica da extração ocorre a estilo da pedagogia indígena, ou seja, pela observação e reprodução dos movimentos. Esses gestuais, portanto, são aquisições sociais, culturais, fruto de tradições e saberes transmitidos ao longo das gerações. No caso específico de José Tadeu de Sousa, conhecido como Zé Merote, 65 anos, se reconhece como pescador, mas, segundo ele, fez de tudo para sobreviver. Nasceu numa ilha do Delta chamada Lamarão, sobrevivendo da pesca, do cultivo de arroz e feijão. Com doze anos, já realizava serviço de adulto, e, por isso, abandona a escola. Por volta dos anos de 1970, aos 18 anos,

[394] HELENA, Ana Lustosa. *Práticas produtivas e (in)sustentabilidade: os catadores de caranguejo do Delta do Parnaíba*. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005, p. 171.

constituiu família, vindo a morar nos Morros da Mariana. Mas nos anos de 1980, as lavouras começam a entrar em decadência por fatores que ele enumera, como as humilhações por parte dos donos da terra e até a entrada do arroz industrializado, que, como vimos, desbancaram a produção local. Longe das roças, diz que procurou todo meio para sobreviver, até se estabelecer na cata do caranguejo. Diz ele que fez carvão, extraiu mariscos, além da insistência nas roças. Como seu sogro era caranguejeiro, resolveu trabalhar com ele, mesmo sem saber nada a respeito da extração dos crustáceos. Começou acompanhando o sogro, observando seus movimentos, e, aos poucos, criou coragem para extrair por conta própria. Por isso diz: "Devo muito ao meu sogro, porque ele foi meu professor, da mesma maneira que fui professor do meu genro"[395].

Para sobreviver, os moradores dos povoados que beiram as regiões úmidas do Delta do Parnaíba, aprenderam e desempenharam inúmeras tarefas. Por isso, ao longo da história de vida, estão sob influência de várias "pedagogias", demonstrando, desse modo, que o corpo é um produto da cultura e o principal instrumento de trabalho. O corpo é capaz de operar uma historicidade através diferentes técnicas específicas de trabalho, com base pressões históricas determinadas.

O Senhor Abraão, por exemplo, fala das suas dores, cicatrizes, aventuras ao longo da sua vida de trabalho, fazendo questão de mostrar as marcas que esculpe seu corpo: mordidas de jacarés, cortes, arranhões, demonstrando que o corpo é um arquivos vivo, atravessado por várias histórias de dor, picadas de insetos, esporadas de raias, picadas de cobra, mordidas de jacarés, lacerações, cortes profundos, insolação intensa, fome, sede, indicando que o corpo além de uma instrumento de prazer é também a fonte do desassossego. Diz ele que começou trabalhando nas roças, mas "devido a perseguição dos donos das terras, que botava gado", buscou outro meio de vida nas pecarias e, em seguida, na cata do caranguejo. "Eu pequeninho" diz Abraão "acompanhava meu pai no mangue. Ele amarrava um moí de palha na cintura dele e outra na minha, né. Aí ele ia tirando e eu marrando. Nesse negócio eu fui aprendendo a tirar o bicho"[396]. O corpo atravessa as narrativas, responsável por assimilar os gestos, e por fim, reproduzi-los. Antes de desempenhar funções mais "pesadas", o corpo passa por um processo de maturação profissional, conforme a pedagogia vigente.

A cata do caranguejo, surge num momento específico na vida dos trabalhadores, vida marcada pela necessidade material. Dessa maneira, toda essa técnica corporal é fruto de um

[395] DA SILVA, José Tadeu. *Deus tá vendo, minha senhora*. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, fev. 2015.
[396] SILVA, Abraão Cristiano Marques da. *Mesmo com esse sofrimento a gente era muito feliz*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Ilha Grande, PI. Em 17 de agosto de 2015.

processo de transmissão que se efetiva na linguagem, sendo ela menos oral e mais gestual. Assim, os saberes da pesca se concretizam a luz do passado, e são transmitidas as novas gerações de pescadores por meio da prática. O corpo, porém, não é separado do pensamento, da experiência e da linguagem. Como os gestos são repetidos diariamente, essas técnicas necessárias a sobrevivência, tal qual o nadar, agachar, rastejar, puxar, correr, são incorporadas ao dia a dia, tornando-se gestos corriqueiros, de fundamental importância à sobrevivência dos grupos.

A vida e a experiência são a essência das narrativas. É por meio delas que os homens-mulheres têm noção do tempo que passou, concretizado no/pelo trabalho que se mistura com a vida. Nesse contexto, o corpo sofre diversas privações, dores e pedagogias, e, ao longo da vida, aprendendo inúmeras técnicas de trabalho, transmitidas por uma linguagem oral e, acima de tudo, gestual. Diz senhor Julinho "... que a gente saia na madrugada, porque quem diz o horário é a maré. Só que a gente aproveitava o dia, porque você trabalhava para você, *né*", falando de um trabalho autônomo, em que eram donos do próprio negócio. "O que a gente levava, o nosso preparo, era a fumaceira, e um molho de palha na cintura. A gente só usava short e uma cueca"[397], afirmando que o trabalho da extração, nas suas origens, era rudimentar e se resumia nesta mistura entre a carne e a natureza, numa espécie de simbiose. Os caranguejeiros, assim como as marisqueiras, deitam-se no chão, enterrando os braços na lama, arrastando-se, cobrindo-se todo de uma carapaça grossa. Essa carapaça é como se fosse uma armadura para amortecer as picadas dos insetos e dos arranhões que surgem do contato com pedaços de raízes.

[397] ARAUJO, Antônio Júlio Marques. *Quando a coisa há de ser, o destino junta*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Em 11 de janeiro de 2015.

Figura 24 - Homens e crianças trabalhando no mangue, 1990



Fonte: Foto de Egberto Nogueira; Arquivo Pessoal Fernando Gomes.

Figura 25 - Mulheres tirando marisco nas croas do Delta



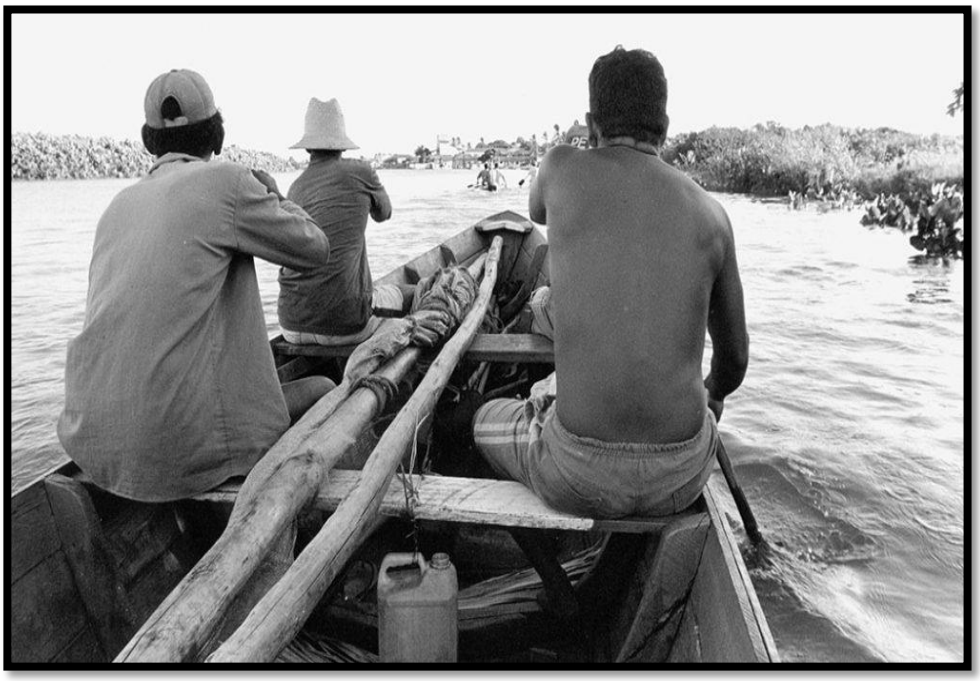
Fonte: Associação das Marisqueira de Ilha Grande - PI.

O sono é entrecortado pela obrigação de acordar cedo. No meio da pesca, esse hábito é conhecido como “pulo da rede”, que significa sair madrugada sem nem mesmo tomar café, indicando que a luta do trabalhador é uma luta contra o próprio corpo, seus desejos e vontades. A memória, contudo, mapeia os dissabores do trabalho, assim como os esforços desferidos: as

longas viagens em canoas, remando, às vezes, contramaré, para se chegar aos destinos: os peixes, caranguejo e mariscos. Desde cedo, aprendem a manejar essas pequenas embarcações. Assim, se constitui uma memória incorporada aos gestos, quase sem tomada de consciência.

Muitos desse(a)s velho(a)s trabalhadores(as) se lamentam do abandono da prática de remar pelas novas gerações, ocasionada pelo aparecimento dos motores (rabetas) na década de 1990, que foram acoplados a polpa da canoa. "Ninguém quer mais remar" diz Abraão. "Se a gente chegar pra eles e dizer assim 'rapaz, vamos pegar uns peixes ali'. 'Onde é?', 'É no remo?'. 'Se for no remo, vou não"[398]. O corpo do trabalhador não esquece as força, as dores, e as exigências que o trabalho impõe. Ao mesmo tempo, esse corpo se adequa aos ritmos da natureza, produzindo e reproduzindo ou mesmo recriando novos gestuais conforme as mudanças e o progresso.

Figura 26 - Trabalhadores dentro da canoa remando em direção aos igarapés



Fonte: Foto de Gleice Mere, 1990, arquivo pessoal Senhor Julinho.

Antes de pisar na água, mergulham as mãos na água e se benzem com as pontas dos dedos molhados, pedindo proteção contra os perigos. O corpo, além de ser ferramenta de trabalho, é imbuído de uma dimensão simbólica, religiosa e mística, e o cristianismo é apropriado no interior dessas situações de trabalho em que os sujeitos criam usos a religião através das

[398] SILVA, Abraão Cristiano Marques da. *Mesmo com esse sofrimento a gente era muito feliz*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Ilha Grande, PI. Em 17 de agosto de 2015.

ritualizações cotidianas[399]. Os cuidados com a natureza são redobrados, pois, como diz Senhor Pedro, "a natureza pode ser mãe e madrasta; lá tem desde a comida, até o pau para cortar seu pé, a cobra para lhe picar, e os espinhos para lhe furar". O que faz o corpo, como diz Michel de Certeau, é uma simbolização sócio-histórica característica de cada grupo[400].

Os catadores de caranguejo, por exemplo, deitam-se no chão do mangue, coberto de lama, folhas e raízes, e, arrastando-se, enterram seus braços em locas profundas. O corpo é coberto por uma carapaça grossa de lama preta, que serve como proteção aos mosquitos. Nas origens do trabalho, o único instrumento que esses homens dispunham eram seus próprios corpos, que se misturavam as raízes do mangue em um processo de simbiose. O corpo, com diz Mausss, é o primeiro e maus natural instrumento do homem"[401].

O silêncio do mangue também é algo a ressaltar. Dentro desse ecossistema, o farfalhar dos galhos, os cantos dos pássaros, o barulho dos bichos ganha uma intensidade e marcam a memória desses sujeitos. Como diz Alain Corbin, os ruídos são recebidos com um signo identitário que marca a memória[402]. E, muitos relatam que, dentro do mangue, perde-se as referências do tempo e espaço, o que leva os trabalhadores usarem estratégias de demarcação desses lugares, pois cada arvore, tronco, pode servir de referência. Mas um tempo que não se pode dizer que era tedioso. Como diz o Senhor Marcos: "o tempo do trabalho passava rápido, por causa da prosa, das conversas animadas, das prosas, brincadeiras, em que um apelidava o outro, em que as turmas mais velhas eram animadas, e não existia tempo ruim"[403].

A luta do catador de caranguejo, do pescador, da marisqueira, se renova a cada dia, e, como vimos, é uma luta contra os limites do corpo. Os que esses trabalhares(as) ganham não se conserva, não dura, exigindo novas investidas, novos golpes diariamente. Eles não se dão ao luxo de descansar, ter preguiça, faltar, e, com insistência e paciência, vão vencendo os azeres e as agruras, minando as barreiras das vicissitudes da natureza, aproveitando-se das possibilidades oferecidas por um instante[404], como diz Certeau. É urgente afastar para bem longe a sede e a fome.

No caso desses trabalhadores, nota-se um descuido em relação alimentação e a hidratação. Muitos saem de casa sem comer nada, como já foi dito. E não existia horário certo para fazer

---

[399] CERTEAU, 1990, p. 74.
[400] CERTEAU, Michel de. *História dos Corpos*. Proj. História, São Paulo, 25, dez, 2002, p. 407.
[401] MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
[402] CORBIN, Alain. *Do Limonusin as culturas sensíveis*. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. Para uma história cultural. Lisboa: Editora Estampa, 1998, p. 106.
[403] COSTAS, Marcos Antônio dos Santos. *Hoje ninguém mais tem vergonha de ser o que somos*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.
[404] CERTEAU, 1990, p. 95.

as refeições, ou, muitas vezes, só se comia quando conseguiam pegar algum peixe ou caça. Dois alimentos, no entanto, marcam a memória gustativa desses trabalhadores: a rapadura e a farinha de puba. Esse hábito é constituído por questões materiais e culturais, tendo em vista que são produtos acessíveis, baratos, adquiridos em qualquer comércio, e avaliado com grande potencial nutritivo. Como diz o Senhor Pedro: "o que a gente levava para comer era uma coité, açúcar e farinha. Disso tudo a gente fazia garapa e ficávamos satisfeitos"[405]. A base a alimentação dos trabalhadores(a)s é farinha de puba, rapadura, que, misturada a água, resultava em uma garapa conhecida por "chibé".

Para beber, muitos não levavam água de casa, saciando-se com água encontrada no rio e lagos que se deparavam no caminho. Com base nos relatos, chega-se à conclusão de que a preocupação com alimentação, a saúde, o cuidado com o corpo eram mínimos. O senhor Zé Lino, por exemplo, recorda sobre os modos de beber e comer no mangue. Segundo ele, se acordava quatro horas da manhã para trabalhar e não levava nada, além rapadura e da farinha, bebendo, quando de muita sede, as águas dos rios. "Sabe o que a gente faz muito lá dentro?", pergunta ele. "Fuma cigarro – caso tenha. Vou dizer uma coisa, e quem disser que eu tô mentindo é proquê não quer dizer, mas todo pescador e caranguejeiro fuma e bebe"[406], dizendo que é muito comum o fumo, que serve tanto para afugentar o tédio, quanto os mosquitos, por meio das baforadas incessantes do "pau-ronca", como chamam o cigarro de fumo. Sobre a bebida, ele está falando do álcool, algo muito apreciado entre os trabalhares. Ele diz: "que sobrevivia por Deus", pois saia de casa de barriga vazia e só comia algo quando chegava em casa, depois de vender algum pescado, era "a hora que eu ia comprar alguma coisa para comer".

O local do trabalho é as zonas costeiras do Delta, seus mangues e igarapés. O Delta do Parnaíba é uma formação morfológica de planícies extensas, banhada pelo Rio Parnaíba, abrindo-se em cinco braços, desmembrando-se em quarenta e três ilhas fluviais, situadas entre os Estados do Piauí, Maranhão, marcado por uma flora e fauna diversa, destacando-se os jacarés, lontras, guarás, cobras e várias espécies e por uma vasta vegetação com predominância dos mangues, coqueirais e cajueiros. Ao longo da costa, grandes extensões de dunas que mais parecem ondas acompanham e emolduram essa paisagem. Esses e outros atributos fazem do Delta uma das regiões mais visitadas do Nordeste.

Em 1996, o Delta é transformado em Área de Proteção Ambiental com objetivo de preservar a biodiversidade, incentivar o turismo ecológico e conscientizar a população sobre o

[405] SANTOS, Pedro. *Disso tudo a gente fazia uma garapa e ficava satisfeito*. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, fev. 2015.
[406] LINO, José. *Sobrevivia por Deus*. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, mar. 2015.

uso sustentável dos recursos. É visto pelos turistas como um lugar paradisíaco de água doce e pura, de natureza exuberante, descantando-se a união da água do rio e do mar, sendo o oposto das grandes metrópoles, ameaçadas pela poluição, pressa e violência. Por conta disso, muitas pessoas procuram o litoral para descansar o corpo e o espírito[407]. Quem visita o litoral em busca de apreciar as paisagens, aproveitar os banhos do mar e rio e usufruir das belezas naturais, degustar iguarias, deliciando-se com a culinária ribeirinha, talvez não consiga dimensionar o trabalho realizado nesse espaço, suas condições de vida dos moradores, contribuindo com a invisibilidade desses sujeitos. O olhar do turista aos nativos e igual aos que depositam sobre as paisagens, um olhar encantatório, romântico e, por que não, despretensioso. Assim, recai sobre esses sujeitos uma série de estereótipos, vistos como selvagens, rudes, pobres, sujos.

O turismo até então implantado visa o lucro com a venda das paisagens, ao mesmo tempo que não envolve os s trabalhadores no processo, visto muitas vezes como inimigos, contribuído com a desvalorização da categoria "pescadores artesanais". Na verdade, o espírito aventureiro e preguiço do turista afasta-se da comunidade, reduzindo os trabalhadores a pálida condição de figurantes[408]. Ao mesmo tempo, deve-se observar o Delta do Parnaíba com um espaço da cultura, ou seja, praticado e apropriado por esses sujeitos. A partir de inúmeras práticas de trabalho o meio natural é transformado em espaço habitável, pois, como se observa Alain Corbin, as paisagens são indissociáveis das práticas que determinam sua apreensão[409]. Homens e mulheres, seres engenhosos, são capazes de transformar espaços hostis em espaços habitáveis, a partir das interações com natureza, produzindo sentido, cultura, relações sociais etc. Como lembra Marc Auge, o mangue, os rios, as matas, é um lugar antropológico - ou seja, diferente do não-lugar -, ocupado e habitado por esses homens e mulheres que trabalham, delimitam, defendem, atribuem sentidos, cultos, extraem sustento[410].

Já extração do marisco, surge como atividade complementar de mulheres que saiam para o rio sem pretensões comerciais, apenas para com o intuito de atender as questões mais imediatas. Aos poucos, o marisco vem ganhando importância econômica, exigindo das mulheres uma dedicação e organização do trabalho mais sistemática. Nas suas origens, nota-se um trabalho genuinamente feminino: um grupo de mulheres (mães, filhas, comadres, irmãs, vizinhas) se acordavam cedo e saiam de casa no "pulo da rede", expressão que no meio da pesca

[407] DIEGUES, op. cit., p. 13.
[408] CORBIN, Alain. *O Território do Vazio: a praia no imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 236.
[409] Ibid., p. 104.
[410] AUGE, Marc. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papirus, 1994, p. 43.

significa sair de madrugada em jejum – portando apetrechos artesanais como landuá[411], cofo[412], navegando o dorso dos rios em pequenas embarcações (canoas) até chegar nas croas, lugar destinado a extração dos mariscos. Ali, mergulhavam e extraiam o fruto num trabalho intercalado entre a extração, a conversa, fuxicos, momentos em que as velhas marisqueiras transmitiam seus ensinamentos as meninas mais jovens. O trabalho é entendido como algo que absorve e castiga o corpo, mas também como distração, alegria, pois, como ressalta Certeau, ao encarar o cotidiano é quase impossível perceber o corte que separa o trabalho do lazer, já que estas duas atividades andam justapostas, se repetem e se reforçam no fazer[413].

Inicialmente, é urgente entendermos que sujeito da história é plural. Portanto, quando se fala de trabalhado feminino, não se pode perder de vista as categorias de classe, raça, posição social. No caso específico da pesquisa que ora se desenrola, "os sujeitos da história "são mulheres negras, mestiças, pobres, analfabetas, casadas, viúvas, religiosas e das beiras. Elas não aceitaram a posição de cuidar, apenas, mas enveredaram por uma vastidão de pequenos e múltiplos ofícios, às vezes levando consigo os seus filhos, como é o caso das marisqueiras. Quando os homens saiam para roça ou pescaria, muitas mulheres se organizavam para extrair o marisco, prática de trabalho realizado no rio, água doce, considerada mansa e feminina, diferente do mar e mangue, espaços hostis e, portanto, masculinos.

Ao se adicionar essas mulheres nas discussões historiográfica, a própria história é obrigada a se refazer, a se rescrever, tendo em vista que novos espaços, protagonismos, locais de trabalho, modos de ser e fazer, associativismos são demarcados, introduzindo novas arenas de atuação feminina que vão muito além do terreno da família e do cuidar. E a experiência dessas mulheres são fundamentais para novas formas de compreensão da história, pois, como lembra Joan Scott, não existe sujeitos preexistente a experiência, mas ao contrário, são as experiências que constitui os sujeitos, que, então, passam a serem reconhecidos como portadores de determinadas práticas, ou seja, "sem significado não há experiência, e sem processo de significação, não há significado"[414].

Rosa Maria demarca várias áreas de atuação que são forjadas por suas experiências de trabalho, afirmando, incialmente, que as "tiradeiras de mariscos" mais antigas, além dela, são

[411] Instrumento artesanal feito de com uma vara vergalhada, em forma circular, amarrada por barbantes, fixada na base uma rede que circunda toda a peça, formando uma espécie de pequeno instrumento de arrasto, usando para pesca do camarão, marisco e pequenos peixes encontrado nos lagos.
[412] Instrumento artesanal feito da palha da carnaúba usado como recipiente. Os pescadores e lavradores se utilizam desse utensilio para guardar os peixes e mariscos coletados nos rios, assim como pode servir para armazenar mantimentos etc.
[413] CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano I: as artes do* fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 86.
[414] SCOTT, Joan. *História das Mulheres*. BURK, Piter(org.). Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 82.

"Ana Queiroz, Lurdes do Doca, dona Aurea, Ceiça, as chamadas tiradeiras de mariscos profissionais, inexistindo figuras masculinas, pois estes, como explicam, enveredavam por outras atividades. Sobre o trabalho da extração, conta que "acordava as quatro horas da madrugada e saia em jejum, e, as cinco, já mergulhava". O marisco começou a ser o centro dos seus esforços laborais em 1968, quando tinha apenas dezessete anos de idade, depois de trabalhado em diferentes ramos de trabalho. A explicação por sair tão cedo é que dependiam da maré. "Por que" segundo ela: "a maré é assim, às vezes dá às 4 da madrugada, fica até as cinco, seis, sete horas... quando falo que a maré dá, é ela tá seca, e quando dá na hora de ir embora, a maré enche"[415]. Disse que quando começou a trabalhar era possível encontrar muito mariscos, extraindo de cinco a seis latas por dia.

Figura 27- Marisqueiras no dia a dia do trabalho



Fonte: Associação das Marisqueiras de Ilha Grande do Piauí.

[415] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.

Figura 28 - Marisqueiras extraindo marisco com suas roupas características e o landuá nas mãos



Fonte: Associação das Marisqueiras de Ilha Grande do Piauí.

Chegava em casa era por volta das nove horas: "aí a gente voltava pra casa com a lata de marisco na cabeça. Era cinco, seis viagem que dava, do Porto até em casa, porque não tinha ajuda de ninguém não", diz Rosa Maria. A todo instante ela reitera as palavras, "tu é doido! Era muito sofrimento!". Portanto, na raiz da compreensão do povo está a fadiga. Não há compreensão possível do tempo e do espaço do trabalhador braçal se a fadiga não estiver presente, assim como o cansaço, dor, sede e fome[416]. Ao chegar em casa, o trabalho continuava, pois ela fazia um fogo, cozinhava os mariscos e "tirava as cascas de um por um". Por isso mesmo, seu quintal é tomado por camadas de cascas de mariscos, retiradas em diferentes épocas, que se amontoam por todos os cantos. "Quando terminava as quatro da tarde, eu levava os mariscos", diz ela, "colocava dentro dos cofo e pendurava num galho de cajueiro, e ali ia escorrer aquela água para ficar bem soltim"[417]. As duas horas acordava, para arrumar os mariscos dentro da bacia, e, em seguida, saia com os bacia de mariscos na cabeça até o Mercado de Parnaíba. "Era muito sofrimento", diz novamente, e só voltava quando "dava de tarde, meio-dia, quando a feira estava boa, eu vinha de pés, até os Morros"[418].

"Eu adorava pegar marisco" diz Maria, relatando que saia para o rio junto com as companheiras e a filha. Preocupava-se com a insolação, vestindo roupas compridas e boné na

[416] BOSI, Ecléa..*O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, p.154.
[417] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.
[418] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.

cabeça. Levava latas, landuá e cofos. Quando chegavam nas croas, os mariscos podiam ser encontrados nas áreas rasas. O trabalho, segundo ela, se restringia em se agachar com o landuá preso nas pernas e, com as mãos, puxavam a lama e areia para dentro do instrumento, que, ao pesar, chacoalhavam-no na água, dissolvendo a lama, despejando em seguida os mariscos na canoa. Ela afirma que retirava de cinco a seis latas por dia. Maria, também, conta que quando chegava em casa cozinhava os mariscos, retirava-os da casca e ensacava-os e vendia-os na feira. "Não só eu, mas muita mulher aqui vendia na feira de Parnaíba, e quando eu chegava era que fazia uma coisinha para comer... o que eu quero dizer é que minha vida inteira foi trabalhando"[419], conclui Maria.

Em alguns meses do ano, como setembro e outubro, a água salgava, e a maré muito alta, prejudicava a qualidade dos mariscos, obrigando as mulheres a extraírem o marisco em "águas profundas", necessitando de uma nova técnica de trabalho, chamada de técnica do mergulho. Ela técnica consistia em mergulhar uma certa profundidade do rio, topar no chão, e, como cofo pendurado no pescoço, retirava os mariscos do fundo e enchia-o, e, quando estivesse bem pesado, emergia-se. Explica, Maria:

> "Mas quando a gente chegava lá a croa estava cheia de água ainda, o jeito era colocar um cofó de palha no pescoço e mergulhava, descia né, ficava lá embaixo o tanto que o fôlego aguentava, aí arrancava o marisco e botava dentro do cofó, ai começava a pesar, né, aí subia com ele cheio[420].

Esse trabalho, como se viu, exigia força e fôlego. Maria afirma que trabalhou durante muito tempo retirando marisco usando a técnica do mergulho. "Mas não faço isso, não, sabe por quê? Meus ouvidos doem tudim. Mas antes, vixe!, mergulhava demais"[421]. Rosa Maria, da mesma forma, também diz ter extraído marisco à base do mergulho, no entanto, "não tirava muito (...) porque não aguentava"[422]. Essa técnica era por demais arriscada, exigindo força, folego, cálculo na administração do oxigênio e destreza. Muitas mulheres relatam que adoeciam em consequência do trabalho, pois era comum o ouvido estourar, os olhos inflamarem, além das dores de cabeça e tontura.

Para facilitar o mergulho, elas ficavam varas no meio do rio, próximo as canoas, que serviam de apoio e mergulhar o mais profundo. Elas desciam com o landuá prezo ao pescoço,

---

[419] ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.
[420] ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.
[421] ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.
[422] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.

e com asas mãos livres, cavam a lama, lançando os mariscos extraídos no recipiente, subindo, em seguida, com ajuda da vara. Era um trabalho arriscado diz Luísa, que lembra de um episódio que aconteceu com sua filha mais velha, que na época do ocorrido tinha apenas dez anos. Ao mergulhar para extrair o marisco, a menina demora a subir, o que deixa Luísa intrigada. Na verdade, diz: "quando a menina mergulhou ela não conseguia subir, porque os cabelos dela ficaram enganchados na vara. Minha filha tinha os cabelos compridos. Eu mergulhei e ela estava se debatendo e eu desprendi os cabelos dela"[423], dizendo que quando a menina subiu, se fôlego, "estava toda vermelha".

Mesmo diante dos potenciais perigos, o rio não é visto apenas como forma de sustento, mas representado nas memórias como um ser espiritual com vida própria, capaz de regenerar o corpo dos pescadores, restabelecendo suas forças, sarando feridas e até mesmo acalentando a alma. É o rio sendo mãe – d'água -, mulher, ser que acolhe, gesta fases, fluxos e frutos. Ali, no seio da água, não se sente fome, dor, tristeza, cansaço, pois água, como disse Rosa Maria, "ele fortalece o pescador". Os trabalhadores relatam que sentirem-se uteis, felizes e plenos quando dentro do rio. Assim, diz Rosa Maria.

> Olhe, vou dizer uma coisa, quando eu saia para pescar, pegar marisco, era como se eu esquecesse tudo, deixasse todos problemas em casa, e vivesse só ali, pro rio. Eu saia de casa no pulo da rede, com chamam, que significa sair em jenjum, sem tomar café, e quando mergulha no rio, dentro da água, eu não sentia fome, não sentia dor, não sentia tristeza, cansaço, pois era água fortalecendo o pescador. Na água você esquece tudo que há de ruim, e sai fortalecido, feliz, era assim que me sentia[424].

Observe que a pescadora diz que ao sair de casa e entrava no rio e esquecia de todos os problemas e não conseguia pensar em nada que a afligia, vivendo integralmente para o rio, que agradecia restabelecendo suas forças, retirando o cansaço, a fome, a dor, sentindo-se, dessa maneira, plena e realizada. A pesca, portanto, é assumida como um ato de dignidade e cidadania. Água, por sua vez, fortalece e regenera a forças do pescador, e, no trabalho, a vida de muitos dos homens e mulheres do povoado readquiriam sentido, ou, como eles mesmo diziam, a felicidade. Na mesma linha, diz Maria que: "quando saio para pescar ou pegar castanha, não lembro dos problemas", afirmando as funções terapêuticas do trabalho que ajudam esquecer os problemas e tornar sua alma mais serena, já que seu corpo e mente ficam ocupados.

---

[423] SANTOS, Maria Luisa de Sousa. *Eu pulava na canoa e me escondia, pra não pagar.* Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 29 de outubro ade 2020.
[424] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.

O amor pelas águas é sentimento filial, que começa muito antes de a conhecê-la. É como se quiséssemos retornar as nossas origens, a nossa primeira morada liquida e uterina. As nossas lembranças inconscientes se reencarnam nas águas. O rio, desse modo, é uma criatura viva, responsável por nutrição e abrigo, ou seja, a metáfora perfeita da mãe. Por isso, diz Bachelard, "sentimentalmente, a natureza é a projeção da mãe"[425]. Esse amor descrito pelas narrativas, nada mais é que um amor filial, uma força propulsora e inesgotável que se apoia nos fluxos e refluxos do rio. Esse rio é amado com toda a alma por esses trabalhadores(as), isso acontece, segundo Bachelard, porque alma desses sujeitos estão já transbordadas de rio, desaguando em lembranças e representações otimistas em relação as águas. "A água" para Bachelard "é o leite quando cantado com fervor, quando o sentimento de adoração pela maternidade das águas é apaixonado e sincero"[426]. Portanto, para o filosofo, a água esse ser maternal, uma espécie de leite prodigioso, uma especei de lembrança feliz, aprazível, tranquila, uma "lembrança acalentada no colo materno"[427].

Figura 29 - Rio Parnaíba e seu curso rumo ao atlântico, espalhando-se por diversas ilhas e igarapés. Nas suas margens, a comunidade dos Tatus-PI



Fonte: Delta Turismo.

[425] BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria*. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martin Fontes, 2018, p. 120.
[426] BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria*. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martin Fontes, 2018, p. 123.
[427] BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria*. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martin Fontes, 2018, p. 127.

O rio é sagrado, pois suas águas, como vimos, propiciam a cura do corpo, a cura das doenças da alma, o acalanto dos transtornos, o esquecimento das angústias. O rio é mãe, é útero, fonte de saúde, capaz de transcender, e muito, as dimensões do trabalho, já que é um espaço "repleto de significações simbólicas atribuídas ao espaço pelo pescador". Água doce, por exemplo, tem características femininas, acolhendo, abraçando essas mulheres marisqueiras.

4.5 A natureza pode ser mãe e madrasta

A natureza, os rios, roças e mangues, embora oferecendo perigos eventuais, transmite uma sensação de satisfação e segurança. É como se esse espaço físico e natural adentrasse a alma dos trabalhadores(a)s, tornando-se um espaço afetivo, repleto de vivências. A natureza, dessa maneira, é apreendida e apropriada por meio de operações e movimento que desdobram no a partir de inúmeras técnicas de trabalho, costurando-se uma rede de sentidos e reminiscências, responsável por coordenar uma série de relações sociais que se estende do rio à suas margens. A experiência com água, portanto, produz sonhos, cantos, devaneios e imagens. Os rios propiciam um jogo entre o real e o fantasmagórico, pois "água move e umedece o real"[428].

No seu interior, a natureza esconde muitos perigos, exigindo cautela por parte do pescador(a). E sobre esses perigos que Maria narra, expressando sua agonia, dores e desespero. Foi escutando-a que compreendi o porquê de a pesca ser um trabalho coletivo, no mais das vezes. Numa situação de acidente ou lesão grave, os companheiros criam redes de solidariedade para acolher e ajudar o colega ferido. As(as) pescadoras(es) sofrem como cortes, contusões, furadas e lesões oriundo de espinhos, galhos, pedaços de cascas de mariscos e ostras, ou mesmo esporadas de arraias, bagres e mordidas de piranhas. Um dos maiores temores das pescadoras e serem surpreendidas por arraias, que atacam, justamente, quando entram na beira do rio, lugar que as arraias frequentam. Ao perceberem que estão ameaçadas, elas atacam laçando a calda com uma ponta de esporão em direção das pernas e pés das pescadoras. Assim aconteceu com Maria, que, numa pescaria, ao pisar na água, sentiu "algo triscar na sua perna, como se fosse a ponta de uma tesoura, (...) e aí, mermã, começou a arder". A dor foi tão forte que ultrapassa o lugar da ferida, espalhando por todo corpo. "Doí primeiro no pé da virilha, e perna, depois passa por sovaco da gente, do lado que ela espora... oh, mais é dor demais! É ruim! É ruim", explica,

[428] DIEGUES, Antonio Carlos. *A imagem das águas.* São Paulo, Huatec, 2000, p. 16.

dando uma dimensão da dor que sentiu. Na hora, como estava acompanhada, foi acudida por sua amiga.

> E eu disse para minha amiga "mermã, me furou um negócio aqui", e ela disse "tomara Deus que não seja arraia. Deixa eu ver". E mostrei pra ela, pois estava saindo sangue, e bem no lugar que doía tinha um furinho. Ela olhou e disse "pois não é arraia mesmo!". Para amenizar, essa minha amiga tirou o fumo da boca dela, pois ela gostava de trabalhar mascando fumo, né, e passou na minha perna. Mas não resolveu nada. Chamaram um monte de homem para me levar para casa nos braços, e eu gritando, parecia uma criança[429].

Quando estava ferida, recorreu a companheira de trabalho, que, ao constatar a esporada, trata de agir, usando de saberes locais, como o uso de fumo mascado, que amiga retirou da sua boca para passar no ferimento, que não resolveu, já que a dor espalhara-se por todo corpo, necessitando ser levada nos braços, "feito criança", chorando de dor, que, de tão intensa, leva-a ao desmaio. Maria só lembra que acordou no hospital, passando meses sem poder trabalhar – o que é uma tortura para trabalhadoras acostumadas ao labor. Por tudo isso, considera o serviço do marisco perigoso, além do mais, "pesado", ou seja, extenuante, indicando que no cerne da compreensão desses sujeitos está a fadiga e a dor.

Embora aposentada, Maria não deixa de fazer algumas tarefas, como pescar nas lagoas ou extrair frutos na mata. "Quando saio para pescar ou pegar castanha, eu não lembro dos problemas", narrando-se como muita trabalhadora que ainda hoje mantem corpo e mente ocupados, vendo esses pequenos ofícios como os responsáveis por garantir a lucidez e serenidade para enfrentar os dias. Mesmo assim, lembra que o trabalho da pesca do marisco é pesado: "(...) é capaz da mulher botar o útero pra fora, de tanto peso", diz ela. Sabe, porém, que sua sorte maior foi conseguir se aposentar, pois, se não fosse aposentada, estaria "obrigada a trabalhar no pesado até hoje". Aposentadoria foi algo crucial na sua vida, vista como uma segurança financeira, algo que garante sua sobrevivência, tendo clareza de quanto sua vida foi trabalhosa e, não tivesse sido "esperta", pagando o sindicato, conseguido a aposentadoria, "se não tivesse procurado os seus direitos no INSS", talvez, avalia, estivesse "morta ou passando fome"[430].

O corpo dos(das) trabalhadores(as) são queimados pela exposição demasiada ao sol, deixando a pele cinzenta e grossa, sobretudo nas pernas e braços. É possível notar cicatrizes e feridas. A justificativa para o excesso de marcas é o atrito com as extremidades de raízes, cascas

[429] ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.
[430] ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.

de ostras, mariscos, ponta de pau. Além dessas marcas do trabalho, muitas(os) delas(es) queixam-se de dores na coluna, nos ombros devido o esforço repetitivo empregado no trabalho. Se não bastasse, é comum contusões, pancadas, ferimentos, luxações. Esses homens e mulheres são obrigados a conviver com a dor, seja antes, durante ou depois do trabalho. A dor é um fenômeno sociocultural, pois, de acordo com a posição e o lugar social, será apreciado e depreciado de diferentes maneiras. Mesmo a dor sendo algo íntimo, ela é impregnada de social, na medida em que é uma espécie de bússola que indica cuidado e atenção. A dor é constitutiva de memória, e se faz presente nas lembranças desses narradores(as).

Ao mesmo tempo, nota-se uma espécie de embrutecimento das sensibilidades, frente a necessidade de sobrevivência. Como já foi dito, esses homens e mulheres foram educadas a tolerarem as dores do trabalho, valorizando a força física. Demonstrar dor é um sinal de falha de caráter e fraqueza. Parar de trabalhar, mesmo de diante de dores tão acerbas, cria uma desorganização social, frente as necessidades materiais da família. Por isso, devem aguentar a esporadas de peixes, as picadas de mosquitos, os desconfortos de toda a natureza.

As representações dos rios e da natureza, por outro lado, são ambivalentes, ora visto com uma mãe regeneradora; ora como um ser perverso e destruidor, revestida com símbolos da dor e morte. É como se água e lama necessitasse de sacrifícios, ablações, sangue dos trabalhadores, para continuar gerando vida e frutos. No entanto, esse contato com a natureza em seu estado bruto leva os pescadores e pescadoras a criarem e a recriarem uma série de ferramentas que propiciam vencer os perigos que se deparam, habilitando-os a serem bem-sucedidos nesse contato. A história de vida desses sujeitos é marcada por uma desenrolar de elaborações e reelaborações de práticas de trabalho e estratégias de sobrevivências.

Portanto, esses homens e mulheres vivenciam a dor a partir de suas visões de mundo, de sistemas de valores que lhes são próprios. Diante de situações extremas, são resguardados por um arsenal de remédios provenientes da medicina popular, usando plantas, raízes e folhas que tão bem conhecem suas funções curativas. Como lembra Le Breton, o indivíduo, deparando-se com a dor, reagem a partir do tecido social e cultural da qual está inserido, lançando mão de uma série de saberes e práticas[431].

O senhor José Merote, por exemplo, diz que um dia levou um corte muito profundo no pé quando atravessava o mangue em busca de caranguejos. Sentou-se e ficou examinando o corte profundo que "jorrava sangue". Levantou a cabeça ao céu e se perguntou, "*oh*, me Deus que eu faço?". Nesse momento, lembrou dos saberes dos mais velhos, que usavam a natureza

[431] LE BRETON, David. *Antropologia da dor*. São Paulo: FAP - Unifesp, 2007, p. 120.

que lhe dava o sustento e o remédio. “Sabe o que eu fiz?”, pergunta, tratando de responder: “arranquei uma raiz de mangue e botei na boca e comecei a mastigar, pois as pessoas mais velhas diziam que esta raiz era boa para estancar ferimentos”. Retirou o bagaço mastigado e boca e colocou sobre o ferimento, rasgando em seguida sua camisa de trabalho e amarrando tiras de pano no pé junto com o bagaço. O mais surpreendente que, mesmo com um corte “que dava pra ver osso”, continuou trabalhando, até não aguentar mais...

Quando os amigos perceberam que José não estava no local em que marcaram de se encontrar, ficaram preocupados e saíram em sua procura pelo interior do mangue. Pelos gritos, conseguiram chegar ao local do mangue em que se encontrava ferido – no meio o mangue é comum perde a noção do espaço. “O que foi Zé?” perguntou o companheiro. “Nada não, só um cortizinho aqui”, levantando o pé. O amigo quando viu a gravidade do ferimento disse “*Horri porra*!”, e o advertiu, “Porque você não gritou que a gente tinha parado de trabalhar e ido embora”, mas a verdade é que José Merote “queria atrapalhar a vida de ninguém”. Levaram-no até a canoa e, chegando ao porto, foi direto ao hospital.

Ele conta que a enfermeira ao examinar seu pé nota algo estranho no ferimento e pergunta: “Moço o que é isso aqui?”, apontando para algo estranho craquelado na ferida aberta. Ele responde “é lama”. A moça exclamou: “Você é doido, é?”. O pescador mira bem nos olhos da moça e diz: “Doido não, minha senhora, estava sangrando demais, e não tinha outro apelo”. Ela recuou um pouco, e disse: “Pois, você deu sorte de não ter infeccionado sua perna”. José sorriu e diz em seguida: “Eu fui obrigado a fazer isso, minha senhora, Deus *tá* vendo!”[432]. Diante desse relato, assevera Le Breton que o corpo do trabalhador é habitado por movimentos e pelas imagens de sua vida cotidiana e de suas relações com o grupo que está inserido[433]. O saber científico, por outro lado, não vê o corpo ver o corpo inserido em uma realidade social de trabalho e numa cultura específica, gerando conflitos como a visão de mundo do pescador e da enfermeira.

4.6 Conflitos e as resistência na pesca: *aquilo era da comunidade*

Tanto as falas quanto as fontes jornalísticas registram conflitos entre pescadores e o poder representado pelos donos das terras e empresários locais que buscam se aproveitar do turismo iminente e se apropriam dos territórios por meio de empreendimentos, cercando áreas que,

[432] MEROTE, José. Deus tá vendo, minha senhora. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, fev. 2015.
[433] LE BRETON, op., cit., p. 120.

antes, eram públicas, um bem comum, que pescadores e trabalhadores circulavam e usufruíam livremente. Esses conflitos acontecem quando as roças e algumas ilhas começam a ser regularizadas, vendidas, restando ao lavrador pagar uma renda muito alta ou abandonar a roça.

É desse conflito que o senhor Abraão fala quando diz que seus pais viveram a vida inteira trabalhando de roça, mas, que um dia: "devido tanta perseguição dos donos da terra", resolveram abandonar. Esses terrenos cultiváveis foram usados como pasto para inúmeras cabeças de gado, transformado áreas que antes serviam para plantar arroz em grandes pastos. Diz o senhor Abraão: "que se fazia uma roça hoje, brocava o mato, queimava, essas coisas né, mas aquilo só servia um ano, pois no outro ano, o dono d terra botava o gado". Então, os conflitos começam a surgir, com os donos dos pastos e seus vaqueiros, chegando a registrar conflitos, brigas pela terra. Segundo Yara Khoury, a consciência dos trabalhadores se faz em uma articulação entre o passado e o presente. As interpretações que esses sujeitos fazem de si e da vida traduzem elementos de sua cultura e das relações sociais vividas. Essas relações, no entanto, colocavam-se, às vezes, em uma luta continua com forças dominantes[434].

Muitos desses sujeitos que são invisibilizados e silenciados ao longo da história só aparecem nas linhas dos jornais quando são violentados ou usam da violência para resolver algum conflito, porque, no mais das vezes, são como se nunca tivessem existidos, "vidas" como diz Foucault, "que só sobrevivem do choque com o poder que não quis senão aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las, vidas que só nos retornam pelo efeito de múltiplos acasos"[435].

Os conflitos dos trabalhadores(as) com o poder estabelecido vêm de longa data e se faz presente até nos dias de hoje. No dia 25 de fevereiro de 1988, por exemplo, um grupo de vinte e cinco pescadores das comunidades de Cal e Tatus se dirigem até a Capitania dos Portos, órgão responsável pela inspeção do fluxo das vias marítimas e fluviais, denunciar um crime ambiental. Na manhã do dia anterior, quando se dirigiam para pegar suas embarcações, notaram que uma cerca fora levantada no local que tinham costume de atracar suas canoas. Na capitania, não conseguiram falar diretamente com o capitão, mas "[...] comprometeram-se, entretanto, ir àquela comunidade para resolver a questão".

Quando os pescadores retornaram ao Porto, notaram que nada havia sido feito, e que a Capitania só procurou e conversou com os mandantes da construção da cerca. Revoltados "a única saída, àquela altura, era derrubar a cerca. E, assim fizeram". A Polícia Militar é acionada,

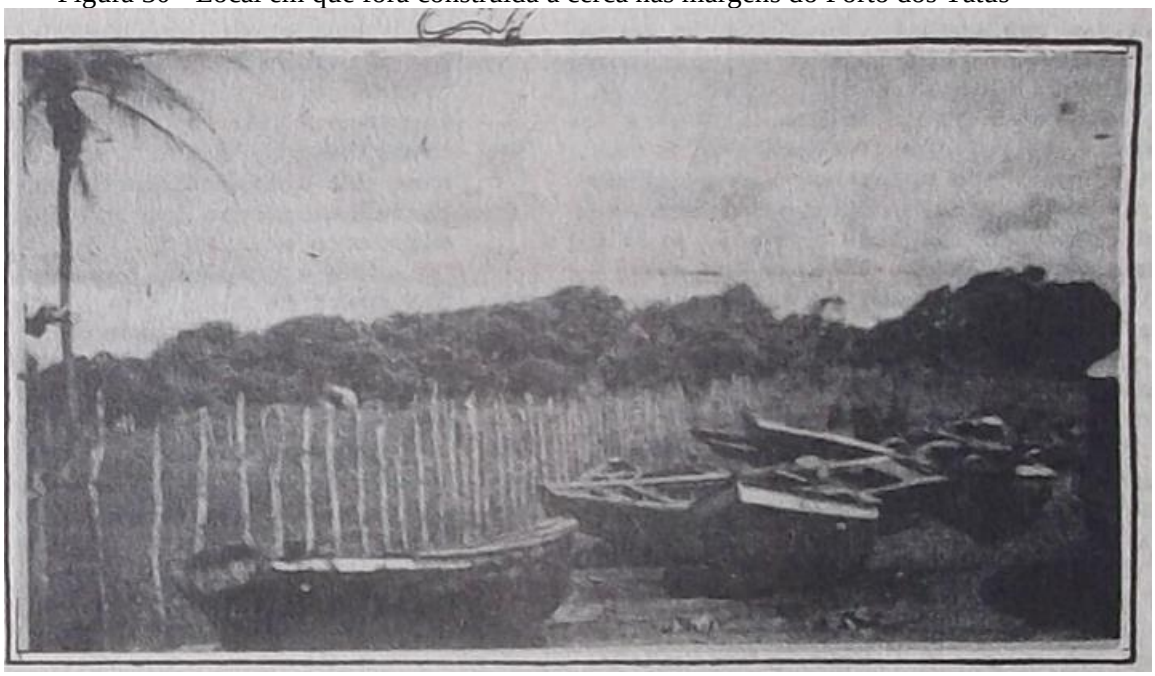
---

[434] KHOURY, Yara Aun. *O narrador, as fontes orais e a escrita da história.* Org. MARCIEL, Lara Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. *Outras histórias: memórias e linguagens.* São Paulo: Olho d'água, 2006, p. 31.

[435] FOUCAULT, Michel. *A vida dos homens infames*. In: _____. *Estratégias, poder-saber: ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2003, p. 208.

e, no dia seguinte, ao chegarem na comunidade, prenderam Anísio Pereira dos Santos, Nonato Pereira dos Santos, Francisco "Selê" (menor) e Francisca Chagas Viana". Segundo a reportagem, abordagem militar foi muito violenta. O senhor Francisco, por exemplo, pai do menor, diz: "meu filho levou tapa na cara e socos no estômago. Sua cabeça, jogaram contra a parede. E, ficou por isso mesmo". D. Maria das Dores Costas dos Santos, mãe do menor, "foi quem, aos gritos, conseguiu impedir outras torturas". O resultado é que o grupo de pescadores foram levados ao Terceiro Distrito em Parnaíba - PI, e o menor, Selê, "ficou detido na delegacia dos Morros da Mariana"[436].

Figura 30 - Local em que fora construída a cerca nas margens do Porto dos Tatus



Fonte: Jornal Inovação, 1988, p. 3.

Esse episódio de luta pelos espaços naturais de significação do pescador, contra a expansão privada, foi registrado pelo jornalista Reginaldo Costa, que vai até o Tatus, ouvir os anseios do povo. Lá, se depara com outras situações alarmantes, como por exemplo, as obras do Banco do Brasil, através do FUNDEC, que "aplicou recursos nas comunidades do Tatus e Morros da Mariana, construindo escola, fábrica de gelo, pilador de arroz, fábrica de beneficiamento de caranguejo"[437], porém, nada disso funcionava, todas desativadas, e não serviam ao pescador. Inclusive, a tal fábrica de gelo fora construída em local inadequado, e os pescadores reclamavam: "nós não temos barco de pesca pra comprarmos gelo e irmos para o

[436] COSTA, Reginaldo. Ilha Grande na hora da verdade. Jornal Inovação. Parnaíba (PI), 1988, p. 3.
[437] COSTA, Reginaldo. Ilha Grande na hora da verdade. Jornal Inovação. Parnaíba (PI), 1988, p. 3.

mar. Nossa pesca é mesmo aqui pelo rio"[438]. Por outro lado: "O cais, tão prometido, ainda não foi construído nem ninguém da informação de onde esteja o dinheiro"[439].

Figura 31- Obras financiadas pelo BB para beneficiar os pescadores do Cal Tatus



Fonte: Jornal Inovação, 1988, p. 3.

A reportagem tinha como objetivo comprovar a corrupção por parte da Colônia dos Pescadores e Associação de Moradores responsáveis por receber os investimentos e construir a obra, mas, segundo a reportagem, não passavam de "fachadas", ou seja, apenas aparências que não beneficiava os pescadores. O presidente da tal associação, o Sr. Marcelino, é acusado de praticar assistencialismo usando os recursos da instituição, e, ainda, de ser um "*cupincha*" dos Silvas. As críticas, em dado momento do artigo, se dirigem a Família Silva, que, na época, governava o poder local, pois Joao Silva Filho era o prefeito da cidade de Parnaíba. Segundo o jornalista, "essa família só entrava na Ilha Grande de Santa Isabel em época de eleição"[440], fomentava a miséria e pouco ou nada havia feito em prol dos ribeirinhos. Na verdade, o jornalista sabia que as ilhas sempre foi um reduto político dos Silvas, e, através de sua prática jornalista, visava conscientizar a população sobre a suposta exploração da comunidade.

Apropriação indevida das margens dos rios que vem ocorrendo ao longo dos anos no porto dos Tatus é um pano de fundo para se observar problemas mais graves, como a não representatividade do pescador, obras escusas construída em nome da classe que não eram usufruídas pelos mesmos, como é o caso da fábrica de gelo, a casa de beneficiamento de caranguejo e o cais que nunca fora terminado. O jornalista usa palavras como humilhação, exploração, conscientização, visando sensibilizar a chacoalhar os leitores, da mesma maneira em que provocava as comunidades que visitava, alertando-os sobre o quanto era explorados, abandonadas, necessitando que usassem novas formas de organização política para lutarem

[438] COSTA, Reginaldo. Ilha Grande na hora da verdade. Jornal Inovação. Parnaíba (PI), 1988, p. 3.
[439] COSTA, Reginaldo. Ilha Grande na hora da verdade. Jornal Inovação. Parnaíba (PI), 1988, p. 3.
[440] COSTA, Reginaldo. *Ilha Grande na hora da verdade.* Jornal Inovação. Parnaíba (PI), 1988, p. 3.

contra a opressão oriunda dos grupos politiqueiros que se aproveitavam dos pescadores artesanais.

O curioso é que essa situação dos pescadores e catadores de caranguejo no final dos anos de 1980, se repete nos dias de hoje. Segundo a marisqueira Maria Luísa, os pescadores e pescadoras lutam todos os dias para restabelecer seus espaços no Porto dos Tatus, uma das entradas para o Delta do Parnaíba, que, atualmente, se encontra tomado por barcos e lanchas que trabalham em prol do turismo, assim como por bares restaurantes que cada dia avançam sobre o rio, expulsando os barcos e pescadores para outras áreas, mais afastadas do Porto. "Com esse negócio de turismo", diz a pescadora: "te juro ficávamos mais de uma hora pra poder sair lá do porto, porque as lanchas estavam tudo ali, e não deixavam a gente sair". Ela fala de cercas mais eficientes, de concreto, de barcos grandes e resistentes, que tomam todo porto, de "lanchas que ficam uma por cima das outras, e ficamos exprimidas sem poder sair para pescar". Luísa diz que os trabalhadores do turismo não respeitam os pescadores, seus direitos e espaço:

> Se eu venho canoa carregada de marisco, porque esses barcos e lanchas grandes não diminui a velocidade, *pra* respeitar os pobres trabalhadores artesanais, que sempre pescaram nesses rios e igarapés, muito antes do turismo. Quando esses barcos chegam, quero que você veja, eles bagunçam esse rio *todim*. Quando eles passam pela gente, os banzeiros chegam quase a altura dessa casa. Eu quando vejo um, paro logo a canoa. Já pensou uma canoa carregada com oito, nove sacos de marisco. Então, os nossos espaços o empresário tomou. E os turistas, para falar a verdade, só deixam *pra* nós é merda ali naquele rio. Porque, não sei se vocês sabem, eles descarregam as fezes do barco ali no porto[441].

Luísa fala do conflito entre os pescadores artesanais e os empresários do turismo e suas lógicas de mercado e lucro, que não incluem o pescador no processo. Ela narrar das dificuldades do pescador se locomover no rio por causa das lanchas rápidas, dos barcos grandes que não respeitam os trabalhadores, além de falar sobre a poluição dos rios, já que muitos desses barcos jogavam os dejetos na água, deixando para os moradores e pescadores a sujeira e mau cheiro. Conta da luta dos pescadores contra a poluição da água, e do quanto o turismo cresce e desenvolve marginalizando os nativos e, sobretudo, os pescadores, que pouco ou nada lucram desse processo.

Antes de concluirmos o capítulo, deve-se deixar claro que os ruídos dessas inúmeras práticas e fazeres, que se processavam em linguagem do corpo, por meio dos movimentos de trabalho, são, também, práticas de resistências, ou seja, lutas pela sobrevivência diária.

---

[441] SANTOS, Maria Luísa de Sousa. *Eu pulava na canoa e me escondia, pra não pagar.* Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 29 de outubro ade 2020.

Portanto, a luta contra o poder não ocorria, somente, pelo confronto direito, mediante o boicote, a violência, o engajamento em organizações associativas, sendo apenas uma das faces da resistência, abarcando as microresistências, as pequenas e sub-reptícianas práticas de trabalho, operações, saberes, que visavam jogar com ordem imposta, criando e recriando-se, no intuito de sobreviver mais um dia.

Nesse capítulo vimos que o trabalho fica no primeiro plano da memória, pois são memórias gestuais que ocupam parte considerável da lembrança, sendo toda essa operacionalidade uma forma de agir sobre o mundo, uma necessidade de sobrevivência que se repete diariamente, incorporando-se as percepções, reações, gerando uma série de fazeres e saberes, que, são mais agidos que pensado. Lembram do corpo como um instrumento de trabalho que, aos poucos, com gestos paulatinos, vão abrindo linhas de significação no seio da natureza. Vimos que o trabalho nas beiras, nas ilhas, é marcado pelas multiplicidades das tarefas, e os afazeres vão da roça para casa, da natureza para o universo domésticos, tendo as mulheres, nessa dinâmica, uma importância fundamental. Além do mais, todo trabalho e atuação social é confrontado com poderes que visam controlar e se apropriar da natureza, gerando resistências por parte do pescador, que, ontem e hoje, luta para manter-se digno trabalhando na/ela natureza. No capítulo seguinte, vamos continuar falando do trabalho, detendo-se nas memórias relacionadas ao imbricamento entre a ilha e o centro de Parnaíba, no comércio dos produtos, adentrando em novos espaços e tempos.

CAPÍTULO V: A ILHA E A CIDADE / OS RIOS, ROÇAS E O MERCADO: a gente precisava chegar cedo para pegar um bom lugar

A luta contra a lama, as marés, as ondas nervosas, o mangue bruto, as esporadas, cortes, lesões não eram nada comparadas a luta contra a cidade, esse monstro estranho, aberrante, que os trabalhadores tinham que enfrentar diariamente. O destino era o mercado, local em que vendiam gêneros diversos, daí a necessidade desse movimento entre a vida na água, nas roças, até o centro da cidade. O centro é, na verdade, a representação de um rosto harmonioso, ligado ou compartimentalizado, melhor dizendo, pelos seus membros, regiões menos nobres, lugares compreendidos, muitas vezes, como áreas do vício, excremento e das doenças. Nas palavras de Maria Estella Bresciani, a cidade é um monstro aberrante de cabeça imensa, em total desproporção com seu corpo, por isso mesmo é contraditória, desumana[442].

5.1 Enfrentando a terra e lama

"A Ilha Grande de Santa Isabel é o celeiro do Norte do Piauí, pois metade dela é coberta de uma cultura permanente de hortas e legumes"[443], diz uma reportagem do *Jornal do Piauí*. Nota-se, que a necessidade do mercado era imensa, assim como os mercados e os moradores das áreas nobres necessitavam da Ilha Grande Santa Isabel e povoados, considerados celeiros do norte do Piauí, tamanha o cultivo de gêneros alimentícios e pescados, como indica a matéria jornalística. Quando vamos para entrevistas, deparei com narrativas que falam desse lugar como esse celeiro farto, repleto de peixes e frutos. O Senhor Batista Gregório, por exemplo, descreve essa região insular parnaibana como prospera, afirmando que era um "celeiro de Parnaíba sim", porque toda produção de arroz, banana, rapadura, além dos pescados em geral, eram levados para o mercado de Parnaíba, associando essa fartura aos engenhos, aos burros de carga que saiam dos Morros da Mariana abarrotados de produtos.

> Nossa região era farta. Tinha gente aqui que tinha 45 jumentos para levar produtos para Parnaíba, porque tudo se levava para lá. E nesse tempo não tinha estrada, não tinha nada. Quando chegava lá na beira do rio Igaraçu, 4 horinhas da manhã, se o passador tivesse do outro lado, a gente gritava "fulano de tal estamos aqui!", para que atravesse as mercadorias para vender. Era assim... Na época, lembro, o passador não usava nem remo, era na vara apoiada no

[442] BRESCIANI, Maria Estella. *Metrópoles: as faces do monstro urbano*. Rev. Brasileira de História. São Paulo, v.5, abr.1995, p. 58.
[443] *Ilha Grande de Santa Isabel está alagada*. Jornal do Piauí. Teresina, 5 de abril, 1974, p. 07.

> peito, por causa das correntezas que eram muito fortes. Nas roças tudo que se plantava dava. Para você ter uma ideia, aqui na Ilha mesmo tinha 5 eengenhos: bem aqui no Santo Isidório tinha um; por trás da ponte tinha um alambique; lá no campo de Igarapé, tinha um engenho também; no Cipoal, outro engenho. Aqui se vendia muita cachaça, banana, manga, ou seja, era muito fartura. Lembro que os jumentos saiam com cangalha cheia de arroz, farinha, rapadura, banana, peixe. Meu avô, por exemplo, levava muito caranguejo todo santo dia[444].

É surpreendente o otimismo da fala que se esforça em dizer do quanto o povo era trabalhador, e mais: a terra fértil, capaz de "vingar" qualquer semente, pois tudo florescia, e toda produção desse celeiro se levava para Parnaíba, em burros de carga, repletos de banana, caju, arroz, manga, farinha e tantos outras iguarias produzidas nas roças, engenhos e alambiques instalados em todos os cantos da Ilha. Sobre especificamente os engenhos narrados pelo Senhor Batista, uma reportagem do Jornal Inovação de 1988, dá sua explicação para a decadência desses mecanismos de produção que transformava a cana de açúcar em diversos produtos, fomentando a economia do povoado em outros tempos. Como diz o Jornal: "A extinção da navegabilidade do Rio Parnaíba provocou a morte de dezenas de alambiques e engenhos que industrializavam a cachaça e a rapadura ao tempo que se constituíam fator gerador e empregos"[445].

Figura 32- Engenho localizado no Canto do Igarapé, 1955



Fonte: Encontrada no livro Os Lucianos (Arquivo do autor, João da Cruz), p. 61.

Curioso o fato como se referem a Parnaíba, como se fosse um espaço apartado da Ilha Grande de Santa Isabel, ao mesmo tempo que o centro é visto como a própria Parnaíba. Isso se

[444] COSTA, Batista Gomes. *Quando se tinha um inverno bom, era peixe a fole*. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, fev. 2015.
[445] COSTA, Reginaldo. *Ilha Grande na hora da verdade. Jornal* Inovação. Parnaíba (PI), 1988, p. 3.

explica porque era no centro da cidade que se encontrava as igrejas, as praças, os consultórios, as farmácias e os mercados. Sabem que o centro da cidade é ocupado pelas casas mais belas e as famílias abastadas, contrapondo essas imagens com as imagens de si mesmos, (os operários, pescadores, lavradeiras, artesãos, os moradores das beiras), ou seja, pessoas simples que necessitam dos mercados e dos serviços oferecidos pela cidade. Observa-se o quanto espaço urbano é fragmentado, e, no mais das vezes, o centro é confundido com a própria cidade, pois lá se concentra as atividades comerciais, os serviços de gestão, a área industrial e novas formas de lazer[446], diz Roberto Lobato Correia. Ao rememorar sobre a cidade, prevalece a imagem dos prédios, serviços, o mercado e as mudanças e reconfigurações do espaço. Sandra Jatahy Pesavento, ao falar sobre a centralidade urbana, alega que o centro está tão presente nas memórias porque foi durante muito tempo uma espécie de cartão de visita da cidade, deixando marcas e referências identitárias, e, mais do que núcleo original, é o ponto nodal de uma aglomeração[447].

Os moradores dos povoados que constituíam a Ilha Grande eram dependentes dos mercados de Parnaíba, ou seja, ao centro, esse ponto nodal, lugar que vendiam seus produtos como o peixe, o camarão, o murici, o caranguejo etc., e adquiriam os mantimentos para suprir a necessidade da família. Esse deslocamento até o centro da cidade, entre as décadas de 1960 e 1970, era muito complicado, segundo os relatos. Podemos enumerar os principais motivos: ausência de estradas, pavimentação, e, obviamente, transporte público; inexistência de pontes ligando a Parnaíba continental à Parnaíba insular - constituída pelas Ilhas que compõem o chamado Delta do Parnaíba.

Esses fatores obrigavam os trabalhadores(as) a acordarem cedo, durante a madrugada, e, com balaios na cabeça, faziam peregrinações em grupo rumo ao mercado central de Parnaíba, caminhando por veredas de chão batido, desviando-se de carnaúbas, enfrentando áreas lodosas, num caminhar firme e sem distrações, num silêncio absoluto entrecortado por cantos dos insetos e bichos e conversas corriqueiras. Ao longo da caminhada, existia pontos estratégicos parar descansar e comer algo. Depois, seguiam em frente, até as margens do Rio Igaraçu, rio que dividia o centro de Parnaíba e Ilha Grande. Ali, colocavam o balaio no chão, à espera do "passador", o homem responsável por atravessar pessoas e produtos de uma margem a outra do rio, usando de varas para manejar sua canoa, ou batelão, como era chamado esse transporte.

---

[446] CORREIA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo: Editora Ática, 2003, p. 7.
[447] PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História, memória e centralidade urbana*. Rev. Mosaico, v.1, n.1, 2008, p. 4.

Mas, antes de nos debruçarmos sobre o que as memórias do espaço da cidade e mercado, vamos nos atentar as lembranças das caminhadas, algo muito recorrente nas falas, detendo-se, nesse primeiro momento, nas lembranças de dona Iraci:

> A gente ia pra Parnaíba era a pé, meu filho. Ah bom... nós saia daqui, às vezes, de madrugada. Eu acompanhava um povo que morava ali pra cima chamado "As Candinhas", umas mulheres que vendiam no mercado. Quando a gente ia pra Parnaíba a gente acompanhava elas. A gente chegava e dizia "Dona Candinha, quando for tal hora a senhora me chama que já estou acordada". E quando de lá ela gritava "menina, menina nós já estamos se ajeitando pra ir pra Parnaíba!" "Iraci!" "Dona Gilvana!", era esse sacrifício. Aí eu no instante me ajeitava e dizia "mamãe, não dá tempo tomar café não" aí eu partia. Botava minha bolsinha e acompanhava as Candinhas com seus balaios na cabeça. Elas vendiam bolo, caju, castanha... E elas passavam muito cedo, meu filho, de 2 horas pra lá. Era cedo. Quando chegava ali na Socorro Melo, ali do lado de baixo, lá fizeram um limpo, era descanso. Ali todo mundo chegava, botava os balaios no chão e descansava. Às vezes, fazia um foguinho pra se esquentar. Era assim o sofrimento. E quando chegava na beira do rio, por volta das 4 da manhã, já tinha canoa, o passador já estava no ponto. E era pago, viu. E ali saia umas três/quatro canoas, cheias de gente, de coisa. Do meio pro fim, eu lembro, foi que arrumaram um batelão pra passar mais gente[448].

Iraci, de 88 anos de idade, o resto arredondado, os olhos pequenos, franzidos, o vestido estampado e bengala do lado, pois se locomovia com muita dificuldade. Ela passava a maior da entrevista escutando, e, da vez que falou, o marido disse que tinha errado o nome de alguma rua, o que a aborreceu. Estimulávamos a falar, mas ela dizia que não sabia de nada, só o marido. Da vez que conseguimos arrancar algo dela, sua fala reverberava com dramaticidade narrativa, força e emoção. Fiquei muito feliz quando lembrou das caminhadas à Parnaíba, período que também se refere pelo "signo sofrimento". Ela, ainda moça, acompanhava um grupo de "balaieras" chamadas de "Candinhas", liderada por Dona Cândida, feirante mais velha, responsável por "puxar o cordão" das mulheres e seus balaios na cabeça rumo as feiras do centro da cidade. Acompanhar tal grupo durante a madrugada exigia algumas formalidades, como por exemplo, os acordos costurados no dia anterior, gritos característicos de dona Cândida na porta das casas, por isso devia-se acordar cedo e ficar de prontidão a espera do grupo, pois não podiam perder a hora da caminhada.

Sobre a hora de sair, baseava-se na forma das constelações, o movimento da lua ou canto do galo, pois, como vimos, esse caminhar estava ligado aos ritmos da natureza, que ditava as horas, os movimentos do corpo. No meio das veredas, era comum deparar-se com grupos de trabalhadores(as) de outras redondezas, formando novos pelotões de caminhantes. Dona Iraci

[448] RODRIGUES, Vicente de Paulo; RODRIGUES, Iraci Silva. *Nesse tempo aqui era tudo parado. Era só areia*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 28 de outubro de 2021.

vai nos levando pelo passeio das balaeiras, desviando-se de garranchos, raízes, a passos apressados em meio ao silêncio acachapante, entrecortado por uma prosa ou chilrear de algum bicho. Ela nos carrega pelos percursos, paradas, pois aquele caminho era repleto de pontos familiarizados em que atribuíram diferentes sentidos, existindo intervalos, paradas e descansos; esses pontos, serviam para recobrar-se as forças, comer algo e, em seguida, seguir em frente até o Porto Salgado a espera das primeiras canoas que as levariam até o outro lado do rio, vislumbrando um novo espaço e novo tempo, marcado pela ebulição de barcos, produtos, estivadores e os almejados mercados.

Figura 33- Balaeiras caminhando com produtos na sua cabeça em plena madrugada em direção ao mercado



Fonte: Caderno de campo do autor, elaborado pelo autor em dezembro de 2020.

Essas caminhas, como se pôde ver, era uma espécie de práticas do espaço, ou seja, maneiras de se relacionar com os pontos, coisas, cantos, percursos, bases etc., estabelecendo uma rede sentido, atualizando a ordem do espaço, desfazendo e refazendo rotas, inventando outras, encurtando distâncias, criando atalhos através do incessante jogo das idas e vindas. O ato de caminhar, como nos diz Certeau, é uma enunciação, uma escrita no espaço, numa mobilidade opaca e cega[449]. E esses trabalhadores escreviam não só nas franjas da cidade, mas no seu centro.

[449] CERTEAU, op. cit., p. 159.

Detendo-se ainda mais sobre as caminhadas, Iraci narra de algo ocorrido no ano de 1967. Na verdade, ela foi meio que forçada a contar. Ela sabia que o terreno da cidade é cheio de códigos que não se domina, gerando constrangimento e vergonhas, que preferem guardar para si. Uma das filhas de Iraci chegou no momento da entrevista, e, notando que se tratava de assuntos sobre o passado, ela pede para que conte a "A história do vestido". Notei que ela relutava, até ficou até enrubescida, fechando acara. Mas essa história já rondava no meio familiar, transformando-se em anedota. Sentindo-se encurralada, resolve contar: "Eu mesma fui a uma procissão da Nossa Senhora das Graças", diz, "eu com uma saiona bonita, toda arrumada. Quando cheguei lá no barreiro, escorrei e cai na lama. Aí tive que tomar banho no rio para poder assistir à missa. O engraçado e que quando cheguei na igreja a roupa já estava seca, he he...". Não era grave, mas a lembrança do vestido feito com esmero pelas mãos habilidosas de uma costureira, maculado de lama, assim como o tombo, fora algo tão constrangedor e vergonhoso que marcou a memória. Dotada de mobilidade tática, banha-se e lava-se no rio, indicando que a espera pelo passador fora demorada, pois, ao chegar na missa, sua roupa já estava seca.

Luísa, entre os onze, doze anos, no início dos anos 1970, acompanhava as balaeiras em suas caminhadas até Parnaíba, feito Iraci. Com seus mariscos na cabeça e cambos[450] de castanhas nos braços, peregrinava pelas madrugadas com o destino ao centro da cidade, as feiras, espaço que vendia seus produtos ou trocava-os por outros gêneros. Antes, tinha que atravessar o rio Igaraçu. Esperava a passador sentadinha nos barrancos de areia, e, quando a canoa aportava, pulava para seu interior e se escondia em meio aos adultos e balaios para não pagar passagem, numa espécie de tática e engenhosidade dos fracos, demonstrando esperteza, irreverência e malandragem, utilizando-se de sutis e silenciosas astucias. Era essa a sua rotina de menina trabalhadora:

> Olha, eu ia no meio dessas mulheres. Botava meus mariscos na cabeça e a gente ia caminhando daqui pra Parnaíba, nós ia junto com elas. Só depois apareceu o carro do Zé Toim. Quando chegava lá tinha umas canoas que atravessava nós. Eu pulava na canoa e me escondia, pra não pagar, porque não tinha dinheiro, e me escondia no meio das mulheres. Aí eu ia vender na feira. Quando a gente não vendia, trocava por banana, carne, né, saia trocando, e era bom porque a gente chegava em casa com aquela coisas tudo[451].

Aos poucos, surge os carros tração, como a "Toyota velha, lotada de gente", transportes capazes de enfrentar a areia e a lama num percurso entre os Morros da Mariana até o Porto

[450] Espécie de colar de galhos retorcidos que serviam como gancho para prender sacos de castanhas ou frutas.
[451] SANTOS, Maria Luísa de Sousa. *Eu pulava na canoa e me escondia, pra não pagar.* Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 29 de outubro ade 2020.

Salgado. Partiam de madrugada, numa viagem única, levando, homens e mulheres, sacos de camarão, latas de frutas, balaios de bolos, caju, marisco, trafegando pela areia, atravessando carnaubais e alargando as veredas. As travessias são uma tônica das memorias, que registram o desconforto, aperto, confusão, grosseria e pressa dos motoristas.

Ao deter-se no fluxo de pessoas e produtos entre a ilha e o mercado, Firmina lembra desses transportes, esmiuçando os detalhes dos bancos, a porta, a escada, e faz isso através de um reconhecimento de imagens, relacionando o evocado a outras imagens, formando uma espécie de quadro. Foi num filme qualquer que ela diz ter visto o transporte que muito se assemelha ao transporte que marcou sua memória. Segundo Halbwachs, com base em Bergson, esse fenômeno chamado de reconhecimento por imagens, algo que se assemelha ao *dejá vu*[452], quando algo visto e automaticamente remetido a imagens do passado, chegando com cores, textura, formato, cheiros. Diz Inácia:

> Antes, a gente atravessava na canoa, e quando chegava do outro lado, o senhor Jorge tinha um caminhão de madeira, aliás todo de madeira, as portas, que ele não era fechado, né, era aquelas portinhas de madeira aberta, viu, que até pouco dia, num filme, eu vi um igualzinho (...). Não era banco separado, e as portas era de madeira, e, para subir, tinha uma escadinha em forma de caracol. Quando não era de carro, era caminhando com um animal. Chegava na beira do rio, deixava os animais amarrado; eles atravessavam, iam fazer as compras e quando voltavam pegavam o animal.

No caso dessa fala, Firmina faz o percurso inverso, aquela vem de Parnaíba e atravessa a canoa em direção da Ilha Grande de Santa Isabel. Na época que se reporta, já existia o caminhão de um homem chamado Jorge, mas, mesmo assim, muitos ainda faziam traçavam o percurso a pé, ou lombo de animal. Na beira do rio, segundo ela, os trabalhadores e feirantes, amarravam seus animais em mourões ou tronco de arvores, e, quando terminavam o trabalho ou compras do dia, pegavam seus animais, fazendo o percurso de volta.

As mulheres laboriosas da Ilha, assumiam diferentes papeis, atuando em espaços variados, muito além da casa e do cuidar, denominadas como "coitadas", não por serem frágeis, mas por realizarem um trabalho hercúleo que se estendia dos rios a casa, chegando aos mercados. "Coitadas das mães!", adverte Pureza, visualizando o rosto suado da mãe, que se acordava de madrugada, depois de um dia de trabalho na pesca ou no interior das matas em busca de frustos, que, com balaios na cabeça, peregrinava rumo ao centro de Parnaíba. Assim como muitas entrevistas, esse tempo do trabalho intenso, em que todos se gastavam no labor,

[452] HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003, p.55.

inclusive velhos, mulheres e crianças, tempo que as distâncias se faziam maiores devido à ausência de infraestrutura, é denominando por ela como "sofrimento". O fragmento abaixo só demonstra o quanto a memória é viva, carregada por grupos vivos, em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e esquecimento, inconsciente de suas deformações, vulnerável aos usos e abusos, suscetíveis a longa latências e repentinas (re)presentificações[453]. Diz Pureza:

> Coitada das mães! E minha mãe era uma. As coitadas botavam o balaio na cabeça e iam pra Parnaíba. A mamãe fez muito isso pra poder criar nós. Era muita mulher aqui nesse lugar. E outra, naquele tempo não tinha aposentadoria. Essas mulher tirava murici, caju, guajiru, castanha, marisco, levava no balaio. Nesses tempos era no passador. Olha como era sofrido: a mamãe saia de casa quatro horas da madrugada, pra ir com aquele balaio, e os grupos iam se encontrando no caminho. As mulheres naquele tempo viviam assim, pescando, trabalhando de roça e vendendo na Parnaíba. Era ali onde tem aquela praça na frente da sapataria São Francisco, e ficava tipo no meio fio da praça, todas elas sentava ali nas pedras, colocava no chão, e vendiam caju, camarão, e foi assim a vida das mulheres daqui. Quando vinha meio dia já saia o dinheirinho e trazia uma coisa[454].

Inácia lembra de um caminhão velho, que, para ignição, usava-se uma manivela, levantando muita fumaça, associado, por isso mesmo, a uma cutuba, ou seja, um grande cigarro de fumo muito apreciado pelos trabalhadores da região; lembram-se da escada, os bancos de madeira, a similaridade com pau de arara – transporte improvisado, desconfortável e inseguro que servia para transportar imigrantes e trabalhadores nordestinos – levando pessoas espremidas por entre bancos, em meio aos caranguejos, camarão e peixes depositados em cestos de palha. Essas travessias no "Cutubão" eram verdadeiras aventuras que a memória registra. "Quando tinha sorte de pegar esse bicho, era bom, porque nós saia daqui de madrugada", lembra Inácia, que na época, acompanhava mãe até a feira de Parnaíba, levando marisco, camarão. Mesmo diante da lotação, riscos, desconforto e mau cheiro de peixe podre ela preferia mil vezes pegar esse transporte, para chegar mais cedo na feira:

> Eu fui crescendo indo com a mamãe pra feira, e quando não ia, eu ia sozinha, você acredita? Com balai, marisco, camarão, piau, essa coisas. Se a gente não pegasse esse caminhão, a gente não encontrava lugar bom pra vender. Nesse tempo o mercado era ali, e as marisqueiras ficavam naquela frente, ali ainda não era calçada, era areia amarela, e a gente ia de madrugada de pé pra pegar o lugar melhor, no pé do portão, porque ele dava pra dentro né, e quem saia e entrava, passava por ali. Tinha gente ali do São José da Boa Vista, que também ia vender manga, banana, e eles por morarem mais perto, tomava o lugar da gente. Por ali não era só as marisqueiras e peixe, existia o pessoal que vendia

[453] NORA, Pierre, op., cit., p. 9
[454] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.

> gênero. Vendia tudo em saco e saca na feira, e ficava naquele meio ali, quando o sol começava a esquentar ficava ruim, aquelas que tinha a banca de vender cheiro verde e tempero[455].

As viagens nesses caminhões de tração podiam ser perigosas, pois são caracterizados pela falta de segurança, já que os passageiros, na sua maioria trabalhadores, homens, mulheres, velhos e crianças, se amontoavam no interior desses veículos, espremidos pelos sacos de frutas e pescados. Os que não conseguiam lugar no interior, se contentavam em ir segurando nas ferragens, pendurados nos lataria, na ânsia de chegar o mais rápido possível no centro comercial. A memória de Inácia lembra de um sujeito chamado Guajiru, um pescador, negro, magro, que vendia seus pescados na feira. Nesse dia, diz que ele não conseguiu vaga, e resolveu se pendurar nas ferragens de um jipe. Na vargem, região alagadiça, constituída por um carnaubal extenso, o motorista e perde o controle e joga o carro em direção de uma carnaúba, bem do lado em que estava Guajiru, que acabou sendo jogado contra o tronco, terminando estraçalhado, vindo a óbito instantaneamente:

> O João de Deus trazia gente até em cima dos capôs, atrepado. As estrada era de chão, barro. O pobre bateu num homem chamado Guajiru, que morreu na hora. Na verdade, ele bateu numa carnaúba, e esse tal de Guajiru fui espremido na carnaúba. (...) O Jipe tem uns ferro assim, não tem? E ele vinha pelo lado de fora, seguro nesses ferros, aí ele saiu de raspão por essa carnaúba, a pancada foi inteira nesse homem, que cai no chão. O João de Deus teve que fugir, senão iam matar ele[456].

Os trabalhadores precisavam chegar cedo no mercado, por isso se submetiam a fazer essas viagens nessas condições, em carros lotados. A memória enobrece a figura do rapaz que vinha pendurado no carro e, numa manobra arriscado, foi espremido contra o pé de carnaúba, jogado no chão, vindo a morrer, tamanho foi o trauma. Ela fala de uma revolta por parte dos trabalhares, que vendo um dos seus ali morto no chão se revoltam contra a imperícia do motorista, que, vendo-se acuado, corre em disparada para dentro do carnaubal, evitando um possível linchamento por parte dos ilhéus.

Toda essa persistência em deslocar-se até o centro de Parnaíba tinha um objetivo: se apropriar dos pontos estratégicos do mercado. Chegando nas adjacências desse local, armavam a banca na calçada, ou esparramavam seus produtos no chão, sobre sacos plásticos e bacias, deixando-os à vista dos clientes que perambulavam pelo centro. Lembra Rosa Maria que:

---

[455] DA PAZ, Inácia Maria Silva. *A gente é criança mas a gente tem vergonha*. Entrevista concedida a Juliana Dantas e Daniel Braga. Ilha Grande/PI. Em 24 de setembro de 2020.
[456] DA PAZ, Inácia Maria Silva. *A gente é criança mas a gente tem vergonha*. Entrevista concedida a Juliana Dantas e Daniel Braga. Ilha Grande/PI. Em 24 de setembro de 2020.

> (..) mamãe vendia verdura na feira, onde é hoje a Praça dos Poetas[457], onde é aquele monte de barraquinha, era o mercado naqueles tempo. O prédio é do mesmo jeito, só pintaram, e não modificaram nada. No meio tinha um galpão, onde vendia os peixes; os mariscos e o camarão na calçada, na banquinha, porque era cheio de banquinha. Hoje é só roupa, né. Dentro era a banca de vender peixe, carne. Agora as verduras, era lá fora, e era no chão, sabe, ali botava as bacias de camarão, caju, marisco, guajiru, e quem passava na estrada se interessava e comprava. Quando a feira tava boa ficava até uma hora da tarde. Quando a gente voltava, já voltava com as coisas de dentro de casa, porque aqui nos Morros da Mariana não tinha. A gente trazia café, açúcar, e até trocava caju por ossada de boi, tripa, essas coisas assim[458].

Os mercados são lugares que a memória evidência, oferecendo uma sensível experencia do tempo que passou, revestidos de atmosférica simbólica, pois é um espaço híbrido, mutante, que, ao longo da história passou por várias transformações[459]. Esse fragmento de memória é capaz fixar um estado de coisas, como: a lembrança da mãe feirante, a cor do mercado, o galpão interno que era restrito a venda da carne e do peixe, enquanto as calçadas eram apropriadas camaroeiras, marisqueiras, vendedoras de frutas – que se transformavam, ao sabor das circunstâncias, em feirantes. Ela complementa que se a feira estivesse boa, ficavam até uma hora da tarde, e, quando retornavam, já voltavam para casa com mantimentos. Se não fosse um dia ruim, elas trocavam produtos com outros feirantes, como por exemplo camarão por açúcar, mariscos por ossada.

Os(as) trabalhadores(as) Morros da Mariana concorriam com as feirantes de outros localidades, como as da Vazantinha, Alto do Batista e Boa Vista, que ficavam mais próximas do centro de Parnaíba. A mãe de Rosa Maria, Inácia e Pureza, vendiam verduras, e, dependendo do dia, também, mariscos e frutas, ou seja, se adaptava a ocasião, buscando sobreviver naquele dia, naquele instante. Descreve a localização da feira, que ficava no centro onde hoje é a Praça dos Poetas, sendo uma espécie de formigueiros de feirantes, ambulantes e camelôs.

5.2 Os donos do rio Igaraçu e as escrituras nas vias da cidade

Para fazer o translado de um lado ao outro do rio, juntando a Ilha Grande de Santa Izabel – e tantas outras ilhas do Delta – ao centro de Parnaíba, o passador/vareiro, estirado sobre a polpa da canoa, vara ao peito, contornado com destreza embarcação, guiando-se pelos canais e marés de uma maneira habilidosa que causava admiração. Logo as canoas eram invadidas por

[457] A praça foi destruída recentemente para construir no lugar o shopping dos camelôs.
[458] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.
[459] NORA, Pierre. *Entre História e memória: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo: dez.1993, p. 22.

pescadores, caranguejeiros, feirantes e pelas "(...) mocinhas que também enchiam as embarcações juntamente com seus balaios de frutas, verduras e guloseimas"[460]. O vareiro observava o movimento com um olhar reprovação, pois o alvoroço era tanto que balançava a canoa. Com a vara ao peito, contornava o barco com destreza, cuidado e calma, falando pouco, e quando questionavam algo, como a morosidade da travessia, o balanço, ele tratava de responder de modo debochado e ríspido, "quem não quer sofrer nasce morto, aí está"[461]. Eram famosos, tanto pela força física, a marca característica abaixo do peito, ou "pelo tronco nu, a faca de marinheiro pendurada na cintura, um grande punhal, o "espin", sua arma, sua companheira, seu tudo"[462]. Segundo Raimundo de Souza Lima, a prosperidade de Parnaíba teve origem com à força física dos vareiros, os homens dos rios, responsáveis por gerar a força motriz responsável por movimentar a economia da cidade na primeira metade do século XX[463].

Figura 34- Representação da chegada dos trabalhadores(as) no porto com seus produtos a espera do Passador/vareiro



Fonte: Caderno de campo do autor, setembro de 2021.

Muito cedo, era possível avistar os trabalhadores encostados nos armazéns, sentados no chão, defronte ao rio, esperando os barcos e canoas que deslizavam pelo dorso do rio Igaraçu. O cronista Antônio Ribeiro descreve como era essa movimentação o cais de manhã cedo,

[460] LIMA, Raimundo de Souza. Porto Salgado, Laborioso e Pitoresco. Almanaque da Parnaíba. 1938, p. 71.
[461] Ibid., p. 71.
[462] BRANCO, Renato Castelo., *op. cit*., p 20.
[463] LIMA, Raimundo de Souza. *Vareiros e outras histórias*. Parnaíba: [Edição do Autor], p. 13.

período que aportava as embarcações repletas de caranguejos, peixes, junto com as balaeiras, as vendedoras(es) ambulantes e todos os trabalhadores em geral que aportavam no Porto Salgado visando ganhar a vida no comércio e movimento do porto ou escoando e vendendo produtos e gêneros diversos no Mercado Central da cidade de Parnaíba:

> Cedo da manhã começava a movimentação no Porto Salgado, quando chegavam os barcos trazendo os pecadores, os catadores de caranguejo, vendedores de frutas, estivadores e consumidores diversos. Os produtos que chegavam cedo ao porto destinavam-se ao mercado central para serem comercializados. Por muito tempo pôde-se ver essa atividade rotineira fazer parte do dia-a-dia do Porto Salgado. Era um ponto de visitação pública muito preferido por tinha atrativos para quem gosta de novidades, visto que constantemente chegavam barcos de outas cidades, estados e até países distantes[464].

No artigo *Perspectiva e Figuras*, publicada em 1940, no Almanaque da Parnaíba, Raimundo de Souza Lima, inspirado na "tarde plúmbea de suave melancolia" descreve, lembra e louva os diferentes personagens que colore a cidade com suas diferentes práticas de trabalho, desfilando na rua e praças com seus apetrechos e vestimentas característicos, detendo-se sobre as balaeiras do Morros da Mariana: "É aí que se colhe o sorriso franco e natural das moçoilas dos Morros da Mariana, com seus balaios à cabeça, tagarelando rumo ao mercado; aí operam o homem da carroça e o varredor, impassáveis, passo tardio, contrastando com o garoto do jornal (...)"[465]. Esse fragmento é uma espécie de experiências (representificações) do tempo, indissolúveis da espacialização[466]. Uma espacialidade retrospectivamente rememorada com base nas pedras da cidade, mas, ao mesmo tempo, ligada aos personagens, figuras que, juntando-se ao espaço, pintam a imagem evocada com mais cor.

5.3 O velho pardieiro municipal

Deve-se frisar a constituição do mercado, que, como vimos, na parte interna, era restrito a venda de carne e peixe, e a externa, que ocupava as ruas e calçadas, destinava-se a venda de murici, caju, marisco, tomando todo o quarteirão. Não faltava clientes, e era comuns os roubos, gritos, engodos. Para se ter uma ideia, segundo as memorias dos entrevistados "era o mercado mais movimentado da cidade". É interessante pensar o mercado para além do espaço do comercio, e sim de um lugar de encontros, pois ali se obtinha notícias dos parentes e amigos

[464] RIBEIRO, Antônio Rodrigues. *Parnaíba, Presente do Passado.* Parnaíba (PI): Grafica Ferraz, 2003, p.
[465] ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1940, p. 61-63.
[466] CATROGA, Fernando. *Memória, História e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015, p. 24.

que moravam em outros cantos da cidade, trocavam experiencias da pesca, roça, se divertiam, contavam causos, traiam e bebiam cachaça. O mercado, na verdade, é um lugar afetuoso acima de tudo, que é recriado e refundado nas reminiscências, na memória do grupo e famílias, estruturando-se uma rede de relações humanas, num espaço de sociabilidade no coração da urbe[467].

No entanto, esse espaço, tão importante para os(as) trabalhadores(as), reconfigurado nas entrevistas como um espaço de memória, desagravam por demais as autoridades e imprensa, pois pregavam um discurso moderno e higienista. Quando se vai para os jornais da época, por exemplo, o mercado Central não era visto com bons olhos, apelidado pelos cronistas que o combatiam nos textos de jornais como "Velho Pardieiro Municipal", antro de infecções e de grandes riscos de incêndio.

Os cronistas, jornalistas, higienistas da cidade de Parnaíba estavam incomodados com a sujeira e desorganização da Mercado Central, e ainda mais por ser bem próximo dos grandes logradouros e cartões postais da cidade. Os feirantes, ambulantes, as "balaeiras" da ilha, e todos os trabalhadores que sobrevivam do comércio, eram diariamente atacados por serem os responsáveis pela sujeira e podridão que se encontrava o centro. Essas trabalhadoras e trabalhadores da beira, se dirigiam ao mercado para vender os gêneros, e esparravam seus produtos na calçada, sentavam e esperavam os clientes, que, ao passarem pela rua, tinham que parar ali de qualquer maneira, pois, se não fosse para comprar, pelo menos deveria diminuir o passo e desviar-se dos sacos de camarão e frutas que se estendiam por todo quarteirão.

Para muitos analistas, as balaeiras, feirantes, os pescadores que necessitavam comercializar os seus pescados na feira, eram os responsáveis por tornar o centro da cidade feio; responsáveis por jogar lixo, deixar restos de peixes e frutas que apodreciam no meio da rua, além, claro, de causarem transtornos aos que por ali passavam. Por isso, muitos cobravam os prefeitos Elias Prado e João Batista Silva, a construção de novos mercados, em áreas mais afastadas do centro da cidade. E aos poucos, esse projeto começa a ganhar força, iniciando com a conscientização dos feirantes, como diz a reportagem do Jornal Folha do Litoral, em 15 de setembro de 1976.

> Os mercados, afinal, mudaram e continuam mudando continuamente. Através da palestra que tivemos com vários vendedores que já se localizaram ali, todos estão se demonstrando satisfeitos. Não se manifestou, absolutamente o que tanto eles temiam: diminuição dos negócios. Aliás, esse receio não tinha justificativa, pois nas áreas em que se situam os novos mercados, existe muito

[467] MOLINA, Ana Heloisa. Registros da paisagem urbana e algumas leituras visuais e escritas: capturas do sensível e os espaços da cidade. História: debates e tendências. V.16. nº2. Jul/dez, 2016, p. 37.

> mais gente morando hoje, do que no resto da cidade. Peça aos céus que tudo corra bem e que em breve vejamos as ruas e praças do mercado velho desentulhadas e livres da sujeira tremenda que as dominava. Aliás, seria uma boa opção se o Sr. Prefeito municipal reativasse o mercado da Ilha Grande[468].

Observa-se que o *Folha do Litoral* fala sobre uma palestra de conscientização com os trabalhadores, que, segundo o jornal, se mostraram satisfeitos, e, aos poucos, foram convencidos que a mudança para outros pontos da cidade não diminuiria a venda, o que se alegava, pois os locais em que construiriam os novos mercados eram cercados de muitos moradores. No entanto, para os(as) trabalhadores(as) da Ilha Grande de Santa Isabel e povoados, que sobreviviam da venda de gêneros, era muito dispendioso se deslocarem a outros pontos da cidade, por isso, muitos continuaram atuando no mercado central até a possível remoção. Até pensa-se, com se ver, em reativar o mercado da Ilha Grande de Santa Isabel, o que não era vantajoso, dado o pequeno movimento.

O primeiro grupo a ser rechaçado do mercado central foi os vendedores de caranguejo, que, em 1979, foram transferidos para debaixo da Ponte Simplício Dias. Segundo as autoridades, eles causavam sujeiras, pois deixavam na rua restos de patas de caranguejo que tornava as adjacências do mercado na mais plena podridão. Já debaixo da Ponte, eles não eram obrigados a ser locomover até o mercado com o calão de caranguejo no ombro, pois, era só atravessar que já estavam de frente para o novo estabelecimento de vendas. No entanto, A. Meneses, reclama da podridão e sujeira que se encontra debaixo da ponte, deixada pelos caranguejeiros dos povoados, indicando que não importava o lugar, pois os trabalhadores e suas práticas incomodam a sensibilidade burguesa em qualquer circunstância. Para o cronista, uma cidade suja era o oposto de progresso, e cobrava atitude das autoridades.

> Quem quiser ver uma mistura de caranguejo com podridão e sujeira é só ir debaixo da ponte Simplício Dias da Silva e encontrará tudo isso de uma só vez.
> É, minha gente, a sujeira é geral. Ver-se-á, ao chegar ali, caranguejos mortos e malcheirosos; como se não bastasse, para complementação de tal cheiro veremos também, montinhos de fezes, espalhados por toda a área.
> Não existe prova mais concreta da falta de assistência àquele local por parte da prefeitura municipal, no que diz respeito à limpeza pública.
> Já o senhor prefeito transferiu do mercado central para lá, as vendas de caranguejo, já devia ter mandado construir um calçadão, contratando pelo menos um homem para limpá-lo, apesar de atualmente a limpeza não fazer parte do nosso cotidiano.
> Não temos um ar poluído, mas continuando assim, rumaremos para tal. Nossa cidade é poluída pelo grande número de sujeira existente em suas ruas e avenidas e praças, em todos os bairros em todos os lugares.

[468] Folha do Litoral, Parnaíba (PI), 25 de dezembro, 1976, p. 6.

> É ou não, uma vergonha?[469].

E, novamente, em outra reportagem de 1979, os jornalistas voltam a se incomodar com os sacos, as bancas, os vendedores no chão, empilhando e esparramando camarão, caranguejo, frutas diversas, tornando-se uma espécie de obstáculos a visão, devido a sujeira visual, e para os pedestres que tem dificuldade em se locomover pelo centro, obrigando-os a andar em ziguezagueando, desviando-se das sacas, bacias, bancas diversas.

> Com a dificuldade de locomoção na parte externa do mercado central, pelo acúmulo de mercadorias que se estendem em várias direções, cremos que é bom de fazer uma revisão da disposição dos produtos dispostos a à venda.
> Referimo-nos as filas de sacos de cereais, banquetas ou estrados, que agora estão muito unidos, por desobedecerem aos espaços regulares de antigamente para permitirem passagem das pessoas de um lado para o outro, sem ser preciso andar muito para acharem o caminho.[470]

Em 1980, os novos mercados foram concluídos, através de um convênio entre prefeitura e governo do Estado. A obra surgiu como um anseio popular, fruto de uma pressão da sociedade. O Jornal *Diário do Povo* não ver a hora das construtoras entregarem a obra para a prefeitura e começar a remoção, algo que não era do agrado dos trabalhadores, sobretudo os ilhéus que relutavam em sair do mercado central.

> Já estão completamente prontos os novos Mercados Municipais, a prefeitura está esperando apenas que o Governo do Estado os receba das Construtoras e os entregues ao Município a fim de providenciar a remoção para eles de todos os locatários do mercado central[471].

Mas, mesmo com a remoção e criação de novos mercados, nota-se que a impressa local pressiona os representantes políticos da cidade que tomem medidas para higienizar a cidade, sobretudo no centro, coração de Parnaíba, tão próximos aos logradouros públicos como a Praça da Graça e a Praça Santo Antônio. Os trabalhadores da Ilha são novamente atacados por sujar e entupir as praças, deixando as ruas infectadas e nauseabundas.

A construção dos novos mercados, porém, não resolveu o problema da sujeira e da feiura que a comercialização de peixe, crustáceos, verduras – produtos que a população da Ilha Grande de Santa Isabel e dos seus povoados como Morros da Mariana, vendiam. Essas práticas tornam-se o inimigo número dos higienistas que questionavam a armazenamento, a procedência e o

---

[469] MENEZES, A. *crônica da vergonha.* Inovação. Parnaíba (PI), março, 1978.
[470] *Correção de filas de materiais no mercado*. *Folha do Litoral,* 11 de setembro, 1979.
[471] *Norte do Piauí*, 6 de janeiro, 1980, p. 6.

antro de sujeira que a venda de tais produtos deixava nas ruas e cantos da cidade. Os jornais, novamente, pedem providencias.

> Todos conhecem as condições completamente antigênicas com que se pratica comercialização de carnes, peixes, crustáceos e derivados, frutas e verduras em geral, nos mercados públicos da cidade. A população está consumindo diariamente alimentos em condições duvidosas por absoluta omissão das autoridades municipais. Além disso, os custos dos gêneros de primeira necessidade têm sofrido desenfreados aumentos, permitidos pela completa ausência de fiscalização dos preços[472].

A vida no mercado podia ser tranquila ou perigosa, dependo do dia, já que o mercado, assim como a cidade, é um espaço circunscrito, planejado, gerido por forças e poderes que impõem disciplina e limites aos trabalhadores. Além de serem vistos como os causadores da sujeira da cidade, os trabalhadores, de vez em quando, se envolviam em brigas, seja com algum cliente, concorrente ou com os administradores do mercado, que impunham certa ordem e controle frente caos do dia a dia.

Muitos desses feirantes, sobretudo aqueles que trabalhavam no interior do mercado, eram obrigados a pagar uma taxa para usufruir do espaço, taxa esta que muitos não pagavam, gerando um conflito entre os dirigentes e os feirantes, os "humildes e pobres vendedores", como diz o jornalista, ao relatar uma situação de fúria e grosseria por parte do administrador do mercado, que terminou por chutar uma banca de uma criança porque não havia pago a taxa exigida. Nota-se que crianças trabalhavam livremente no mercado, e eram tratados como adultos, exigindo deles as mesmas obrigações dos outros. Tal atitude, segundo o jornal, gerou muita revolta por parte da população feirante.

> Uma cena de verdadeira ignorância e selvageria aconteceu dia 7 último no mercado central, quando o "administrador" chutou o banco de uma criança vendedora de azeitonas, simplesmente porque o garoto não tinha três cruzeiros para pagar uma taxa exigida. O ato desumano revoltou as pessoas que assistiram a cena. Um popular indignado interviu "prometendo" ao tão "administrador" que se a façanha se repetisse ele "entraria na peixeira" segundo consta, não era a primeira vez que *os "unha de fome"* cobradores de impostos desrespeitam a dignidade humana e humilham os pobres vendedores que batalham no mercado o pão de cada dia[473].

Não se pode esquecer que muitos dos sujeitos que trabalhavam no mercado usavam da sabedoria da "tripulinagem", ou seja, lançando mão da trapaça, astúcia e esperteza para burlar ou driblar as imposições e regras de apropriação dos mercados. No entanto, a reportagem fala

[472] MAZULO, Luiz Raposo. *O drama da moradia*. Jornal Inovação. Parnaíba (PI), 1988, p. 4.
[473] SILVA, Bernardo. INOVAÇÃO, novembro, 1979.

de um ato de selvageria de um administrador do mercado que chuta a banca de uma criança que não havia pago os três cruzeiros de taxa, revoltando não os feirantes, mas a própria imprensa que, ao longo de muitas matérias, atacavam os trabalhadores, unindo-se a eles contra o "unha de fome" que humilhava os pobres vendedores, a criança trabalhadora que lutava pelo pão.

5.4 A estrada e as ponte são dádivas as gentes laboriosas do Delta

Sobre o deslocamento até o mercado, ele se tornava ainda mais difícil e prejudicial a vida dos trabalhadores(as) no período das chuvas, ocasionando transtornos e mudanças repentinas nos modos de viver, morar e trabalhar. Conforme uma matéria do Jornal *Folha do Litoral,* a cidade de Parnaíba vivia entre intempéries de períodos de estiagem seguida por fortes chuvas que aumentavam o volume do rio, causando inundações na cidade, ameaçando, sobretudo, as populações ribeirinhas.

> Com as constantes chuvas caídas em nossa cidade, o Rio Igaraçu que por causas da estiagem estava com seu leito quase seco, aumentou agora o seu volume da água e já constitui ameaça para as populações ribeirinhas. Continua chovendo bastante em Parnaíba, e se continuar, em breves dias estaremos à volta com problema de inundação, o que, aliás, é muito pior do que a estiagem[474].

As enchentes atingiam a periferia da cidade, como os bairros São José e Coroa, mas também sua região insular, constituída pelos diversos povoados da Ilha Grande de Santa Isabel, como os Morros da Mariana, lugar em mora o Senhor Vicente, que, ao lembra das enchentes, diz: "Em 1974 houve a maior enchente que vi na minha vida. A água batia nos peitos da gente. E, peixe? Vixe Maria, pulava bem aí. A gente andava por esses baixos aí tudo de canoa[475]", indicando que zonas planas e baixas do povoado fora tomada pela água, causando mudança nas rotinas, fato que deixou vestígio em sua memória, atribuindo grande significado, e até mesmo servindo como um demarcador de tempo.

Ao debruçar-me sobre os jornais do período, existe algumas referências sobre essa enchente que marcou a memória dos trabalhadores, afetando os modos de trabalhar, viver, gerando deslocamentos, migrações, mudanças de rotina e o entendimento que a natureza era um ente vivo, misterioso, devastador, com leis e lógicas próprias, que serviam os ribeirinhos na

---

[474] *Igaraçu aumentou volume d'água*. Folha do Litoral (PI), 2 de abril, 1981.
[475] RODRIGUES, Vicente de Paulo. *A gente fazia de tudo para sobreviver.* Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande. Em, 27 de julho de 2015.

maior parte das vezes, mas podia ser sinônimo de destruição repentina. É sobre isso que fala o Jornal Inovação:

> A ponte Simplício Dias da Silva serve de divisa de um mundo para o outro para inúmeros pontos, que no conceito geral, podem se chamar de "povoados". Dentre estes, o Canto do Igarapé, de um povo calmo, sofredor, sempre esperançoso, firmes na crença em Deus e na devoção à São Miguel – Padroeiro. É um povoado nosso, onde o homem é mendigo de tudo, inclusive, dos caçadores de votos que em época de eleições até lá se dirigem procurando vitórias em cima de derrotados.
> O grupo escolar Benedito Freire construído e inaugurado na administração do Sr. José Alexandre Caldas Rodrigues quando prefeito de Parnaíba e que muito fez por lá. As enchentes de 1974 destruiu o prédio totalmente, quando nesta época era o prefeito desta cidade o Sr. Elias Ximenes Prado[476].

O jornalista não fala precisamente sobre as chuvas, mas sim sobre descaso do povoado do Canto do Igarapé, que vive mendigando de tudo, tornando-se uma presa fácil dos políticos populistas que só o visitavam à procura de votos – sendo este tom característico do jornalista ao longo de alguns textos no jornal. No entanto, o que chama a tenção é que a enchente de 1974, a mesma que o senhor Vicente Cândido lembrou como a maior enchente da sua vida, a mesma que atingiu o grupo escolar Benedito Freire, deteriorando o prédio completamente, devido a força e nível da água, afetando a vida das crianças que estudavam nessa escola, assim como as dos pais, que, em tese, também tiveram suas casas alagadas. Era comum esse povoado sofrer com as enchentes, e, quando isso acontecia, muitos se descocavam e construíam casas nas áreas altas dos Morros da Mariana.

Essa mesma enchente de 1974 é não passou despercebido pela impressa da capital. O *Jornal do Piauí,* por exemplo, fala em calamidade causada pelo drama das inundações, que levou a morte de pelos menos três crianças, vítimas de afogamento e doenças decorrentes. Do meio para o fim da reportagem, existe uma preocupação com as populações que vivem na Ilha Grande de Santa Isabel e seus povoados, que, em razão do aumento as águas do Parnaíba, estavam submersas "numa extensão de quase 50 km² e desabrigando mais de 1000 famílias". Mesmo que a reportagem acima procure responsabilizar culpados, nesta, por exemplo, o prefeito Elias Ximenes do Prado se mostra receoso, sobretudo com os prejuízos com a lavoura e criação dos ribeirinhos da Ilha Grande de Santa Isabel, considerada "(...) celeiro do Norte do Piauí, pois metade dela é coberta de uma cultura permanente de hortas e legumes. Enquanto isso a outra parte é o imenso campo de criação de gado, contando com um rebanho considerável"[477].

---

[476]COSTA, Reginaldo. Inovação. Parnaíba (PI), dezembro, 1977, p. 2.
[477] *Ilha Grande de Santa Isabel está alagada*. Jornal do Piauí. Teresina, 5 de abril, 1974, p. 07.

As consequências da enchente na vida dos moradores dos povoados foram tamanhas, destruindo roças, prejudicando a pesca, e, sobretudo, desabrigando centenas de famílias, o que se exigia do prefeito ação. Órgãos do governo federal, através do ministro João Paulo dos Reis Veloso, "remeteram para Parnaíba proximamente 10t de alimentos", que seriam distribuídos nos povoados, os mais afetados pela enchente de 1974. Diz Rosa Maria que em 1974, lembra de muita gente desabrigada, dormindo nos colégios e "(...) que vinham distribuir sacolão bem aí na entrada da cidade, e muitos chegavam lá de canoa, pra pegar os sacolões de coisas"[478].

Em nova reportagem, o jornalista Reginaldo Costa retrata as condições de vida dos ribeirinhos dos povoados de Ilha Grande de Santa Isabel (Morros da Mariana, Cal, Tatus, Canto do Igarapé, Labino etc.), registrando o caos instalado quando chuvas começavam a cair com mais intensidade, provocando inundações, algo rotineiro, mas que traziam consequências trágicas: "As casas (palhoças) enchem-se de água, transformando as vidas humanas sacrificadas"[479]. E, mais: "Os velhos andam no atoleiro, as crianças, as mães com os filhos nos braços, o estudante que transporta sua bicicleta no ombro", diz a crônica, falando sobre as populações do Morros da Mariana e Canto do Igarapé.

A situação sem estende para as condições de moradia, a qualidade da água: "Vivem" os ribeirinhos "organicamente mal, pois bebem água barrenta"[480], diz, alertando para fato de que, até mesmo sobre a luz elétrica, que existia em épocas passadas, já não mais funciona, inclusive "fora retirada do projeto do Polo Nordeste". Conclui refletindo sobre a lameiro que toma conta das ruas: "Os avós que viram seus netos brincarem na lama, hoje serve de visão em relação aos bisnetos"[481], indicando que o problema se arrastava por muito tempo, atravessando geração, e exigindo ações por parte do poder público – como diz todos os seus artigos -, que só entram no povoado na época eleitoral.

Já se ouvia burburinhos sobre projetos e promessas relacionada à construção da estrada que beneficiaria os trabalhadores do povoado e tantas ilhas do Delta do Parnaíba, que sobreviviam à custa do comércio dessa cidade. No final dos anos 60, por exemplo, os políticos já se mobilizavam em prol da estrada, "antigo sonho das populações da Ilha". Diz a reportagem do Jornal que o diretor-geral do DER (Departamento de Estradas de Rodagem do Piauí) aprovou o projeto de "construção da estrada que ligará Parnaíba ao Morros da Mariana, por

[478] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.
[479] COSTA, Reginaldo. Can*to do Igarapé*. Inovação. Parnaíba (PI), 1978, p. 2.
[480] COSTA, Reginaldo. Can*to do Igarapé*. Inovação. Parnaíba (PI), 1978, p. 2.
[481] COSTA, Reginaldo. Can*to do Igarapé*. Inovação. Parnaíba (PI), 1978, p. 2.

recomendação do governador Helvídio Nunes. Vejamos se desta feita o antigo sonho das populações da ilha de Santa Isabel se torna realidade"[482], conclui.

Os jornais da cidade cartografavam uma suposta preocupação por parte do poder público com o turismo e, ao mesmo tempo, um desprezo pelas populações dos povoados da Ilha Grande de Santa Isabel, que até o final dos anos de 1970, não possuía estradas pavimentadas. A estrada que haviam construído ligava Morros da Mariana até a Praia da Pedra do Sal, construída antes da estrada Morros da Marina/Parnaíba, o que intrigava a imprensa, pois, essa obra era considerada "supérflua", "que não tem cunho econômico algum", referindo-se, por esses motivos, ao prefeito João Batista Ferreira da Silva, conhecido "Batista Cabeça Ôca", pela estranheza da obra, considerada "uma burrada e dinheiro gasto desnecessariamente".

Em seguida, a mesma matéria, ironicamente intitulada de *Estada Particular*, vem dizer que o mais importante seria mais importante construir a estrada "Tatus a Morros da Mariana, porque além da importância social, facilitaria o transporte de Morros da Mariana a Parnaíba", considerada essa região de "grande importância econômica, pois o Tatus é grande produtor agrícola, entreposto comercial e forte zona pesqueira". Na verdade, a obra é vista com um afago a Família Silva que possuía terras e empreendimentos na região: "O que se nota é o interesse do prefeito em satisfazer os Silva nesta obra que só virá beneficiar esta família de politiqueiros"[483].

Aos poucos a estrada vem sendo planejada, e o governo Estado já levantava recursos, através do "fundo especial de participação dos municípios, através do governo do Estado". Diz a reportagem: "que já estão sendo processados os estudos para construção da estrada que ligará a Ilha Grande, e, consequentemente nossa cidade, aos Morros da Mariana". A justificativa de tal obra já há muito tempo era reclamada e reivindicada, tanto moradores da Ilha, quanto pela sociedade em geral, pois essa estrada era vista como uma forma de desenvolvimento do comércio local, tendo em vista que "nos Morros da Mariana está o celeiro da cidade, para se poder aquilatar do que representa para nós aquela obra". "Finalmente", conclui a reportagem, "nossas reclamações vão sendo atendidas, que as nossas aspirações merecem a consideração dos que ora impunham o bastão de mando em nosso Estado[484].

O Senhor Augusto Vaz, uma espécie de líder do povoado, suplente de vereador, usa o Jornal Folha do Litoral para denunciar as condições das travessias dos Morros da Mariana até o Porto Salgado (Parnaíba), que, segundo ele, é um trajeto intransponível devido os buracos em

[482] *Estrada Parnaíba/Morros da Mariana*. *Folha do Litoral*, 16 de novembro, 1969.
[483] *Estrada particular*. Jornal inovação. Parnáiba(PI), dezembro de 1979, p. 4.
[484] *Estrada para s Morros da Mariana*. Folha do Litoral, 25 de setembro, 1979.

alguns trechos, responsáveis por causar pequenos acidentes. Ele diz que já denunciou o caso para os poderes municipais e cobra emprenho por parte da administração pública para que olhem para os moradores do povoado e suas dificuldades de locomoção.

> O senhor Augusto Vaz, agente municipal dos Morros da Mariana, e primeiro suplente de vereador grandemente votado naquele povoado, comunicou nos que o trecho da estrada que dá acesso àquele povoado, a partir da ponte que fica a entrada da Vila, está absolutamente intransponível e que devido ao péssimo estado do trecho tem havido ali numerosos pequenos acidentes que poderiam ter se tornado muito trágicos, não fosse a habilidade dos motoristas.
> Disse-nos o senhor Augusto vais que, aliás, já comunicou o fato às áreas prefeiturais, e que manda ele procurar secretarias daquela repartição, mas que nenhuma delas nem ao menos se dignou de mandar um emissário lá, para examinar a situação e tomar as devidas providências.
> Como julga de seu dever, como responsável pelas cousas do povoado, ali zelar pelo bem-estar daquela população, transmitiremos estas informações, a fim de que os que honraram com seu voto fiquem sabendo que a omissão ou o desinteresse pelo assunto não parte, absolutamente, de iniciativa dele.
> A que deixemos este recado certos de que os encarregados municipais desta área atendam a um tão junto à pelo, partindo de uma população aflita ante a iminência de indesejáveis desastres com os membros daquela comunidade[485].

As melhorias só foram surgir no início dos anos de 1970, no primeiro governo de Alberto Silva, que ficou no poder de 1971 até 1975. Seu governo foi marcado por algumas obras que facilitaram a vida dos moradores dos povoados, sobretudo depois das construções da ponte, da estrada Morros da Ilha Mariana e Pedra do Sal a Ilha Grande de Santa Isabel, da ampliação da rede elétrica e outras melhorias. Por essas medidas o nome de Alberto Silva se faz presente no imaginário dos moradores mais velhos, lembrado como "o doutor construtor", "o engenheiro dos pobres", o homem que saiu de seu gabinete e construiu empreendimentos que mudaram a vida do povo mais carente, sobretudo os que viviam isolados pelo rio e pela lama, como os laboriosos da Ilha Grande de Santa Isabel. É dessa forma, que Rosa Maria observa o passado:

> Lá nos anos 70, se não me falta a memória, foi quando apareceu essa estrada. O que o pessoal fala que foi fulano, beltrano... Não! Quem fez essa estrada aqui pra nós, nessa Ilha, e depois colocou energia, os postes de madeira, foi o doutor Alberto Silva. A ponte também foi ele. Ele fez a estrada, depois ele fez a ponte. Ai melhorou, acabou o sofrimento. Então existe dois governadores que ficaram na história. Um foi Alberto Silva, e outro foi o Mão Santa[486].

Não se pode esquecer que os narradores são atravessados por ideologias que perpassam seus discursos, pois se está dentro da história, da ideologia e dos condicionantes do tempo. A

---

[485] *Isto preciso olhado*. Folha do Litoral, Parnaíba (PI), 12-13 de setembro, 1981.
[486] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.

linguagem é modo de produção social que não é inocente, natural, por isso é lugar privilegiado da manifestação da ideologia. Rosa Maria, contudo, se coloca como a testemunha da verdade, rechaçando outras versões sobre a melhoria do povoado, sobre os primeiros projetos de infraestrutura. Na sua cabeça existe um grande idealizador e construtor de tudo isso: o governador Alberto Silva, reverenciado e lembrado como o pai de todas as melhorias relacionadas a vida dos moradores dos Morros da Mariana e adjacências.

Depois de todos esses anos de sacrifício, em que os moradores das Ilhas do Delta levavam seus produtos a pé ou em lombo de animais até Parnaíba, enfrentando água e lama, uma estrada fora construída e inaugurada em 1972. Segundo uma reportagem do *Jornal do Piauí*, em fevereiro de 1972, alertava aos leitores do Estado que os produtos dos trabalhadores da Ilha Grande, no litoral piauiense, já podiam ser escoados com mais facilidade. A secretária de Obras Públicas já vinha construindo uma estrada havia alguns meses, utilizando uma técnica especial chamada na época de pavimentação poliédrica, para suportar as exigências do solo pantanoso, em que deveria constituir-se de camadas de sedimentos, para que assim o nível da estrada ficasse acima do nível das áreas alagadas, que se tornava um verdadeiro lamaçal em algumas épocas do ano. "Para isso foram trazidas pedras de outras paragens", diz o Jornal. Essa obra tinha sete quilômetros de estrada, e ligava os Morros da Mariana e Ilha Grande de Santa Isabel. O engenheiro, Murilo Resende, fala do terreno que: "(...) é pantanoso e tiveram os técnicos, além de lançar mão de aterros e pontes, de usar pedras para poder evitar que as águas danifiquem a estrada construída com muito sacrifício e de uma importância vital"[487].

A obra foi inaugurada com a solenidade na entrada do povoado, com direito a corte de uma fita simbólica, e o hasteamento da bandeira do Brasil, Piauí, da Parnaíba e até mesmo a bandeira da Polícia Militar, indicando a influência do governo militar e sua política desenvolvimentista. Em seguida, segundo o jornal, foi celebrada uma missa de ação de graças pelo Padre Bossouet, o pároco do povoado, que visitava o lugar uma vez por mês. Na oportunidade aproveitou para falar de sua satisfação em ver a construção da estrada concluída, "pois na época do inverno o padre somente ali podia chegar com muita dificuldade e depois de atravessar muita lama e muita água", concluindo ao dizer "das dificuldades de levar a boa nova aquele povo, que vivia numa condição desumana de vida"[488], relacionada ao isolamento e as dificuldades de acesso e locomoção. A obra, porém, é vista como um presente do governador ao povo, e não uma política pública de urbanização, e sim um "Presente que recebia" do

[487] JORNAL DO PIAUÍ. *Uma estrada por demais necessária*. Teresina: 21/21 de fevereiro de 1972.
[488] JORNAL DO PIAUÍ. *Uma estrada por demais necessária*. Teresina: 21/21 de fevereiro de 1972.

governador e dos militares. O padre agradeceu o governador pela dádiva, "em nome da população católica".

O último a falar foi o governador Alberto Silva, que, conhecendo a realidade da ilha, por ter casas, terrenos e fazendas instaladas nesse pedaço da cidade, diz-se "comovido", lembrando de sua infância "vendo aquele povo lutar contra a natureza", no caso, enfrentando a lama e água para vender seus produtos "a fim de abastecer Parnaíba e não deixar que a segunda cidade do Estado entrasse em colapso total", entendendo a importância dos gêneros e pescados produzidos e extraídos pela gente laboriosa das ilhas para economia de Parnaíba, falando em interações e fluxos entre a cidade e suas beiras. Depois desse momento de emoção, o governador fala sobre a política "sadia que vem sendo desenvolvida pelo presidente Garrastazu Médici e pela Revolução de março de 1964"[489], momento em que o general estabelece, por um lado, uma política desenvolvimentista, através da expansão da infraestrutura e fomentação das indústrias, e, por outro, pelo recrudescimento da violência empregada contra os opositores e a institucionalização da censura.

Além dessa obra, o também chefe do estado na época, pretendia construir uma outra estrada bifurcando a estrada dos Morros da Mariana, só que desse vez o objetivo era "levar os parnaibanos à Pedra do Sal". A intenção era ligar Parnaíba – e os turistas que por aqui passavam – à Praia, que, mesmo repleta de belezas naturais, vivia meio isolada. A fomentação de um turismo e geração de renda a partir dessa iniciativa estava como pano de fundo. Mas, segundo o texto, o significado ia além do econômico, pois a preocupação maior era com alma do visitante que deveria ser revigorada com as paisagens, "proporcionando e servindo como que para um caminho terapêutico, tão indispensável ao homem do século XX"[490]. Como se vê, são as paisagens sendo usadas como funções terapêuticas, um movimento espiritual muito em voga nas décadas precedentes e que foi muito apropriado pelo turismo.

As caminhadas e o desconforto durante as travessias sobre o Rio Igaraçu cessaram durante os primeiros anos da década de 1970. Nesse período, como vimos, deu-se a construção da estrada Morros da Mariana a Parnaíba, e, posteriormente, pela construção da Ponte Simplício Dias, "com sua forma de caixão celular de concreto armado e protendido, com nove metros de 20 centímetros de largura total e 300 metros de extensão, com largura de 6 metros"[491]. Essa obra foi inaugurada em 10 de março de 1975 pelo então governador Alberto Tavares Silva e

[489] JORNAL DO PIAUÍ. *Uma estrada por demais necessária*. Teresina: 21/21 de fevereiro de 1972.
[490] JORNAL DO PIAUÍ. *Uma estrada por demais necessária*. Teresina: 21/21 de fevereiro de 1972.
[491] IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades e Vilas: Habitações, Parnaíba/PI. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca catalogo. Acesso em: 11 de abril. 2023.

pelo seu ministro da época João Paulo dos Reis Veloso. Essa ponte, segundo a professora e cronista Maria da Penha, "veio satisfazer os anseios da laboriosa gente das ilhas dos férteis povoados do Delta do Rio Grande dos Tapuias, e veio facilitar tudo"[492]. Facilitou a vida dos estudantes que buscavam "o pão do saber" em Parnaíba, assim como a escoação e transporte de pessoas e produtos, assim como propiciou a exploração do turismo, através do acesso à praia da Pedra do Sal. No entanto os trabalhadores narram do medo de atravessarem a ponte pela primeira vez, e de que o governador só a construiu porque facilitou o acesso as suas fazendas na Ilha.

Figura 35: Construção da Ponte Simplício Dias



Fonte: https://parnaibaemfoco.wordpress.com/fotos-historicas/

E isso que nos diz as narrativas. Quando nos debruçamos nas entrevistas, por exemplo, notamos um interesse pessoal por parte do governador com a construção da Ponte, o que não é captada pelos noticiários do período[493]. Os moradores mais velhos do povoado alegam que a Ponte Simplício Dias só foi construída porque a Alberto Silva queria ligar suas fazendas e terrenos, e todo negócio e lucro que isso envolvia, à Parnaíba, e forma mais civilizada de conexão era através de ponte e estradas. Diz o Senhor Batista Gregório:

> A Ponte Simplício Dias também foi dos anos 70. Essa ponte, é bom falar, deve-se também ao Ministro Reis Veloso, que injetou muita verba no Piauí. Então, o objetivo do Alberto Silva era construir a Ponte para ligar aos terrenos dele aqui na Ilha Grande de Santa Isabel. Mas, é claro, beneficiou muita gente.

[492] SILVA, Maria da Penha. *Parnaíba, Minha Terra. Parnaíba:* [edição do autor], 1987, p. 26.
[493] Muitos jornais utilizados, é bom que si diga, era controlado pelo grupo político do governador.

> Agora pode escrever: Se o Alberto Silva não tivesse esses terrenos aqui na Ilha, ele não tinha construído essa ponte[494].

Figura 36- Ponte Simplício Dias ligando o centro da cidade a Ilha Grande de Santa Isabel



Fonte: https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=449149&view=detalhes

A verdade é que a motivação da construção da Ponte Simplício Dias, que muito desagradou os mais conservadores parnaibanos, que não concordavam com a descaracterização do Porto das Barcas, devido a obra, era a exploração do turismo, através do litoral, mais precisamente a Pedra do Sal. Existia um movimento desenvolvimentista, que visava dinamizar economicamente o Estado por meio das praias, da exploração dos recursos naturais, propicias aos que buscavam o contato com a natureza, essencial para o que se chamava de saúde psíquica.

O cronista Antônio Ribeiro narra os períodos de construção da Ponte Simplício Dias, que leva o nome do seu patrono, que começa a ser executada na década de 1960 pela Construtora A. Gaspar, em várias frentes de trabalho, que durou meses, constituída por duas bases que, aos poucos, foram se juntando, sobre o rio Igaraçu. Muitos moradores de Parnaíba criticaram a obra, como já foi dito, por demolir alguns símbolos da opulência portuária da cidade, algo que os mais ufanistas se agarram com fervor. A verdade é que, apesar dos pesares, a construção da ponte melhorou bastante a vida dos trabalhadores dos povoados das Ilhas.

> Nos primeiros anos da década de setenta, chegaram ao Porto Salgado as máquinas destinadas a executar a obra monumental da ponte que ligaria a

[494] COSTA, Batista Gomes. *Quando se tinha um inverno bom, era peixe a fole*. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, fev. 2015.

> cidade de Parnaíba à Ilha Grande de Santa Isabel. Em seguida a área foi isolada e o canteiro de obras demarcado, quando iniciaram a demolição dos monumentos que ocupavam base da estrutura da ponte forçosamente tinham que ser removidos ou demolidos.
> De forma competente a construtora A. Gaspar executou a obra cumprindo os cronogramas para ela estabelecidos. Duas frentes de trabalho promoviam o avanço da construção, elevando-a para se encontrarem na parte mais alta do vão, para depois finalizá-la, sobre o rio Igaraçu. Esta obra foi executada quando o governador Alberto Tavares Silva administrava o Piauí e foi inaugurada numa manhã de sol do ano de 1972 e ainda hoje é o maior elo de Parnaíba com as comunidades da Ilha Grande de Santa Isabel[495].

Ao mesmo tempo em que afirma a importância da Ponte Simplício Dias para as populações da Ilha e para o turismo, sobretudo para aqueles que vão visitar a Pedra do Sal, R. Ferraz se preocupa com a segurança e firmeza da ponte, que, nos anos subsequentes, apresenta rachaduras que se agravam com as chuvas. Essa desconfiança em relação a segurança da ponte era um temor coletivo, segundo as entrevistas, já que muitos tinham medo de passar por ela, optando pelo serviço dos passadores que ainda funcionou durante alguns anos. Segundo R. Ferraz:

> Não resta a menor dúvida de que a ponte construída sobre o Rio Igaraçu é uma obra de utilidade pública que vem servindo aos habitantes de Parnaíba, aos moradores da Ilha Grande de Santa Isabel e todo aqueles que, em função turística, procuram a famosa Pedra do sal para realizar, naquela bonita praia, temporadas balneárias. A ponte sobre a qual nos referimos, com a passagem do inverno do corrente ano, sofreu danos prejudiciais ao trânsito de veículos e de grande número de pessoas que por ali transitam diariamente para os Morros da Mariana, Pedra do sal e diversos pontos situados na referida Ilha Grande de Santa Isabel. Os estragos feitos pelas águas das grandes chuvas estão situados em maioria na parte correspondente ao aterro feito no lado da ilha. As partes laterais da construção da aludida ponte já demonstram desabamento e no próprio serviço de cimento armado também, e alguns pontos sofreu danos e necessita de urgentes providências para que a mesma proporcione passagem livre aos veículos que por ali transitam[496].

No segundo artigo, meses depois, diante da repercussão da matéria, o autor continua a alertar sobre as chuvas que assolam a Ilha Grande de Santa Isabel, e as consequências para a estrutura da ponte. No entanto, ele meio que se desculpa pela repercussão do artigo, em que duvida da solidez da obra. Por isso, a todo instante, afirma que a Ponte é uma construção segura, solida e moderna, e, mais, de grande utilidade para as populações dos diversos povoados que compõem a Ilha e, sobretudo, para o desenvolvimento de Parnaíba.

> Referimo-nos, como todos sabem, há uma construção Moderna, sólida, e de grande utilidade para Parnaíba e seus habitantes, que consideram como sendo

[495] RIBEIRO, Antônio Rodrigues. Parnaíba, Presente do Passado. Parnaíba (PI): Grafica Ferraz, 2003, p. 106.
[496] FILHO, R. Ferraz. *Ponte sobre o rio Igaraçu*. Folha do Litoral. Parnaíba (PI), 26 de maio, 1976.

> uma grossa veia por onde circula um sangue do seu desenvolvimento e maior progresso. Por este motivo e tantos outros que bem o sabemos, existirem como sendo de autoridade pública, para não somente os moradores da nossa cidade, como também para todos aqueles que por ali passam livremente, sem preocupações de danos isentos de pagamento de ingressos para as suas passagens diuturnas.
> Para atendimento de todos os bons parnaibanos queremos uma vistoria sobre a famosa ponte que liga a nossa cidade a Ilha Grande de Santa Isabel e há tantos outros lugares habitados pelo povo pobre, que tem a sua vida ligada ao nosso comércio e particularmente aos moradores de nossa invicta Parnaíba[497].

Vimos que as múltiplas tarefas guiadas pelos ritmos da natureza são pressionadas por uma nova força imposta pelas leis do mercado. Sair de casa e percorrer longos trajetos com produtos nos ombros ou cabeça para chegar o mais rápido possível no mercado é uma urgência. Assim, surge um novo espaço e tempo, marcado pela pressa, repleto de regras, disciplinas e códigos que deveriam ser seguidos pelos trabalhadores(as). É só aceitando essas regras nesse novo espaço/tempo que os trabalhadores conseguiriam trocar o suor do trabalho nos rios, roças e matas por ganhos monetários, produtos essenciais a subsistências como sabão, arroz, feijão, carne etc.

Para isso, deveriam acordar de madrugada, vencer a areia e a lama, o rio, através de longas e pacientes caminhadas, para assim chegar ao tão desejado mercado. Por meio dessas narrativas, podemos perceber ausência de infraestrutura, assim como as relações quase uterina entre a Parnaíba continental e insular. Nos jornais, é possível notar essa interconexão entre esses dois espaços, já que a Ilha Grande era conhecida como celeiro de Parnaíba, por isso mesmo, a imprensa da época, pressionava os governos a construção de estradas, de melhorias urbanas que propiciassem um transe mais tranquilo e digno para os trabalhadores. O ápice de todas essas melhorias, sem sobras de dúvidas, foi a construção da Ponte Simplício Dias.

[497] *Ponte Sobre o Rio Igaraçu*, Folha do Litoral, Parnaíba (PI), 9 de junho, 1976, p. 4.

CAPÍTULO VI: MEMÓRIAS E MITOS: Os encantados, morros e matas e o rio

> *Eu sempre perguntava muita coisa. Por que chamaram isso aqui de Morros da Mariana, mamãe? Ela dizia que era menina, oito ou dez anos, quando chegou uma família de três pessoas: uma mulher, um homem e uma filha, lá onde é a Nossa Senhora dos Pobres, ela fez uma casinha lá, de palha foi morar lá. Eles chegaram de fora, do Ceará. Quando eles montaram a quitanda, vendendo um pouquin de arroz, farinha, café, sabão, fumo, né, aí minha avó dizia assim pra mamãe "oh Ritinha, vai comprar fumo, querosene, lá embaixo", e minha mãe perguntava "onde?" "vai lá no Morro da Mariana, vai lá na Mariana". Por que Morro da Mariana? Porque ela fez uma casa lá em cima do morro, e no nome dela é mariana, e todo mundo acabou chamando de Morro da Mariana*[498].
>
> *Uma das filhas da Dona Mariana se casou e foi morar pra banda do Labino. Um dia ela veio pra cá, lavar roupa numa espécie de buraco fundo, ali, perto do Porto, e uma cobra sucuri acaba pegando a neta que brincava na beira do poço. A filha saiu correndo pedindo socorro, gritando "mamãe, mamãe, pegaram minha filha!". Acabara enterrando ela num lugar entre o Labino e os Morros, por ela foi o primeiro corpo a descasar nesse cemitério. Um dia, Mariana estava no quarto quando ver um clarão na sua frente e notou que era sua neta. Essa menina pedia que construísse uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição*[499].

Como diz Diegues, as ilhas são espaços simbólicos onde sociedade insulares criam seus mitos. Portanto, são espaços habitados por seres mitológicos. Na maioria das vezes, inserem-se no cotidiano, rompendo a mesmice do dia a dia, com objetivo de atrapalhar os "(a)fazeres", despertar temor, fazendo-se presente nas matas, morros, encruzilhadas e nas águas. A ilha, portanto, é um terreno dos encantados[500]. Diante disso, questiono-me sobre: Qual o tempo do mito e sua relação com a memória e cotidiano dos trabalhadores(as)? Qual a estrutura dessas lendas e causos? E por que essas "estórias" faziam sentido numa época quem não havia luz elétrica, televisão e as tecnologias da modernidade? Hoje, ainda fazem sentido? Ou estão em

---

[498] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.

[499] RODRIGUES, Vicente de Paulo. A gente fez de tudo pra sobreviver. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, mar. 2015.

[500] Os encantados são, principalmente, os seres animados por forças mágicas ou sobrenaturais que supostamente habitam o céu, as selvas, as águas ou os lugares sagrados. Nesse sentido, a palavra é equivalente ao inglês *fairy*, que também se refere genericamente a entidades mágicas.

via de esquecimentos? São essas perguntas que norteiam o capítulo, deixando claro que não viso discutir os mitos e suas dimensões simbólicas e antropológicas, mas entender de que forma as lendas e causos são registradas pelas memórias dos sujeitos e suas relações com cotidiano, o trabalho e a oralidade.

6.1 O tempo da dispersão e da mitologia: *O terreno dos encantados*

As evocações do passado são marcadas por ritmos da natureza e pelas limitações impostas pelo espaço natural. É como se a comunidade fosse submetida a um tempo vagaroso, que se arrasta por um cotidiano de trabalho nas pescas e roças, um tempo do tecer das redes, incessante, que não tem início nem fim. Existe, portanto, um tempo da comunidade, quem impõe seus próprios ritmos e movimentos e que está fora do tempo consagrado pela historiografia tradicional, dos grandes fatos e grandes homens, que por meio de ações, decretos, interferem na vida de todos.

A memória demarca um tempo que tem suas próprias engrenagens, fora dos grandes acontecimentos, com datações pessoais e coletivas que marcam a vida da comunidade. A memória insular, por outro lado, ignora a cronologia rigorosa da história e suas datas precisas no espaço e tempo. Candau afirma, com base em relatos de camponeses, que, "na verdade, o mais comum é que a memória pareça incapaz de restituir fielmente a duração. A memória encurta episódio se alonga outros, contraindo os acontecimentos".[501]

No texto *ilhas de história*, François Hartog faz uma leitura do antropólogo Marshall Sahlins, que reivindicava explodir o conceito de história a partir de uma experiência antropológica da cultura. Esse antropólogo estudou as ilhas do pacífico e anunciou que a história delas acrescentaria novas nuanças ao passado. Bebendo do pensamento antropológico vigente, sobretudo das teorias de Lévi-Strauss, – que dizia existir sociedades mais abertas as mudanças que vinham de fora e outras mais conservadoras –, Sahlins, defendia que o grau de historicidade dessas ilhas variava, pois, cada ilha sentia o tempo à sua maneira, ou seja, os modos de sentir e apropriar-se do tempo são distintos, assim como os modos de situar-se no presente, projetar o futuro e evocar o passado.

Cada ilha tinha seus próprios regimes de historicidade, e que as escalas temporais de referência do/no tempo não são as mesmas entre os grandes centros urbanos e as pequenas ilhas. Os antropólogos se perguntavam: como os grupos evocam o passado? Como situam-se no

[501] CANDAU, op., cit., p. 87.

presente? Como concebem o futuro? Sahlins, descobri, a partir de suas pesquisas, que os ilhéus tinham maneiras diferentes de narrar, lembrar e viver suas histórias. No entanto, era fato que todas as mudanças e inovações que rompiam sua fronteira impunha um novo modo de ser e uma de uma nova consciência histórica, a partir de novas lógicas (capitalista, cristã, ocidental). Percebe-se, diante disso, "que uma ilha não é uma ilha", ou seja, ela nunca está fechada em si mesma, pois sofre interferências de grupos próximos e distantes, de inovações e demandas externas.

Logo, o tempo da ilha se mistura com outros tempos mais hegemônicos, o tempo macro das políticas sociais e econômicas. Da mesma maneira como os colonizadores brancos ao invadir a América impuseram novas lógicas e tecnologias e historicidades, chocando-se com os modos de vida dos nativos, mas que logo foram assimiladas e ressignificadas pelos indígenas[502]. "As ilhas, ainda que parcialmente isoladas, não se desenvolvem em sistemas fechados", diz Diegues, "pois vivem em ritmos alternados de abertura e fechamento, segundo as formas pelas quais estão ligadas à sociedade continental ampla"[503].

No entanto, o tempo insular irrompe uma cronologia continental, capaz de abrir brechas e fissuras no tempo linear e convencional, fazendo aparecer um tempo fantasmagórico e mítico. Aliás, as ilhas são marcadas por mito fundadores que narram a história dos primeiros colonizadores, situações sagradas, o tempo das origens, o tempo da fartura e da bem-aventurança ventura. Essas histórias lendárias, anedóticas e mitológicas, são elos entre o presente e o passado, despertando uma sensibilidade para outros épocas e tempos. Esses mitos, contos e causos eram transmitidos através de um processo socialização ao longo de gerações, às vezes nas calçadas, nos terreiros, nas refeições coletivas, nos intervalos do trabalho, corroborando com a afirmativa de Mircea Eliade que diz que rememorar os mitos é o mesmo que atualizá-los, absorvendo os segredos das coisas, apreendendo valores úteis a comunidade[504].

Algo mitológico e mágico flutua ao longo das entrevistas: Histórias fantasiosas que habitam o imaginário coletivo. A lenda da Mariana, por exemplo, é uma chave de leitura sobre o povoado, seus medos, desejos, que nasce sob as bênções de Nossa Senhora, tratando de aspectos religiosos e profanos: o trágico, a morte, o deslumbramento, a mudança de curso que toda essa experiência provoca, consagrando um lugar. Mariana é a síntese da comunidade,

---

[502] HARTOG, François. *Regimes de historicidade: Presentismo e experiencias do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 43-64.
[503] DIEGUES, op. cit., p. 89.
[504] ELÍADE, Mircea. *Mito e Realidade.* São Paulo: Perspectiva, 2016, p. 18.

representada como trabalhadora incansável, que sobrevive da pesca e caça, que acessa, por meio do corpo, o espaço, domesticando a natureza hostil, tornando-a habitável para si e os filhos. Como lembra Alessandro Portelli, as narrativas históricas, poéticas e místicas sempre se tornam indescritivelmente misturadas[505]. As memórias, portanto, misturam realidade, fantasia, dados históricos e mitológicos num mesmo plano, fazendo vir à tona novas temporalidades e lugares.

Os mitos e lendas são criações imaginárias que dizem bastante dos sujeitos e os espaços, seus medos e angústias. Encadeado no cotidiano, misturam-se ao trabalho, as matas e rios, fazendo-se presente em situações em que o trivial ora é suspendido por ações miraculosas ou por seres sobrenaturais que visam amedrontar e inserir-se no dia a dia da comunidade. Podemos definir mito como sistemas imaginários compartilhado por uma coletividade supraindividual e intergeracional, capaz de vencer os limites do tempo e do espaço[506], como explica Luísa Passerini no artigo *Mitografia em história Oral*. Esses sistemas míticos abrem uma fissura no tempo, se perpetuando ao longo dos anos através das narrativas que são transmitidas de pais para filhos. O mito, portanto, se articula simbolicamente no interior de uma comunidade, fazendo-se vivo.

Essas lendas e mitos[507] tem uma função social, pois são capazes de fortalecer a coesão das coletividades, já que fornecem modelos para as condutas humanas, lembrando aos homens as possíveis consequências dos seus atos e escolhas, sendo uma espécie de norteador e (re)significador da existência humana.

Embora exista nos dias hodiernos uma negação do fabuloso, os mitos nos oferecem conteúdos transcendentes que podem ser acessados pela memória. Por isso, não podemos olhar os mitos com preconceitos, achando que são criações de mentes tacanhas e infantis. Na verdade, toda lenda é substância viva que se perpetua por séculos na boca dos narradores que dão sentido as histórias e destinos dos grupos, capaz de recriar os elementos mágicos, cenários e personagens, ganhando alma e tornando-se o espírito simbólico de uma comunidade, toda vez

---

[505] PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. Proj. História, São Paulo, 14 fev, 1992, p. 30.
[506] PASSARINI, Luisa. *Mitografia em história oral*. Proj. História, São Paulo, 10 dez, 1993, p. 30.
[507] Existe uma distinção entre lenda e mito. Para Antonio Carlos Diegues, estudioso das Ilhas e Mares. O *mito* pode designar seja uma narrativa sagrada referente aos inícios de uma sociedade, seja uma história apresentada sob forma poética, apelando para a imaginação. Já a lenda é alguma coisa que deve ser lida e, na tradição britânica, tem conotação épica de uma história, coisa que deve ser *legada*, transferida, colhida na árvore da tradição. Segundo ele, ao se falar das ilhas e seus mitos, é praticamente impossível ter uma explicação única e fechada sobre esses mitos e lendas. Ver: DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana**.** *Ilhas e mares: simbolismo e imaginário.* São Paulo: Editora Hucitec,1998, p, 21-22. Já para Mircea Eliade, a diferença entre mito e lenda está nos protagonistas da narrativa, em que nos mitos, geralmente são deuses ou entre sobrenaturais, enquanto os dos contos são heróis ou animais miraculosos, mas que no final todos esses personagens têm uma característica comum: eles não pertencem ao cotidiano. Ver: ELIADE, Mirceia. Mito e Realidade. São Paulo: Perspectiva, 2016, p. 15.

que é contada. Os mitos, portanto, acessam os conhecimentos íntimos do ser, da alma da comunidade.

Tanto os mitos quanto a história são formas de explicar a realidade, e, por isso, sempre andaram juntas. Embora o mito se relacione ao fantástico, e a história a realidade social, essas duas dimensões se concentram em retratar os homens emaranhados dentro de teias de sentido que forjam ao longo das experiências de vida. Aliás, como nos diz Jaques Le Goff, a história dos inícios era uma espécie de cantar mítico da tradição[508]. E a memória, que abarca tanto a história quanto o mito, mesmo partindo do real e do fato acontecido, sempre se desloca por dimensões inconscientes e subjetivas, constituindo imaginários, sonhos e lendas. Não se pode negar o caráter imaginário, acrônico, fantasioso da memória, seu flerte com o sonho e fabuloso. Mesmo assim, elas podem oferecer chaves de leitura para compreensão da realidade, confrontando-se com uma memória que vai criando uma espécie de "Ilheidade", ou seja, representações simbólicas, imagéticas e mitológicas decorrentes da vida insular, expressando-se por modos de ser e viver, com espaços e tempos específicos, distintos da vida continental[509].

Ao logo das entrevistas, percebi que os homens e mulheres entrevistados estavam inseridos numa comunidade em que a oralidade e suas reverberações se conectavam com um reino fabuloso, confrontando-se com dimensões sobrenaturais e inexplicáveis. A história oral, por sua vez, propiciou um diálogo com a dimensão fabulosa que, diga-se de passagem, move-se entre dois polos: um analítico, voltado para os fatos vividos e suas versões; e o simbólico, detendo-se no fantasioso, cartografando ideias, sonhos e delírios em operação com fluxos diversos. Esses dois polos se movem e misturam-se, `fazendo-se, às vezes, indistintos. Entretanto, como adverte Luísa Passerini, o historiador deve estar atento a essas dimensões, revisando velhos procedimentos de análises, "e, sobretudo, não usar o mito do passado para ler o presente, e sim usar o presente para interpretar o mito"[510].

Nota-se que a memória, com sua tendência em olhar o passado com ternura, termina por criar visões edênicas do espaço, representando-o como um "paraíso na terra", pintando com cores vivas, repleto de fartura, reinando em felicidade e harmonia; os dias são claros, radiosos; os trabalhadores(as), por outro lado, venceram toda dificuldade imposta pela natureza a custo de mãos laboriosas. Ao lado dessas memórias edênicas, entretanto, existe uma representação do espaço como a "terra prometida", destinada as primeiras famílias que se instalaram na cabeceira do Delta, enchendo a terra de engenhos e roças. Assim, muitos migrantes que fugiam

---

[508] LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 7ª, ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013, p. 392.
[509] DIEGUES, op., cit., p. 40-41.
[510] PASSARINI, Luisa. *Mitografia em história oral*. Proj. História, São Paulo, 10 dez, 1993, p. 29.

da seca e da fome se instalam na ilha, lugar da abundância de peixes, frutos e água doce, lembrado como um lugar sem males em que reinava a tranquilidade, a paz, o respeito ao próximo, em que todos viviam em comunhão; dormia-se de portas abertas, inexistido delinquência, roubos, drogas e assassinatos.

Na verdade, analisando nas entrelinhas as entrevistas é possível notar silêncios, zonas de interditos, relacionada a violência e crimes que perpassavam o povoado, ligando de maneira direta e indireta as famílias. É certo que essas violências não ocorriam com muita frequência, mas quando surgem, impressionam pela intensa barbaridade. Era comum ficar no ar histórias de suicídios, assassinatos nunca resolvidos, incestos e violências outras que os entrevistados não faziam questão nenhuma de expressar, apenas arejar, arrependendo-se de tocar no assunto, como se devessem ser esquecidas para o todo e sempre.

Se as entrevistas falam de um tempo ausente de violência, assassinato, roubos etc., - o que não é verdade - existiam outros seres que sobrevoavam o lugar, despertando medo nos moradores. Estamos falando de seres mitológicos, lendários que moravam nas matas, fundos dos rios, interior de mangues ou cume dos montes. O medo era algo concreto, assim como essas figuras que rondavam o povoado, ameaçando a ordem cotidiana, tornando o viver do "sujeito ordinário" permeado pelo extraordinário.

6.2 As matas e os montes encantados: *Morro visagento*

Os seres encantados ficavam à espreita e almejavam atrapalhar, assustar e desestabilizar os moradores. Podiam até invadir as casas, mas não de forca corpórea. Lembra Rosa Maria de quando morava da encosta do Morro das Correntes, cercada por matagais. O cotidiano fora abalado por fleche sobrenatural. Em uma tarde, conta ela, depois que chegou rio, cozinhava marisco no fundo quintal , quando, de repente, escuta um grito que vinha de muito longe, mas que, aos poucos, foi se aproximando, envolvendo-a com intensidade. O grito horrendo a fez desmaiar, tamanho o susto.

Durante as caminhadas em plena madrugada, com balaios na cabeça, em direção ao mercado central de Parnaíba, era comum escutar esses gritos que vinham do interior do carnaubal, lembra a marisqueira. Por experiência, tais gritos já não a impressionava tanto, sabia que os seres encantados moravam nas matas, e, para afastar qualquer tensão, tratava de conversar com as colegas, com objetivo de distraírem-se e afugentarem o medo para bem longe. Ao mesmo tempo, confessou que sempre andou sozinha pelas matas e rios, caminhando de

madrugada, mas que nunca surgiu homem para fazer-lhe mal algum, ou seja, roubá-la ou estuprá-la, indicando que o verdadeiro perigo eram "coisas estranhas". Conta ela:

> Olhe, minha casa era bem aí – no lugar dessa casona aí –, era uma casinha que papai fez, e por aqui era mato, tinha tanto mato por aí, e um areal sem fim. Neste dia eu cheguei do marisco já tarde e fui cozinhar e tirar as cascas, porque eu lembro que tinha que levar os mariscos para Parnaíba para uma pessoa que tinha encomendado, e eu precisava comprar umas coisas pra dentro de casa também, por isso estava tirando as cascas do marisco bem ligeiro, foi quando eu escutei um grito, um grito horroroso, só que era longe, de repente esse grito foi se aproximando, ele já estava aqui bem perto, chegou aqui assim oh, outro grito, e com esse grito eu dormi... foi, eu desmaie. Lembro que estava sozinha. Eu tinha só dois meninos, eles estavam dormindo né (...) aí eu, quando o gritador gritou, eu me acomodei assim e cai no chão e dormi, mas eu não vi nada, só o grito horroroso. Engraçado, né, esse mesmo grito a gente ouvia no caminho da Parnaíba, por isso a gente não andava só. Agora de caboco pra avançar nas coisas da gente, roubar ou fazer com gente, não, não tinha. O que tinha era visagem que a gente via, sabe, conversa no meio do carnaubal, essas coisas assim, mas era uma coisa que não atacava a gente pra fazer o mal, a gente só ficava assombrada, e se agarrava nas companheiras, conversando, pra distrair[511].

Maria fala de um "ente sobrenatural" que assustava os moradores do povoado conhecido como Gritador, um ser burlesco, irreverente que gostava de pregar peças com o intuito de assustar, obrigando-as a largarem seus afazeres. Não se via seu rosto, sendo um ente que se fazia presente com gritos, apenas; gritos finos, altissonantes, escabrosos que chegavam de forma intensa nos ouvidos e almas de suas vítimas, pois, muitas vezes, em meio a um grupo de pessoas, apenas uma delas o escutava, aquela mais vulnerável ao medo. Contar histórias como as de Rosa Maria, são também práticas significantes do espaço, pois dizem de um lugar, usando de práticas narrativas que são espécies de bricolagens, ou seja, pedaços de retalhos discursivos, resíduos, detritos narrativos, costurados ao longo do tempo por um número considerado de vozes, acrescendo aqui e ali novas texturas, numa forma narrativa ligada ao mundo e as vozes da tradição. Portanto, as narrativas também são operações que circunstanciam e temporalizam, impondo, por meio da fala, uma ordem constituída por um sistema de signos[512].

Era comum esses gritos aterrorizarem os espaços de transe e trabalho, sobretudo aqueles que trabalhavam no fim da tarde, noite e madrugada, ou seja, em horários indevidos, uma vez que o tal Gritador morava no cume dos montes, no interior das matas, e, inesperadamente, manifestava-se através de gritos, assustando os que não respeitavam os horários de descanso e recolhimento. Por isso, explica Rosa Maria, que as caminhadas até as feiras, durante a

[511] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.
[512] CERTEAU, op. cit., p. 184.

madrugada, era uma prática coletiva, pois os "entes encantados" não atacavam grupos, restringindo-se a envolver as individualidades. No final, reitera que muitas mulheres trabalhavam nos rios pescando e levando seus produtos até Parnaíba, durante a madrugada, e que nunca sofreram nenhum tipo de violência. As grandes ameaças, como se ver, eram as "visagens", ou seja, os seres sobrenaturais. Na verdade, o medo instintivo de poderes e leis que não se pode explicar era compensado por essas manifestações imaginativas. Sobre o assunto, diz Alain Corbin, no livro *Território do Vazio*, que os barulhos da natureza estimulam a fantasia, possibilita o reencontro imaginário com o passado submerso da humanidade e dos indivíduos[513].

O Assobiador, segundo Pureza, vivia nas matas e morros da região, agindo da mesma maneira relatada por Rosa Maria, ou seja, assustando as pessoas que se deixasse impressionar pelos gritos finos, cortantes, que começavam a zunir longe e, aos poucos, se aproximava, como um ser funesto a despontar na frente que quem cedeu os ouvidos. Maria Pureza começa sua narração com uma pergunta, como se a história fosse difícil de acreditar. Ela estava acompanhada da mãe, o que, na sua concepção, dar fidelidade ao relato. Pergunta ela:

> Você acredita que cheguei a escutar o tal assobiador? Foi assim, eu morava ali na Cana Brava, né, aí quando foi uma certa noite eu e minha mãe escutávamos aquele assobio fino que vinha rasgando longe. Eu ouvi tudo! Graças a Deus que não vi nada, só escutei – e nem quero ver. Mamãe disse assim "Maria Pureza, minha filha, aquele ali é o Assobiador que o povo fala". Aí nós fomos pra janela. Pia, nessa época, a gente nem conhecia, chamavam era de jirau[514], que a gente fazia na janela com uma taubinha, uns paus, e era assim. Mamãe eu fomos pra janela e ficamos escutando... Ele ficou acolá, deu uns três assobios; depois ele ficou por aqui assim, pro outro lado, e deu mais outro. A mamãe disse assim, "Viu, Maria Pureza, é o tal Assobiador." Lembro que era um assobio tão fino, mas tão fino[515].

Ela começa por uma pergunta: "Você acredita que cheguei a escutar o tal Assobiador?". Essa pergunta tem o objetivo de testar o interlocutor, averiguando se merecia dividir com ele a história que guardava na memória, embora sabendo que se trata algo mirabolante e sobrenatural. A postura, nesse momento, é de respeito pelo valor e importância de cada indivíduo e narrativa, sendo está uma das primeiras lições de ética relacionada a experiência com História Oral, ensinava Portelli, reiterando que a arte essencial do historiador é arte de ouvir[516]. Portanto, a

---

[513] CORBIN, Alain, op. cit., 237.

[514] Uma espécie de estrutura de tabuas que servia para lavar e depositar louças, copos e pratos sujos, geralmente construída ao pé da janela, pelo lado de fora da casa.

[515] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.

[516] PORTELLI, op. cit., p. 22.

pergunta “você acredita?” é um estreitamento de laços, uma pergunta que serve para analisar o terreno em que será lançada a semente narrativa. O narrador está no controle, pois ele viu, ouviu, e, por isso mesmo, tem a autoridade para contá-la da sua maneira, ou mesmo interrompendo-a, caso note que o entrevistador não a merece.

Para sustentar a fundamentação da história ela usa sua mãe como o personagem principal, que vivência a onda sobrenatural que rondava o povoado, sobretudo nessas regiões cercadas de morros e matas em que morava, a Canabrava, pequeno povoado próximo aos Tatus. Na época, Pureza era uma criança, mas garante lembrar de todos os detalhes e sensações. As duas estavam sozinhas em casa, enquanto o pai numa pescaria noturna. A mãe é a primeira a escutar um assobio estranho, e chama a filha para o pé da janela. Abrem e dão de cara com a mata, escutando um assobio estranho, silvo fino e penetrante. A mãe olha para Pureza com o rosto assustando, fechando a janela de forma abrupta, tapa os ouvidos e diz a ela que estavam diante do Assobiador, uma espécie de encantado. A arte de lembrar, embora sendo profundamente individual, só existe em elaborações estruturadas. A memória, portanto, não é um deposito de dados, mas processo, tornando-se viva e concreta quando verbalizada, valendo-se de instrumentos compartilhados[517]. No caso da narrativa de Pureza, observa-se que as histórias eram socialmente compartilhadas entre os grupos, famílias e comunidade em geral.

As lendas envolvendo personagens amaldiçoados ou lugares encantados, eram narrados de pais para filhos, dos avós para os netos, revividas e reatualizadas em espaços de memória (roças, nas calçadas, no almoço ou jantar, rodas de conversa), numa época em que o povoado não dispunha de energia elétrica, nem televisão, e as pessoas viviam em meio a experiência narrativa, exercitando a arte da narração; época que os moradores se entretinham por meio de encontros celebrados com momentos de prosas e narrações de histórias. Lembro que nas noites de lua, os familiares e vizinhos se reuniam nas portas de casas, nas calçadas, e esses lugares se transformavam em espaços lúdicos de conversação e memória, que visavam sensibilizar e educar, sobretudo as crianças, arrefecendo, por meio das narrativas, os ímpetos desbravadores dos meninos(as), incutindo-os ensinamentos e temores; elas forneciam modelos para conduta humana, ditando regras, lembrando-os das possíveis consequências dos atos humanos, atribuindo novos significados e valores à existência e ações sociais.

Os morros que circundavam o povoado são os lugares habitados pelos personagens principais dos mitos e lendas, como é o caso do Morro das Correntes. As famílias que construíram suas moradas na encosta dizem que se trata de morro encantado. É o caso da família

[517] PORTELLI, op. cit., p. 15.

de Rosa Maria. Contou-me uma história de quando sua mãe tinha oito anos e fora incumbida de comprar mantimentos no pequeno comercio que ficava na parte baixa do povoado. "Era por volta do meio-dia", diz Rosa Maria, hora em que as almas penadas estão à solta, segundo o imaginário local, dispostas a atormentar a vida das pessoas, sobretudo daqueles que não respeitam os horários de paz e descanso. Depois que termina de comprar sal, arroz, sabão, a menina resolve pegar um atalho, justamente por cima do Morro das Correntes, morro que já havia sido advertida diversas vezes que não podia escalar e muito menos andar sobre ele sozinha. Por sua desobediência, teve como punição ficar cara a cara com algo medonho. Conta Maria que:

> A minha mãe me contou uma história de quando ela e meus avós moravam em cima desse morro que hoje as pessoas chamam de Morros da Correntes. Ela tinha 8 anos de idade, quando o meu avô mandou ela ir na quitanda para comprar farinha. Era por volta do meio-dia. Ela vinha com a farinha na mão, por cima do morro, quando, de repente, ela dá de cara com um homem branco, muito alvo, olhos cor de fogo, e parecia iluminado por um clarão, *né*, ele estende a mão pra ela e levanta uma corrente que levava no pescoço. A mamãe toma um susto tão grande, e sai correndo. Então, era comum escutar barulhos de corrente de arrastando durante a noite. Por isso, esse morro *aí* é chamado de Morro das Correntes[518].

"A minha mãe me contou uma história", é uma frase que abre o fragmento, deixando claro que a mãe tinha costume de contar histórias para as filhas, e era usada para educar os espíritos desbravadores e irrequieto das crianças. A família morava na encosta do Morro das Correntes, um dos vários morros que cercavam o povoado dos Morros da Mariana. Mas este, como se pode ver, guarda segredos assustadores. As pessoas que construíram suas casas próximo ao morro contam que era comum escutar correntes arrastando-se noite adentro, caracterizando o monte. A mãe de Rosa Maria, quando pequena, fora incumbida de comprar farinha numa "quitanda" que ficava na parte baixa do povoado. Ao voltar com a farinha nos braços, resolve pegar um atalho por cima do morro, deparando-se com um homem branco, muito alvo, os olhos cor de fogo, iluminado, que levava no pescoço correntes grossas e enormes que logo trata de oferecê-las, mas a menina, que não era besta nem nada, foge as carreiras. Se caso tocasse na corrente, possivelmente ficaria encantada, e não voltaria mais para casa, segundo a crença local.

[518] LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.

Figura 37: Morro das correntes e seu encantando, com base no relato de Rosa Maria



Fonte: Caderno de campo do autor, elaborado em novembro de 2022

Maria Pureza também fala desses lugares encantados que eram moradas de bichos, monstros, seres sobrenaturais, almas penadas, visagens etc. Muitos dos contos e lendas ribeirinhas, como adverte Alain Corbin, fazem das matas e montes como o lugar do castigo[519]. É como lugar do castigo que Pureza representa o chamado Alto do Brejo, que, segundo ela, era "muito visagento", querendo dizer que era repleto de visagens, ou seja, almas, espíritos andantes e encantando de toda as formas e natureza. "O povo lá" continua Pureza "dizia que tinha uma galinha choca cheia de pinto que matava as pessoas. (...) O morro era visagento. Ele não existe mais, pois a dunas engoliram tudo"[520], completa. Além do universo místico que ronda o povoado, ela também fala de outro fenômeno que aflige o litoral do Piauí, o avanço das dunas que engole lugares que os homens depositavam uma carga de sentido e afeto.

Outro morro que também povoa a memória dos moradores era o Morro Gemedor, que fica nas proximidades da Pedra do Sal, em meio a um deserto de dunas altas. Os trabalhadores que saiam para pescar ou explorar as matas em busca de frutas, tinham que escalar esse morro diariamente, pois ele ficava no meio do percurso. Diferente de todos os montes de areia da

[519] CORBIN, op. cit., p. 237.
[520] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.

região que se movem e se desintegram ao longo dos anos, através das forças dos ventos, constituindo novos montes, o Morro Gemedor, segundo Maria, continua estático, parado, fincado no chão feito uma coluna de areia, fazendo-se ver de longe. Na verdade, o que o mantém firme é o fato de ser encantando, dizem, ou seja, ser envolvido por uma áurea mística. Diz Maria:

> Ah, você sabe que lá ainda hoje existe o Morro Gemedor, né. Ele não sai do lugar, você acredita? É um dos Morros mais altos dessa região. Quando você passa por ele, trisca o pé nele, ele geme. Eu lembro que a gente ia pescar, lá pra Banda da Pedra do Sal, e eu passava bem perto dele, e passava bem perto dele, ia devagarinho e passava meu pé na beiradinha do morro, ele roooooooooooo. Era um gemido medonho. E já escutei muito esse gemido ao longo dessas caminhadas pelo morro branco. Mas você sabe por que ele geme? Bem, dizem que um padre fez uma coisa feia por aqui e mataram ele e enterraram ele nesse morro na verdade, é o padre o amaldiçoado que geme. E o gemido é feio, muito feio mesmo, viu[521].

Conta a lenda que um padre seduziu e desonrou uma moça, causando revolta nos moradores, que o perseguiram e o mataram, enterrando-o em cima do morro de cabeça para baixo. O corpo e o espírito do padre foram absorvidos pelo morro, habitando o interior do monte, aproveitando para rogar, através de roncos de lamúrias, que por ele escalasse, usando como artifícios de comunicação gemidos e roncos tenebrosos, terminando, talvez sem querer, por assustar quem, por acaso, o escalasse, recebendo com o tempo alcunha de Morro Gemedor. Sobre a lenda do Morro Gemedor, mas um interdito, marcada por um estupro, lixamentos, violência e o sobrenatural agindo e consagrando espaços místicos em meio a geografia local, criando uma atmosfera de temor e justiça, pois, como vimos, as mãos da comunidade são ágeis e violentas contra todos aqueles que ferem seus preceitos. O padre, por outro lado, termina amaldiçoado e sua alma condenada se misturar ao monte de areia que, ao sentir que alguém põe os pés sobre seu dorso, grita e roga, através de gemidos penosos.

[521] ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.

Figura 38- Visão do Morro Gemedor



Fonte: Arquivo Delta Turismo.

Corbin tem uma explicação interessante sobre o porquê dos rios, matas e morros serem apropriados pelo discurso lendário. Os ribeirinhos, segundo o historiador, usam dos recursos lendários para rechaçar a modernidade, relacionada ao turismo agressivo, especulação imobiliária, empreendimentos em geral, capazes de desmobilizar antigos modos de vida. Os nativos, diante disso, demarcam lugares lendários, tornando-os, dessa maneira, geografias encantadas e, ao mesmo tempo, assustadoras aos visitantes, sendo eles, os locais, os únicos autorizados a entrar nas matas, rios ou subir nos montes, por serem os representantes das entidades que rodam o lugar. É evidente que essa atividade imaginária implica numa recusa a apropriação e exploração econômica dos lugares, cujo contos e lendas reafirmam a (in)disponibilidade[522].

6.3 Os seres monstruosos*: a coisa mais feia do mundo*

Nesse universo, era possível conviver com homens que viravam bichos e mulheres que viravam porcas: velhos(as), pessoas conhecidas, vizinhos eram sujeitos suscetíveis a se transformarem em bichos em noites de luas cheias. Os velhos e velhas solitárias, doentes mentais, pessoas em estado de carência material, em situações precárias e isolados, eram os mais estigmatizados a

[522] CORBIN, op. cit., p. 236.

virarem “bichos”. As narrativas mitológicas quase sempre estão envolvidas em devir-animal, ou seja, em homens que se transformam em porcos, cachorros, lobos. E não são fantasias, apenas, mais realidades que coexistem em tempos e espaços diferente dos convencionais; são seres que se propagam por involução, inoculados por contágio, na maioria das vezes pelos feitiços do diabo. São monstros e bichos que vem de outro mundo, trazidos pelo vento e que fazem rizoma com os montes, as matas, os rios. Portanto, esses contos e lendas mitológicas, com diz Deleuze e Guatarri, são narrativas enunciativas do “devir”[523].

Sobre os lobisomens, afirma Pureza que “muita gente viu lobisomem no povoado”, inclusive o tio dela, chamado de Raimundo Viana, que, ao voltar da casa da namorada sozinho a noite, ao contornar um monte chamado Alto do Brejo – lugar que, como vimos, era encantando –, se depara com um bicho asqueroso e peludo que pula à sua frente. Os dois – homem e bicho – travam uma luta corporal, e Raimundo só consegue se livrar das garras que o sufocam quando lembra da faca que guardava na cintura, desembainhando-a e desferindo, em seguida, um golpe certeiro abaixo do peito do seu oponente, obrigando o “bicho” a se esgueirar e se perder no interior da mata escura. O desfecho da história é um tanto intrigante. Veja o que diz Pureza:

> Tem história de lobisoni, e tem muita gente que viu. O meu tio Raimundo Viana mesmo, ele viu um. Ele era rapaz na época, e morava na Cana Brava, e a tia Bete, que era a esposa dele, morava pra essas bandas aí do Baixão. E certa noite, depois do namoro, ele volta sozinho pra casa. Aqui perto tinha um fulano que o povo dizia que virava lobisoni. Esse homem ameaçava meu tio Raimundo dizendo assim “destá, bichim, que um dia ainda te pego nesse camim”. E o tio Raimundo que não era besta nem nada respondia “Na hora que você quiser”, pois esse meu tio era metido a valentão. Aí, mermão, quando o tio Raimundo voltava pra casa nessa noite, chegando pra lá do Alto do Brejo, um negócio pulou na frente dele, um bicho medonho, estranho, medonho mesmo; um bicho peludo, com o zoião feio, né. E o tio Raimundo Pulava pra aqui, e o bicho rente com ele; o tio Raimundo pulava pra cá, e o bicho junto com ele; o bicho pra cima, e ele se defendendo, até que o tio Raimundo arrastou a faca e pá... deu nele, né, e ele disse que quando meteu a faca, meteu com força mesmo. Só sei que o bicho pulou pra dentro do mato se perdeu[524].

A maneira como a história está narrada é muito curiosa, deixando claro que Pureza escutou a história da boca do próprio tio, que, talvez, fazia questão de contar a história com certo orgulho, aliás, são poucos os que conseguem lutar com um lobisomem, e ainda mais feri-lo. No entanto, “o tal homem que virava lobisomem”, conforme a história narrada, já o ameaçava, pois esse rapaz violava os ditames do povoado, de se recolher em casa depois do

[523] DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vo.4. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 24.
[524] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.

trabalho, nunca sair sozinho, sobretudo nas altas horas da noite. Por violar esses preceitos, tornou-se visado pelos seres monstruosos que rondavam os montes. Na verdade, a liberdade de ir e vir dos solteiros em altas horas da noite era uma ofensa grave as regras sociais do povoado. E, no pé do morro do tal Alto do Brejo, moradas dos encantados, foi surpreendido por um bicho peludo, dos olhos feios, que o agarra e joga-o no chão. A faca que levava consigo para se defender – não dos homens, mas dos seres sobrenaturais – estava na cintura, e com um único golpe, fura o bicho que o solta e se refugia no interior a mata.

Figura 39- Desenho baseado na narrativa fantasmagórica de Pureza sobre o tio que brigou om o lobisomem



Fonte: Caderno de Campo do autor. Elaborada em 13 de janeiro de 2022.

Raimundo, portanto, típico macho do povoado, valente, destemido, trabalhador, que percorre os campos sozinho com faca na cintura, preparado para todos os perigos que noite oferece – não estamos de falando de ladrão ou assassino. Os perigos que rondavam o povoado eram “encantados e seres monstruosos”, no caso, lobisomens, gritadores, assobiadores, e tanto os outros bichos e “visagens” que espreitavam os morros e matas. Raimundo não se contenta em furar o lobisomem, mas vai tirar satisfação com ele, chegando a visitar o homem que o ameaça, o suposto “bicho”. Era só chegar lá e observar se está com algum ferimento, confirmando sua tese de que ele era o tal homem era de fato o lobisomem, o que na boca do

povo já era uma verdade. Chegando na porta disse que queria falar com o tal fulano, mas a esposa responde que está doente, com uma inflamação abaixo da costela. Era a resposta que Raimundo desejava. Na verdade, não era inflamação coisa nenhuma, mas a estocada, o golpe certeiro, não havia dúvidas, pensava Raimundo.

Narrador é aquele extrai da sua experiência o conteúdo de sua narrativa, experiência esta, como nos ensina Walter Beijamin, que é transmitida de pessoa para pessoa[525]. Incorporamos as histórias que escutamos ao nosso cabedal de narrativas. E, cada vez que elas são acionadas, o narrador refaz a história, agregando novas nuances ao fato narrado[526]. Pureza narrava com desenvoltura, admirando-se de cada pedaço, como se contasse pela primeira vez. Imaginava aos seus pés, nos tempos das rodas de conversa, deixando que o ritmo da narrativa se apoderasse de mim, perdendo-me nesse amaranhado de situações fantasiosas e assustadoras. Essa sabedoria narrativa que Pureza professa vem de um tempo que as narrativas tinham importância prática, dimensão utilitária e com viés moral. Hoje essa força das histórias, e seu potencial de dar conselhos, está em desuso, uma vez que as narrativas estão sendo expulsas do cotidiano, torando-se um conhecimento morto. Num mundo de informações e desinformações, da rapidez, fugacidade, descartabilidade das relações mediatizadas, cada vez, pelas tecnologias digitais, resultam no desaparecimento e propagação das narrativas, sobretudo as suas formais tradicionais, ou seja, suas formas comunicáveis, orais, lendárias, assim como desaparece os ouvintes, os que se deixavam apoderar-se pelas histórias. No entanto, ainda é possível encontrar narradores plenos, feito Pureza, que demonstra que a narrativa não se esgota, conservando-se no tempo. Vejo o desfecho da história, que ela trata de emendar em outra, feito de Sherazade:

> O tio Raimundo foi se embora, e ele disse assim "vou esperar até amanhã pra ver o comentário que vai surgir nos Tatus". Aí lembrou da história do caboco véi que disse que ia pegar ele. Foi até os Tatus pra ver quem tinha aparecido furado por lá, pra saber quem era o tal lobisoni. O tio Raimundo foi bater na casa do caboco véi. Chegou lá, a mulher dele foi quem recebeu o tio Raimundo, a Dona Maria, e ele disse assim "Bom dia, cadê seu Paulo?", "Ah, ele tá doente", respondeu ela, "está deitado". Ai meu tio disse "Ah, então tá bom, eu queria conversar com ele, mas ele tá doente, deixa quieto". Aí o tio Raimundo matou a charada. Diacho do véi virava lobisoni mesmo... logo a negrada desconfiou que ele era o lobisoni que meu tio tinha furado...[527].

Ela insiste na história dos lobisomens, só que agora o personagem é seu marido, conhecido como Vigia. Quando jovem, caminhava sozinho por entre as veredas numa noite de

[525] BENJAMIN, Walter, op. cit., p. 198
[526] Ibidem., p. 198-201.
[527] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.

lua rumo a uma casa de festa. No meio do caminho, algo o persegue. Num primeiro momento, pensava ser uma vaca. Escuta os cachorros latindo ao do bicho que o persegue, não restando-lhe outra alternava, a não ser o correr disparadamente. Em determinada parte da vereda, para se livrar do bicho, pula uma cerca, mas é atingindo de raspão no peito, golpe que destroça sua camisa. Quando finalmente se livra do bicho e encontra seus amigos, notam algo estranho. Diz Pureza que eles indagaram: "Vixe, Vigia... rapaz que catinga é essa, tu tá podre, podre, podre. É tua roupa". Ele cheirou assim e sentiu a catinga não teve outro jeito, ele foi em casa trocar de roupa, e disse que essa roupa não prestou"[528]. A marca que o tal bicho deixou na roupa fora um fedor insuportável, de enxofre – representando como o odor do demônio –, levando o rapaz a voltar para casa e trocar de roupa imediatamente.

Outra lenda muito presente no imaginário, fazendo-se viva até hoje é da Mulher das Trouxas. No cume de um monte, morava uma família que sobrevivia da pesca e de caeiras. Só desciam para vender carvão e comprar mantimentos no pequeno comércio no centro do povoado. Dentre os filhos, Maria, menina raquítica e taciturna. Num dia qualquer foi igarapé lavar roupa, e, não se sabe como e por que e nem por quem, é estuprada, resultando numa gravidez. Tenta esconder o bucho, que logo cresce, para revolta dos pais que a espancam e expulsam-na de casa, alojando-se no interior da mata, "feito bicho". A barriga parecia estourar, e, quando necessitava descer em busca de comida, era confrontada por curiosos que perguntavam: "O que é isso na tua barriga menina?". Maria respondia com ódio: "É a desgraça, a peste, a porra e o carai". Em um dia, ao invés de "dar à luz", deu "as trevas", parindo duas aberrações, uma mistura de gente com cães envaidecidos, que logo tratam de lamber as entranhas apodrecida e abocanhar os calcanhares de Maria que, no mesmo instante, começa a chorar e a vagar pelas noites gritando, com uma trouxa de roupa na cabeça. Muitas pessoas já ouviram seus gritos de clamor, como Pureza.

> A Mulher das Trouxas eu nunca vi, mas escutei seus gritos, isso sim. Ela gritava, gritava, gritava. Ela pede ajuda. Duas vezes eu escutei com minha mãe. Muita gente já escutou aqui. O povo dizia que atrás dela tinha um cachorro. Eu não digo como ela é porque não vi. Agora os gritos dela, eu escutei umas tantas de vezes[529].

Assim, como toda boa história, a lenda narrada é repleta de camadas e versões. Segundo Inácia, os gritos de Maria são de dor, mas o choro é de arrependimento, por ter renegado e

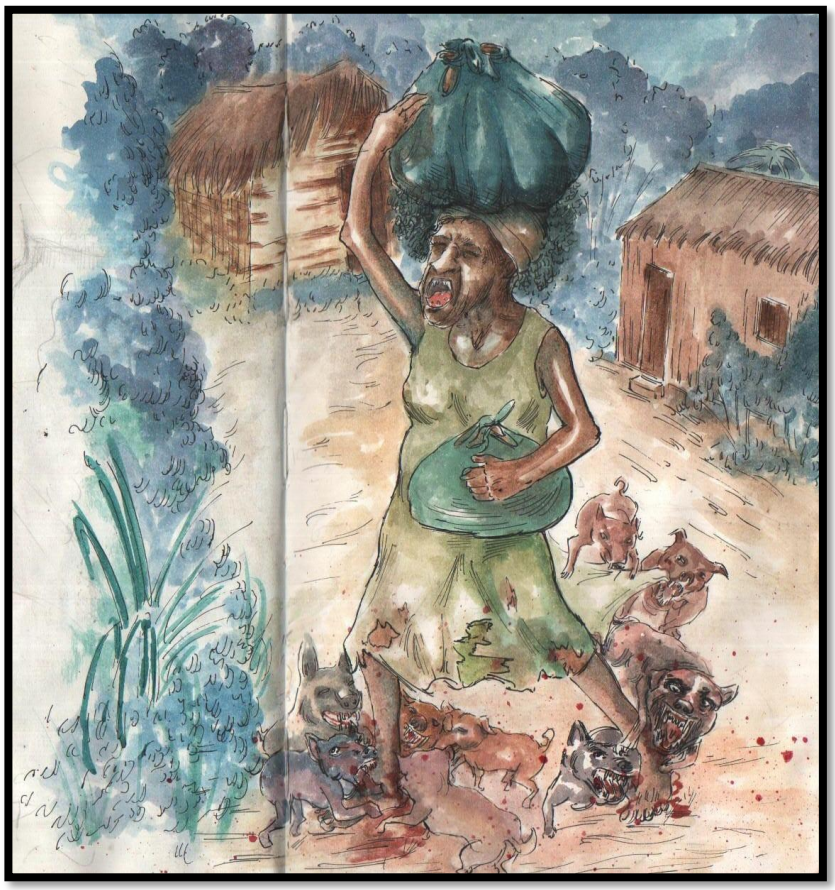
---

[528] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.

[529][529] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.

amaldiçoado a própria gestação. Sua penitência é viver com a trouxa de roupa do seu filho na cabeça, percorrendo as ruas, acompanhada por cães que mordem seus calcanhares. Caso consiga proferir as palavras “Nossa Senhora, eu me arrependo”, a maldição é desfeita, só que ao tentar balbuciá-la, os cães abocanham seus pés com muito mais força, restando os gritos de dor que “arrepiavam a espinha” de quem já ouviu esses gritos.

Figura 40: representação da Mulher das Trouxas com base nas memórias dos narradores



Fonte: Caderno de campo do autor.

Como foi o caso de Maria da Rocha, que escutou os prantos e gritos da mãe amaldiçoada. “Agora ver mesmo”, diz que nunca viu, pois, essas assombrações, só apareciam para quem “não tinha fé em Deus”, o que não era o caso dela, reitera. Maria das Trouxas, assim como tantos outros seres sobrenaturais, escolhia assustar através dos choros e gritos, evolvendo as testemunhas pelo ouvido, despertando, através dos gritos, mais imaginações aterrorizantes que o próprio ato obsceno de ver. Maria da Rocha faz uma reflexão que vai de encontro com raciocínio do trabalho, perguntando-se o por que não se escuta mais os gritos de Maria das Trouxas, chegando à conclusão de que essas aparições assombrosas “eram coisas de outros

tempos", um tempo em que não existia luz elétrica, televisão, celulares, e as noites eram repletas de segredos. "Hoje", porém, "não tem mais isso". Completa Maria da Rocha:

> Ah, quando eu comecei a morar naquela rua, tinha uma mulher que assustava a gente de noite, pois ela passava horas da noite chorando, porque diziam que ela matou o filho dela pequeno, e ela andava na rua com uma trouxa na cabeça. Chamavam ela até de Maria das Trouxas, e ela chorava, e era um choro tão feio, mais tão feio, e ela ainda gritava, "me acode, Meu Deus!", e um monte de cachorro abafava aqueles gritos dela, né, latindo feito o diabo, mordendo o calcanhar dela, e ela, coitada, chorava, chorava... Agora bicho fêi eu nunca vi não, sabe por quê? Porque ele só aparece pra quem perdeu a fé em Deus, viu. Mas aquele que tem fé no coração, não ver nada. Muita gente sabe dessa história, rapaz. Ela passava na estrada e gritava "oh, meu Deus!", chorando, "Morreu meu filho! Quero ver meu filho!", com uma trouxa na cabeça as roupinhas dele, viu. Mas ninguém via, só escutava os gritos dela, meia noite. Mermão, do céu... Essa Maria das Trouxas não passou mais, não. Era muita coisa nesses tempos. Hoje não tem mais isso[530].

O que Maria quer dizer na frase "hoje não tem mais isso", "hoje ninguém escuta mais os gritos da mulher das trouxas" é que ela entende que o tempo passou por transformações e mudanças no campo das sensibilidades. A sua maneira, quer dizer: não se escuta o canto da sereia porque os ouvidos estão preenchidos de ceras: as ceras da televisão, do brilho das mídias, amarradas nos mastros dos aparelhos eletrônicos e a toda sorte de distrações possíveis. E eu vou além ao dizer que as lendas são a respostas a determinado questionamento existenciais em um determinado tempo e circunstâncias, ou seja, elas funcionam até onde elas se veem fazendo sentido dentro de determinados contextos, que, certa forma, legitimam a sua importância. Ao se desfazer esse contexto de recepção e essa temporalidade específica, as narrativas e as lendas automaticamente vão perecendo aos poucos, até desaparecerem definitivamente. Se os mitos e as lendas se compõem de admiração, atualmente já não causam mais espanto a novas gerações.

O mito, como Roland Barthes, é um sistema de comunicação, uma mensagem, um modo de significar, uma forma, mais do que um conceito ou ideia[531]. A lenda narrada visa significar e mensagem relacionada sobre o ideal de maternidade que foi deturpado pela figura de Maria das Trouxas, punida por hostilizar e desprezar a concepção e consequentemente o ideal de mãe. Além da problemática do interdito relacionado ao sexo (estupro), e o fato de engravidar fora de uma relação legitima – aspecto condenável pela comunidade, e até mesmos sobre forma como foi julgada pelos pais e a comunidade em geral, excluindo-a e animalizando-a -, existe a violação do ato de gerar, demonização do parir, através do desprezo pela gestação. Essa mãe

---

[530] ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.
[531] BARTHES, Roland. *Mitologia*s. 4º ed. Rio de Janeiro: DIFIEL, 2009, p. 199.

desnaturada é culpada e responsabilizada por todas as desgraças e castigos que esse tal ato acarreta, restando-lhe agonizar no mais pleno sofrimento. Essa mulher que grita e chora no meio da noite tem um papel de dizer, em alto em bom som, que esse é o fim de toda e qualquer mulher que desprezem a maternidade e gestação, mesmo sendo fruto de um ato violento, pois o aborto ou tratamento indigno em relação a gestação, foge o ideal de mãe perfeita, muito mais agravante que violência sofrida.

As lendas são por si só práticas, e não se pode adquirir ver algo além delas mesmas. São gestos que significam, formando uma rede operações e fazeres de inúmeros personagens, expondo modos de ser, trabalhar, lances, vivências, experiências. As narrativas orais se materializam em uma série de combinações e de operações e se explicam por si mesmas, já que elas também jogam, assim como as práticas – sendo ela mesmo uma prática –, com a ocasião e as circunstâncias. Como diz Certeau, com base em Ditienne, e Jean-Pierre Vernant, o relato não só exprime uma prática, mas ele é a prática[532]. A prática de contar histórias se fazia viva no povoado, sendo algo corriqueiro, pois se misturava ao cotidiano. Qualquer lugar poderia ser um espaço para a contação de histórias, levando em conta o tempo em que o advento e presença delas era algo urgente, a época da luz de lamparinas, das noites de lua, tempo sem mídias e telas, em que reinava uma forma artesanal de comunicação: o narrar histórias.

As lendas são momentos de ruptura instauradoras de sentido. No bojo do conteúdo lendário existe momentos oportunos, epicentros, colisões de interesses, fendas que se abre a transformação do espaço ou das pessoas. Dessa estranheza se produz uma nova lei do lugar, que sai de insondáveis imóveis segredos, e, através de um golpe, modifica ordem local e os sujeitos. O tempo das lendas, com efeito, não obedece a um tempo cronológico. Na verdade, é a coexistência de vários tempos que foge da lei de Cronos, obedecendo a lei Aion, ou seja, tempo em que o futuro e o passado irrompem o presente, numa espécie de "devir-louco", percorrendo em linhas labirínticas e tortuosas[533]. As lendas, como diz Certeau, são projeções simbólicas e narrativas, que agem nas sombras das práticas cotidiana, que também consiste em aproveitar a ocasião para transformar os lugares[534].

"Minha mãe contava a história de um homem chamado Chico Zé que morava para as bandas da Cana Brava" diz Pureza, deixando claro que muitas histórias eram transmitidas de pais para filhos no ambiente familiar. Histórias com teor sobrenatural e místico de seres que, como vimos, habitavam os montes, fundo dos rios, veredas e encruzilhadas. Os conteúdos

[532] Certeau, op. cit., p. 144.
[533] DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 169-170.
[534] Certeau, op. cit., p. 150.

dessas lendas são sempre interditos: sexo, incesto, assassinatos, abortos etc. Essas histórias serviam como "para fornecer modelos para conduta humana, significar e dar sentido a existência"[535]. As decisões erradas, por outro lado, teriam consequências.

É sobre os grandes temas da humanidade que Pureza vai tratar ao lembrar de Chico Zé, que depois de mais um dia de trabalho retornava para casa percorrendo uma vereda, deparando-se com um tronco que atrapalhava sua caminhada. Se assusta ao notar um homem encostado no tronco, com algo de lado, que parecia um saco sujo. O homem pede a Chico um favor: "O senhor poderia me ajudara colocar esse saco nas minhas costas". Chico agarra o saco e o levanta até os ombros do homem, que sai correndo, com os trapos balançando nas costas, percebendo que não se tratava de um saco e sim um defunto. Essa história trata de um homem amaldiçoado por ter assassinado de modo frio e cruel o próprio amigo, e, como castigo, é obrigado a levar o peso do morto nas costas pelos restos dos dias. Se alguém o ajudar a colocar o defunto nas costas torna-se ele condenado a virar um assassino e viver atormentado "com morte nas costas", sentindo o peso do morto na consciência. Torna-se assassino era sina de Chico Zé, pois, "(...) não demorou muito, matou uma pessoa"[536], diz Pureza.

Figura 41- O homem amaldiçoado com o defunto nas costas



[535] ELIADE, Mircea, op. cit., p. 8.
[536] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.

Fonte: Caderno de campo do autor, 22 de dezembro de 2022.

O fim de Chico Zé, segundo Pureza, foi trágico. Depois de ter assassinado um homem, diz que "vivia atormentado". Lembrando que os índices de assassinatos no povoado, segundo os relatos, eram pequenos, mas quando surgia um caso, eram bem bárbaros. O assassino, porém, tornava-se um sujeito estigmatizado pela comunidade, visto sempre com desconfiança, por isso terminava isolado. Maria lembra de quando tinha apenas doze anos e se dirigia para comprar leite para o irmão caçula numa pequena fazenda próximo a sua casa, quando, ainda no caminho, escuta um estampido solitário. Ela não tinha dúvidas, "era um tiro". Só foi chegar na fazenda que escutou na notícia: "Eita! Chico Zé acabou de se matar"[537]. "Eu lembro como se fosse hoje", diz Pureza, lembrando da sina, "pois seu fim era tornar-se um assassino, e terminou que matou uma pessoa, e esse peso era tão insuportável, que lhe restou o suicídio", diz Pureza.

Ela lembra do desespero das pessoas em se dirigir a casa de Chico Zé que estava estendido na porta de casa com a parte inferior do rosto desfigurado, ainda sangrando. "Foi um diluvio!", diz, ao lembrar da repercussão, da comoção e curiosidade das pessoas. Era a primeira vez que Pureza lembra de um suicídio na vida. E termina por falar dos costumes que rondavam nas mortes dessa natureza, pois, na época, os suicidas não podiam ser enterrados dentro do cemitério cristão, reservado aos batizados e crentes, o que não correspondia aos suicidas, responsável por tirar uma vida, que pertencia a Deus. Por isso, não tinham direito a um velório digno, com ritos cristãos, terminando por serem enterrados pelos campos esmos, às vezes esquecidos, sem mesmo direito a cruz. Se alguns mortos deviam ser evocados, como é o caso dos pais e mães trabalhadores, sujeitos de bem, outros perdiam-se enterrados em cemitérios clandestinos, sem cruz que caracterizava a morada dos entes queridos, restando um monte de areia sobre o corpo que logo era descaracterizado pelo vento.

6.4 Os seres encantados que moram dentro do rio

O Rio pode ser tranquilo, benevolente, agradável e ao mesmo tempo ameaçador, símbolo da vida, mas também da morte, sempre presente na memória e no imaginário dos sujeitos com alma umedecidas. Muitas das memórias e lendas são nutridas por águas barrentas os igarapés, e quando não é o protagonista, é o palco em que se teatraliza contos e causos aterrorizantes e misteriosos.

[537] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.

Segundo as narrativas, o rio guarda segredo, e, quando fustigado, abduz pessoas para o fundo das águas, sendo uma espécie de útero primevo que busca incessantemente preencher suas entranhas com formas vivas, inclusive humanas. E para quem não conhece seus segredos e não domina suas forças e fluxos, pode ainda ser mais perigoso.

Por isso, quando nasciam uma criança, a primeira coisa que se preocupavam era com o batismo. Como vimos, os pais levavam as crianças para roça ainda muito pequenas, o que, para concepção imaginária da época, era algo perigoso, pois as matas e os rios eram as moradas de seres "encantados", e, qualquer displicência dos adultos, eles podiam facilmente se apoderar das crianças. "Menino pagão tem o corpo aberto para os espíritos", afirmam. As crianças tinham o "corpo aberto", ou seja, vulneráveis aos espíritos que circundavam o povoado. "Se a gente vai pra roça ou pesca e leva os meninos", diz Maria, "a mãe D'água leva, os bichos ruins se apodera do corpo do menino, ainda mais se você levar pra água"[538]. Daí a necessidade dessas crianças serem batizadas, deixando-as protegidas de qualquer encantado que habitava as matas ou os fundos dos rios.

Como lembra Maria: "Muita criança desaparece no rio. Por causa de quê? A Mãe D'água leva os meninos se não for batizado". A Mãe D'água é vista como guardiã dos rios, a senhora absoluta das águas, responsável por seus fluxos e refluxos, que, de vez em quando, puxava os pés das crianças inocentes e pagãs para os fundos das águas turvas, como se exigissem algum sacrifício dos trabalhadores que retiravam os frutos da natureza. Os pais displicentes, que não se preocuparam com as andanças e banhos dos filhos, vão chorar por suas perdas, pois eram levados para os fundos das águas, para nunca mais voltar. Dessa maneira, necessitavam, o quanto antes, batizar as crianças: "Por isso", diz Maria, "eu batizava meus filhos era cedo. Batizei meus meninos tudim"[539].

No começo dos anos de 1990, uma família resolve visitar o Porto dos Tatus, depois de passar a tarde na Praia da Pedra do Sal. As crianças se jogaram na água "para tirar o sal do corpo", diz Pureza, mergulhando no rio. Os pais, distraídos, observavam os meninos brincarem na água. De repente, a garota que tinha por volta dos onze, anos começa a se debater, e o irmão, notando as suas reações estranhas, tenta puxá-la, mas algo a agarra com muita força. Sem menos esperar, ela submerge, para desespero de todos. Bombeiros, pescadores e a comunidade unem-se para procurar o corpo da menina. Semanas de trabalho, e nem um indício se quer. Tal

[538] ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.
[539] ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.

desaparecimento cria uma comoção no povoado. Diz Maria Pureza: "A criança, coitada, disse que uma coisa tinha puxado a irmã dele. E o mais interessante, nunca encontraram o corpo"[540]. Completa: "Veio rede, fizeram arrastão da Boca da Barra até aqui, tudo quanto foi local, procurando essa menina de todo jeito, até com mergulhadores de Teresina (...), mas não encontram nada, até hoje"[541].

A população trata de buscar explicações para o fato, acrescentando novos filamentos narrativos a trama trágica, como, por exemplo, o fato da menina ser levada pela Mãe d'água, que, para muitos, é a entidade que mora no fundo das águas e exige sacrifícios de crianças puras, levando-os a afirmar|: "a moça se encontra encantada". Outros que os mergulhadores encontraram uma "loca de um peixe enorme" por baixo do cais, que, de tão grande se estendia do Porto até a Igreja de São Pedro, no Tatus; o morador da loca é um mero gigante ou sucuri. Algumas pessoas dizem ter sonhado ou visto o espírito da menina que afirmava está presa no fundo das águas, necessitando de orações. Ou seja, as explicações se misturam com outras narrativas, mitologias de outros cantos que terminam por misturarem-se num caldeirão cultural, resultando num mosaico de narrativas.

Maria e uma companheira estava apanhando castanha no Cotia, região próximo à praia. Para passar o tempo, começaram a prosear, e foi nesse momento que escutou da boca da colega de um dia que: "mandou um rapaz que doente mental fazer algo pra ela, mas ele não foi. E ela disse assim "olha, se tu não for, desgraçado, se tu não for fazer isso agora, a tentação vai te pegar de noite, seu peste". "Esse rapaz", dia Maria "é um coitado, um doente da cabeça, né, meio doido, pronto". O rapaz respondeu: "Quem vai ver tentação é tu, diabo", mas ela não ligou. Ao deitar-se, não conseguira pegar no sono, pois "um monte de diabinho, uns caboquinhos véi desse tamaim, tudo pretim, se atreparam na rede dela", apoderaram-se dela, não conseguindo esboçar qualquer reação, pois: "não conseguia gritar, não conseguia chorar, só sei que eles derrubaram a rede, beliscaram ela, e jogaram ela bem acolá assim". Quando, finamente conseguiu se livrar daquele suplício, "os caboquinhos" já tinham ido embora. Maria diz que depois que escutou essa história "da boca da amiga" – da ênfase –, não teve mais coragem de trabalhar com ela, alegando que os tais "caboquinhos" eram diabinhos que

[540] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.
[541] NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.

atacavam os pagãos, os que não tinham fé em Deus, preferindo, agora em diante, "trabalhar só!"[542].

"Uma história medonha", é assim que Maria se refere ao Caso Juninho, história de um menino de nove anos que fora passar o fim de semana com os padrinhos, ajudando-os no trato com os bois e cavalos que criavam no fundo quintal. Como todas às vezes, Juninho era o responsável de banhar o cavalo do qual era familiarizado. Por volta do meio-dia, algo muito estranho aconteceu. Quando o menino chega no igarapé, desce do cavalo, enrola a corda do cabresto na sua mão e joga água no dorso do animal. Não se sabe ao certo o que aconteceu, mas o cavalo Cancão – assim era chamado – se assusta e sai em disparada, arrastando Juninho, que estava com a corda amarrada na mão, pelas ruas do povoado, que, na época, era revestida de piçarras e pedregulhos. As pessoas que, muitas delas, almoçavam ou tiravam sua sesta, só escutavam o cavalgar aflito e grunhidos de dor. Muitas viram o cavalo arrastando a criança, e até o tentaram parar o animal, mas ele percorreu toda estrada que leva até o Tatus, parando quando bem quis. Quando desamaram o braço de Juninho, ele já se encontrava morto com várias lesões por todo corpo. A morte mexeu com os ânimos e memória do povoado, e Maria é uma das que lembra da história:

> Eu lembro da história do finado Junim. Vocês lembram? É uma história tão medonha. O meninozim para que tinha 8 ou 9 anos, era muito ativo, né, cuidava dos animais e das plantas dos padrinhos. Pois é, nesse dia ele inventou de levar o cavalo pra banhar no Porto do Mané Pedro. A madrinha do menino disse assim "não vai banhar agora, não, meu filho. É meio dia ainda. Deixa pra mais tarde". Ele teimou, e foi. Se amontou no cavalo pra banhar assim mesmo, meio dia. Quando foi banhar, jogar água, o cavalo, sabe lá por que, saiu desembestado. E ele, com a corda amarrada na mão, foi arrastado, arrastado por essa estrada que na época só era piçarra, as pedras arrancando os tampos do corpo dele... Só sei que esse cavalo foi para nos Tatus.... A criança morreu cheio de ferimento, botando sangue pra toda parte... foi um clamor nesse dia. Acho que foi um dos dias mais tristes desse nosso lugar. Não se sabe o que esse cavalo viu, pois ele era acostumado com menino, né. Só pode ser coisa do diabo[543].

Alguns elementos devem ser considerados, como o fato de ser legitimo em décadas passadas o trabalho de criança nas roças, pesca e criação de animais. *O fato de uma criança de nove* anos banhar um cavalo sozinho, não era causava estranhamento e muito menos espanto. Pelo contrário, a criança era admirada, por se "danada", ou seja, ativa e saber trabalhar tão cedo.

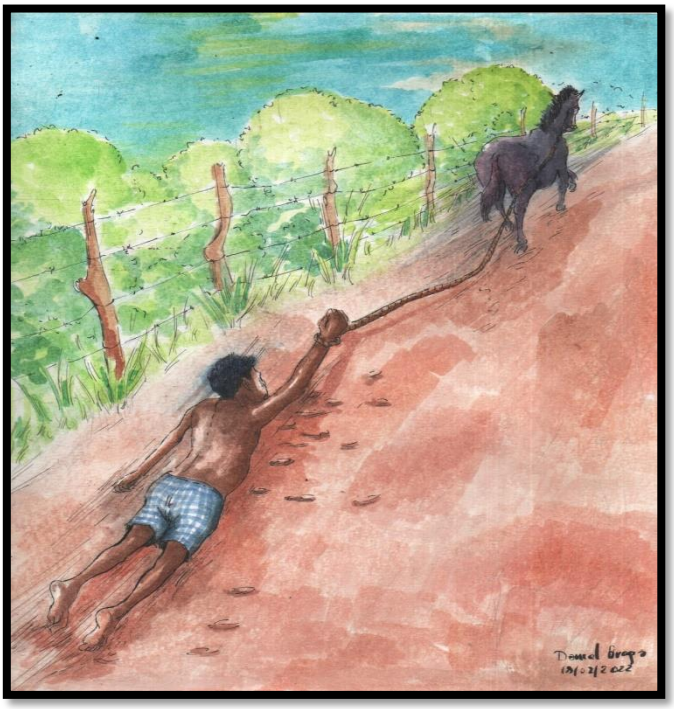
---

[542] ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.

[543] ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.

Como já vimos, o trabalho era valorizado, visto com algo digno. *O meio-dia* como a hora exata da manifestação do sobrenatural. *O rio* como o cenário em que os encantados se manifestam com mais frequência, pois foi no igarapé que o cavalo avistou algo que o perturba ou que lhe apodera, assustando-o a ponto de sair em disparada, arrastando seu pequeno companheiro, que, distraidamente, havia amarrado a corda na mão, pelas ruas da comunidade. A precariedade da estrada Tatus à Morros da Mariana, de piçarra e pedregulhos, contribuiu com a gravidade dos múltiplos traumas e lesões. O cavalo, por outro lado, só parou quando bem quis. Maria diz que "foi um dos dias mais tristes desse nosso lugar", tamanho o clamor generalizado, pois envolvia uma criança que todos conheciam. No final, ela diz que só tem uma explicação ara reação do cavalo: "(...) só pode ser o diabo atentando".

Figura 42: O cavalo endiabrado puxando a criança pelas ruas do povado



Fonte: caderno de campo do autor

Faço das palavras do Portelli as minhas. Vamos partir do princípio de que não há falsas fontes orais. A diversidade da História Oral consiste no fato de que até mesmo as afirmativas erradas, as histórias fantasiosas, são, ainda, psicologicamente corretas[544]. Pode-se questionar até a veracidade das histórias, o que não fiz e nem farei. Mas não se pode questionar o quanto elas estão relacionadas ao espaço, aos meios de vida, aos fazeres, as relações estabelecidas entre os sujeitos e a natureza, o quanto são afetados e afetam. Todo esse universo místico dão uma espécie de pincelada tonificante no quadro as histórias de vidas, nas relações de trabalho, na

[544] PORTELLI, op. cit., p. 32.

simbiose com o espaço. Portanto, esse capítulo se une aos outros por escancarar o imaginário dessa comunidade, entendo imaginário um sistema complexo de produções de imagens visuais, mentais, verbais que atuam na construção das representações do universo que os cerca.

Como lembra Baczko, através dos imaginários sociais os grupos demarcam sua identidade, elaborando e reelaborando representações de si, estabelecendo papeis e posições sociais, exprimindo e impondo crenças e comum e construindo códigos morais, interditos, delimitando territórios e suas relações com outros[545]. Halbawchs tem uma frase que se ajusta a discussão: as lembranças reais se ajustam a uma massa de lembrança fictícias[546]. Ou, como defende Catroga, ao dizer que a memória se desenvolve no interior de sujeito, mas se articula nos suportes materiais, sociais e simbólicos. Ou seja, o conteúdo da memória é inseparável dos campos de subjetivação como a linguagem, as imagens, relíquias, lugares, monumentos, rituais e mitos[547]. Compreende-se, portanto, que no interior da narrativa o esquecimento, a recordação e ficção andam juntas. Ao rememorar, vamos criando trama, polindo as arestas, recompondo as histórias herdadas, inventando pedaços, pois a memória é também uma forma de acabar o que ficou inacabado.

Esse capítulo reflete sobre as narrativas fantasiosas que rondam o povoado, fazendo parte uma tradição oral, passada de geração para geração, através de espaços de socialização, que, como vimos, podiam ser a frente das casas, as roças, nas refeições em meio os familiares. Assim mergulhamos em histórias que quebram o vidro do tempo, escancarando uma temporalidade mítica que se frutifica em um período em que as casas não tinham luz elétrica, televisão, celulares e pessoas vivam sujeita a escuridão, acompanhadas de toda sorte – ou azar – de entes sobrenaturais que habitavam os morros, matas e rios. Esses seres sobrenaturais tinham objeto de atrapalhar a vida e labuta do(as)trabalhador(ra), boicotando suas atividades por meio de sustos, gritos, que transformavam o cotidiano em algo extraordinário e sobrenatural. Assim, vamos conhecendo os mitos, as lendas, os seres imaginários, monstros e encantados que rondavam o lugar, apoderando-se, sobretudo, das crianças. A ideia de que os espíritos rondavam o lugar é muito presente, por isso a ideia de batismo como proteção. Dessa maneira, o sobrenatural e suas manifestações era algo presente que atormentava a vida das pessoas, mais que as questões mundanas. Vimos, também, que o rio era a morada de seres que exigiam sacrifícios, oblações, e que muitas das vezes, as crianças eram as principais vítimas desses seres.

---

[545] BACZKO, Bronilaw. *A imaginação social*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1995, p. 311.
[546] HALBAWACS, op. cit., p. 32.
[547] CATROGA, op. cit., p. 23.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: essa é a minha história, não é a mais linda, mas é minha

"A memória longínqua de uma pátria eterna, mas perdida, e que não sabemos se é passado ou futuro em que a perdemos"[548], escreve a poeta Sophia Andersen. A memória é esse país distante confinada no (in)consciente, e, quando menos se espera, ela rompe, encontrando-se em si mesma, insistente, porque, como diz Beatriz Sarlo, ela é soberana e incontornável[549]. Estamos sujeitos ao encontro da pátria da memória, que, para muitos, é único veículo em direção ao terreno do passado que nos cerca e nos preenche, pois é produto de experimentações do mundo. No mínimo, diz David Lowenthal, lembramos o que vivemos, recordamos o que se passou ontem e percebemos os processos naturais do crescer, envelhecer, maturar e definhar[550], ou seja, somos seres temporais.

A memória e história se unem, mesmo sabendo que são dispares, uma carregadas por grupos vivos; a outra uma representação, operação intelectual bom base na tradição historiográfica. Ao mesmo tempo, é pertinente a máxima de Pierre Nora: falamos tanto em memória porque ela não mais existe, restando-lhe os lugares de memória[551]. E o que é mais grave, não existem mais os meios de memória, e nem sociedades-memórias, ou seja, grupos que pautavam o cotidiano por um sistema de tradições basilares, existindo atualmente uma profusão de grupos e os enfraquecimentos das instituições canônicas, como a família. Vivemos em um mundo acelerado, efêmero, massificado, mediatizado, globalizado, que transformam os antigos modos de viver, desfazendo laços e destruindo signos, para assim, criar outros mais condizentes com a sociedade de mercado.

Essa pesquisa demonstra que a memória pode servir-se e servir à história, embora saiba de seu caráter polissêmico, coexistindo em seu núcleo uma rede de multiplicidades, habitada nas bordas inúmeras áreas do conhecimento. A memória, portanto, é um conceito sempre em devir, pois se move, sendo ela própria fronteira. Pelo caráter da pesquisa, marcada pelo diálogo com sujeitos que viviam em meio a uma sociedade que se interligava através do signo da memória, podemos usar o conceito de Halbwachs, de que a memória é um fenômeno coletivo, enraizado dentro dos quadros sociais dos grupos que pertencemos[552]. Ao mesmo tempo que concordamos com Jaques Le Goff, ao dizer que a memória é a propriedade de conservar certas

---

[548] ANDRESEN, Sophia de Mello. *Coral e outros poemas*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 101.
[549] SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
[550] LOWENTHAL, op. cit., p. 65.
[551] NORA, Pierre, op. cit., p. 7.
[552] HALBWACHS, op. cit., p. 30.

informações, levando em consideração funções neurológicas e psíquicas, graças as quais os homens e mulheres podem atualizar[553]. Por outro lado, a memória não um baú de velharias, resgatado ao nosso bel prazer toda vez que sentimos necessidade. Hoje eu acredito que a memória é processo, construção e, acima de tudo, reconstrução[554], como lembra Antônio Torres Montenegro. A memória, mais do que isso, tem uma natureza lacunar, mutável, movendo-se em transe por espaços e tempos vários, vulnerável a lembrança e, também, ao esquecimento. A memória, mais do que isso, é povoada de presenças e ausências, sendo uma representação presente de uma coisa passada[555], como diz Paul Ricoeur; ou como diz Jô Gondar, ela é uma construção social, pois não visa resgatar o passado, mas sim reconstruí-lo com base nas questões que fazemos a ela no momento da recordação, deixando-se influenciar-se pelas disposições do espírito, pelas demandas do presente, de nossa perspectiva, situação, urgência, carência[556].

Mas, a memória é um mergulhar no tempo, e, às vezes, usa fatos íntimos e cotidianos para tal empreitada, demarcando os rituais familiares, como casamento, a morte ou nascimento de um ente querido, fenômenos naturais, como a grande seca ou enchente, que, de tão marcantes, servem como referências para memória. Ela ignora, às vezes, a cronologia rigorosa da história, suas datas precisas, pois, na verdade, o mais comum é que a memória pareça incapaz de restituir fielmente a duração, encurtando episódios, alongando outros, contraindo acontecimentos, calando sobre determinadas situações. O tempo da comunidade se reproduz em engrenagens próprias, fora e ao mesmo dentro dos marcos históricos, prevalecendo uma cronologia do coração, ou seja, temporalidades afetivas e sentimentais de episódios e processos que marcaram profundamente a vida. Portanto, recordamos aquilo que nos afeta.

A memória evocada pelos colaboradores da pesquisa é uma espécie de memória fluvial, pois tem seus próprios fluxos e fluidos, contornando vários terrenos, encostas, nutrindo uma variedade de vegetações, serpenteando uma multiplicidade de canais, igarapés, até desaguar numa infinidade de temas, tempos espaços. O tempo da memória é marcado por fatos pessoais, íntimos, existindo, dessa maneira, um tempo dos mais velhos, o tempo da natureza, o tempo do vivido, tempo dos mitos, o tempo do agora, o tempo do sofrimento. A memória fluvial vai contornado esses tempos e espaços múltiplos, dando saltos, acelerando e pausando, sendo uma narração marcada por rupturas, intensidades e silêncios com fluxos próprios. O tempo da

[553] GOFF, Jacques Le, op. cit., p. 387.
[554] MONTENEGRO, op. cit., p. 24.
[555] RICOEUR, op. cit. p, 438.
[556] GONDAR, op. cit., p. 18.

memória ribeirinha rompe com a linearidade, transitando por diferentes planos temporais em movimentos descontínuos.

A memória, portanto, está muito ligada com a ideia de uma multiplicidade de fluxos difusos, caótica, que se dobra e desdobra em múltiplos planos temporais. Como diz Deleuze e Guattari, a memória produz hastes e filamentos em forma de rizoma que se ligam a outros fios, dando voltas, se manifestando a distância, sempre em movimentos descontínuos, rupturas e multiplicidade[557]. A memória é rizoma, e não se pode querer discipliná-la, pois ela sempre nos escapa, nos trai, escorrega, evacuando-se por inúmeras linhas de fuga.

Acredito que a paisagem, ao ser modificada pelo trabalho desses sujeitos, também os modifica, gerando desse contato simbiótico subjetividades como alma umedecidas das águas dos rios, marcadas de lamas, árvores, raízes, sendo esse aspecto algo a considerar, pois essa relação gera visões e representações de mundo. A vida narrada é complexa e relevante, pois falam do choque com as estruturas sociais nada favoráveis, nos permitindo visualizar movimentos, fazeres e modos de resistir as opressões do tempo, seja através do trabalho ou do lazer, pois, o corpo do labor é também, um corpo festivo.

Esses sujeitos falam de suas infâncias, carências, urgências em meio à grupos que orientavam suas existências rumo ao labor, e, por isso, as crianças, desde muito cedo, eram empurrados para esse universo. Muitos não tiveram escolarização básica, o que não quer dizer que são incultos, levando em consideração que cultura são todas as manifestações humanas que visa, modificar e explicar a realidade social. Assim eles dizem da urgência de trabalhar e seguir a moral familiar voltada e devotada ao trabalho, priorizada, quase sempre, em detrimento da escola, vista como secundária em muitos casos. Eles insistem em dizer ao entrevistador letrado que o ensino formal não lhe fizera falta, que conseguiram vencer sem o estudo formal. No entanto, é possível notar uma preocupação com a instrução dos filhos e netos. Ao mesmo tempo, deixam ver uma falha por parte das políticas públicas que não abarcavam todos os segmentos sociais, sobretudo os oriundos das classes mais desfavorecidas.

Ao mesmo tempo, observa-se que as artes e saberes da pesca e da roça eram transmitidos em tenra idade através de uma pedagogia da reprodução corporal dos movimentos do trabalho. Ao mesmo tempo, esses ofícios eram transmitidos pelos saberes do silêncio, pelos saberes do corpo, refugiada nos gestos, costumes e cultura ribeirinha.

Mas, é bom que se diga, que é impossível reviver a infância. O que se consegue, no mais, é revisitá-la através da memória e, consequentemente, reconstruí-la. O sujeito idoso(a) ver o

[557] DELEUZE, G e GUATTARI, F. Mil Platôs. São Paulo: Editora34, 1996, p. 35.

menino(a) que foi por uma ótica nova, pois suas disposições físicas e sensíveis são muitos diferentes da época recordada. Acredito que até se pode aproximar de uma infância, refazendo-a por meio da memória, mas nunca reproduzir fielmente a alma do menino(a) que já se foi um dia. Todo recordar é um processo reelaboração.

Vale ressaltar, que a família era uma instituição fundamental na socialização e na perpetuação dos saberes e fazeres, uma espécie de laço vivo das gerações, responsável por unir o grupo numa identidade laboriosa, pesqueira. Sem sombra de dúvida, era no interior das famílias que se transmitia os valores do trabalho, da retidão, respeito, moralidade, tão valorizados pela comunidade. Como vimos, toda ociosidade era vista como perversa, responsável por criar corpos preguiçosos, indolentes e improdutivos. Vimos que a meninas mais velhas assumiam o posto das mães, cuidando da casa e dos irmãos menores, enquanto os filhos homens, eram braços produtivos que deviam ajudar os pais no trabalho das roças e pescarias.

As memórias adentram as casas de palhas, de poucos cômodos, ausente de móveis, com forno a brasa, sem água e luz elétrica, prevalecendo a água das cacimbas e a luz de lamparina. Casas repletas de pessoas, com poucos indícios de privacidade. Ali ocorria toda sorte de adestramentos, punições, aculturações morais, visando uma vida de trabalho e retidão. O pai era visto com patrão, a mãe como uma figura mais ou menos branda, mas que também era atravessadas pelas máquinas machistas que constituíam subjetividades que tinham como referência o universo masculino. Ainda sobre as casas ausentes de privacidade, podemos dizer que as matas, os lagos, os campos e as roças ganhavam status de espaços de reprodução, pois as pequenas habitações repletas de crianças, de poucos compartimentos, com portas inseguras, paredes esburacadas que se escancaravam para rua, obrigavam muitos a se amarem nos próprios espaços do trabalho.

Ao mesmo tempo se nota uma preocupação com as técnicas do corpo, tanto as relacionadas as mecânicas e movimentos do trabalho, quanto as táticas de cura. Vimos o quanto o povoado era desassistido de infraestrutura básica, como pontes, assistências médico-hospitalares, exigido de os moradores lançarem mão de uma série de artefatos oriundos dos conhecimentos populares. Todas essas prática e saberes são constituídos por essas populações pobres ribeirinhas numa situação de isolamento, longe dos serviços públicos, exigindo a criação de práticas variadas para vencer as distâncias e as doenças. Nesse sentido, as mulheres desempenhavam uma função muito importante, pois eram curandeiras, parteiras, benzedeiras, responsáveis pelo atendimento da saúde do corpo e do espírito. Nota-se, ainda nesse assunto, uma grande taxa de natalidade, acompanhada de grandes índices de mortalidade, seja de bebês ou mães, o que gerou, com certeza, uma grade déficit social para comunidade em estudo.

As mulheres falam desse mundo da intimidade, da vida privada, reconstituindo suas histórias como mães, cuidadoras, provedoras da família, lembrando de situações difíceis, de mortes prematuras, de adoecimentos, de feridas na alma que ainda estão a supurar. São elas as guardiãs das crônicas familiares, as que sabem a data exata da morte dos avós, do pai, do filho querido, responsáveis por lembrar dos rostos e trajetórias de parentes, filhos, cunhadas, primos, histórias que estão prestes de serem soterradas pelo tempo.

As mulheres conservam "um mundo calado e permitido das coisas" na memória, detendo-se em matérias mais humildes, podemos dizer assim, como por exemplo as roupas, objetos, contrapondo-se as narrativas épicas dos homens. Elas conservam um pequeno museu de lembranças familiares, fotografias dos filhos, imagens de santos, colores, brincos, miniaturas, recordando do ferro a brasa, dos fornos de lenha, do cheiro das roupas lavadas, da vassoura de garranchos que ciscavam os quintais de areia branca, lembranças, como já foi dito, repletas de texturas, camadas, cheiros, sensações que se apegam aos mínimos detalhes da vida. "Essas práticas", nos diz Perrot, "implicam na ideia de capitulação do tempo, cujos instantes privilegiados podem ser revividos pela rememoração, reinterpretados, com uma peça de teatro encenadas diariamente, sem cessar"[558].

Prevalece uma memória do trabalho, vista como o fim e sentido de toda vida. As narrativas se estruturam em vários temas que orbitam o trabalho, em várias frentes. Ao mesmo tempo, nos deparamos com uma por infinidades de pequenos e múltiplos fazeres, que ia desde o pegar água nas cacimbas, extrair frutos no mato, a feitura de carvão, os tradicionais trabalhos na roça e na pesca, assim com inúmeros trabalhos de cestaria, da renda, da costura, da fiação de redes de pescas e a confecção de inúmeros instrumentos de trabalho.

Cada trabalhador(a) se define nas entrevistas como sujeitos plurais, que se aventuraram em diversas atividades, meios de sobrevivência, demonstrando que o cotidiano se inventa de mil maneiras. Essas maneiras de fazer, se alternavam entre a roça, a pesca, a extração, se organizando e se desorganizando conforme os surgimentos de novos obstáculos, demandas históricas, temporadas e intempéries. O trabalho é evocado como primeiro plano das lembranças, porque é uma memória-hábito, ou seja, adquirido pelo reforço da repetição, através decomposições e incorporação de movimentos, sendo uma memória muito menos falada e muito mais vivida, reproduzida e agida conforme as atividades de puxar, deitar-se, correr, levantar, empurrar, rastejar etc. Em suma, as memórias desses sujeitos do litoral são voltadas

[558] PERROT, op. cit., p. 38.

integralmente ao trabalho, a carência material, as lutas pela sobrevivência, dimensão primeira por onde se estrutura os temas e subtemas que permeiam a pesquisa.

Ao reviver os aspectos vividos evocados na memória é uma forma de nos deparar com o tempo que passou, ou mesmo domesticá-lo, compará-lo com o futuro ou presente em devir. Portanto, lembrando Lucília Delgado, o olhar para trás já em si uma marca de historicidade[559]. Existe uma forma de ver o tempo que passou como o tempo do sofrimento, devido a carência a pobreza, ao mesmo tempo que falam do tempo da fartura, dos rios que davam muitos peixes, das roças prosperas, das matas repletas de frutas. O passado visto como tempo do sofrimento, ao mesmo tempo que é representando como o melhor dos tempos, em que a vida era harmoniosa, ordeira, respeitosa, feliz. Assim falam de um tempo de muita produção e pescados, mas de pouco dinheiro, ou seja, pouca influência do mercado. Ao mesmo tempo falam de um tempo que tudo era comercializado, os produtos deveriam ser escoados, mas não conseguiam melhorar significativamente a condições de vida, presos as redes do capital.

O tempo, portanto, é submetido o domínio da linguagem, sendo o narrar uma forma de domesticar os fluxos num presente que "que se esvai sendo"[560]. Dessa maneira, é possível perceber expressões como "naqueles tempos", "no tempo dos meus pais", "no passado", "no tempo do sofrimento". Além disso, é bom que se diga, que vive-se dentro do tempo, que podemos chamar de tempo das preocupações, que o tempo das urgências do hoje, o tempo da pandemia, do cuidar dos netos, da preocupação com os filhos, com a refeição de mais tarde, com a conta para pagar etc.

Sobre o gênero, prevalece uma visão machista, em que os homens são responsáveis pela produção, o sustento das famílias, existindo uma certa tendência de fazer pouco caso do trabalho feminino. Quando elas vão narrando, nota-se um protagonismo e uma presença no mundo do trabalho, negando as teses de que essas mulheres das beiras viviam para casa e criação dos filhos, escancarando o uma pluralidade de práticas e modos femininos de viver, novas relações de trabalho e preocupações com a sobrevivência. Quando não acompanhavam os maridos na pesca e na roça, e não estavam inseridas em serviços assessórios dentro da engrenagem, viviam extraindo marisco, colhendo frutas na mata, além das atividades de costuras, bordar, tecer, que tem uma grande tradição dentro do universo das ilhas. Sobre os espaços de trabalho, o rio é visto como feminino, e o mar com masculino; assim como as regiões de croas são espaços femininos, e os mangues e lama como restrito ao masculino. No entanto, há espaços

[559] DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo e identidades*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006, p. 33.
[560] CATROGA, op. cit., p. 27.

multipolares, como as roças, as matas, os lagos, os campos a explorar. Em suma, a mulher participava de todo processo produtivo.

Vale ressaltar o imbricamento quase simbiótico entre a Parnaíba continental e a Parnaíba insular. A primeira representada pelo comércio, pelos serviços, como um espaço de fluição e ao mesmo tempo circunscrito. A segunda, como uma região pantanosa, repleta de pescados, frutos diversos, povoado por "gentes laboriosas". Isso vai fazer desse espaço ser visto tanto pelas memórias como pelos jornais da época como "celeiro de Parnaíba", resumindo-o a um canteiro, sem outros atrativos, até surgir os espaços turísticos, como a Pedral do Sal e o Delta do Parnaíba. Essa necessidade de Parnaíba, que, diga-se de passagem, era restrita ao centro comercial, era tamanha, obrigando os sujeitos do Delta fazerem caminhadas com produtos nas cabeças em direção ao mercado, sendo uma prática que a memória registra, ressaltando as figuras das balaeiras, mulheres que tão bem representam o trabalho feminino da Ilha, além das rendeiras. No entanto, esses(as) velhos(as) trabalhadores(as) se colocam na posição de uma geração valentes, fortes, laboriosos, contrapondo com a nova geração preguiçosa, vaidosa, em que tudo deve ser fácil e cômodo. Ou seja, a memória consagra e mistifica os trabalhares(as) incansáveis, ao mesmo tempo que crítica a geração de hoje, vista como preguiçosa.

Outra característica da memória é que não se parte apenas da vida pessoal quando se rememora, mas várias vozes atravessam aquele(a) que fala. As conversas, as histórias, os filmes, a cantigas, os mitos e lendas da comunidade, assim como as peripécias de alguns personagens que conhecemos pelo "ouvi dizer" é absorvido pela memória, e narrado como se fosse única e exclusiva do sujeito que a professa. Existe memórias que surge de acontecimentos vividos por tabela, ou seja, aqueles acontecimentos que não pertence diretamente a vida de quem narra, mas, de tanto ouvir falar, termina por ser incorporada ao seu cabedal das lembranças[561].

Assim sendo, reporto-me aos espaços de socialização em que as memórias eram exercitadas, assim como as contações de histórias. Aliás, uma das características humanas é sua capacidade de tecer histórias, com objetivo de ampliar e transmitir experiências que pertence ao grupo social que fazemos parte. Deve-se entender que a memória se apropria de tempo mitológico e lendário marcado por um corpo que é afetado pelos rios, mar, lama, mangues, matas, areia, peixes, crustáceos, exterioridade que adentra a alma desses sujeitos, mexendo com suas fantasias.

Muitos dos entrevistados narraram contos, causos, falando de montes e morros encantados, seres sobrenaturais, dos segredos dos fundos dos rios, de personagens mitológicos

[561] POLLAK, Michael, op. cit., p. 2.

e histórias trágicas que terminam por ser apropriada pela memória popular, ganhando um caráter religioso, fazendo com que o mito sobreviva até os dias de hoje com uma carga de intensidade, renovada a cada rememoração. Mas do que se preocupar com a veracidade dessas narrativas, debrucei sobre a dimensão simbólica, e as possíveis verdades psicológicas, pois todas as lendas estão associadas aos espaços e tempos do trabalho.

Por outro lado, o povoado é representando como lugar da segurança, do acolhimento, da familiaridade, da solidariedade, vista como um compartimento cálido, em que todos estavam reunidos física e afetivamente, em que todos se conheciam, não existindo qualquer tipo de delinquência, problemas sociais relacionamento a violência, em que todos se vinculavam pelas reminiscências e memórias, sendo esse mecanismo uma forma de educação e coesão social.

Cada monte, matas, morros, pedaços da geografia, rios, são lugares de memória, na lógica de Pierre Nora, no sentido que são lugares que a imaginação confere uma áurea simbólica. São lugares naturais, abertos a experiencia sensível, fruto de elaborações e reelaborações mais abstratas[562]. As memórias surgem atreladas ao espaço, uma vez que as rememorações do tempo são indissociáveis da sua espacialização[563]. A memória, portanto, ressignifica os espaços vividos, indicando mudanças, reconfigurações, destruição, soterramento, apropriações indevidas, desmatamentos. Assim a memória demarca e evoca espaços do trabalho, com Melancieiras, Guirindó, Pontal, Cana Brava, Cotia, Boca da Barra, Morro da Melancia, Lamarão, e tanto outros lugares. Ao mesmo tempo, lembra dos grandes acontecimentos naturais, como as secas, enchentes, que tamanho o impacto provocou nas vidas, que serve como referência temporal.

Algo que se deve frisar nessa conclusão é o caráter plural desses sujeitos. A sobrevivência, portanto, se dava em várias frentes de trabalho. Portanto, mais que pescadores, marisqueiras, agricultores, são tecelões das existências, sujeitos que inventaram mil maneiras para sobreviver. Aproveito para falar da importância da História Oral pelo seu caráter informativo e simbólico, capaz de fazer com que acessasse dados cotidiano, emoções, vidas invisíveis, encobertas, pequenas, desprezadas. Nessa conclusão quero ressaltar a importância da fala como um instrumento imprescindível as populações pobres que vivem na radicalidade do não ter[564], como diz Montenegro. Em uma sociedade escrituristicas, os sujeitos das beiras, pobres, analfabetos, são marginalizados por não dominarem os códigos escritos, restando-lhe

[562] NORA, Pierre, op. cit., p. 33.
[563] CATROGA, op. cit., p. 24.
[564] Montenegro, op. cit., p. 38.

tão somente as falas. Ao falarem sobre modos de viver, sobreviver, resistir, práticas e fazeres, instauram-se no lugar, impõem representações e confrontam a própria escrita da história.

Existe uma memória de Parnaíba instaurada através de uma série de documentos oficiais e escritos, que calam sobre as diversas Parnaíba, sobretudo a insular, existindo uma clivagem entre uma memória instaurada como oficial, dominante e escrita, em detrimento de inúmeras memórias subterrâneas que clamam para serem ouvidas. Às vezes, essas memórias oficiais são tão poderosas que adentram os grupos subalternizados e se fazem dominantes, chegando acharem que não são sujeitos históricos. "Ao privilegiar a análise dos excluídos" diz Polak, "dos marginalizados, das minorias, a história oral ressalta a importância de memórias subterrâneas, que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opem a memória oficial[565]. A função da história oral, reitera, é reabilitar a periferia e a marginalidade.

Muitos se queixam com a falta de interlocutores, pois suas histórias são vistas como irrelevantes para novas gerações mais interconectadas e inseridas nesse mundo midiático e capitalista; esses sujeitos laboriosos são as testemunhas de dois tempos muito dispares: o passado vivido ao sabor do contanto com a natureza, e os dias de hoje, marcada pelas transformações tecnológicas. Isso nos reporta Walter Beijamin, que não se preocupa apenas com arte de narrar, mas com o declínio do ouvir. A arte da escuta exige atenção profunda, ouvidos abertos, o que é cada vez mais raro. Desaparece, dessa forma, o dom de ouvir, assim como desaparece a comunidade de ouvintes. E a falta da comunidade de ouvintes atinge em cheio as narrativas, que são a artes do contar de novo, perdendo-se quando não são mais conservadas e narradas[566].

O engraçado que diante de tanas memórias, quando batia na porta desses sujeitos, sempre achavam que nada ou pouco tinham para contar, que suas vidas eram simplórias, não se acham dignos de escuta, tamanha a trivialidade da sua importância no mundo. Só que quando vão narrando suas experiências, parecem que vão descobrindo-se a si mesmos, observando o quanto suas vidas são dignas e fundamentais a tantas outras pessoas, e assim passam a valorizar a própria história, dizendo "que mais gente deveria conhecer essa história". Lembro da frase de Rosa Maria, "essa é minha história, não é mais linda, mas é minha". É como se, ao narrar, fossemos também nos entendendo, dando sentindo a um passado vivido. Narrar, talvez seja uma forma de desmaranhar esses fios de entendimento e compreensão de nossa própria existência.

[565] POLAK, Michel, op. cit., p. 02.
[566] BEIJAMIN, Walter, op. cit., p. 205.

Mesmo sendo experiências localizadas, reduzidas, locais, existe algo que de certa maneira as universaliza, a saber, os dramas, dores, sentimentos, afetos, as perdas, as micro resistências diárias, a luta invisível por sobreviver mais um dia, questões que vão além do bairro, povoado, cidade, universalizando-se em situações que muito se assemelha a outros lugares, ou porque são questões humanas, acima de tudo.

Conceição Evaristo, no livro *Becos da Memória*, afirma que as histórias são inventadas, mesmo as reais. Entre o espaço do acontecido e da narração, há uma explosão de inventividade, No fundo da narrativa, no entanto, está a vivência, ou melhor uma *escrevivência*[567], termo que se refere a narrativa primeira, aquele que é forjada incessantemente no espírito antes de ser escrita, em que a voz que fala e conta vai se misturando a outras vozes e falas que a memória registra, pois, "como a memória esquece, surge a necessidade da invenção". Acho que inconscientemente muito da minha vida e das minhas memórias se misturam nessas vozes que vão delineando-se ao longo do trabalho. Ao mesmo tempo, quero deixar claro todos os temas por mim desenvolvidos partiram das narrativas, pois são modos como os sujeitos se afirmaram em todas as suas redes vivenciais, todas as determinações, levando em conta o corpo, os desejos, o trabalho, as formas de amar, curar, ser e sentir, os fazeres, os silêncios, invenções e invencionices diversas, relacionadas, insisto em dizer, ao mundo do trabalho, ao labor, o sentido maior da existência desses sujeitos.

Para concluir, quero ressaltar que essas(es) trabalhadoras(es) não podem se dar ao luxo de, na velhice, ou aposentadoria, terem como único e exclusivo trabalho o de lembrar. Muitos ainda estão engajados em uma série de atribuições, seja nas tarefas do pescar, seja agricultura, ou mesmo cuidado dos netos, filhos, preocupando-se com familiares que muitas(os) terminam por criar, cuidar. Suas angústias, ainda, estão presas na urgência de sobreviver, nas questões e determinações do agora. No entanto, concordamos com Ecléa Bose quando diz que a memória dos velhos é uma ponte capaz de ligar a geração de hoje com a experiência do passado[568]. Portanto, esse trabalho visa valorizar essas experiências, consagrando a memória como uma forma de acessar o passado. E que sirva para valorizar a vida pequena, invisível de milhares de pessoas que vivem arrastando-se na lama, puxando rede nos igarapés, gastando-se nas roças, vencendo as adversidades e inventando e reinventando a vida com base em diversas táticas, fazeres e afetos.

[567] EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 13.
[568] Ecléa Bose, op. cit., p. 15.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

Fontes orais

AMARAL, Firmina Araújo. *E como eu disse, eu sou analfabeta de caneta, mas de cabeça eu sou nada*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em, 09 de outubro de 2020.

ARAUJO, Antônio Júlio Marques. *Quando a coisa há de ser, o destino junta*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Em 11 de janeiro de 2015.

BRITO, Magno. Então, o progresso veio para Ilha Grande. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 04 de outubro de 2020.

COSTA, Batista Gomes. *Quando se tinha um inverno bom, era peixe a fole*. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, fev. 2015.

COSTAS, Marcos Antônio dos Santos. *Hoje ninguém mais tem vergonha de ser o que somos*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.

DA PAZ, Inácia Maria Silva. *A gente é criança mas a gente tem vergonha*. Entrevista concedida a Juliana Dantas e Daniel Braga. Ilha Grande/PI. Em 24 de setembro de 2020.

DA SILVA, José Tadeu. *Deus tá vendo, minha senhora*. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, fev. 2015.

LINO, José. *Sobrevivia por Deus*. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, mar. 2015.

LOPES, Rosa Maria Silva. *Esse tempo aqui não foi meu, foi de vocês*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 06 de agosto de 2020.

MARIA, Antônio. *Feliz daquele que conta a história, pois muitos do meu tempo já se foram*. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, fev. 2015.

ROCHA, Maria dos Santos. *A gente criou os dentes dentro da roça*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 11 de outubro de 2020.

NASCIMENTO, Maria Pureza Monteiro. E *nossa vida era assim*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 30 de agosto de 2020.

RODRIGUES, Vicente de Paulo; RODRIGUES, Iraci Silva. *Nesse tempo aqui era tudo parado. Era só areia*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 28 de outubro de 2021.

SANTOS, Antônio Veras do. *Olhe, quando chegava da roça, que eu ia jantar, eu comia minha janta com areia*. Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande, PI. Em 23 de agosto de 2020.

SANTOS, Maria Luísa de Sousa. *Eu pulava na canoa e me escondia, pra não pagar.* Entrevista concedida a Daniel Braga e Juliana Dantas. Ilha Grande/PI, 29 de outubro ade 2020.

SANTOS, Pedro. *Disso tudo a gente fazia uma garapa e ficava satisfeito*. Entrevista concedida a Daniel Souza Braga. Ilha Grande/PI, fev. 2015.

SANTOS, Raimundo Nonato dos. *Eu amo o mangue e a lam*a. Entrevista concedida a Daniel S. Braga. Ilha Grande/PI, jan. 2015.

SILVA, Abraão Cristiano Marques da. *Mesmo com esse sofrimento a gente era muito feliz*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Ilha Grande, PI. Em 17 de agosto de 2015.

SILVA, Raimundo Roque da. *A nossa ganância, naqueles tempo, era só trabalhar*. Entrevista concedida a Daniel Braga. Ilha Grande, PI. Em 08 fevereiro de 2015.

Referências bibliográficas, jornais, livros, dissertações

ALBERTI, Verena. "*Versão" a "narrativa" no Manual de História Oral*. Rev. História Oral, v15. n. 2, jul. dez. 2-12, p. 160.

_____, Verena. Fontes Orais: *a história dentro da história*. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

_____, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 2004.

_____, Verena. *Ouvir e Contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, Juniele Rabelo. *Práticas de história pública: o movimento social e o trabalho de história oral*. MAUAD, Ana Maria. ALMEIDA, Juniele. SANTIAGO, Ricardo (Org.). A História Pública no Brasil: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

ANDRESEN, Sophia de Mello. *Coral e outros poemas*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARAUJO, Pedrina Nunes. *Senhoras da Fé: História de Vida das Rezadeiras do Norte do Piauí* (1950-2010).Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Teresina, UFPI, 2011.

ARAUJO, Paulo Sérgio. *Eu não sou cachorro, não: música popular, cafona e ditadura militar*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

AUGE, Marc. Não-Lugares: *introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papirus, 1994, p. 43.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____, Gaston. *A água e sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

BACELLAR, Raul Furtado. *Um nome. Um exemplo (entrevista*). Fundação Raul Bacellar. [s.n], Parnaíba, 1995.

BACZKO, Bronilaw. *A imaginação social*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1995.

BARBOSA, Fabíola Holanda. *Experiência e memória: a palavra contada e a palavra cantada de um nordestino na Amazônia*. São Paulo: USP, 2006. (Tese de doutorado).

BARROS, Myriam Moraes Lins de. *Memória e Família. Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989.

BARTHES, Roland. *Mitologia*s. 4º ed. Rio de Janeiro: DIFIEL, 2009.

BAUBÉROT, A. *Não se nasce viril, torna-se viril*. In: A. Corbin; J-J. Courtine; G. Vigarello. (Org.). História da Virilidade: a virilidade em crise? Século XX-XXI. Vol. 3. (pp. 189-220). Petrópolis: Vozes, 2003.

BENJAMIN, Walter. *O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. São Paulo: brasiliense, 3.ed. 1987.

BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura.* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. Augusto e Léa: *um caso de (des)amor em tempos modernos*. São Paulo: Contexto, 2006. *E-book.*

BORGES, Jorge Luiz. *Elogio da Sombra*. Porto Alegre: Livraria Globo, 1995.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 15 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

_____, Ecléia. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. são Paulo: ateliê editorial, 2002.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 2.ed. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Morais; AMADO, Janaina. Usos & Abusos da História oral. 8ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRITO, Ivanhoé. *Reflexões sobre o Piauí*. In: ALMANAQUE DE PARNAÍBA, 1997.

CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade texto e história oral*. Ed. Loyola, São Paulo, 1999.

_____, Alberto Lins. *Seis Ensaios de história Oral*. Cadernos de Criação, UFRO/Centro de Hermenêutica do Presente, nº15, ano V, Porto Velho, junho, 1998.

CAMPOS, Humberto de. *Memórias*. São Paulo: Opus, 1983.

CANDAU, Joel. Memória e Identidade. São Paulo. Editora: Contexto, 2014.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José A. *Presença da Literatura Brasileira do Romantismo ao Simbolismo*. VII ed. Rio de Janeiro: DIFEL 1978.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Rede de dormir: uma experiência etnográfica*. São Paulo: Global editora, 2003.

CASTELO Branco, Renato. *Tomei um ita no norte (memórias).* São Paulo: LR editores, 1981.

CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. 1ª ed. Coimbra: Quarteto, 2001.

_____, Fernando. *Memoria, História e Historiografia*. Rio de Janeiro: Editora *FGV, 2015.*

CERTEAU, Michel: *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *História dos Corpos*. Proj. História, São Paulo, 25, dez, 2002.

_____. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

_____, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. Morar e cozinhar*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história da poligamia*. São Paulo: companhia bolso, 2021.

CHALHOU, Sidney. *Cidade Febril*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CHAUI, Marilena. Brasil: *Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo. Editora: Fundação Perseu Abramo, 2000.

COHN, Clarice. *Antropologia da Criança*. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. 2. Ed. Lisboa: Celta Editora, 1999.

CORBIN, Alain. *O Território do Vazio: a praia no imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Do Limonusin as culturas sensíveis*. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. Para uma história cultural. Lisboa: Editora Estampa, 1998.

CORREIA, Benedito Lima. *Centenário de Parnaíba*. Parnaíba: [edição do autor], 1945.

CORREIA, Benedito Lima. *O esforço particular pela instrução em Parnaíba*. In: Centenário de Parnaíba. Parnaíba, Americana, 1945.

CORREIA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

COSTA FILHO, Alcebíades. *A escola do sertão. Ensino e sociedade no Piauí (1850 – 1889*). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.

COSTA, João da Cruz. *Lucianos: uma descendência de dois séculos disseminada por 16 estados, com origem no Piauí*. Brasília:Valci Editora, 1996.

CUNHA, Lucia Helena de Oliveira. *Significado múltiplos das águas*. DIEGUES, Antônio Carlos (Org.). *A imagem das águas*. São Paulo: editora HUCITEC, 2000.

DELGADO, Lucia de Almeida. *História Oral: memória, tempo, identidade*. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vo.4. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____, G e GUATTARI, F. Mil Platôs, vo. 1. São Paulo: Editora34, 1996.

_____, Gilles. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. *Ilha e Mares: simbolismo e imaginário*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

_____. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983.

_____. O *mito da natureza intocada*. 3ªed. São Paulo: EDITORA HUCITEC, 2001.

_____. *Povos e Águas: inventário das áreas úmidas*. 2ª ed. São Paulo: NAPPHAUB, USP, 2002.

_____. *A pesca construindo* sociedades: leitura em antropologia marítima e pesqueira. São Paulo: NAPAUB-USP, 2004.

ELÍADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FEBVRE, Lucien. *Os combates pela história*. Lisboa, Editora Presença, 1989.

FERREIRA, Dayara da Silva. *Memória, Trabalho e Identidade: trajetórias de vida de mulheres idosas dos quilombos Botafogo e Caveira na região dos Lagos*, RJ. História Oral, v. 24. Nº1, jan. 2001.

FOUCAULT, Michel. *A vida dos homens infames*. In: _____. Estratégias, poder-saber: ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2003.

_____, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GONDAR, Jô. *Lembrar e esquecer: desejo de memória*. In. COSTA, Icléia Thiesen Magalhães; GONDAR, Jô. Memória e Espaço. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.

_____, Jô. Quatro Proposições sobre Memória Social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. O que é Memória Social?. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

_____. *Los marcos sociales de la memória*. Espanha (Barcelona): Anthropos Editorial, 2004.

HELENA, Ana Lustosa. *Práticas produtivas e (in)sustentabilidade: os catadores de caranguejo do Delta do Parnaíba*. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

HOLANDA, Fabíola. *Construção de narrativas em história oral*: em busca de narradores planos. Oralidade: revista de história oral. Ano-3 - Nº 6 - Jul-Dez/2009

_____. *Experiência e memória: a palavra contada e a palavra cantada de um nordestino na Amazônia*. São Paulo, 2006. Tese (História Social) - Universidade de São Paulo.

_____. *Construção de narrativas em história oral: Em busca de narradores plenos*. Oralidade: revista de história oral. Ano 3, nº6, jul-dez, 2009.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo*. 5ª ed. Rosa dos Tempos: Rio de Janeiro, 2019.

HUNT, Lynn. A nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Cidades e vilas:* Habitações, Parnaíba/PI. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca catalogo. Acesso em: 11 abri. 2023.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo veintiuno, 2002.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. 12 ed. Campinas: Papirus, 2008.

JOUTARD, Philippe. *Desafios à história Oral do século XXI*. (In.) FERREIA, Marieta Morais, FERNANDES, Tania Maria, ALBERTI, Verena. História Oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/ CPDOC, 2000.

JUNIOR, Durval Muniz Albuquerque. *O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da história*. São Paulo: Intermeio, 2009.

KHOURY, Yara Aun. *O narrador, as fontes orais e a escrita da história.* Org. MARCIEL, Lara Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. *Outras histórias: memórias e linguagens.* São Paulo: Olho d'água, 2006.

KRUTZEN, Henry. *O afeto que não ousa dizer seu nome: observações sobre a vergonha*. Biblioteca Virtual do Instituto VOX de Pesquisa em Psicanálise, setembro de 2019.

LE BRETON, David. *Antropologia da dor*. São Paulo: FAP-Unifesp, 2007.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5 ed., 3. reimpr. Campinas: UNICAMP, 2008.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Atica, 1991.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*: Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

LOWENTHAL, David. *Como conhecer o passado*. Projeto História (17). São Paulo: EDUC, 1981.

MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

_____; ROMERO, Mariza. *A sublime virtude de ser mãe*. Proj. História. São Paulo, 25, dez, 2002

MARINHO, Joseanne Zingleara Soares.*A mãe cuidadosa também enterra os seus anjinhos: a mortalidade infantil no Piauí (1889-1945*). Revista TEL, Irati, v. 10, n.2, p. 154-176, jul. /dez. 2019.

MATOS, Maria Izilda de Santos. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho.* Bauru: Edusc, 2002.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

MAVIGNIER, Diderot. *No Piauhy, na Terra dos Tremembés*. Parnaíba-PI: Editora Sieart, 2005.

MAYOL, Pierre. *O bairro*. In: Certeau, M. *A invenção do cotidiano* II: *Morar, cozinhar. Petrópolis*: Vozes, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe B., SEAWRIGTH, Leandro. *Memórias e Narrativas: a história oral aplicada*. São Paulo: Contexto, 2020.

_____, José Carlos Sebe, *Bom Manual de História Oral*. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____, & HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

_____, & SEAWRIGHT, Leandro. *Memórias e Narrativas: História oral aplicada*. São Paulo: Contexto, 2020.

_____, José Carlos Sebe B. *Augusto & Lea: um caso de (des)amor em tempos modernos* (Locais do Kindle 1703-1705). Contexto. Edição do Kindle.

MENESES, Ana Claudia Pires Fontenele de. *Quem te ensinou a fazer renda? A cultura dos morros da Mariana - Pi como influência na educação pela renda de bilro*. Dissertação de mestrado, Fortaleza, 2009.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *História, Cativa da Memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais*. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, v. 34. p. 9, 1992.

MENEZES. Ulpiano T. Bezerra de. *A História, Cativa da Memória?* Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais. Rev. Inst. Est. Bras. SP, 1992.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História e Memória: a cultura popular revisada*. São Paulo: Contexto, 2013.

.

NASCIMENTO, Francisco Alcides. *História Oral: experiência na construção de fontes orais*. NASCIMENTO, Francisco; VAINFAS, Ronaldo. História e Historiografia. Recife: Edições Bagaço, 2006.

NORA, Pierre. *Entre História e memória: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo: dez.1993.

OSMAR, José. *Histórico da Ilha Grande*. Ilha Grande: [Edições do autor], 2002.

PASSARINI, Luisa. *Mitografia em história oral*. Proj. História, São Paulo, 10 dez, 1993.

PATAI, Daphne. *História Oral, Feminismo e Política*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PENHA, Maria da. *Parnaíba, minha terra: crônicas. Parnaíba*-PI (edição do autor), 198.

PERROT, Michelle. *As mulheres, ou, os silêncios da história*. Edusc, 2005.

_____, Michelle. *Minha história das mulheres.* Contexto, 2007.

_____, Michelle. *Práticas da memória feminina*. Rev. Bras. de Hist. S. Paulo. 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Sensibilidade: escrita e leitura da alma*. In. PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique. (Orgs.). Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

_____. *História, memória e centralidade urbana*. Rev. Mosaico, v.1, n.1, 2008, p. 4.

PIAUÍ. *Mensagem Apresentada a Assembleia Legislativa do Piauí pelo Governador Pedro de Almendra Freitas*. Teresina: Imprensa Oficial, 1952, p. 14.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992.

_____, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. In: Estudos Históricos, vol. 2, n. 3. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaios de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

_____, Alessandro. *Forma e significado na História Oral*: a pesquisa como um experimento da igualdade. Proj. História, São Paulo, 1997.

_____, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. Proj. História. São Paulo, 14 fev. 1997.

_____, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
PRIORE, Mary del Priori. *Histórias da gente brasileira: república e testemunho* (1952-2000). vol 4. São Paulo: Leya, 2019, p. 319-321.

_____, Alessandro. *Sonhos Ucrônicos Memórias e Possíveis Mundos do Trabalhadores*. Proj. História, são Paulo, 10, dez, 1993.

PRIORE, Mary Del. *História da Criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

_____ Mary Del. *História da Nossa Gente Brasileira*. 4ª República (Testemunhos – 1951-2000). São Paulo, Leya, 2019.

QUEIROZ, Rachel de. *O quinze*. 107. Edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 107a ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

REZENDE, Antonio Paulo. *A Casa Nossa de Casa Dia: metáforas e histórias da pós-modernidade*. In: NASCIMENTO, Alcides; VAINFAS, Ronaldo. História e Historiografia. Recife: Edições Bagaço, 2006,

RIBEIRO, Antônio Rodrigues. *Parnaíba, Presente do Passado. Parnaíba (PI): Grafica Ferraz, 2003.*

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad: Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____, Paul. *Tempo e Narrativa: a intriga e narrativa histórica*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010,

RIOS, Kênia Souza. *Os usos da narrativa: escrito e oralidade*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2016.

RIOUX, Jean-Pierre. *Pode-se fazer uma história do presente*. In: AGNES: Chauveau. *Questões para uma história do presente*. Bauro-SP: EDUSC, 1999.

ROVAI, Martha Gouveia de Oliveira. *Aprendendo a ouvir: história oral contra a diferença*. História Oral. V. 16, nº2, dez. 2013.

SANTOS, Marcio Pereira. *O sensível acesso ao passado: memórias e esquecimento*. AHPUH-XXV. Simpósio Nacional de História. Fortaleza (CE), 2009.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCOTT, Joan. *História das Mulheres*. BURK, Piter(org.). Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

SILVA FILHO, O.P. Carnaúba, pedra e barro na Capitania de São José do Piauí. Belo Horizonte: [Ed. do Autor], 2007.

SILVA, Maria da Penha. *Parnaíba, Minha Terra. Parnaíba:* [edição do autor], 1987.

SOTERO, Naira; FRANCO, Roberto Kennedy Gomes. *Lembranças/ esquecimentos do Mobral em Parnaíba/PI no contexto da ditadura civil militar (1964-1985*). Encontro de História Oral, 2014.

THOMPSON, E.P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WOLFF, Cristina Sheib. *Gênero, emoções e afetos na política*. WOLFF, Cristina Sheib (Org.) *Políticas das emoções e do gênero no Cone Sul.* Curitiba: Brasil Publishing, 2021, p. 237.

Jornais

Alfabetização e o progresso do Estado. Jornal do Piauí. Ano XXI, Teresina, 31 de janeiro de 1972.

CALDAS, David Moreira. *Pelo Piauhy: integridade territorial*. Nortista. Parnaíba-PI. Ano 1, n. 30. 27 de julho de 1901.

Correção de filas de materiais no mercado. *Folha do Litoral*, 11 de setembro, 1979.

COSTA, Reginaldo. *Às vezes a gente se engana com os políticos*. Jornal Inovação. Parnaíba (PI), outubro de 1987.

COSTA, Reginaldo. *Canto do Igarapé*. Parnaíba (PI), 1978.

COSTA, Reginaldo. *Ilha Grande na hora da verdade*. Jornal Inovação. Parnaíba (PI), 1988.

COSTA, Reginaldo. *Povoado unidos até no abandono*. Jornal Inovação, set. 1979.

FILHO, José Galas. *Cáries do Laborão*. Jornal Inovação, outubro, 1979, Parnaíba..

GENUINA, Solimar. Caranguejo é motivo de Reunião nos Morros. Jornal Inovação. Parnaíba, jan. 1980.

E os Mercados. Folha do litoral. *Parnaíba* (PI), 4 de junho, 1981.

Energia Elétrica: cresce capacidade instalada. JORNAL DO PIAUÍ, 27 fev.1971.

Estrada para s Morros da Mariana. Folha do Litoral, 25 de setembro, 1979

Estrada Parnaíba/Morros da Mariana. *Folha do Litoral*, 16 de novembro, 1969.

FILHO, R. Ferraz. Ponte sobre o rio Igaraçu. Folha do Litoral. Parnaíba(PI), 26 de maio, 1976.

Folha do Litoral, Parnaíba (PI), 25 de dezembro, 1976.

Higiene Infantil. JORNAL DO PIAUÍ. Teresina. Ano XXI, 31 jan. 1972.

Ilha Grande devastada pelas chuvas. Jornal do Piauí, ano XXIII, Teresina, 5 de abr.1974.

Igaraçu aumentou volume d'água. Folha do Litoral (PI), 2 de abril, 1981.

Ilha Grande de Santa Isabel está alagada. Jornal do Piauí. Teresina, 5 de abril, 1974, p. 07.

Ilha Grande devastada pelas chuvas. Jornal do Piauí, ano XXIII, Teresina, 5 abril. 1974, p. 13.

Ilha Grande, Cidade que parece Bairro. Jornal Meio Norte, Parnaíba, 6 de outubro de 1996 p.4.

Isto preciso olhado. Folha do Litoral, Parnaíba (PI), 12-13 de setembro, 1981.

JORNAL DO PIAUÍ. *Uma estrada por demais necessária*. Teresina: 21/21 de fevereiro de 1972.

Jornal Inovação. Serviços das Pastorais de Saúde: o quadro vivo que traduz a miséria. 1988, p.8.

Já em funcionamento o posto telefônico em Morro da Mariana. Parnaíba (PI), 30 de junho, 1989.

MAZULO, Luiz Raposo. O drama da moradia. Jornal Inovação. Parnaíba (PI), 1988.

MENEZES, A. crônica da vergonha. Parnaíba (PI), março, 1978.

O MOBRAL chega no Piauí. Jornal do Piauí. Ano XX. Teresina, 30 de jun. 1971, p. 22.

O MOBRAL chega no Piauí. Jornal do Piauí. Ano XX. Teresina, 30 de jun. 1971, p. 22.

Paranaíba ganhou seu abastecimento d'água. JORNAL DO PIAUÍ, Teresina, 2 fev.1971, p. 6.
Ponte Sobre o Rio Igaraçu, Folha do Litoral, Parnaíba (PI), 9 de junho, 1976, p. 4.

Quadro vivo que traduz a miséria. Jornal Inovação. Parnaíba (PI), 1988, p. 8.

SANTOS, Beijamin. *O centro era a Parnaíba*. In. Bembém. Parnaíba. Nº 84, dez. 2014, p. 10

SANTOS, Pádua. Multiplicação da Miséria. Jornal Inovação, abril, 1978, Parnaíba, p. 2. 1972, p. 9.

Suplemento especial**:** *a declaração dos direitos da criança e a situação das crianças brasileiras*. Inovação. Dezembro de 1979, p. 27.

Uma Estrada para o Morros da Mariana. Jornal do Piauí. Teresina, 29 de fev. 1972, p. 20.

Uma estrada para o Morros da Mariana. JORNAL DO PIAUÍ. Teresina, 29 de fev. 1972, p. 20.

Vereador pede a construção de chafariz na Ilha Grande de Santa Isabel. Parnaíba (PI), 10-11 de outubro, 1981.

_____. *Parnaíba: cidade que proporciona boas opções turísticas*. Jornal Inovação. Parnaíba, mar. 1980, p.09.